



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EXPOSIÇÃO PRIVADA NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE SOBRE O
FACEBOOK NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ROGERIO DO AMARAL

Presidente Prudente-SP
2016



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**EXPOSIÇÃO PRIVADA NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE SOBRE O
FACEBOOK NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ROGERIO DO AMARAL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – PPGE/FCT/UNESP/PP/SP, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: “Desenvolvimento Humano, Diferença e Valores”.

Orientador: Prof. Dr. Divino José da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

A517e Amaral, Rogerio do.
Exposição privada nas redes sociais : uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea / Rogerio do Amaral. - Presidente Prudente : [s.n.], 2016
215 f. : il.

Orientador: Divino José da Silva
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Redes sociais. 2. Facebook. 3. Publicização. I. Silva, Divino José da. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. DIVINO JOSE DA SILVA
ORIENTADOR

PROF. DR. PEDRO ANGELO PAGNI
(UNESP/MARILIA)

PROFA. DRA. CLAUDIA MARIA DE LIMA
(UNESP/S.J. RIOPRETO)

PROF. DR. ALEX SANDRO GOMES PESSOA
(UNOESTE)

PROFA. DRA. RENATA MARIA COIMBRA
(UNESP/FCT)

ROGERIO DO AMARAL

Presidente Prudente, 22 de junho de 2016

RESULTADO APROVADO

Faculdade de Ciências e Tecnologia
Setor de Pós-Graduação
Rua Roberto Simonsen, 305 CEP 19080-900 Presidente Prudente, SP
Te: 16 3229-6317 fax: 16 3223-4519 posgrad@fct.unesp.br

DEDICATÓRIA

A Alcebíades (in memorian), Vera Lúcia, Marina
e demais membros de minha família.

AGRADECIMENTOS

A meu orientador, Prof. Dr. Divino José da Silva, primeiro por me abrir as portas do grupo de estudos sobre Filosofia e Educação, depois por abraçar essa ideia e também pela paciência em realizar tantas e tantas correções durante o processo dessa pesquisa.

Aos professores Dr. Pedro Angelo Pagni e Dra. Claudia Maria de Lima, pelas imensuráveis contribuições para o desenvolvimento de minha pesquisa, tanto na leitura realizada no Seminário de Educação, na Banca de Qualificação, como na Banca de Defesa Final.

Aos membros da Banca de Defesa Final, professores Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa e Dra. Renata Maria Coimbra, pela análise minuciosa em relação ao meu trabalho.

A Marcela Marino, pelas longas conversas sobre esse trabalho, assim como pelas infinitas sugestões de leitura durante todo o processo de investigação.

A Priscila Brasil, pela disponibilidade e gentileza, em inserir o questionário na plataforma Google Docs, me poupando um tempo precioso para outras atividades desse trabalho.

“[...] a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico. [...] nunca faremos a experiência de nosso relacionamento com a essência da técnica enquanto concebermos e lidarmos apenas com o que é técnico, enquanto a ele nos moldarmos ou dele nos afastarmos. Haveremos sempre de ficar presos, sem liberdade, à técnica tanto na sua afirmação como na sua negação apaixonada. A maneira mais teimosa, porém, de nos entregarmos à técnica é considerá-la neutra, pois essa concepção, que hoje goza de um favor especial, nos torna inteiramente cegos para a essência da técnica.” (Martin Heidegger)

AMARAL, Rogerio do. **Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea.** 2016. 215f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

RESUMO

Esta tese foi desenvolvida na linha de pesquisa de Desenvolvimento Humano, Diferença e Valores e parte da discussão sobre o potencial de uso da rede social Facebook por parte dos usuários que interagem com o pesquisador desse trabalho e a maneira como esses usuários aparecem nessa rede social. Nesse sentido, tem-se a preocupação de discutir se há mesmo motivo para se produzir uma tecnofobia em relação à rede virtual, nesse caso norteadora de um comportamento espetacular por parte de seus usuários, ou se prevalece a escolha do usuário quanto à determinação de como esse espaço será utilizado em seu cotidiano? Assim, esta pesquisa tem como objetivo demarcar a representação que o Facebook desempenha na participação dos usuários investigados; estabelecer uma relação entre o papel da técnica e o modo de agir desse usuário do Facebook; identificar os tipos de publicização que predominam em postagens realizadas por esses sujeitos nessa rede social virtual; e, analisar como o espetáculo aparece nessas publicizações e se a ocorrência dessa espetacularização interfere na aparição da vida real no ambiente virtual. Quanto à metodologia, a pesquisa se desenvolveu a partir de uma pesquisa empírica, cujos resultados foram lidos à luz do referencial teórico. A primeira etapa da investigação consistiu na aplicação de um questionário para usuários do Facebook, seguido da observação de perfis, postagens e páginas de grupos ou comunidades. Na segunda etapa, os dados levantados foram analisados à luz dos conceitos da técnica, do espetáculo e da publicização do privado. Diante dessa leitura dos dados empíricos em relação ao referencial teórico, a análise permitiu depreender que o Facebook constitui-se como um canal que ampliou os limites das relações interpessoais, assim como alterou o modo como a interação se efetiva entre as pessoas sem a barreira física do espaço e do tempo. No que se refere à relação entre o Facebook e a técnica, as atividades no espaço são marcadas por acontecimentos efêmeros, ações ambíguas e um comportamento autômato do usuário. Quanto ao espetáculo na rede social, tem-se um superdimensionamento da exposição da intimidade, marcado pela necessidade de se mostrar e ser mostrado. Enquanto a publicização do privado consiste no desaparecimento do espaço privado e a migração das ações desse espaço para o ambiente público, agora palco para a construção da personalidade individual. Ao final, conclui-se que o Facebook não substitui o espaço público, mas permite que as ações do mundo físico sejam dimensionadas no ambiente virtual, porém as ações ali ocorridas são consequências do modo de ação contemporâneo e não criadas ou determinadas pelo Facebook. É o sujeito que leva para a página virtual o comportamento já praticado em seus grupos sociais físicos.

Palavras-chave: Rede social; Facebook; Técnica; Publicização; Espetáculo.

AMARAL, Rogerio do. **Private exposure on social media: an analysis about Facebook in the contemporary society.** 2016. 215f. Doctoral thesis in Education – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

ABSTRACT

This thesis was developed along the lines of research about the Human Development, Difference and Values and starts from the discussion about the potential of the social network Facebook use by users who interact with the researcher of this present work, and the way these users appear on such network. In this sense, it has the concern to discuss if there really is a reason to generate a technophobia in relation to social networks, in this case guiding a spectacular behavior by its users, or if prevails the user's choice regarding the determination of how this space will be used in the day-by-day. Therefore, this research has as main goal to demarcate the representation that Facebook perform in the participation of the investigated users; to establish a relationship between the role of technique and this Facebook user's way of proceeding; to identify the kinds of publishing that predominate in posts made by these subjects on social network; and, to analyze how the spectacle appears on such publishings and if the occurrence of this spectacle interferes in the appearance of real life on virtual environment. Regarding methodology, the research was developed from an empirical research, whose results were read in the light of the theoretical reference. The first stage of the investigation was consisted of applying a questionnaire to Facebook users, followed by the observation of the profiles, posts and pages of groups or communities. In the second stage, the data were analyzed in the light of the concepts of technique, spectacle and publishing of the private. In the face of the reading of empirical data in relation to the theoretical reference, the analysis allowed to surmise that Facebook is consisted of a channel that expanded the limits of interpersonal relations, as well as modified the way how interaction is effective between people without the physical barrier of space and time. About the relation between Facebook and the technique, the activities in the space are marked by ephemeral happenings, ambiguous actions and an automaton behavior of the user. Regarding the spectacle on social network, there is an oversizing of the exposure of privacy, marked by the need of showing and to be shown. Meanwhile the publishing of the private is consisted of the disappearance of the private space and the migration of the actions from this space to the public environment, now stage for the construction of the individual personality. At last, it is concluded that Facebook does not replace the public space, but allows that the actions in the physical world be dimensioned in the virtual environment, however the actions that occur there are consequences of the contemporary acting way and not made or determined by Facebook. It is the subject who takes to the virtual page the behavior already being practiced in their physical social groups.

Key-words: Social network; Facebook; Technique; Publishing; Spectacle.

AMARAL, Rogerio do. **Exposición privada en las redes sociales: un análisis sobre el Facebook en la sociedad contemporánea.** 2016. 215f. Tesis de Doctorado en Educación – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

RESUMEN

Esta tesis fue desarrollada en la línea de pesquisa de Desarrollo Humano, Diferencia y Valores y parte de la discusión sobre el potencial de uso de la red social Facebook por parte de los usuarios que interactúan con el investigador de ese trabajo y la manera como esos usuarios emergen en esa red social. En este sentido, se tiene la preocupación de discutir se ¿hay mismo motivo para producirse una tecnofobia en relación a la red virtual, en ese caso determinante de un comportamiento espectacular por parte de sus usuarios, o se prevalece la selección del usuario cuanto a la determinación de como ese espacio será empleado en su cotidiano? Así, esta pesquisa tiene como objetivo demarcar la representación que el Facebook cumple en la participación de los usuarios investigados; establecer una relación entre el papel de la técnica y el modo de actuación de ese usuario del Facebook; identificar los tipos de publicitación que predominan en anuncios hechos por esos sujetos en esa red social virtual; y, analizar como el espectáculo surge en esas publicitaciones y se la ocurrencia de ese espectáculo interfiere en la aparición de la vida real en el ambiente virtual. Quanto a la metodología, la pesquisa se desarrolló a partir de una pesquisa empírica, cuyos resultados fueron leídos a la luz del referencial teórico. La primera etapa de investigación consistió en la aplicación de un cuestionario para usuarios del Facebook, seguido de la observación de perfiles, anuncios personales y páginas de grupos o comunidades. En la segunda etapa, los datos levantados fueron analizados a la luz de los conceptos de la técnica, del espectáculo y de publicitación del privado. Delante de esa lectura de los datos empíricos en relación al referencial teórico, el análisis permitió deprender que el Facebook se constituye como un canal que amplió los límites de las relaciones interpersonales, así como cambió el modo como la interacción se efectiva entre las personas sin la barrera física del espacio y del tiempo. En lo que se refiere a la relación entre el Facebook y la técnica, las actividades en el espacio son marcadas por acontecimientos efémeros, acciones ambiguas y un comportamiento autómatas del usuario. Quanto al espectáculo en la red social, se tiene un sobredimensionamiento de la exposición de la intimidad, marcado por la necesidad de mostrarse y ser mostrado. En cuanto la publicitación del privado consiste en el desaparecimiento del espacio privado y la migración de las acciones de ese espacio para el ambiente público, ahora palco para la construcción de la personalidad individual. Al final, se concluye que el Facebook no sustituye el espacio público, mas permite que las acciones del mundo físico sean dimensionadas en el ambiente virtual, pero las acciones allí ocurridas son consecuencias del modo de acción contemporáneo y no creadas o determinadas por el Facebook. Es el sujeto que lleva para la página virtual el comportamiento ya practicado en sus grupos sociales físicos.

Palabras-clave: Red social; Facebook; Técnica; Publicitación; Espectáculo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	- Idade dos usuários que interagem com o pesquisador.....	63
FIGURA 2	- Tempo de uso da rede social Facebook.....	64
FIGURA 3	- As outras redes sociais utilizadas.....	66
FIGURA 4	- Local físico de acesso às redes sociais.....	68
FIGURA 5	- Uso diário da rede social Facebook.....	69
FIGURA 6	- Critério para adicionar amigo ao Facebook.....	70
FIGURA 7	- Assuntos postados no Facebook.....	72
FIGURA 8	- Tipo de conteúdo publicado em uma linha do tempo do Facebook.....	92
FIGURA 9	- Conteúdos referentes aos compartilhamentos.....	93
FIGURA 10	- Conteúdos referentes às publicações pessoais.....	95
FIGURA 11	- Conteúdos referentes à publicação de fotos.....	96
FIGURA 12	- Tipo de vídeo compartilhado.....	97
FIGURA 13	- Tipo de notícia compartilhada.....	98
FIGURA 14	- Postagem pessoal com foto.....	99
FIGURA 15	- Postagem pessoal de texto.....	99
FIGURA 16	- Publicação por meio de imagem no Facebook.....	100

LISTA DE SIGLAS

AOL	-	America Online
ARS	-	Análise de Redes Sociais
ARPA	-	<i>Advanced Research Projects Agency</i>
CEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
CMC	-	Comunicação Mediada pelo Computador
HTML	-	Linguagem de Marcação do Hipertexto
HTTP	-	Protocolo de Transferência do Hipertexto
IP	-	Protocolo de Internet
RNP	-	Rede Nacional de Pesquisa
TCP	-	Protocolo de Controle de Transmissão
UNOESTE	-	Universidade do Oeste Paulista
www	-	<i>World Wide Web</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. INTERNET, REDES SOCIAIS E FACEBOOK: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	26
1.1 A internet: origem, avanços e consolidação.....	26
1.2 Redes sociais: um novo mecanismo de interação.....	30
1.3 Facebook: a rede social mais abrangente da internet.....	41
1.4 Revisão de literatura referente a trabalhos sobre redes sociais.....	43
2. A PUBLICIZAÇÃO NA REDE SOCIAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO DO FACEBOOK.....	61
2.1 Percepções sobre o comportamento do usuário no Facebook.....	62
2.2 Análise da atividade de interação em perfis do Facebook.....	83
2.2.1 Perfis com até 250 amigos.....	83
2.2.2 Perfis entre 250 e 500 amigos.....	85
2.2.3 Perfis entre 500 e 1.000 amigos.....	86
2.2.4 Perfis entre 1.000 e 2.000 amigos.....	88
2.2.5 Perfis entre 2.000 e 5.000 amigos.....	90
2.3 Análise das postagens mais frequentes na linha do tempo do pesquisador.....	91
2.3.1 O compartilhamento no Facebook.....	93
2.3.2 As publicações pessoais no Facebook.....	94
2.3.3 A publicação de imagens fotográficas no Facebook.....	95
2.4 Reflexão sobre as postagens mais frequentes no Facebook.....	97
2.5 Análise sobre a interação entre membros de grupos, comunidades e páginas de organizações não governamentais no Facebook.....	101
2.6 Compreendendo a interação no Facebook.....	103
3. TÉCNICA: MEIO PARA UM FIM OU ATIVIDADE DO HOMEM.....	109
3.1 Os aspectos da técnica em Heidegger e Arendt.....	109
3.2 A instrumentalidade técnica na contemporaneidade.....	124
4. O ESPETÁCULO IMAGÉTICO E SUAS SENSACIONES.....	136
4.1 Reflexões sobre o conceito de espetáculo de Debord e a atividade das redes sociais.....	137
4.2 Imagem, espetáculo e sensação na contemporaneidade.....	145

4.3	Espectáculo, hiper-espetáculo, cultura da vaidade, simulacro contemporâneo e civilização do espetáculo.....	153
5.	DO PÚBLICO AO PRIVADO E A CONSTRUÇÃO DA ERA MODERNA.....	163
5.1	Vida ativa, questões políticas e a discussão sobre a relação entre as esferas pública e privada.....	164
5.2	A constituição do declínio do homem público.....	178
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	203
	APÊNDICES.....	210
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS QUE SE RELACIONAM COM O PESQUISADOR.....	211

INTRODUÇÃO

Basta olharmos atentamente para nossas casas, nosso trabalho e nosso lazer para rapidamente percebermos como todos estes espaços estão tomados pela tecnologia, um artigo indispensável para a vida contemporânea. Atualmente, esses diferentes ambientes estão repletos de produtos tecnológicos que facilitam a realização de tarefas básicas. Em nossas casas, são barbeadores e panelas elétricas, aparelho de televisão e *home theater* com imagem e som de altíssima qualidade, assim como inúmeros outros objetos. Porém, se pensarmos em nossas atividades profissionais também veremos como os aparelhos eletrônicos se infiltraram por essa área de nossas vidas. É praticamente impossível alguém desempenhar uma função moderna de trabalho sem o emprego de um computador, *tablet* ou *smartphone*. Portanto, as nossas vidas estão profundamente marcadas pela tecnologia e as benesses oferecidas para diferentes atividades do nosso cotidiano.

Esse avanço tecnológico também alterou as tecnologias da comunicação originando novos meios de comunicação, como a internet, um espaço marcado pela produção de conteúdo em um ambiente virtual infinito, caracterizado pela instantaneidade que alterou a percepção de tempo e espaço que tínhamos antes desse novo formato. Outro fator marcante da internet refere-se à forma rápida como essa mídia de comunicação mediada pelo computador se expandiu, pois desde o momento em que se tornou um produto comercial, duas décadas foram suficientes para sua plena consolidação.

De acordo com dados da pesquisa TIC Domicílios, em 2014, 50% dos lares brasileiros já possuíam um computador. No entanto, a pesquisa também aponta uma desigualdade socioeconômica no que se refere à posse do computador, pois enquanto na classe A 99% dos domicílios tem um computador, na classe DE apenas 12% possuem o equipamento. Denota-se, portanto, que o usuário de rede social citado acima se concentra nos níveis socioeconômicos mais elevados. Ainda segundo dados coletados na TIC Domicílios de 2014, pela primeira vez a quantidade de aparelhos portáteis superaram os computadores de mesa.

Quanto ao acesso à internet, de acordo com dados da TIC Domicílios, 50% da população brasileira passou a ter acesso à rede mundial de computadores. No ano de 2014, o levantamento considerou também os domicílios onde o acesso se dá por meio de telefone celular. Os dados de acesso à internet também evidenciam a diferença regional referente à conexão com a internet, destacando que na zona rural atinge-se menos de 25%, enquanto nas regiões Norte e Nordeste do Brasil têm-se 35% e 37% de acesso, respectivamente. Na região Sudeste, 60% dos domicílios tem acesso à rede mundial. No entanto, sabemos também que

políticas públicas de inclusão digital levaram a rede mundial de computadores. Dessa forma, principalmente os jovens têm acesso à internet no período em que se encontram nas escolas, o que mudaria esse número de pessoas que acessam a internet, tanto que na TIC Domicílios 2014, quanto os entrevistados foram indagados sobre já terem usado internet, o número de usuários do Nordeste subiu para 49% e da região Norte para 54%.

Dentre os vários ambientes da internet, as redes sociais se tornaram as ferramentas mais efetivas desse espaço no que se refere à influência exercida sobre o usuário. Seja teclando uma mensagem de 140 caracteres no Twitter, postando uma foto no Instagram ou praticando tudo isso ao mesmo tempo no Facebook, o certo é que em todos os ambientes onde estivermos, com certeza, nos depararemos com alguém conectado a uma rede social publicizando informações sobre sua vida. Os jovens e adolescentes são os maiores usuários dessa ferramenta, uma vez que segundo a TIC Domicílios, os sujeitos que mais acessam a internet estão entre os 16 e 34 anos de idade. No entanto, esse espaço conquistou adeptos em todas as demais faixas etárias.

De acordo com dados da TIC Domicílios (2014), são mais de 94 milhões de usuários de internet no país, a partir dos 10 anos de idade. Essa mesma pesquisa, aponta para um crescimento do acesso na classe DE, nos anos de 2013 e 2014, apesar de ainda ser muito grande a diferença entre o número de usuário dessa classe para as classes mais abastadas economicamente. Quanto à frequência de acesso, o estudo constatou que 80% dos usuários frequentam a internet diariamente. A pesquisa ainda aponta que 83% dos usuários acessaram a internet para enviar mensagens instantâneas através do Facebook, Skype ou WhatsApp. Quanto ao uso das redes sociais, a TIC Domicílios aponta que mais de 71 milhões de usuários tinham acesso a esses ambientes virtuais em 2014, o que corresponde a 77% dos usuários de internet.

Se compararmos o surgimento da internet com outros meios de comunicação, imediatamente perceberemos que se trata de um veículo de comunicação absolutamente jovem. Nesse caso, as redes sociais que emergem da internet são ainda mais novas. No entanto, devido à característica da instantaneidade, tanto internet como redes sociais sofreram inúmeras mudanças desde sua origem. No Brasil, na última década, o Orkut foi do estrelato ao desaparecimento, assim como o Facebook para manter-se atual sempre disponibiliza um novo recurso para seu usuário. Portanto, o objeto de pesquisa aqui abordado é efêmero tanto em seu funcionamento técnico, como também na exposição de atores.

O advento das redes sociais trouxe inúmeras benesses para o campo da relação interpessoal, com ênfase na instantaneidade da comunicação, a possibilidade de

relacionamento com um grande número de pessoas, assim como a possibilidade de reunir amigos e familiares espalhados pelos quatro cantos do planeta. Para Maffesoli (2014), as mídias sociais favorecem a mediação, a relação e a inter-relação entre as pessoas. Portanto, a pós-modernidade será marcada pela multiplicidade de tribos urbanas, cuja essência é o relacionismo.

No entanto, ao lado desses aspectos sempre aparecem também fatores contraditórios, que geram reflexão sobre o papel das redes sociais na contemporaneidade. Um dos principais fatores de preocupação é o excesso de exposição por parte dos usuários. Nesse ambiente, algumas postagens realizadas transmitem a sensação de que o sujeito se esquece da necessidade de impor limites ao quanto sua vida ficará exposta para os demais usuários. Seja por meio de fotografias e vídeos ou textos, cada vez mais a vida cotidiana se transforma num grande espetáculo apreciado por milhões e milhões de usuários.

Em *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*, Assange et al. (2013) afirmam que com o Facebook dá para ver o comportamento dos usuários que ficam felizes em divulgar qualquer tipo de dado pessoal (exposição de sua privacidade). Trata-se de um espaço em que qualquer pessoa tem potencial para a vida pública, basta clicar em publicar. Porém, destaca-se nessa afirmação o fato de que tal ato de publicização parte do próprio usuário, condicionado pelo sistema a compartilhar o tempo todo sua vida com os demais interlocutores do espaço.

Ainda sobre essa exposição demasiada, a afirmação de TÜRCKE (2010) de que na contemporaneidade a sensação se refere a tudo o que gera percepção, aquilo que é chamativo ou espetacular; confirma que os usuários de rede social se renderam ao culto à sensação. Assim, diante desse comportamento, o espaço virtual das redes sociais passa a ser caracterizado por usuários travestidos de personagens em busca da sensação máxima de ser percebido pelos outros usuários, o que gera dois tipos de participantes específicos.

O primeiro tipo norteia sua presença nas redes sociais através do espetáculo do sucesso, que consiste em publicizar somente aspectos positivos da vida, a felicidade em forma de êxtase; o segundo é composto por postagens que disseminam o que denominaremos aqui espetáculo do caos, cujo comportamento é marcado por comentários ou imagens negativas, centradas em reclamar de tudo o que acontece na vida do usuário, assim como do mundo no qual ele se insere. Apesar dessa predominância, não se pode negar também que com o advento das redes sociais foi possível reconfigurar as relações de amizade, de trabalho, de negócios, de atuação política, de informação e também de mobilização social, uma vez que o relacionamento contemporâneo não é mais limitado pelo espaço físico.

Assim, as redes sociais se constituem como campo para que amigos e familiares distanciados no espaço físico possam manter as relações pessoais cotidianamente. Outro fator possibilitado por esse ambiente virtual foi a perspectiva de pessoas menos favorecidas econômica ou culturalmente a adquirirem um status a partir de sua participação efetiva nas redes sociais, construindo uma personagem respeitável, capaz de atrair os olhares do outro e dessa forma permitir que seus pensamentos sejam compartilhados com outros segmentos sociais.

O pesquisador é usuário de redes sociais virtuais desde meados da década de 1990, quando criou um perfil no MSN. A partir de 2004 ingressou no Orkut. Somente em 2009 criou um perfil para o Facebook, além de participar também do Twitter, porém essa rede virtual é utilizada apenas para seguir pessoas e páginas sobre assuntos de interesse pessoal, como notícias sobre programas de televisão, esportes e portais de notícias. Enquanto usuário de redes virtuais, o pesquisador sempre analisou de forma positiva a possibilidade de interagir com um número grande de pessoas, especialmente, amigos e parentes que moram em outras localidades. Foi essa característica que o levou ao Orkut em 2004, página virtual que permitiu recuperar o contato com vários amigos dos tempos de faculdade, podendo por meio de um computador se inteirar das novidades ocorridas na vida dessas pessoas. Devido a esse fato, quando o Facebook se desenvolveu no Brasil e se transformou na rede virtual mais destacada, a migração se deu para manter os contatos restabelecidos através do Orkut.

Porém, o pesquisador, enquanto usuário dessas redes sociais virtuais, sempre prezou por sua privacidade. Assim, suas postagens evitam o máximo possível citar coisas de fórum íntimo, que possam despertar a curiosidade alheia. Também não tem por costume postar fotos pessoais, exceto aquelas utilizadas para atualização do perfil. Essa característica pessoal de compreender as redes virtuais como uma ferramenta interessante para a relação interpessoal, desde que realizadas a partir de um bom senso, sem exposição demasiada é o ponto de partida da presente pesquisa, pois desde o momento em que o Facebook tornou-se a principal página virtual do pesquisador, sempre produziu incômodo o conteúdo gerado por seus interlocutores nesse espaço, em sua linha do tempo.

Na visão do usuário, sua página no Facebook é marcada por exposição pessoal excessiva; comentários sem conteúdo, futilidades; ataques indiretos a outros usuários; embates de ideias marcadas por posições preconceituosas. Tais postagens, muitas vezes levaram o pesquisador à reflexão sobre o que motiva esse comportamento por parte desses usuários, se tal atitude é influenciada pelo funcionamento da ferramenta, ou se a forma de

expressão está atrelada ao comportamento e posicionamento do sujeito que a pratica, cabendo ao sistema apenas dimensionar tal fato.

Essa inquietação pessoal despertou no pesquisador o interesse em conhecer mais a respeito desse universo. Assim, iniciou-se uma investigação acerca de autores que discutiam essa relação entre o homem e a tecnologia, especialmente, no que se refere aos impactos que a tecnologia provoca nos usuários. Em um primeiro momento, o pesquisador teve contato com alguns filósofos contemporâneos que abordavam a relação do meio social com a tecnologia, o uso da mídia como disseminadora do mundo como um verdadeiro show e a maneira como o sujeito se apresenta nesse meio, fato que deu origem à ideia de investigar a rede social virtual Facebook e sua aproximação com esses teóricos, cujas análises muitas vezes criticaram pesadamente a influência dessas ferramentas tecnológicas na vida do indivíduo contemporâneo, pois tais leituras permitiram ao pesquisador vislumbrar que a questão em torno do uso das redes sociais, especialmente, o Facebook está atrelada ao poder que essas mídias congregam, a forma como elas acessam os dados dos sujeitos, como estão filiadas ao interesse do mercado, assim como o poder que elas têm de produzir ou induzir comportamentos, além de uma eventual força política que elas possuem.

Diante do exposto, o presente trabalho objetiva compreender como os conceitos de técnica, espetáculo e publicização se relacionam com a atividade de uso do Facebook na contemporaneidade; discutir o potencial de uso desse espaço a partir de um recorte referente aos interlocutores do pesquisador nesse espaço virtual e analisar também a maneira como tais usuários interagem nessa rede social. Nesse sentido, tem-se a preocupação de discutir se há mesmo motivo para se produzir uma tecnofobia em relação à rede virtual, nesse caso norteadora de um comportamento espetacular por parte de seus usuários, ou se prevalecerá que é o usuário que determina como esse espaço será utilizado em seu cotidiano? Além disso, pretende-se verificar os tipos de publicização que predominam nesse ambiente.

Para a execução dessa pesquisa, portanto, a discussão parte de uma análise sobre o uso do Facebook, por parte dos usuários que se relacionam com o autor dessa tese, cujos resultados serão discutidos à luz de autores contemporâneos que se preocuparam em compreender como o homem se relaciona com a tecnologia na contemporaneidade. Assim, aborda-se a técnica, entendida aqui como pano de fundo para a compreensão do papel que a tecnologia assume na sociedade contemporânea; a publicização do privado e a sociedade do espetáculo, enfocando a relação que pode ser estabelecida entre esses conceitos e a participação do usuário nas redes sociais virtuais.

A discussão acerca da técnica tem o propósito de analisar como a operação desse mecanismo se relaciona com as redes virtuais para discutir o tipo de impacto que a tecnologia da internet provoca sobre a sociedade contemporânea. A perspectiva do debate perpassa a discussão referente ao fato de ser a tecnologia ora vista como um novo caminho, geradora de mudanças, ora ser considerada um poderoso instrumento de dominação, posição essa assumida pelos críticos das tecnologias de comunicação. No entanto, o esforço aqui será compreender as tecnologias como resultantes das demandas inerentes às relações de produção contemporâneas, as quais são reinventadas e sustentadas por esses novos aparatos tecnológicos em constante mutação, cujos efeitos sobre a vida e as relações sociais são nesse sentido responsáveis por um pensamento tecnofóbico; pois a tecnologia é consequência do tempo presente e assim se faz necessário compreender o lugar que os aparatos tecnológicos ocupam em nossa vida.

No que se refere à leitura do Facebook pelo viés da sociedade do espetáculo, sendo a internet um espaço midiático, faz-se necessário compreender como o espetáculo é construído nesse ambiente, visando à discussão sobre as formas como os diferentes sujeitos se mostram nesse local. Vislumbra-se debater se também a internet, em especial as redes sociais, tentam impor um comportamento padrão ou se existe aí um espaço para a construção e a apresentação da individualidade de cada usuário, que permita verificar a existência de uma autonomia ou perceber se os usuários são dominados por um comportamento alienante imposto pelos grupos sociais dominantes.

No que se refere à discussão sobre a publicização do privado, esse conteúdo será abordado a partir de duas vertentes. A primeira, centrada na visão arendtiana, permeada pela ênfase política, pretende compreender como se dá o engajamento do homem em relação às coisas do mundo e de que forma o sujeito contemporâneo se insere nos diversos grupos sociais a sua volta, mais especificamente nesse trabalho, a maneira como ele estabelece sua relação com os outros participantes da rede virtual Facebook. Já a segunda vertente é marcada pelo pensamento de Richard Senett e sua discussão sobre a mudança ocorrida nos espaços sociais e como isso determinou também a modelagem do comportamento do homem, visando discutir como as redes virtuais devem ser concebidas na contemporaneidade, pois poderiam elas também serem consideradas como espaços sociais?

Em busca de contemplar as questões acima propostas, a pesquisa tem como objetivos específicos as seguintes ações de trabalho:

1. Demarcar como os sujeitos investigados aparecem no Facebook e verificar como eles veem a sua presença nesse espaço;

2. Estabelecer uma relação entre o papel da técnica e o modo de agir do usuário do Facebook pertencente ao recorte investigado;
3. Identificar os tipos de publicização que predominam em postagens realizadas pelo grupo investigado nessa rede social virtual;
4. Analisar como o espetáculo aparece nas publicizações analisadas e se a ocorrência dessa espetacularização interfere na aparição da vida real no ambiente virtual.

Quanto à metodologia, a execução dessa tese se dividiu em duas etapas. A primeira foi marcada pela realização de uma pesquisa empírica, enquanto a segunda foi empregada a partir de uma pesquisa teórica. A pesquisa empírica se desenvolveu a partir de um recorte que analisou os usuários que interagem com o pesquisador em sua página virtual do Facebook, assim como perfis de usuários da página virtual sem vínculo de amizade com o pesquisador. Para a execução dessa fase, empregou-se a coleta de dados por meio da aplicação de um questionário e a execução de uma observação sobre atividades ocorridas no Facebook referentes a perfis individuais e perfis de grupos inseridos nesse ambiente.

Quanto ao conceito, a pesquisa empírica se refere a estudos que trabalham com dados da realidade, produzindo e analisando dados fáticos. O procedimento metodológico empírico permite a comprovação dos dados de forma prática, segundo o contexto investigado. Nessa tese, a pesquisa empírica foi desenvolvida por meio de duas técnicas de coleta de dados, o questionário e a observação. O questionário foi utilizado para coletar as impressões que os usuários do Facebook que mantêm relação de amizade com o pesquisador têm sobre sua presença nesse espaço, assim como sobre o comportamento das pessoas com as quais se relacionam no ambiente. Já a observação foi empregada tanto na análise das postagens feitas por usuários e que aparecem na página do pesquisador dessa tese, quanto na investigação de perfis e grupos disponíveis no Facebook, porém sem contato direto com o pesquisador.

A pesquisa teórica foi norteadada pelo levantamento bibliográfico referente aos conceitos de técnica, espetáculo e publicização, cujos resultados foram empregados na leitura dos dados empíricos, vislumbrando compreender como a atividade ocorrida no espaço virtual do Facebook pode ser entendida à luz de tais conceitos e que impactos essa ação gera para a sociedade contemporânea. Num primeiro momento, a pesquisa bibliográfica teve o objetivo de compreender os conceitos referentes às três categorias de análise selecionadas para essa tese: técnica, espetáculo e publicização do privado. Tal leitura teve a preocupação de compreender como esses conceitos foram desenvolvidos e de que maneira a vida humana foi impactada por esses elementos. Por fim, diante dos resultados obtidos com o levantamento bibliográfico, foi feita uma análise sobre como essas categorias podem ser vislumbradas no

funcionamento da rede social Facebook, enfatizando se os resquícios são os mesmos gerados em outros ambientes sociais ou se há algo de novo que emerge da relação entre a técnica, o espetáculo e a publicização do privado e o ambiente virtual das redes sociais.

Ainda no que tange à metodologia empregada nessa tese, os dados coletados por meio da pesquisa empírica e a compreensão do levantamento bibliográfico serão analisados à luz da pesquisa qualitativa, pois se tem a intenção de apreender os diferentes aspectos que contribuem para a compreensão do que representa o Facebook, considerando o recorte realizado por essa tese, para a sociedade contemporânea, vislumbrando o que caracterizaria a ocorrência da espetacularização da vida privada no Facebook, assim como discutir os efeitos produzidos por tal espetáculo. Segundo Goldenberg (2013, p.53) “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos.” Isso permitiria aprofundar os conhecimentos sobre situações em que ocorrem a espetacularização da vida privada em ambientes de redes sociais virtuais. Além disso, o fato da pesquisa qualitativa não estabelecer a padronização de dados, obrigando ao pesquisador agir de forma flexível durante a coleta de dados, encaixa-se perfeitamente, em um trabalho cujo objeto de estudo é heterogêneo no que se refere ao seu funcionamento e também aos usuários que o utilizam.

Quanto ao procedimento de investigação, a coleta de dados se dividiu em três momentos. Na primeira etapa, levantou-se informações por meio da aplicação de um questionário eletrônico composto por 15 perguntas. Para a aplicação desse questionário foi utilizada a plataforma do Google Forms, sistema online e gratuito, que permitiu o envio do questionário a todos os usuários que participam da rede virtual do pesquisador, e ali na página pessoal do pesquisador são classificados como amigos. Tendo como número máximo de relações, na data da montagem do questionário, 1.253 amigos, e empregando o Cálculo de amostra sobre população finita, com erro amostral de 5% e intervalo de confiança de 95%, alcançamos o mínimo de 323 respostas por parte dos entrevistados.

Na sequência, foi realizada uma observação de perfis e publicações realizadas no Facebook. Quanto aos perfis, foram selecionados 30 usuários aleatórios que possuíam páginas abertas na rede social Facebook. Estes tiveram suas postagens observadas de forma mais detalhada, para verificar o tipo de conteúdo postado que predomina em suas páginas. A seleção desses 30 usuários se deu por meio do critério de quantidade de amigos que cada um possui em sua página pessoal, assim, esses usuários foram divididos em cinco grupos, compostos por seis usuários em cada. O primeiro grupo é constituído de usuários com até 250 amigos; o segundo de 250 a 500 amigos; o terceiro de 500 a 1.000 amigos; o quarto de 1.000

a 2.000 amigos; e, por fim, o grupo com até 5.000 amigos, número máximo de relações de amizades permitidas pelo sistema da rede social.

Também foi coletada informações a partir da observação de 443 postagens disponibilizadas na linha do tempo do pesquisador, as quais foram classificadas de acordo com o tipo de ocorrência. Na terceira etapa, foi realizada uma observação dos grupos, comunidades e páginas de organizações não governamentais, com o objetivo de comparar o conteúdo que aparece na página do pesquisador e esses grupos e comunidades, cujo propósito é utilizar o espaço para promover a discussão de assuntos distintos, porém, relevantes para os usuários que frequentam essas páginas, seja em relação a questões políticas, discussão sobre formas mais eficazes de se lidar com diferentes síndromes que atingem determinado grupo de indivíduos, entre outros assuntos. O propósito da comparação é verificar se a atividade de publicação feita por meio de um perfil pessoal no Facebook é distinta da participação do usuário em uma comunidade com tema específico.

Vislumbrar o papel da técnica, da publicização e da sociedade do espetáculo enquanto forma de compreender a inserção do sujeito em determinado grupo social é crucial para estabelecer um parâmetro com as ações que norteiam a vida contemporânea conduzida por uma necessidade cada vez mais intensa de expor-se no ambiente virtual, mesmo que para isso o indivíduo ultrapasse qualquer tipo de limite ético em busca de alcançar a sensação de visibilidade, marco central de quem participa das redes sociais, mesmo que tal comportamento nas redes sociais, segundo Maffesoli (2014) mostre aos outros somente quem se deseja ser aos olhos deles e não quem realmente se é. Portanto, trata-se de um espaço em que o usuário se utiliza de uma máscara constituída sempre pela característica da rede social na qual o sujeito se insere.

Diante do exposto, no que tange à análise técnica e seus efeitos sobre a vida, esse trabalho recorre aos autores Heidegger (2005; 2012) e Arendt (1999), assim como aos comentaristas Rüdiger (2006) e Duarte (2010). A presença de Heidegger na discussão sobre a técnica deve-se ao fato do filósofo ter dedicado seus estudos sobre as consequências do desenvolvimento técnico de maneira sistemática, tanto que apresenta a técnica dividida em duas vertentes, como modo de fazer humano e como modo de pensar, voltada para um pensamento calculador que se exime de questionar os impactos da técnica sobre a sociedade.

Heidegger via o pensamento calculador como algo mecânico, voltado para a produção de resultados que não enfrentavam nenhum tipo de questionamento. Portanto, nesse estudo pretende-se discutir qual dessas vertentes destacadas pelo filósofo se sobressaiu e foi incorporada ao modo de vida da sociedade contemporânea. Quanto à Arendt, ela abordou a

questão da técnica discutindo a incapacidade do homem em refletir e pensar o mundo do qual participa. Dessa forma, a reflexão sobre os escritos desses autores tem a intenção de verificar até que ponto tal análise em relação aos impactos da técnica podem ser verificados na contemporaneidade, especialmente, no que tange aos sujeitos que participam das redes virtuais.

A discussão sobre a sociedade do espetáculo constrói-se a partir do ponto de vista de Debord (1997), mas passa também pela visão de TÜRCKE (2010) sobre o papel da sensação na vida do sujeito contemporâneo, assim como os comentaristas Silva (2007), Costa (2004), Kehl (2004), Chauí (2006) e La Taille (2009). Debord e TÜRCKE foram selecionados devido ao fato de suas análises considerarem a questão do espetáculo produzida pelos meios de comunicação. Assim, sendo também a internet uma mídia, entende-se como necessário compreender como o espetáculo é produzido nas mídias, para na sequência verificar como e quais recursos a internet incorporou na produção do espetáculo, especialmente, a rede social virtual estudada por essa pesquisa.

Debord discute a perversão da vida moderna que possibilitou à imagem e à representação se tornarem preferidas em relação ao real, ou então, a aparência ser mais importante que o ser, e a ilusão melhor que a realidade. Em Debord também encontramos a crítica à imagem que gera passividade e aceitação dos valores preestabelecidos pelo capitalismo. TÜRCKE agregou ao espetáculo os conceitos de sensação e vício, defendendo a ideia de que uma sociedade norteada por práticas espetaculares, e, portanto bombardeada por imagens sensacionais se vicia, o que explicaria o apego coletivo ao mundo midiático, espetacular e imagético.

A discussão sobre público e privado norteia-se pelas leituras de Arendt (1999) e Sennett (1998), amparadas nos comentaristas Fry (2010), Correia (2001; 2014) e Bignotto (2009). A leitura de Arendt permitirá ao trabalho em questão discutir a influência política no modo como o sujeito contemporâneo interage e participa da sociedade. O pensamento arendtiano foi construído a partir dos conceitos de trabalho, produção e ação, elementos constitutivos da vida ativa, norteadores de sua visão política. Para Arendt, o trabalho consistia na necessidade de sobrevivência, a produção relacionava-se com o desenvolvimento de instrumentos técnicos de fabricação e a ação era a matriz da vida em sociedade.

Nesse sentido, classifica trabalho e produção como atividades pertencentes ao mundo privado, marcado pela necessidade do sujeito; e a ação como a prática de fazer política, atividade da esfera pública, campo da liberdade. Portanto, a partir dessa linha de raciocínio em que considera o pertencer ao meio social como uma luta entre pertencer ao espaço privado

(necessidade) e espaço público (liberdade) intenta-se analisar como isso se desenvolve no mundo contemporâneo, em que novos espaços surgiram como é o caso do espaço virtual.

Já Sennett propõe uma análise sobre as esferas do público e do privado norteadas por discussões mais práticas, uma vez que analisa o comportamento da burguesia nos dois âmbitos em que trafegam ao longo de sua vida, destacando-se assim a observação sobre os limites existentes entre o espaço coletivo, lugar da sociabilidade, denominado como cosmopolita, e o espaço da intimidade, a vida no lar, visto como um espaço de desigualdade. Portanto, pretende-se compreender como esse comportamento se estende ao universo contemporâneo, cujos avanços alteraram a ideia de coletividade e intimidade apresentado no período burguês.

No entanto, não reconhecer os benefícios trazidos pelas redes sociais virtuais, seria analisar apenas um viés desse aparato de comunicação, dessa forma, tem-se uma visão de que o Facebook se trata de um espaço democrático, porém, partindo da perspectiva da técnica, do espetáculo e da publicização do privado procurou-se compreender como o homem se inseriu na sociedade em diferentes momentos da vida humana. Desse modo, a discussão dessa pesquisa se encaminha para o debate sobre como o Facebook é percebido e utilizado pelo usuário, assim como discutir o comportamento predominante por parte dos usuários desse espaço virtual no que tange aos tipos de publicização realizados. Portanto, essa pesquisa visa ao debate acerca das motivações responsáveis pela produção de uma espetacularização, permeada pelo excesso de exposição imagética. Para isso, empregou-se como recorte os usuários de Facebook que mantêm relação de amizade com o pesquisador deste trabalho.

Apesar do pouco tempo de existência, as redes sociais se tornaram parte da vida dos usuários de internet, tanto que diferentes autores se debruçam sobre o debate dos impactos que esse espaço provoca na vida do sujeito. O sociólogo polonês Zygmund Bauman, em uma entrevista de 2013, aborda o conceito de amizade dos usuários de redes sociais. Bauman, de certa maneira, contesta esse comportamento moderno em que um dado usuário propaga que possui quinhentos amigos, fato que só seria possível por meio de uma interação baseada em rede e virtual, pois ao longo da vida uma pessoa dificilmente consegue estabelecer esse número de amizades físicas. De acordo com o sociólogo, em sua juventude ele possuía o conceito de laços humanos e comunidades e não o de redes, que estabelece um vínculo entre os usuários baseado em duas atividades, o conectar e o desconectar.

Enquanto isso, Vianna (2014) afirma ser difícil distinguir entre o real e o imaginário na internet, pois o virtual foi concebido para ser uma extensão da realidade, e dessa forma se transformou também numa paródia da realidade, pondo fim à barreira entre virtual e surreal.

O mundo real se transforma em teatro das narrativas criadas na internet, com isso o espaço das redes sociais faz com que o prazer da experiência seja substituído pelo prazer da narrativa. Portanto, a internet vai deixando o papel virtual e se impondo como protagonista hiper-real da história de nosso tempo.

Para Maffesoli (2014), o desenvolvimento tecnológico nos seus usos sociais nos leva a um reencantamento do mundo. Assim, as mídias sociais são meio e mensagem. A tecnologia pós-moderna abriga um relacionismo galopante, uma relação entre nós e os outros. Nesse contexto, a presente pesquisa pretende discutir como os sujeitos têm transitado nesse espaço e de que forma essas ações impactam a vida social contemporânea.

Quanto à justificativa para a construção dessa tese, no início da elaboração do percurso investigativo, foi feita uma revisão de literatura sobre teses de doutorado e dissertações de mestrado que desenvolveram estudos sobre a relação estabelecida entre os usuários e as redes sociais e que de alguma maneira seguiam uma linha de investigação similar à proposta nessa tese. Essa pesquisa se deu na Base de Dados da Capes a partir dos descritores Internet, Rede Sociais e Facebook. Após uma seleção prévia realizada por meio da leitura dos resumos foram selecionadas 10 teses de doutorado e 11 dissertações de mestrado para uma leitura mais detalhada. A maioria desses trabalhos foi elaborada a partir de 2011, no entanto, uma das dissertações escolhidas foi defendida no ano de 2008. Dos vinte e um trabalhos analisados, dez foram produzidos na área da Educação, três na área da Comunicação, dois nas áreas de Administração e Letras e um trabalho nas áreas de Linguística, Antropologia, Psicologia Clínica e Design e Arquitetura.

Diante dessa revisão de literatura que será analisada de maneira mais detalhada no próximo capítulo foi possível perceber que os estudos realizados sobre a exposição dos usuários nas redes sociais são marcados por análises sobre a maneira como tal usuário se apresenta no ambiente virtual e o tipo de comportamento que ele dissemina em sua rede de amigos. Portanto, reconhecendo também que esses trabalhos são recentes, a presente pesquisa cuja temática faz referência ao que representa o Facebook na atualidade e como se apresentam os usuários desse espaço virtual no que tange uma participação espetacular e publicizadora de fatos privados se justifica por encaminhar a discussão para o viés que parece recorrente no campo da análise das redes sociais, o que permitirá conhecer um pouco mais sobre esse universo novo, porém, tão impactante na vida contemporânea.

O estudo que se apresenta a seguir foi construído em cinco capítulos. No primeiro capítulo é apresentado o universo onde se localiza o objeto de estudo dessa investigação, assim como o próprio objeto de estudo e uma revisão mais aprofundada do que foi estudado

sobre essa temática nos últimos anos. Portanto, o capítulo apresenta um recorte teórico sobre a internet, as redes sociais e o Facebook e uma análise sobre pesquisas de mestrado e doutorado que investigaram redes sociais nos últimos sete anos.

O capítulo dois analisa os dados coletados por meio da aplicação do questionário e da observação de páginas do Facebook, visando compreender a forma como esse espaço impacta a vida dos usuários de redes sociais na contemporaneidade e que tipo de representação ele assume na sociedade. O capítulo três traz um recorte teórico sobre a técnica, visando compreender como os avanços técnicos influenciaram o modo de vida moderno. Depois, o capítulo quatro aborda a constituição da sociedade do espetáculo e os mecanismos por ela empregados para orientar como o indivíduo deveria participar desse novo modo de vida. Também no capítulo quatro expomos o conceito de sensação e sua influência no surgimento de uma sociedade espetacular. Por fim, o capítulo cinco discutirá a relação entre as esferas públicas e privadas e as transformações que elas sofreram ao longo dos tempos.

1. INTERNET, REDES SOCIAIS E FACEBOOK: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O primeiro capítulo dessa tese realiza um recorte sobre a Rede Mundial de Computadores, cujos usuários a denominam pela sigla americana Internet, nascida como um programa militar de defesa e consolidada como um meio de comunicação, cuja capacidade técnica permitiu a junção de todos os outros meios de comunicação existentes. Suas características também permitiram um avanço muito rápido, o que possibilitou a essa rede assumir um importante papel na sociedade contemporânea. Mobilidade e agilidade são as principais virtudes desse mecanismo que impactou os usuários espalhados por todos os cantos do planeta.

As redes sociais, frutos da internet, são páginas virtuais de relacionamento que possibilitaram uma interação social rápida e abrangente, jamais vista em qualquer outro momento da história. Assim, esse capítulo também busca compreender como essas redes se constituem e que tipo de relação ela estabelece com o usuário da rede. Dentre as redes sociais mais destacadas, a líder do espaço virtual denomina-se Facebook, dessa forma, faz-se necessário conhecer um pouco sobre a origem, funcionamento e relação estabelecida com o usuário por parte dessa rede de relacionamento. Por fim, esse capítulo também apresentará uma revisão de literatura de estudos sobre redes sociais virtuais que se desenvolveram na mesma linha de trabalho proposta por essa tese, buscando compreender como outros pesquisadores transitam por esse ambiente ainda novo, apesar de sua extensiva abrangência.

1.1 A internet: origem, avanços e consolidação

O surgimento da internet se deve ao trabalho da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), que desenvolveu a Arpanet, uma rede de computadores que mobilizava recursos financeiros universitários, com o objetivo principal de atingir uma superioridade tecnológica dos Estados Unidos da América sobre a extinta União Soviética. Esse projeto militar foi aperfeiçoado durante as décadas de 1970, 1980 e a partir da década de 1990 essa ferramenta se tornou um novo fenômeno da sociedade da informação. Para Manuel Castells (2001) a criação da Internet mostrou toda a capacidade que o homem tem para transcender regras institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos em decorrência da criação de um novo mundo, uma vez que com essa mídia as fronteiras de tempo e espaço foram pulverizadas e o mundo se transformou na grandiosa aldeia global.

Sorj (2003) afirma que a internet se refere a uma nova tecnologia da comunicação que se agregou a uma lista de instrumentos de transmissão de voz e imagem que modificaram a comunicação na sociedade contemporânea, como o telégrafo, o telefone, o telex, o rádio, a televisão e o fax. Essa nova tecnologia da comunicação, ao permitir a comunicação instantânea entre computadores, disponibilizou cada vez mais informação a um custo cada vez menor.

Quanto ao funcionamento técnico, Ward (2006) conceitua a internet como uma infraestrutura que possibilita aos computadores estabelecer comunicação entre si por todo o planeta, enquanto Castells (2001) a vê como um produto que ultrapassa a barreira tecnológica e se insere também na área da comunicação e no papel de meio de comunicação permitindo que a troca de informação seja realizada de muitos para muitos, em amplitude global. Trata-se de um sistema que rompe as características de tempo e espaço de todos os demais meios de comunicação anteriores a ele.

A internet parece ter um efeito positivo na interação social e apresenta a tendência de aumentar o grau de exposição de outras fontes de informação. Portanto, o advento da internet estabelece uma nova ordem no campo das relações sociais, que agora passam a ser realizadas em um novo espaço, ilimitado, e sem nenhuma preocupação com a preservação do privado. Nessa nova ordem o que conta é ser visto e percebido.

Assim, na contemporaneidade, a visão de Castells (2001, p. 15) é de que “a Internet é o tecido das nossas vidas. [...] na nossa era poderíamos comparar a Internet com a rede eléctrica e o motor eléctrico, dada a sua capacidade para distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da actividade humana.” A Internet se transformou na base tecnológica que caracteriza a rede que constitui a era da informação. Para Moherdau (2007) o surgimento da internet impulsiona o desenvolvimento da informação por meio de sons e imagens, através de conexão entre computadores.

Assim, a internet se refere a recursos tecnológicos acessados por um usuário que tenha um computador, um modem e uma linha telefônica, permitindo o contato infinito com diferentes informações, além de acessar serviços diversificados. Na atualidade, com a expansão do serviço *wi-fi*, que permite a conexão sem fio à internet, esse contato entre o usuário e o mundo virtual se intensificou ainda mais. Dessa forma, a internet se apresenta como um agrupamento de recursos tecnológicos, que coloca à disposição das pessoas, informação e possibilidades de variados acessos, desde que elas possuam os componentes necessários.

A origem da internet, conforme destacamos, está atrelada a um projeto de defesa militar do governo americano. De acordo com Pinho (2003), somente em 1983, o projeto se libertou de sua origem militar e passou a ser empregado com propósitos de pesquisa, cujo programa passou progressivamente a ser denominado internet. Quanto ao seu funcionamento, por tratar-se de um projeto de tecnologia, a internet necessita de uma série de ferramentas que permitam o contato do sistema com os usuários em diferentes lugares do planeta.

Dentre essas ferramentas, a primeira se refere ao servidor web, que segundo Briggs (2007) versa sobre um computador que armazena e distribui a informação pela internet. Para que essa informação possa ser distribuída pela rede mundial de computadores faz-se necessário a presença de protocolos de transmissão de informação. Pinho (2003) afirma que a internet possui um Protocolo de Controle de Transmissão (TCP), que tem a função de dividir a mensagem em pacotes de um lado e recompô-la do outro; e um Protocolo de Internet (IP), cuja função é descobrir o caminho adequado entre remetente e destinatário, para que os pacotes de informação possam ser enviados. O TCP/IP alude ao conjunto de protocolos, cujo grupo se divide em quatro camadas: aplicação, transporte, rede e interface.

Essas camadas têm função distinta e são divididas para que os dados que trafegam pela internet tenham sua integridade protegida. Na internet também se encontra a Linguagem de Marcação do Hipertexto (HTML), linguagem-padrão adotada para escrever páginas e documentos na web e composta por diferentes formatos de texto, som, imagens e até mesmo animação, cuja transmissão se dá por meio do Protocolo de Transferência do Hipertexto (HTTP), que estabelece como ocorrerá a interação entre dois programas ou servidores, para que os dados ou comandos relativos à *World Wide Web* (www) sejam transferidos (PINHO, 2003).

A www é um modo de organização da informação e dos arquivos na rede de computadores. Sobre o hipertexto, Moherdauí afirma que se trata de um texto estruturado em rede, constituído por 'nós', elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais e os elos entre esses nós. Além dessas ferramentas, Rodrigues (2001) ainda apresenta o *link*, que difere o texto do hipertexto, considerada como a melhor ferramenta da internet, uma vez que permite que um parágrafo de nove linhas se transforme em novos parágrafos de cinco ou seis linhas, isso porque no momento em que o usuário está lendo um texto em determinada página da internet, essa pode apresentar um *link* que permite ao mesmo usuário visitar uma nova página, com a complementação da informação inicial e esse procedimento pode ser infinito na *web*.

Quanto à chegada da internet no Brasil, de acordo com Pinho (2003), no princípio, a rede funcionava com alguns embriões independentes que permitiam a interligação de universidades e centros de pesquisa localizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre com os Estados Unidos. Depois, surge a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), desenvolvida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, cujos esforços pretendiam coordenar uma iniciativa nacional de redes de âmbito acadêmico. Para Moura (2002), a partir de 1997 a internet pode ser vista como uma realidade brasileira, uma vez que se tornou possível encontrar variados sites em língua portuguesa, assim como um vasto número de usuários tupiniquins acessando os diferentes recursos desse ambiente virtual.

Dentre as várias características da internet, uma que se sobressai é a interatividade, que na visão de Moherdauí estimula o usuário a oferecer seus testemunhos, suas versões dos fatos ou sua opinião no próprio ambiente ou em um *link* de algum site da internet. Para Dantas (2008) essa comunicação interativa deve ser considerada como um meio que está presente na rede para a sociedade, como uma forma de cultura ou publicidade. Com a evolução da tecnologia, também evoluiu a forma como a comunicação deve ser pensada, e, portanto, interagir online se transforma numa das principais maneiras de se comunicar na sociedade contemporânea.

Apesar de se tratar de uma ferramenta de comunicação nova, a internet sofreu várias transformações no que concerne ao processo de funcionamento. A primeira geração da internet foi denominada de web 1.0. Segundo Ravache (2007) trata-se de uma internet comercial, marcada pelos grandes portais. Esse período de acordo com Crucianelli (2010) foi construído enfatizando os recursos tecnológicos e seu funcionamento centrava-se em portais que ofereciam pacotes fechados de informação. Nesse primeiro momento, a interação ainda não era uma marca da internet, a relação entre usuário e site se baseava na relação de um (o emissor) para muitos (os receptores).

A segunda geração da www foi chamada de web 2.0 e seu foco se concentrou na troca de informações realizada com a colaboração dos internautas. Nesse momento, tinha-se a perspectiva de que a internet era um espaço dinâmico. Ravache (2007), Dantas (2008) e Crucianelli (2010) perceberam essas mudanças, identificando que esse novo momento era marcado por meios mais interativos de comunicação, gerando uma *web* mais participativa. Nessa nova fase, a interação se tornou um recurso importante para o ambiente virtual.

Por fim, chega-se à web 3.0, cuja principal característica relaciona-se ao fato do sistema poder pensar, aludindo a um sistema que organiza e agrupa as páginas por temas, assuntos e interesses previamente expressos pelo internauta. Esse novo sistema reúne e grava

automaticamente os interesses do usuário, sem a necessidade de que esse programe ou autorize tal procedimento. Assim, a internet em seu estágio mais avançado disponibiliza ferramentas que armazenam todos os dados e informações produzidas pelo usuário em suas visitas ao ambiente virtual, como produtos pesquisados, endereços investigados, assuntos comentados, entre outros.

Quanto à sua função social, Recuero (2009) afirma que a internet possibilitou a expressão e a sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Tais ferramentas permitiram aos atores construir-se, interagir e comunicar-se com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que consentem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. Na Internet, as relações tornam-se variadas, com trocas de diferentes tipos de informação em diferentes sistemas. Esse espaço também deu origem aos laços sociais mantidos a distância.

O desenvolvimento tecnológico proporcionou certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais que passaram a ocorrer de forma dispersa no espaço. A CMC altera a noção de localidade geográfica das relações sociais, provocando a desterritorialização dos laços sociais. Dessa forma, a compreensão de como a comunidade se constitui nesse espaço é fundamental para entendermos a maneira como a sociabilidade se dá na Internet, assim como essa estrutura interfere nas conexões nessas redes.

1.2 Redes sociais: um novo mecanismo de interação

No que concerne ao termo redes sociais, é comum compreender essa expressão como a designação de sites como o Facebook ou o Twitter, pois na maioria das vezes, rede social é entendida como o espaço onde se realizam interações sociais entre os usuários da internet. Porém, Carneiro (2012) afirma que a expressão site de redes sociais, muitas vezes se confunde também com as expressões sites de relacionamento, redes sociais online, redes sociais virtuais e mídias sociais.

Diante desses múltiplos conceitos, compreendem-se sites de relacionamento como a expressão que melhor definiria esse espaço de interação, principalmente por causa da palavra relacionamento e seu poder de estabelecer as ligações ocorridas entre os usuários; enquanto isso, redes sociais online ou redes sociais virtuais fariam referência a qualquer grupo de pessoas que interagem através dos meios de comunicação. Por fim, Carneiro comenta que as

mídias sociais são sites que permitem ao usuário produzir conteúdo e na sequência compartilhar o mesmo com os demais participantes da rede.

Para Boyd e Ellison (2007), os sites de redes sociais se referem a locais na internet que permitem ao usuário construir um perfil individual público orientado pela política do sistema, assim como a criação de uma lista de usuários com os quais poderão estabelecer relações virtuais por meio do cruzamento de dados produzidos em suas páginas pessoais. Dessa forma, ao mencionarmos o termo rede social, fazemos referência a um conjunto de pessoas, organizações ou entidades sociais conectadas por relacionamentos pessoais, motivados pela amizade (estende-se para o ambiente virtual as relações do mundo físico), relações de trabalho ou compartilhamento de informações.

No caso específico dessa pesquisa, o interesse recai sobre as redes sociais existentes na internet, o lugar ocupado no mundo contemporâneo e os assuntos ali compartilhados uma vez que, “No ambiente das redes, o compartilhamento de informação e de conhecimento entre as pessoas é constante, pois as pessoas frequentemente gostam de compartilhar o que sabem.” (TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p. 76). A existência de uma rede apresenta como pré-requisito o compartilhamento de informações diversas com os demais membros da rede, portanto, só existe uma rede social se no seu interior ocorrer a circulação de informação.

Sobre o surgimento das redes sociais na internet, Daquino (2012) afirma que esse fenômeno teve origem em 1969, com o desenvolvimento da tecnologia *dial-up* e a criação de um serviço comercial de conexão à internet de âmbito internacional, denominado CompuServe. Até a década de 1990, ocorreram grandes avanços ligados à infraestrutura de recursos de comunicação. Em meados da década de 1980 surge o Prodigy, um serviço criado para substituir o CompuServe.

Outro fato marcante foi a criação de uma ferramenta por parte da America Online (AOL) que permitia a construção de perfis virtuais que possibilitavam ao usuário descrever a si mesmo, além de criar comunidades para troca de informações. Também foi a AOL, em 1997, a pioneira no lançamento de serviços de troca de mensagens instantâneas. Foi também na década de 1990 que tivemos a criação do Geocities, um serviço que possibilitava ao usuário criar páginas pessoais na web, marcadas de acordo com a localização desse usuário.

Porém, é a primeira década do século XXI que marca a chegada definitiva das mídias digitais na vida da sociedade contemporânea. Daquino (2012) exemplifica esse avanço com a criação do Fotolog e do Friendster em 2002. O primeiro, uma rede social baseada em publicação de fotografia e cuja página permitia ao usuário manifestar seus sentimentos sobre a foto postada, assim como existia a possibilidade de outros usuários comentarem a postagem.

O segundo site foi o primeiro serviço denominado de rede social e consistia em um espaço onde as amizades reais pudessem ser transferidas para o ambiente virtual. A ferramenta foi um sucesso para a época, atingindo três milhões de usuários em três meses. Também merece destaque o Orkut, criado em 2004. Além da tradicional interação entre usuários, essa rede virtual se notabilizou pelas denominadas “comunidades”, espaço dedicado no sistema para que as pessoas se agrupassem de acordo com seus gostos pessoais, como esportes, cinema, música, entre outros.

Sobre o papel que as redes sociais virtuais adquiriram na sociedade contemporânea, Recuero (2009) afirma que a CMC permitiu aos indivíduos mais do que apenas comunicar-se, ela amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços. Deram origem a redes que não conectam apenas computadores, mas também pessoas. Dessa forma, os atores se transformam no primeiro elemento da rede social, atuando de forma a moldar uma estrutura social, por meio da interação e da constituição de laços sociais nesse novo ambiente.

Para Lévy (2003), essas redes sociais na internet constituíram comunidades virtuais que produziram uma nova maneira de fazer sociedade. Isso não significa a origem de uma subsociedade, porém tem-se um novo filtro para a sociedade já existente. Implica dizer então que o ambiente virtual possibilitou a expansão do social. Antes restrito ao seu território, agora se pode compartilhar o mundo particular por uma janela virtual, assim como pode se sentir inserido no mundo público, pois o mesmo entra em sua casa pela tela do computador. Portanto, a relação entre virtual e social rompeu com a barreira física do território, assim como reconstruiu a ideia de espaço-tempo, colocando em destaque a quantidade de interações interpessoais realizadas e não mais o conteúdo que uma interação pode produzir.

Ainda no que se refere ao virtual, Lévy (2009) conceitua o virtual como uma oposição do atual, uma mutação de identidade, assim verifica-se que os participantes do universo virtual são responsáveis pela atualização no modo como se produz as relações interpessoais, ocorridas agora sem um lugar de referência estável. Portanto, essa desterritorialização do virtual altera o ritmo de vida da realidade social, constrói espaços-tempos mutantes. Nesse novo espaço não há tempo de maturação, tudo acontece de forma efêmera. É como se a cada novo clique nascesse um novo sujeito, atualizado e desvinculado do meio social em que foi gerado, pois “[...] perseguimos o virtual porque nos leva para regiões ontológicas que os perigos ordinários não mais nos atingem.” (LÉVY, 2009, p.79).

Assim, o virtual se atualiza sem necessariamente ter se concretizado de forma efetiva ou formal, trata-se de uma busca constante, criação, inovação, uma produção contínua de

novas qualidades e ideias. Desse modo, compreende-se o virtual como parte da sociedade esgarçada, que imersa em uma vida acelerada, busca no virtual uma forma de fugir dos sonhos irrealizados, das tarefas incompletas, dos insucessos cotidianos. No entanto, nas redes sociais os atores são constituídos de maneira diferente, uma vez que o distanciamento entre os envolvidos na interação social não são imediatamente discerníveis.

Dessa forma, as representações dos atores sociais consideram também as construções identitárias do ciberespaço, o que transforma em ator não só o usuário pessoa física, mas também um weblog, um fotolog, um twitter ou mesmo um perfil em uma rede social. Sobre as redes sociais, Castells (2001) afirma que a capacidade de ligação em rede conduziu à formação de comunidades virtuais que reinventaram a sociedade e expandiram a ligação informática em rede, tanto em seu alcance como em seus usos. Tal afirmação nos remete ao seguinte pensamento, as relações interpessoais sofreram um empobrecimento, dessa forma os indivíduos sentiram a necessidade de recriar tais relações no ambiente virtual, onde a relação interpessoal, como já mencionado anteriormente se produz de forma desterritorializada quanto aos limites do espaço-tempo.

O posicionamento de Castells nos leva também a discutir o conceito de rede, especialmente no que tange a diferença entre redes sociais e redes virtuais. Acioli (2007) afirma que o conceito básico de redes elaborado por Barnes, em meados do século XX, trata da configuração de vínculos interpessoais que se entrecruzam de maneira não específica, ligados às ações dos participantes dessa interação e às instituições da sociedade. Barnes construiu uma metáfora de redes, em que indivíduos em sociedade são conectados por laços sociais. Esses laços, no entanto, podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si.

Para Enne (2004), a ideia de rede utilizada por Barnes foi pensada como socialmente composta por indivíduos que se articulam a partir de interações, e não por composições egocêntricas. Barnes transpôs o conceito simbólico de rede, utilizando-o de forma analítica, um tipo de instrumento metodológico que permitiria a compreensão de relações sociais entre indivíduos. Portanto, toda relação estabelecida entre dois ou mais sujeitos, ou então, distintos grupos sociais já se configura como uma rede social. Nesse caso, as redes sociais são anteriores ao surgimento da internet e as páginas de interação entre pessoas, popularmente chamadas de “redes sociais”.

Mira e Bodoni (2011) afirmam que comunidades virtuais não são comunidades sociais, pois nestas as pessoas se juntam por motivos de força maior, como é o caso das comunidades sociais construídas em favelas ou nos conjuntos habitacionais espalhados pelo Brasil. As comunidades virtuais são compostas por sujeitos que escolheram estar ali, devido

ao interesse em comum que divide com os demais participantes. Assim, as comunidades virtuais são construídas a partir da escolha do usuário de se colocar naquele ambiente. Também devemos observar que é nesse ambiente das comunidades virtuais que surgem os sites de relacionamentos virtuais ou como denomina Recuero (2009), os sites de redes sociais, espaços na internet que ofertam páginas pessoais de relacionamento interpessoal.

De acordo com Mira e Bodoni (2011), as redes sociais virtuais são sites que permitem ao usuário cadastrar dados, fotos e vídeos, que serão acessados por todos os outros usuários do sistema, em algumas situações de maneira restrita ou não. Esses espaços possibilitam ao usuário integrar aos seus dados as páginas de dados de amigos e conhecidos, criando uma rede de relacionamentos, por meio da qual se torna possível aumentar os contatos através dos contatos de outras pessoas, além de permitir a interação por meio de postagens. Para Recuero (2009), esses sites focam-se apenas em ampliar e complexificar essas redes interpessoais centradas em interagir com outros perfis e publicizar as conexões.

Ao vislumbrarmos que é a interação entre diferentes atores que constitui os laços sociais e que são esses laços que estabelecem as conexões de uma rede virtual, percebemos também que tais conexões devem ser percebidas de diversas maneiras. Outro fator importante refere-se ao fato de que as redes sociais na internet possuem topologias e estruturas, cuja relação define os laços sociais estabelecidos pelos atores. É a maneira como o usuário se apodera da rede social e como ele coloca em prática as suas ferramentas que definirá o tipo de relação que uma rede pode oferecer (RECUERO, 2009).

Tomaél, Alcará e Chiara (2005) afirmam que as conexões e interações no âmbito das redes sociais ocorrem pelo contato direto (face a face) e pelo contato indireto, aquele que utiliza um veículo mediador, no caso desse trabalho o computador, mas poderíamos empregar também o telefone ou outro meio. Independente da forma como se estabelece a conexão, redes sociais envolvem um conjunto de atores que mantêm ligações entre si. A abordagem de redes sociais deve considerar que esse espaço é um elemento em constante mutação no tempo, pois não existem redes paradas no tempo e no espaço, elas são dinâmicas e sempre se transformam, principalmente, por causa das interações ocorridas em seu interior, fato que corrobora com o papel do ator social na construção da forma de funcionamento da rede (RECUERO, 2009).

Quanto aos tipos de redes, Recuero cita as redes centralizada, descentralizada e distribuída. As redes sociais centralizadas apresentam um usuário como o responsável pela centralização da maior parte das conexões, enquanto a descentralizada possui vários nós, ou seja, usuários, que conectam vários outros grupos à rede. No que tange à rede distribuída,

trata-se de uma rede em que os usuários possuem a mesma quantidade de conexões. A rede é formada pela interação de todos os seus membros que possuem o mesmo peso no espaço, cujas formas de abordagem dividem-se em ego e inteiras.

A rede centrada no ego, também denominada pessoal parte de um nó determinado e, a partir das conexões deste, traça o funcionamento da rede. Toda a relação estabelecida na rede é oriunda de um único ator central. Assim, enquanto a rede ego é centrada em um indivíduo e nas relações por ele produzidas, a rede inteira se constitui em uma abordagem centrada em uma rede e suas relações, pautada nas contribuições de todos os usuários e não em um sujeito único.

Essa divisão entre redes de ego e redes inteiras estão atreladas à necessidade de se realizar recortes para compreender a sociedade como grupo de pessoas interconectadas. Assim, o estudo da rede ego centra-se numa análise da relação entre o ego, considerado o sujeito central da rede, e os demais usuários classificados como alter egos. Nesse caso, o enfoque do estudo recairia sobre o que esse ego representa para o espaço e que tipo de reações ele provoca em seus interlocutores, uma vez que nessa posição o emissor é o norteador da ação.

Já as redes inteiras são analisadas do ponto de vista da conexão, centrada na interlocução, o que acaba produzindo uma troca constante de papéis entre os sujeitos no que se refere a quem deva ser considerado o emissor e quem é o receptor. As ações construídas nessas redes são multidirecionais, o que gera também uma multiplicidade de conteúdos dispersos e complexos devido aos distintos perfis dos seus produtores.

Para Recuero (2009), todo dinamismo produzido na rede social é capaz de impactar a estrutura de uma rede, portanto, o olhar para esse espaço precisa considerar esse fator ao tentar compreender o papel das redes sociais, pois seu funcionamento está atrelado também à maneira como os usuários se apropriam desse espaço. Assim, verifica-se que uma rede social só se destaca se ela se adapta ao ambiente em que está inserida.

Assim como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e oferece suporte para essas redes sociais. Seu funcionamento efetivo só ocorre por meio da interação, da participação de um conjunto de atores, uma vez que isoladamente ninguém conseguirá construir uma rede social. Quanto a essa interação, ela se denomina emergente quando se expressa a partir das interações entre os atores sociais. Os usuários se conectam através das trocas sociais ocorridas por meio da conversação mediada pelo computador. Essa rede se denomina emergente devido ao fato dela estar constantemente sendo construída e reconstruída por intermédio das trocas sociais. No entanto, o

funcionamento desse tipo de rede está atrelado ao tempo que cada ator dispõe para a troca social no computador, o comprometimento em manter o perfil ativo, pois diante de um usuário que não apresenta interesse em fazer novas amizades ou estabelecer laços recíprocos com outros participantes a rede se desconstrói (RECUERO, 2009).

Além dessas redes emergentes, caracterizadas pela interação entre os usuários, a internet também apresenta outros tipos de rede, como a de filiação, que se constitui num espaço onde o primordial não é a troca conversacional direta entre os membros, e sim que o espaço permita a interação entre os assuntos ali postados. Uma rede social não necessita que duas ou mais pessoas estejam em contato, ela também pode se constituir como um local virtual em que os usuários em diferentes períodos do tempo possam lançar suas opiniões sobre diferentes assuntos expostos na página, pois conforme afirma Recuero (2009, p.102) “Sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet.”, e isso pode acontecer de diferentes formas, desde que a interação seja alcançada.

Os sites de redes sociais são compreendidos como sistemas construídos para expor e publicar as redes sociais dos atores. Sua função principal está centrada na exposição pública das redes conectadas aos atores, objetivando a publicização dessas redes. Portanto, referem-se aos sites compostos por perfis e com espaços específicos para que o usuário leve a público suas diferentes postagens. Também deve ser observado que os sites de redes sociais não precisam representar redes dependentes entre si. Um único usuário pode utilizar diversos sites de rede social com propósitos distintos.

Recuero apresenta uma pesquisa em que entrevistados comentam sobre os principais usos que fazem das redes, dentre eles destacam-se “a) Criar um espaço pessoal; b) Gerar interação social; c) Compartilhar conhecimento; d) Gerar autoridade [compreendemos essa questão como a busca por um lugar de destaque no interior das redes virtuais, a construção de uma personalidade respeitada pelos demais usuários]; e, e) Gerar popularidade.” (2009, p.105). Portanto, percebe-se que as redes sociais se transformam em um espaço onde o usuário pode construir sua personalidade e a partir disso impor-se sobre os demais membros da rede, transformando-os em seguidores de um dado ator social. O ambiente virtual é marcado pela construção de uma reputação e para isso não existe uma única fórmula o que transforma as redes sociais virtuais em um espaço híbrido.

Nas redes sociais, a reputação se relaciona à maneira como as informações recebidas por um dado ator social sobre o comportamento de outros atores influenciam seu comportamento. Trata-se da percepção construída a respeito de alguém e embasada no papel assumido pelo “eu”, pelo “outro” e a forma como ambos se relacionam. O conceito de

reputação implica na maneira como as informações sobre quem é um dado usuário e o que e como ele pensa, permite aos outros sujeitos da rede construir suas impressões sobre esse usuário.

Tem-se aí, portanto, a diluição do um ou do outro, o surgimento de um nós frágil, devido ao ambiente virtual, em substituição ao eu. Dessa forma, a reputação deve ser entendida como o resultado alcançado pela imagem que o usuário constrói em um site de rede social, principalmente, no que se refere ao número de seguidores que ele atinge e a repercussão gerada por suas postagens. A reputação gera popularidade, um valor relacionado à audiência, e resultado da posição ocupada por um ator dentro de sua rede social (RECUERO, 2009).

Além dessa possibilidade de publicização efetivada por meio da imagem que o usuário constrói num site de rede social, outro fato relevante sobre o funcionamento das redes sociais atrela-se à capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores, fator que alterou o trânsito da informação mesmo no interior da rede, uma vez que com a origem da Internet as pessoas puderam disseminar as informações de forma mais ágil e também mais interativa. (RECUERO, 2009)

As comunidades virtuais se constroem a partir dos interesses comuns dos usuários, sem a necessidade de que para isso ambos precisem ocupar o mesmo território. A comunidade virtual se refere a uma relação social sediada no ciberespaço, em um lugar específico como um chat, por exemplo, também se construindo a partir de interesses comuns. Nesse caso, o lugar não influencia mais na construção de poder dentro da rede virtual. Tal poder atrela-se ao sucesso alcançado pelas participações do usuário no espaço, à repercussão que suas postagens geram, seja devido ao número de comentários recebidos, seja por causa dos inúmeros compartilhamentos. Também pode ser fruto do número de seguidores obtidos, o que permite ao usuário se transformar em potencial influenciador de comportamento. Portanto, quando nos referimos à comunidade virtual tratamos do surgimento de novos padrões de interação social, principalmente, pela Internet. No entanto, Castells (2001, p.98) afirma que o termo gerou equívoco, uma vez que

[...] misturou diferentes relações sociais e estimulou a discussão nostálgica que se inspirava no antigo conceito de comunidade e os defensores da comunidade de escolha proporcionada pela Rede. [...] o que é necessário para compreender as mudanças no espaço social é, justamente, a construção de um novo conceito de comunidade, com menos ênfase no seu componente cultural e mais ênfase a seu papel de apoio social.

A partir do momento em que as redes sociais se consagram no gosto dos usuários da internet, diferentes sites são criados. As principais redes sociais do século XXI surgiram no ano de 2004 e 2005 (Flickr, Orkut e Facebook). No entanto, uma característica desse ambiente é a evolução e a rápida transformação. No caso do Brasil, a rede social de maior sucesso na década passada foi o Orkut, porém, em pouco tempo, os usuários substituíram essa rede pelo Facebook e na atualidade o Orkut se encontra com suas atividades finalizadas. Mas, no Brasil, as mídias sociais foram muito bem acolhidas, tanto que no ano de 2012, o país ocupou o quarto lugar no ranking mundial em números de usuários nas redes sociais. No ano seguinte os números de usuários eram formados por 76 milhões de usuários, ficando atrás, apenas, dos Estados Unidos¹.

Torres (2009) afirma que as mídias sociais são sistemas que permitem que conteúdos e informações sejam compartilhados em sites na internet, onde um usuário pode desempenhar tanto o papel de produtor como o de consumidor da informação. O que se vislumbra nessa afirmação é a confirmação de algo tratado anteriormente nesse capítulo de que uma mídia social só existe caso haja interação. Trata-se de um espaço que exige que o conteúdo disponibilizado seja produzido a partir da discussão entre todos os participantes da rede. Ao contrário dos autores citados, Marinho (2014) entende a mídia social como uma plataforma, um sistema mecânico que permite ao usuário interagir por meio dos sites. As mídias sociais se referem aos espaços onde são disponibilizadas as redes sociais, essas sim, espaços que possibilitam o relacionamento por meio de conteúdos produzidos de forma colaborativa pelos usuários.

No que alude aos atores das redes sociais, o ator no ciberespaço deve ser compreendido como o indivíduo que age através de suas redes, sejam elas fotologs, weblogs ou páginas pessoais, assim como por intermédio de *nicknames*, o apelido na rede. Páginas virtuais como o Orkut e na atualidade o Facebook, obrigam os usuários a se identificarem por meio de seus perfis, o que necessariamente vincula as interações a um dado ator, uma vez que sem o acesso a um perfil o usuário não consegue utilizar o sistema (RECUERO, 2009). Por causa disso, muitas pessoas criam perfis falsos, o que lhes permite disseminar informações e interagir com outros usuários sem poderem ser reconhecidos, o que consideramos um dos aspectos complexos do sistema. Na maioria das vezes os perfis falsos e ocultos são empregados para disseminar mentiras, espalhar preconceitos e outras coisas nocivas contra determinados usuários. Porém, essas questões complexas também podem ser localizadas em

¹ Dados retirados do site www.comScore.com.

perfis reais, quando determinados usuários abandonam princípios éticos e usam a virtualidade para atacar e discriminar pessoas e comportamentos.

Quanto à interação, ela se refere a uma reciprocidade de satisfação entre os envolvidos e compreende também as intenções e atuações de cada um. Portanto, as interações seriam constituídas das percepções do universo que rodeia o ator, seria uma ação que geraria um reflexo de comunicação entre os usuários produzindo a partir daí reflexo social. Dessa forma, percebe-se que a interação não se constitui apenas da troca relacional entre duas pessoas, mas depende também dos resultados que tal relação produz para o universo em que os atores estão envolvidos (RECUERO, 2009).

Ainda sobre a interação, é relevante observar que na internet essa troca se constrói a partir de dadas particularidades. Uma delas é o fato de que o princípio de uma interação não necessita de atores que se conheçam no mundo físico. A interação virtual pode ser construída através de pessoas que nunca se viram pessoalmente antes desse ato. Da mesma forma que os atores não precisam se conhecer para interagir, a internet também possibilita que a relação continue acontecendo mesmo que um dos parceiros não se encontre mais conectado na rede. No mundo virtual a troca de informação se dá tanto em ambiente físico distinto, como também num tempo cronológico diferente, pois o usuário A pode realizar um comentário na página do usuário B, quando este se encontra dormindo, porém na manhã seguinte B pode responder a A, no momento em que tal ator se encontra desconectado da página.

Diante disso, percebe-se que esse espaço permite tanto a comunicação síncrona como a assíncrona. A comunicação síncrona simula uma interação em tempo real, tendo os interlocutores uma expectativa de que a resposta seja imediata ou quase imediata, uma vez que ambos agentes encontram-se online no mesmo momento temporal. A comunicação assíncrona remonta às relações estabelecidas entre interlocutores que estão em momentos temporais distintos. Além da interação acontecer em diferentes momentos cronológicos, a interação virtual também pode se dar em distintos espaços virtuais. Na internet, os atores trocam informações em mais de uma rede social, e às vezes isso acontece ao mesmo tempo (RECUERO, 2009).

No entanto, as relações interpessoais nascidas na internet não ficam restritas a esse ambiente. Uma interação mediada por um computador é responsável por gerar novas relações sociais e conseqüentemente laços sociais que podem ultrapassar a barreira virtual e se consolidar em um espaço físico. Porém, é importante observar que a mediação através do computador acrescenta novos aspectos para a relação social, pois com a ocorrência de uma

relação por meio de um distanciamento, o que vai caracterizar o nível estabelecido é o laço existente entre os atores.

Em um ambiente virtual onde a conexão se dá com atores em espaços físicos distintos, o que reforçará a comunicação estabelecida é o tipo de laço existente entre os atores. Esses laços podem ser caracterizados por meio da proximidade entre os atores, a existência de um contato frequente, a ocorrência de conflito ou a oferta de algum tipo de suporte emocional. São esses elementos que contribuirão para que a rede social possibilite a troca conversacional e também estabeleça o nível dessa relação (RECUERO, 2009).

Mas a percepção desses laços não é uma coisa fácil de acontecer na internet, tanto que a CMC pode gerar a redução de um contato social mais íntimo, pois mesmo que os atores sociais tenham uma relação dominada pelas principais características do laço social citadas anteriormente, o fato de estarem em espaços físicos distintos pode impedir que a interação seja intimista. Portanto, a análise do uso de uma rede social deve considerar se o contato entre os atores mostra uma característica de intimidade ou se é marcada pela artificialidade do computador, isto é, da máquina. Por outro lado, a mediação computadorizada possibilita a existência de novos lugares para interação, sempre a partir de interesses comuns (RECUERO, 2009).

O ciberespaço transformou a vida social, dando origem a novas formas de interação social, por isso, na rede social é possível ao ator distinguir entre as pessoas com as quais pretende interagir e com as quais terá laços sociais, o que mostra uma suposta democracia oferecida pelo espaço (CASTELLS, 2001). De acordo com Lévy (1998) a palavra ciberespaço foi empregada pela primeira vez por Gibson, no romance “*Neuromancien*”, de 1984, como universo de redes digitais, um lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural.

O ciberespaço designa menos os suportes da informação do que os modos originais de criação, navegação do conhecimento e relação social que ele mesmo proporcionou. Trata-se de um ambiente capaz de combinar-se com dispositivos de criação, gravação, comunicação e até mesmo de simulação. González (2012), ao conceituar cibercultura afirma que o prefixo ciber é originário do grego e tem o significado de a pessoa que governa, guia ou conduz um barco ou quem está no controle de algo, assim, tomando essa definição do prefixo, temos a compreensão de que o ciberespaço se constitui em um novo espaço que tem a intenção de governar, de controlar os rumos que seguirão os membros que transitam por esse espaço.

Vislumbradas algumas características das redes sociais, tanto técnicas como sociais, o presente trabalho parte para a abordagem do Facebook, a principal rede social da atualidade e

também aquela que possui o maior número de usuários no mundo, objeto de estudo dessa investigação.

1.3 Facebook: a rede social mais abrangente da internet

A principal rede social mundial tem seu advento no ano de 2005. Tal fato aconteceu na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, onde um grupo de jovens teve a ideia de desenvolver um site com as características do livro de formatura², tão usual entre os jovens universitários americanos. Esse site surgiu com a ideia de que os usuários pudessem utilizar o espaço para compartilhar acontecimentos do dia por meio de fotos e textos, e atualmente, também por meio de vídeos. (GIACOMO; ARENA; MYCZKOWSKI, 2013). O Facebook é a rede social de maior alcance no Brasil.

Quanto ao papel alcançado na atualidade por essa rede social, com certeza, ela atingiu um impacto muito maior do que o imaginado na sua criação. Quando do surgimento do Facebook, as pessoas não acreditavam que os usuários da internet dariam importância a um site que propunha que as intimidades fossem expostas de forma gratuita na internet, ficando à disposição de qualquer pessoa que navegasse pela rede mundial de computadores. Mas, uma década depois, o resultado foi exatamente o contrário, o que se notou é o fato de que as pessoas gostam de falar sobre si mesmas e assim acabam transmitindo até mesmo informações desnecessárias a seu respeito nesse espaço.

Outro fator é que o Facebook não se estagnou e procura sempre atualizar suas ferramentas, tanto que até mesmo empresas passaram a utilizar o site para divulgar e vender seus produtos ou ideias. Por outro lado, também se observa no Facebook o intuito original que visava à aproximação de pessoas que estavam distantes por várias circunstâncias da vida. Uma pesquisa americana destaca que tal ferramenta permitia aos jovens manterem contato com os amigos físicos que tinham se mudado para outras cidades americanas para estudar (RECUERO, 2009).

No que tange às propriedades do Facebook, esse site de relacionamento funciona a partir da criação de uma página pessoal por parte do usuário, ou seja, só participa da rede quem se dispuser a cadastrar um *login* e montar um perfil. Criado o perfil, o usuário pode

² É tradição nos Estados Unidos que as turmas que concluem uma nova etapa de sua formação produzam um livro de formatura composto por fotos de todos os integrantes da turma. Cada aluno disponibiliza seu livro de formatura para que os colegas de turma possam escrever algumas mensagens e depois são guardados como lembrança desse período escolar. De acordo com o filme “Rede Social”, a criação do Facebook foi baseado nesses livros de formatura. Os fundadores da página lançaram a ideia de criar um espaço virtual onde um aluno pudesse construir um perfil e interagir com seus colegas.

convidar outros usuários a participarem de sua rede de relacionamento, assim como pode também ser convidado por outras pessoas a participar dos perfis delas. Os membros que participam das páginas de outros usuários são designados pelo Facebook como amigos. Essa relação estabelecida nesse espaço virtual transforma o Facebook num site de relacionamento infinito, no que se refere a limites de conexões, tanto que é comum nessa página você receber postagens de sujeitos que não conhece, mas que têm relações de amizade com alguém que você convidou a participar de sua rede.

Para cada postagem que aparece na página, o usuário tem a possibilidade de se conectar a ela por meio de alguns comandos oferecidos pelo sistema. Esses comandos se referem às práticas de curtir, comentar e compartilhar. Curtir transmite aos demais usuários que você aprovou e gostou do que viu, porém, a partir do final de fevereiro de 2016, esse comando ganhou mais cinco botões que além de curtir, permite ao usuário expressar amor, alegria, surpresa, tristeza e raiva em relação às postagens que aparecem em sua página. Comentar permite mostrar a sua impressão sobre o fato e compartilhar permite a disseminação e até mesmo o aumento da interação da mensagem.

Por fim, o site ainda traz um espaço para publicidade e outro para bate-papo. O espaço para publicidade, inclusive apresenta uma característica recente, pois se um dado usuário visitar um site de compras na internet e pesquisar o preço de um produto, automaticamente ao visitar seu perfil no Facebook, visualizará o produto pesquisado em outros sites da internet nessa coluna. No espaço para o bate-papo do Facebook aparece uma lista com o nome de seus amigos, inclusive com indicação referente ao fato deles estarem online ou não para que você possa trocar mensagens.

Sobre esse espaço, no ano de 2014, o Facebook lançou um aplicativo de celular chamado Messenger, onde os contatos do bate-papo do Facebook foram migrados automaticamente, assim quando o usuário utiliza um *smartphone* para acessar a internet, o bate-papo é realizado por meio de um aplicativo independente da página principal. Sobre esse serviço, quando o uso é feito por meio de um computador fixo, o bate-papo te informa se seus amigos virtuais estão conectados no mesmo sistema ou se estão utilizando um aparelho móvel.

Concluída essa descrição do sistema técnico do Facebook, o próximo tópico apresentará algumas teses de doutorado e dissertações de mestrado que tiveram como temática de estudo as redes sociais e a maneira como elas funcionam ou são utilizadas pelos usuários. Na presente pesquisa, o Facebook é a rede social virtual escolhida para a análise, no entanto, outras redes virtuais também se destacam nesse universo, assim como outros tipos de

análises distintas da proposta desse estudo foram desenvolvidas em relação a esse novo universo de relações interpessoais, dessa forma passamos agora à observação destes trabalhos, discutindo o lugar que eles ocupam nessa investigação e em que sentido se distanciam da proposta aqui apresentada.

1.4 Revisão de literatura referente a trabalhos sobre redes sociais

Os trabalhos pesquisados se referem a teses de doutorado e dissertações de mestrado, produzidos entre os anos de 2008 e 2014. Quando da pesquisa das teses e dissertações já produzidas, em janeiro de 2015, a proposta era analisar trabalhos desenvolvidos nos últimos dez anos, ou seja, pesquisas concluídas a partir de 2005, porém, depois de levantados os materiais, encontramos estudos produzidos apenas no período citado anteriormente. Assim, procedeu-se um levantamento na base de dados da Capes utilizando-se os descritores Internet, Redes Sociais e Facebook. A pesquisa desses descritores se deu de três maneiras distintas. Na primeira etapa levantaram-se teses e dissertações por meio de descritor isolado, ou seja, no campo de busca digitava-se “Internet”, “Redes sociais” e “Facebook”. Na sequência, a procura procedeu a pesquisa por pares dos descritores: “Internet + Redes sociais”, “Internet + Facebook” e “Redes Sociais + Facebook”. Por fim, a pesquisa buscou textos a partir da digitação dos três descritores em conjunto “Internet + Redes sociais + Facebook”.

Diante das opções fornecidas pelo sistema, o pesquisador procedeu à leitura dos resumos, visando estabelecer uma relação entre os trabalhos e a presente pesquisa que consiste em uma abordagem sobre o Facebook na contemporaneidade, assim como compreender as principais formas empregadas pelos usuários para participar desse ambiente virtual. Ao final desse levantamento, foram selecionadas dez teses de doutorado e onze dissertações de mestrado, cuja temática se aproxima do estudo que se pretende desenvolver nessa tese.

Os trabalhos selecionados para essa análise serão apresentados aqui de acordo com o agrupamento por temáticas de investigação. Assim a primeira parte dessa revisão apresenta 11 trabalhos cujo estudo norteou-se pela observação de como o usuário constrói sua identidade no espaço virtual das redes sociais. Tais estudos se mostram relevantes para a presente pesquisa, pois a investigação aqui desenvolvida tem a intenção de compreender como se dá a participação desses sujeitos nas redes virtuais, visando à discussão sobre a existência de um comportamento padrão ou a predominância de uma personalidade livre, o que daria ao espaço

uma característica multifacetada devido à ocorrência desse comportamento distinto por parte de cada membro.

Larissa Fabricio Zanin defendeu a tese “Fotografia e interação: modos de apresentação do adolescente e da escola no ciberespaço”, no PPGE da Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2012. Essa pesquisa teve a intenção de abordar os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut e também a maneira como a escola é descrita pelos adolescentes tanto nos álbuns como na própria rede social. A pesquisa considerou os álbuns do Orkut como um espaço portador de significados. O propósito do trabalho consistiu em refletir o poder da imagem fotográfica e seu caráter de veridicção, assim como verificar a construção da identidade/alteridade através de práticas sociais vividas no ciberespaço.

No contexto atual em que se vive a denominada “Era das imagens digitais”, quando fotografias são produzidas e descartadas a todo o momento, sem nenhum tipo de reflexão sobre por que se produz tanta imagem, Zanin comenta sobre a possibilidade de se alterar a imagem, o que produziria uma sensação de se dar vida à imagem que quiser e do modo como se desejar, o que transforma a fotografia em um tipo de obsessão, que desperta em todos os indivíduos, desde crianças até os adultos, a vontade de sair por aí fotografando.

Ter um site de rede social recheado de álbuns virtuais com imagens da vida privada tornou-se uma necessidade da sociedade moderna, em especial, para os adolescentes. Assim, percebe-se que para o adolescente é uma necessidade estar na rede, uma forma de inclusão obrigatória para se tornar aceito em determinado grupo. Os álbuns de fotos e a maneira como eles são visualizados pelos outros é uma forma de construir popularidade e assim construir sua identidade no grupo. Dessa forma, denota-se que tais redes sociais assumem um papel na vida desses usuários, o que nos leva ao presente estudo e sua intenção de aprofundar a discussão sobre que papel seria esse e de que maneira os usuários participam dessa função assumida por tais redes.

Em 2012, na área de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Robson Fonseca Simões defendeu a tese “Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut”, com o objetivo de dar visibilidade a escritas autobiográficas virtuais sobre a vida escolar, empregando tais relatos como fonte para a história da Educação. A pesquisa foi norteadada por questionamentos que visavam a identificar como os relatos das histórias escolares eram realizados e quais eram os mais frequentes.

Quanto aos resultados finais, Simões (2012) afirma que o estudo lhe permitiu visualizar que estar conectado se tornou um imperativo capaz de produzir novas sensibilidades e novos testemunhos na relação de afeto com a história do presente. As

narrativas nos fóruns das comunidades escolares se constituem como um tipo especial de literatura devido ao modo como é narrado, a maneira como fica registrado, assim como por causa das lembranças, do que é instigado, omitido ou inferido das leituras. A investigação permitiu perceber que as escritas na internet representam valor cultural, simbólico.

André Alexandre Padilha Leitão defendeu a tese “Formas e funções da autoria na internet: uma prática discursiva”, em 2011, na área de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. O objetivo consistiu na investigação de formas e funções da autoria na Internet, principalmente, nos sites de redes sociais. A internet alterou a noção de autoria no ambiente online, pois nesse espaço há dispensa de um mediador para a publicação de textos, vídeos, fotografias, música, ou qualquer outro gênero responsável pela materialização discursiva.

Leitão afirma que a autoria na Internet, em particular nos sites de redes sociais escolhidos para a discussão, tratada como uma prática discursiva, não exclui nenhuma outra dimensão existente da atividade autoral. Ao contrário, enquanto prática discursiva, a atividade do autor expande-se em um nível bastante complexo. A noção de autor incorpora três dimensões que nos sites de redes sociais não são diferenciadas de forma determinante. A primeira dimensão, o autor-responsável, é compreendida através da ação de um sujeito que produz e publica um texto em algum site de rede social, o responsável por aquela produção textual. A segunda dimensão autoral diz respeito ao sujeito que organiza sua atividade de autor em paralelo a outra atividade profissional. Enquanto a terceira dimensão mostra o autor como correlato de uma obra, na realidade da Internet, algo que pode ser identificado a partir das suas produções na/para a comunidade virtual da qual participa.

Para Leitão, ser um autor implica reconhecer que uma dada situação pode ser transformada através do discurso. Esse discurso deve atender às expectativas do grupo social no qual se insere o autor e para o qual o discurso é direcionado. A autoria, portanto, não é algo dependente do sujeito produtor de discursos. A sua ocorrência é o reconhecimento de uma dada comunidade discursiva sobre a validade da contribuição do autor e seu discurso para aquela comunidade. O trabalho de Leitão nos permitirá discutir como um dado usuário se apropria do conteúdo na rede, assim como debater até que ponto tal conteúdo é produtor de significado nesse ambiente.

Matthias Ammann defendeu em 2011, na área de Educação da Universidade de Brasília a dissertação “Facebook, eu curto: uma análise mimética das redes sociais digitais.” O objetivo consistiu em redescobrir as relações miméticas que se apresentam por trás do ato de curtir no Facebook. O novo sujeito que emerge com o surgimento das novas tecnologias e o contexto em que ele atua apresenta como consenso o trânsito por um mundo marcado pela

velocidade dos desdobramentos, centralidade da informação e da comunicação em amplitude global e a tecnologia e sua arquitetura em rede, especialmente, através da internet e as facilidades para que o sujeito aja no ambiente virtual. Assim, o ambiente de informação veloz da contemporaneidade provoca mais impacto que os ambientes anteriores, pois na contemporaneidade é muito mais fácil, a partir de um simples clique, mandar um e-mail de um lado para o outro do planeta.

Dentro desse contexto, Ammann destaca o surgimento das mídias sociais e sua capacidade de produzir conteúdo de forma descentralizada e sem controle editorial de grandes grupos. Dessa forma, por meio das redes sociais as pessoas e também as organizações partilham valores, objetivos e interesses comuns. O estudo determinou trabalhar com a função curtir do Facebook, entendendo que tal função representa um contingente de sujeitos que se relacionam, se expressam e agregam sentido para diferentes conteúdos na rede social.

No que se refere ao ato de curtir, detectou-se que as mulheres curtem, acima da média, mídias textuais e fotográficas, enquanto os homens curtem, acima da média, páginas e vídeos. Os processos miméticos ainda são dominados por componentes textuais, mas tem aumentado o uso de outros recursos como fotografias, páginas e vídeos. A relação de amizade entre quem postou o conteúdo e quem curtiu foi de 53%, enquanto a relação familiar ou amorosa era de 11%. Também foi possível verificar que a dimensão ampla da ferramenta curtir a permite ser utilizada em diferentes situações e contextos.

Também foi verificado que o curtir é empregado pelos usuários como uma forma rápida de participação num dado acontecimento. Por fim, foi possível para o autor identificar que o emprego do curtir tem a intenção de demonstrar acolhimento, valorização alheia, reconhecimento, sinalização de presença e pertencimento. Tal estudo coloca em evidência a existência de um comportamento distinto por parte dos atores de redes sociais, fato considerado relevante para a nossa pesquisa, pois conforme citamos anteriormente, a discussão sobre o papel do Facebook dentro da sociedade contemporânea perpassa a análise sobre o mesmo ser um espaço de múltiplas facetas ou norteado por um comportamento padrão, sem que haja uma predominância quanto à repetição de atos.

João Vitor Rodrigues Gonçalves defendeu a dissertação na área da Comunicação Social intitulada “Gramática da Amizade: um estudo sobre Comunicação e a construção das emoções nas redes sociais online”, produzida no ano de 2012, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Com a internet, a amizade passa a receber o suporte de ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, fator que permitiu aos amigos manter contato com mais frequência para trocar mensagens, compartilhar arquivos ou bater

papo. Dentre essas ferramentas, se destaca o Facebook, site de rede social que permite a conexão entre amigos. Nesse espaço social de interação, os amigos reproduzem códigos da relação existentes fora da rede social online. Diante desse contexto, a pesquisa se propõe a compreender quais são esses códigos e como eles são reproduzidos no online, como no *offline*.

Quanto aos resultados, a tecnologia não deve ser encarada como fator determinante e capaz de reconfigurar os códigos de amizades anteriores à rede social, mas pode ser atribuído ao ambiente virtual a capacidade de impulsionar e incluir no âmbito das relações sociais outras formas de interação, de múltiplos conteúdos, independentes de tempo e espaço. O Facebook tornou-se um espaço social de interação, cujo funcionamento se baseia em regras comuns que regulam a relação de amizade e a expressão desse sentimento entre os indivíduos, através de uma linguagem própria, ancorados sobre as interações no contexto *offline*.

Joyce Galdino Gomes defendeu a dissertação “Mídias sociais, adolescentes e cidadania: espaço de representações e de educação para a mídia”, no ano de 2014. A pesquisa foi realizada na área de Educação, na Unesp de Presidente Prudente. Esse trabalho se desenvolveu em torno do objetivo de identificar e analisar a representação social de adolescentes do ensino médio, sobre a função da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania. A pretensão do estudo foi contribuir com a compreensão do recente fenômeno das mídias sociais, tão presente na vida dos adolescentes, assim como investigar as interferências sociais dessas mídias.

Gomes (2014) aponta como resultado de seu trabalho o fato de que o Facebook participa da rotina dos jovens, o que também mostra um potencial para o emprego na construção de atividades escolares, quando se referem a ambientes atrativos, que prendem a atenção dos jovens. Mesmo sem os jovens terem completo domínio das potencialidades da rede social, eles citam que o Facebook contribui em seu aprendizado por se tratar de uma mídia inovadora. Quanto à questão da construção de uma reflexão sobre cidadania, o conceito é compreendido de forma superficial, portanto, sem nenhum tipo de reflexão crítica, ativa e transformadora. Porém, quando questionados, os alunos investigados revelaram que o Facebook contribui no aprendizado sobre cidadania.

Fernanda Perroni Claro defendeu em 2012 a dissertação “Meninas, espelhos e fotografias: o edulcore da aparência na internet”. Esse trabalho foi desenvolvido na área de Artes e Educação, na Universidade Estadual Paulista, Campus de São Paulo. Desde a invenção da fotografia, o retrato fotográfico sempre funcionou como instrumento de

apresentação social. Na modernidade, a apresentação social se dá por meio da fotografia digital e sua livre circulação nas páginas de redes sociais através dos perfis de seus usuários.

Claro (2012) afirma que seu trabalho consistiu em um breve estudo sobre o fenômeno da infinidade de imagens produzidas por adolescentes paulistanas, para os seus perfis da rede social virtual do Facebook, pois jamais se tinha observado tanta produção de autorretratos fotográficos, cujas imagens compõem um universo visual que mostra o contexto social, político e econômico, como forma de registro do cotidiano e consumidas na mesma velocidade e quantidade com as quais são produzidas. No que se refere ao objeto de estudo, as adolescentes se fotografam de forma compulsiva em uma tentativa de conter aquilo que lhes escorre pelas mãos – o tempo, a efemeridade de sua beleza e a necessidade de obter crédito ou aprovação – que são os paradigmas do capitalismo pós-contemporâneo. Assim, o ato de se fotografar gera imagens efêmeras e parecidas esteticamente que apontam para a busca incessante por um padrão de beleza e de comportamento considerados ideais.

As fotografias do gênero autorretrato são construídas a partir de hábitos simbólicos, como reflexo cultural da sociedade de consumo e da economia tecnológica que impactam a vida dos adolescentes. Assim, os autorretratos se tornam uma forma de registro da autoimagem especular, que permite ao adolescente observar como se dá a mudança do seu corpo. A investigação realizada por Claro se aproxima do estudo aqui proposto no que se refere a dois aspectos, a existência de uma publicização cada vez mais exacerbada da intimidade, assim como o papel que a imagem desempenha dentro do ambiente virtual no que se refere à construção de um perfil capaz de atingir cada vez mais pessoas, fator que determina o alcance do sucesso por parte de um usuário de rede virtual.

Fabiola da Silva Cunha defendeu a dissertação de mestrado em Educação, pela Unesp de Rio Claro, no ano de 2012. Seu trabalho foi intitulado “As marcas de uma escola apontadas pelos membros de uma comunidade no Orkut”, a partir do interesse em estudar como se dá a construção da narrativa produzida por um dado membro de rede social sobre si mesmo e o significado que esse mesmo membro atribui à escola e aos estudos nesse processo. Para a execução da pesquisa foi escolhida a rede social Orkut. A comunidade escolhida apresentava membros falando de assuntos relacionados à escola onde estudaram ou trabalharam.

Sobre o objeto de estudo, as transformações pelas quais uma rede social passa são mais velozes e definitivas que as ocorridas em uma instituição como a escola. Dessa forma, embora predomine a necessidade e intenção de se acreditar que o duradouro é relevante e o passageiro não, a rede social na internet apresenta aos pesquisadores uma possibilidade distinta que consiste no fato de em seu funcionamento predominar a efemeridade compatível

com o ritmo de vida da sociedade contemporânea. Verifica-se que a escola é vista como local de convivência, dessa forma as interações com as pessoas são mais importantes que a instituição em si, mesmo que o ponto de vista e a narrativa mudem com o distanciamento espaço-temporal.

Ao contrário de Ammann, cuja pesquisa deu ênfase à multiplicidade de comportamentos nas redes sociais, o estudo de Cunha aponta para uma padronização na forma de agir do usuário, principalmente, no que se refere à inserção em uma comunidade. Dessa forma, percebemos que a questão sobre o comportamento predominante no espaço virtual não é algo definitivo, o que embasa a proposta de se verificar nessa pesquisa, como as ações dos usuários configuram o papel assumido pelo Facebook.

Felipe Camilo Mesquita Kardoso defendeu o trabalho “Confissões no Facebook: Educação e Subjetivação nas Redes Sociais”, na área de Educação Brasileira, na Universidade Federal do Ceará, no ano de 2013. Essa pesquisa teve como referência o fenômeno da subjetivação nas redes sociais digitais, objetivando investigar a emergência de subjetividades confessionais no Facebook.

Kardoso (2013) afirma que a partir do momento em que voltou seu olhar investigativo para o Facebook, iniciou uma observação sobre os aspectos, categorias e abordagens que emergiam da rede social e que permitissem investigar a constituição de subjetividades na rede social. Em pouco mais de três meses de observações preliminares, foi possível perceber o aspecto de práticas de confissão ou simplesmente práticas confessionais, um conjunto de hábitos e ações relacionadas a uma massificada exposição do cotidiano e da vida íntima. Nesse contexto, esse trabalho de investigação da aprendizagem de determinadas práticas digitais, das ações de marketing e das experiências dos usuários por meio da interface do Facebook teve por finalidade compreender o processo de produção de subjetividades confessionais em suas instâncias cotidianas relacionadas às instâncias políticas, econômicas e culturais que constituem a arquitetura da rede social estudada.

As ferramentas do Facebook, chamadas de medidores dos atributos (curtir, comentar e compartilhar) para as postagens, representam índices de relevância do conteúdo na rede. Assim, o usuário julga suas postagens por meio da quantidade de cliques que recebe em cada uma dessas ferramentas, empregando esse resultado como estímulo ou não para continuar a utilizar a rede social.

A cultura e a arquitetura da auto-exposição e do voyeurismo evidenciam a popularidade de aplicativos que automatizam o ímpeto da exposição pública a cada instante. Nesse contexto, verificam-se marcas e rastros da confissão nas sociabilidades desenvolvidas

entre os usuários da rede social, cujas práticas estão ligadas à arquitetura da rede e ao modo como o Facebook funciona economicamente. Com isso, a rede social incita e intensifica as práticas de exposição de si em favor de uma cultura confessional entre seus usuários.

“Jogos de (se) mostrar / dizer: o sujeito e os discursos sobre a língua inglesa na rede social Orkut”, dissertação defendida em 2008, por José Adjailson Uchôa-Fernandes, na área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, pela Universidade de São Paulo, apresentou como objetivo estudar duas comunidades do Orkut, que tinham como temática a língua inglesa, denominadas “eu amo inglês” e “eu odeio inglês”. Uchôa-Fernandes (2008) buscou analisar os enunciados produzidos no interior dessas comunidades visando à identificação de pistas a respeito do sujeito e dos modos como ele se comunica nessas mídias, especificamente, no que se refere ao conteúdo sobre língua inglesa, seu processo de aprendizagem e possíveis relações com a língua materna.

O senso comum atribui à rede a denominação de um espaço democrático, marcado pela liberdade ao usuário que escolhe como proceder nesse ambiente. No entanto, a suposta liberdade oferecida pela rede social esconde os elementos que determinam uma hierarquia implícita que acaba determinando como o usuário deve se comportar. O ambiente virtual dá a entender que ali tudo pode ser dito e feito, mesmo com a vigilância contínua dos demais usuários, isso porque o sistema permite o ocultamento da identidade.

Nesse contexto, o sujeito participante do Orkut se preocupa muito mais com o prazer gerado pela publicação, do que com a reação provocada no interlocutor. O interlocutor na rede social se transforma em objeto de prazer do enunciador. No que tange a maneira como o sujeito se refere ao assunto na rede social, essa participação é marcada por características que contribuem para a intensificação dessas representações que muitas vezes se produzem pelo fato do sujeito estabelecer uma relação de equivalência total entre língua materna e estrangeira.

Por fim, Daniel Bonfim da Silva defendeu em 2011, na área de Design e Arquitetura da Universidade de São Paulo, o trabalho “Redes sociais virtuais: um estudo da formação, comunicação e ação social”. Essa pesquisa se origina da percepção de que nas redes sociais os usuários estabelecem uma nova forma de comunicação, em que o usuário não é apenas espectador, como acontece em outras mídias, mas transforma-se em produtor e promotor de conteúdo para esse espaço.

Apesar dos sites de redes sociais parecerem simplesmente um espaço de entretenimento e passatempo, eles são mais do que isso, pois a mudança na forma como se produz a comunicação, antes norteadas de cima para baixo, agora horizontalizadas, permitiu que

as minorias também tivessem um espaço para expor suas ideias diante da sociedade. Nesse espaço, o usuário assume uma identidade projetada e também de resistência, cujo conteúdo disseminado não passa por nenhum tipo de avaliação ou censura, o que se posta ali é fruto do sentido do usuário responsável pelo comentário.

Nas redes sociais, os usuários são ao mesmo tempo emissores e receptores, sem nenhum tipo de hierarquia. A participação desse usuário no fluxo de informação é eletiva, pois geralmente, ele escolhe com quem deseja se comunicar, fator que determinará as informações recebidas na rede. O usuário da rede social também é mais acessível a assumir uma identidade projetada ou de resistência do que o agente de comunicação física.

Sobre a participação nesse ambiente virtual, a mesma se dá primeiro devido à produção e transferência de capital social, acreditando que as pessoas contribuem com a rede na expectativa de também aprender com ela; e, segundo, por causa da facilidade para estabelecer comunicações. Essa participação gera um efeito também fora do espaço virtual, inclusive com a capacidade de transformar estruturas da sociedade. O espaço também pode gerar manipulação devido à possibilidade de se criar perfis falsos, assim como o descontrole da privacidade afasta usuários das redes sociais.

Quanto à relação entre esse primeiro grupo de trabalhos e a tese proposta por esse estudo, as pesquisas aqui apresentadas se afastam de nossa investigação no que tange ao fato de que parte dos estudos centrou-se em grupos específicos de análise, como os adolescentes, o que não acontecerá em nosso trabalho. Da mesma maneira, parte das pesquisas procurou investigar a relação entre organismos sociais, como as escolas, e o que sobre elas pensam os usuários das redes. Porém, quando os trabalhos discutem os mecanismos empregados pelos usuários para se apresentarem na rede, assim como abordam as formas como se dá a publicização, ele se aproxima de nosso intuito, cujo propósito é identificar os conteúdos predominantes em postagens do Facebook, discutindo como essas postagens permitem a publicização e conseqüentemente a produção do espetáculo, fatores considerados chaves para se entender o lugar que a rede social Facebook ocupa na sociedade contemporânea.

Outro tema que foi observado na análise das teses e dissertações faz referência ao estudo do comportamento do usuário de rede social, cuja análise é preponderante para avançarmos na discussão proposta por nossa pesquisa. Esse tema aparece em quatro trabalhos apresentados a seguir.

Mario Rubens de Oliveira Carneiro defendeu a tese “Geração Y e a exposição voluntária no Facebook”, em 2012, na área de Administração de Empresas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O objetivo consistiu em identificar os principais

fatores que corroboram para o comportamento da Geração Y no Facebook, principalmente, no que se refere ao quesito exposição.

O estudo identificou que a exposição voluntária da Geração Y no Facebook está pautada em aspectos como: grau de ligação, afinidade e envolvimento sentimental dos usuários com o site; atitudes autocentradas, que revelam uma preferência por falar de si; exposição de sentimentos em busca de suporte emocional; e reconhecimento de malefícios no uso associado à incapacidade de abandono. Portanto, identifica-se que a Geração Y usa o Facebook de forma intensiva, voluntária, afetiva e ainda vê recompensa nessa atividade. Outro fator preponderante é o fato de usuários mais expositivos desenvolverem um comportamento rotineiro em relação ao site, o frequentando por diferentes meios e lugares, o fazendo de forma consciente por um lado e de forma inevitável por outro.

A nova geração de usuários transforma a internet de uma rede que interliga computadores a uma rede que conecta pessoas. Essa nova funcionalidade da internet tem aumentado também os comportamentos expositivos nas redes sociais. Tais comportamentos permitiram classificar o comportamento expositivo em três tipos distintos: voluntário, consentido e contrariado.

Beatriz Brandão Polivanov é autora da tese “Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica”, defendida em 2012, na área de Comunicação da Universidade Federal Fluminense de Niterói-RJ. O trabalho se constitui a partir da ideia de que as redes sociais são espaços de autoapresentação de atores sociais da vida cotidiana. Dessa forma, objetivou-se entender como atores de cenas da música eletrônica paulistana e carioca se autoapresentam no Facebook.

Pensar como atores se autoapresentam na rede social é também problematizar a questão da hipervisibilidade e superexposição aleatória do eu. Chama a atenção, a complexidade de se tentar construir a identidade de um usuário por meio das redes sociais, uma vez que esses espaços são um objeto novo, com bibliografia nova sobre o tema, assim se constituem como locais dinâmicos em constante modificação no que se refere às ferramentas ofertadas ao usuário. A partir dessas considerações, detectaram-se duas correntes teóricas que abordam as redes sociais, uma que observa esse espaço como um potencializador da superexposição do sujeito, por meio de uma visibilidade extrema. A outra corrente vislumbra a rede social como um espaço para relacionamento, manutenção de laços sociais e construção de identidade atrelada às novas práticas que surgem no meio social.

No que se refere à autoapresentação na rede social, a participação foi dividida em três eixos: sociabilidade e dinâmicas comunicacionais, estratégias de publicização e ocultamento, e, persona no Facebook. Sobre o primeiro critério, todos os entrevistados mostraram que suas relações são conflituosas no que se refere ao que pretendem expressar e performatizar na página para si mesmo e para os outros. Todos demonstraram ter critérios para aceitar pessoas para suas redes de contato, visando não romper a coerência expressiva de suas páginas. Os entrevistados afirmam não postar conteúdos íntimos, no entanto, a análise de perfis mostra uma excessiva gama de fotos pessoais, dos amigos e de familiares, assim como troca de mensagens públicas. As fotos escolhidas para o perfil mostram uma escolha criteriosa por parte do informante, pois representa um resumo da pessoa, assim como é também a responsável pela primeira impressão na rede.

João Osvaldo Schiavon Matta defendeu em 2012, na área de Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a tese “Mal-estar na adolescência: jovens de agendas lotadas nas redes sociais”. A proposta consistia em identificar se os adolescentes pesquisados podiam ser considerados nativos digitais com vivência profunda na internet e uso competente das redes sociais, e como esses jovens consomem esse espaço.

Apesar dos jovens serem convidados a assumir a centralidade na vida contemporânea, também não pode ser desconsiderado o fato deles se mostrarem autônomos e rebeldes diante das imposições sociais. Os enunciadores midiáticos criaram um estereótipo do jovem contemporâneo como o sujeito multitarefa, com a capacidade de acompanhar um número infinito de informação ao mesmo tempo, assim como lidar com várias telas presentes em seu cotidiano.

A complexidade dinâmica do dia a dia dos adolescentes mostrou que o estudo se referia a um objeto em constante movimento, sem comportamentos regulares e que possa ser generalizado como prega o senso comum. Também foi possível identificar que os jovens investigados estão em busca de sucesso para suas futuras carreiras, assim como se preocupam com as posições sociais que ocupam. Sobre o tempo, a palavra aceleração é o que domina esse ambiente, dando a impressão de que na atualidade o tempo passa mais depressa do que em épocas anteriores, quando na verdade são os indivíduos de hoje que vivem de forma mais intensa, como se estivessem com o pé no acelerador. Outro fator relevante é a busca pela visibilidade, pois ao mesmo tempo em que os jovens buscam construir uma identidade própria, eles também se deixam influenciar pelos padrões estabelecidos e padronizam o seu comportamento nas redes sociais.

Bruno Brito Pereira de Souza defendeu a tese “Antecedentes e dimensões do engajamento dos usuários de redes sociais: um estudo com o Facebook”, em 2012, na área de Administração, da Universidade Federal de Minas Gerais. O objetivo consistiu em mensurar o engajamento do consumidor com a rede social Facebook. Esse engajamento do consumidor foi medido como um construto reflexivo de segunda ordem formado pelas dimensões de ciclo de vida, recomendações, influências e conhecimento do consumidor.

No que tange à mensuração do valor do consumidor, na gestão de uma empresa, ela foca a aquisição e retenção objetivando o aumento dos gastos dos consumidores com a empresa ao longo do tempo. Quanto à relação do trabalho com as redes sociais, o avanço do uso da internet fez gerar uma proliferação de sites de redes sociais, como o Facebook, YouTube, Orkut, Google+, LinkedIn, Twitter e Instagram, que permitiram aos internautas alargarem o âmbito de suas conexões com os outros, assim como construir e manter uma rede de amigos para a interação social ou profissional e compartilhar ideias com os outros. Dessa forma, o uso de redes sociais permite aos consumidores terem um papel mais ativo como intervenientes no mercado e alcançarem quase todo mundo em qualquer lugar e a qualquer hora.

A análise permitiu esclarecer quais antecedentes devem ser focados para obtenção do Engajamento do Consumidor com a rede social Facebook. Dessa forma, para mensurar tal engajamento, os executivos do Facebook devem potencializar o Ciclo de Vida dos consumidores, lançando e aprimorando funcionalidades e aplicativos na rede social, monitorar e maximizar a captura de novos usuários com as recomendações dos consumidores, gerir as influências dos consumidores como, por exemplo, registrando as críticas feitas por eles sobre o uso do Facebook, o que os consumidores postam na rede sobre as experiências em usar tais redes, e implantar um processo formal de feedback dos consumidores para o Facebook com o objetivo de utilizar, possivelmente, a oferta de conhecimento por parte dos consumidores no desenvolvimento de novas funcionalidades. Esse trabalho é apresentado aqui devido à relação existente entre as redes sociais e o mercado de consumo, pois o Facebook apresenta essa característica comercial em seu funcionamento, como será apresentado mais adiante nesse estudo.

Dois trabalhos analisados tiveram como foco de investigação a manipulação ideológica e o poder. Cláudia Dias Prioste apresentou em 2013, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo a tese “O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual”. Essa tese tem origem a partir do aumento de acesso à tecnologia da informação e comunicação na contemporaneidade com o objetivo de analisar os mecanismos ideológicos de

manipulação psicológica impostos pela indústria cultural à subjetividade juvenil. Dessa forma, o trabalho visou a identificar hábitos e interesses dos adolescentes no ciberespaço que pudessem influir em sua constituição subjetiva.

Essa tese concluiu que a internet atrai os jovens para frequentar redes sociais, jogar, assistir vídeos, acessar *homepages* de celebridades e para ver pornografia. Os jovens veem a internet como um espaço onde as fantasias virtuais podem ser exercitadas, assim como uma forma de se tornar parte de um determinado grupo. Também foi possível verificar que os meninos têm fantasias onipotentes e sádicas, enquanto as meninas têm fantasias românticas. Portanto, o ciberespaço viola os direitos dos adolescentes que ainda se encontram em desenvolvimento psíquico. Tal fato ocorre devido aos lucros parecerem prevalecer à dimensão ética. Nesse caso, a internet transforma-se num incentivador da e da busca por satisfações narcísicas. A inclusão digital só se efetivará plenamente se acompanhada de uma efetiva formação crítica dos jovens no que se refere às mídias, permitindo-lhes uma condição reflexiva sobre o ambiente em que se inserem.

Essa entrega do adolescente às redes virtuais vai além da classificação de “vício”, mas se constrói como uma forma de constituição subjetiva. Apesar das primeiras impressões teóricas sobre cibercultura mostrarem uma perspectiva otimista sobre o papel dessa ferramenta, os exemplos encontrados a sua volta, quanto ao uso feito pelos adolescentes, levaram a autora a refletir sobre o verdadeiro papel exercido pela internet. Diante desse quadro, a pesquisa realizada permitiu constatar que a maioria dos jovens acessa a internet em busca de diversão. A maior parte não vislumbra o uso desse espaço para adquirir novos conhecimentos ou adquirir informações relevantes para sua vida. Também se verificou que os jovens usam esse espaço em busca de reconhecimento por parte dos colegas. Esse jovem está à procura constante de felicidade, e a internet entrou em sua vida como uma fonte barata, contínua, possível de se acessar em todos os locais onde o jovem se encontra e ainda permite compartilhar com outras pessoas os seus feitos.

“O Eu e o Outro Online: Discurso, Poder e Identidade nas Redes Sociais” de Ana Paula Melo Sylvestre, dissertação de Mestrado em Linguística, defendida pela Universidade de Brasília, em 2013, apresenta como objetivo central a investigação de como as relações discursivas evidenciam a construção de identidades nas Redes Sociais, em especial no Twitter e no Facebook. Também propõe verificar como as relações assimétricas de poder são mantidas ou modificadas nas práticas sociais nesses espaços. A facilidade para acessar um determinado discurso por meio das Redes Sociais traz importantes questões a serem investigadas, como: seriam as Redes Sociais espaços que asseguram uma forma de

democratização do discurso? Relações assimétricas de poder são perceptíveis nesses espaços? As Redes Sociais podem ser recurso de manutenção do poder hegemônico? Podem ainda ser espaço para mudança social?

As relações sociais complexas se configuram nas interações sociais digitais evidenciando assimetrias de poder, construções identitárias, formas de manipulação ideológica e papéis sociais diversos. Portanto, a utilização de suportes e mídias digitais, como a internet, e de novos meios de comunicação, expressão e interação, permite a reflexão sobre os recursos apresentados para a ocorrência de interações sociais e sobre o modo como as relações interpessoais de poder se transferem, ou não, para esses espaços. A conclusão desse estudo permitiu depreender que as relações discursivas no âmbito das Redes Sociais constituem identidades, por meio da distinção entre o eu e o outro. E, ainda, que muitas das identidades construídas pelo discurso podem ser questionadas e reelaboradas, propiciando a reivindicação de mudança social, através das Redes Sociais.

As reflexões identificaram a possibilidade das redes sociais permitirem uma democratização do discurso, ao disponibilizar espaço e voz para indivíduos em situação de dominação. As redes sociais estabelecem assimetrias de poder não tanto na atribuição de voz ao indivíduo, mas no fato de que a assimetria é materializada na repercussão e veiculação dos discursos, a partir dos diferentes potenciais de reverberação do discurso manifestos na influência que o indivíduo exerce no espaço digital. Sylvestre refuta a hipótese da democratização do discurso no âmbito das redes sociais, para ela o que existe são potenciais distintos de alcance dos discursos e práticas sociais nesses espaços.

Ambos os trabalhos relacionados à discussão da produção de poder nas redes sociais, são norteadores também para o debate sobre o papel do Facebook, uma vez que um sistema virtual só assume importância no meio onde se apresenta se tiver a capacidade de gerar algum tipo de poder, portanto, ter essa noção sobre como esse poder é constituído nesse espaço é primordial para a discussão que aqui se desenvolve.

A revisão de literatura também nos apresentou dois trabalhos que estudaram o uso das redes sociais para o estabelecimento de laços sentimentais. Nessa linha de análise, Mariana Santiago de Matos-Silva defendeu em 2011 a tese “‘Teclando’ com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto”. Esse trabalho foi desenvolvido na área de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A internet promoveu mudanças em praticamente todas as áreas da vida humana, no entanto, dentre os vários recursos disponibilizados pela internet, destaca-se a possibilidade de se relacionar

online seja para manter amizade ou até mesmo brigar com os outros. Além disso, a rede também possibilita que o usuário estude, namore, reclame de serviços públicos e privados.

Em meio a essas vastas possibilidades de uso do Orkut, localiza-se o emprego da rede social por pessoas enlutadas que enviavam mensagem a pessoas mortas, mas que tinham o perfil ativo na rede social. Assim, a pesquisa objetivou compreender esse comportamento por meio de uma revisão de literatura e pesquisa de campo. As entrevistas trouxeram o fato de que o acesso aos perfis dos falecidos, num primeiro momento, dá ao visitante a ideia de proximidade com o falecido. Diante dessa proximidade, os usuários têm a impressão de que o espaço possibilita uma comunicação com o morto, o que gera a postagem dessas mensagens. A prática dessa ação gera um sentimento de conforto, o que abrandaria a dor da perda de um ente querido.

Carlos Antonio da Silveira Junior defendeu em 2012, pela Universidade Estadual de Campinas, a dissertação “Ver e ser visto: a construção da vida migrante através de sites de redes sociais”, produzido na área de antropologia cultural. O trabalho objetivou discutir o uso de sites de redes sociais por parte dos migrantes brasileiros, oriundos de Botelhos, Minas Gerais, residentes nos EUA. Para a execução da pesquisa, o autor fez um recorte das redes sociais, optando por estudar Orkut e Facebook, pois nesses dois ambientes, cotidianamente, eram construídos por meio de mensagens, fotografias ou comentários, a maneira como os migrantes percebem a sua vida antes, durante e até mesmo após a emigração para os EUA. Nesse contexto, surgiu o interesse em analisar como os migrantes promovem a sociabilidade, (re)significam a migração internacional utilizando, para isso, os sites de redes sociais Orkut e Facebook.

O estudo apresentou o fato de que ambos os sistemas pesquisados permitem a sociabilidade, apesar de suas diferenças técnicas, por isso a sociabilidade no Orkut é menos intensa que a ocorrida no Facebook. No Orkut, o contato era estabelecido por meio de depoimentos e fotografias, enquanto no Facebook isso se dá por meio das ferramentas oferecidas pela rede como a função curtir, o que a caracteriza como algo mais dinâmico. No Facebook, os contatos são mais frequentes, mais cotidianos, e os conteúdos das mensagens enfocam conteúdos variados, e não apenas o tema da saudade ou do cansaço causado pelo trabalho.

Diante dos dados coletados e analisados, conclui-se que o perfil migrante não se constrói sozinho, mas depende da relação estabelecida com o usuário do outro lado da tela. O perfil é construído de acordo com os amigos e familiares que estão presentes nas redes de amizade. Os conteúdos das postagens se referem a fragmentos do cotidiano que vão das festas

às dificuldades encontradas nos EUA. Também se observa que esse espaço virtual permite a construção de uma memória conjunta com aqueles que ficaram para trás, um espaço afetivo compartilhado com a cidade natal.

O próximo trabalho teve como foco de investigação a possibilidade de se empregar as redes sociais como mecanismo de aprendizagem coletiva. Izabel Patrícia Meister defendeu em 2012, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, o trabalho “A tecitura do conhecimento nas redes sociais: habitat das inteligências coletivas”. A pesquisa foi desenvolvida na área da Educação, Arte e História da Cultura, inserida no contexto das redes sociais e seus novos contornos no ciberespaço. O caráter complexo do objeto investigado norteou o estudo para um caminho marcado por uma perspectiva multidisciplinar dividida em três eixos norteadores, a saber, o conhecimento, a inteligência coletiva e a complexidade.

A partir de uma ocorrência em sala de aula em que a pesquisadora trabalhava, quando uma de suas alunas utilizou a rede social Facebook, por meio de uma das ferramentas do sistema, para desenvolver um trabalho; despertou-se a possibilidade de se empregar as redes sociais como estruturas para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa, a criação e o compartilhamento de conhecimento. Esse fato, levou a autora a desenvolver junto com sua orientadora um curso denominado “Gestor de Redes Sociais e-Business”, o qual lhe permitiu compreender que a rede social e o espaço virtual podiam ser um local de aprendizado para todos os envolvidos. Portanto, esse trabalho teve o objetivo de analisar as redes sociais virtuais como espaço de conhecimento, investigando como o conhecimento é construído nesse espaço e se o mesmo possibilita a construção da inteligência coletiva.

Essa pesquisa trata o conhecimento e a inteligência coletiva como processos, não estão finalizados, são relacionados e se desenvolvem um a partir do outro, a partir de conexões, redes e contextos envolvidos. Por fim, percebe-se que há um contexto complexo que solicita ser visto como complexo, mas também incompleto e transitório; o que faria da complexidade a escritura de inteligências coletivas e de conhecimentos.

O último trabalho investigado apresenta como tema de estudo a identificação do papel das redes sociais no combate ao racismo. “Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância – um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2001)” é a dissertação defendida por Melissa Maria de Freitas Andrade, na área de Educação da Universidade de São Paulo, em 2012. A pesquisa objetivou identificar o papel das redes sociais em produzir conhecimentos e propor iniciativas que permitissem o combate ao racismo no Brasil. O estudo ainda teve a intenção de observar como os membros viam a comunidade e os conteúdos ali postados.

A possibilidade de se estabelecer relacionamento com pessoas que mostram o mesmo interesse que o seu aumenta o capital social de um indivíduo que participa das redes sociais. A reunião de pessoas com o mesmo interesse permite a criação de uma informação pautada na qualidade sobre o interesse desse grupo. A autora também afirma conhecer o fato das redes sociais não terem sido criadas para a discussão de questões educacionais, no entanto, sua abrangência permite aos usuários desenvolver novas formas de relação com o mundo e assim, também concretizar objetivos educacionais. Ainda sobre as redes sociais, elas são convidativas devido à fácil navegação e por permitir a um dado usuário observar e ser observado.

Quanto aos resultados levantados, a investigação consistiu em verificar os membros que de alguma forma estabeleceram interação nos espaços disponibilizados pelo Orkut, principalmente, os fóruns de discussões. Ao final da investigação, o material levantado não permitiu analisar em profundidade como a identidade negra é construída nesse espaço, o que direcionou o estudo para a investigação dos discursos de identidade ali produzidos. Tais discursos denotaram uma relação do negro a sua ancestralidade, assim como, possibilitou observar que tal identidade repudia termos como moreno, moreno escuro ou moreno claro. Diante desse quadro, observou-se que as relações raciais não são harmônicas, por isso a consciência negra emerge como forma de luta para mostrar essas diferenças e vislumbrar a possibilidade de mudança nesse sentido. Nas redes sociais, essa luta cria comunidades que recebem o nome de ícones da luta, apresentando frases, vídeos ou imagens desses ícones. A profundidade de cada fórum depende do capital social dos participantes do debate nesse ambiente. Ao final de sua análise compreendeu-se a comunidade NEGROS como um espaço do saber, uma comunidade composta por laço social, apontamento de conhecimento de um membro para outro, reação rápida aos acontecimentos e experiência de vida compartilhada.

Esses trabalhos finais, no total de seis, mostram como as redes sociais podem ser empregadas para diferentes funções no que se refere às relações interpessoais ali produzidas. Diante dessa variedade de temas presentes no espaço virtual, e a partir da constatação de que existem espaços voltados para a discussão de temas importantes dentro do contexto social vigente, esses trabalhos norteiam a investigação dessa tese que visará localizar onde se encontram no Facebook esse espaço de reação ao banal e de que forma tais páginas se diferenciam dos perfis direcionados por postagens de cunho expositivo.

Com a apresentação dessas teses e dissertações que abordam o tema das redes sociais na internet, essa pesquisa encerra a primeira parte de seu percurso. Na sequência, apresenta-se uma análise do Facebook dividida em três momentos. Primeiro, tem-se a interpretação dos

dados coletados por meio de questionário aplicado aos usuários que participam da “rede de amizades” do pesquisador. Na sequência, realiza-se uma análise de perfis de usuários da rede social com o objetivo de compreender como se dá a atividade de interação em perfis constituídos por quantidades distintas de “amigos”. Por fim, temos uma análise das publicações predominantes no Facebook, tomando como base os conteúdos disponibilizados na página pessoal do pesquisador.

O objetivo do próximo capítulo consiste em elaborar um mapa sobre o comportamento do usuário no Facebook, para então discutir tal comportamento à luz do referencial teórico assumido para debater os impactos da rede social na vida contemporânea. A construção desse capítulo se dá em seis tópicos. Em primeiro lugar tem-se uma leitura dos resultados referentes ao questionário aplicado a usuários que se relacionam no Facebook como o pesquisador dessa tese para medir a maneira como tais sujeitos percebem sua participação na rede social virtual. O segundo tópico analisa alguns perfis de usuários da rede, divididos segundo a quantidade de pessoas com as quais esses usuários interagem. Tais perfis pertencem a pessoas que não tem nenhuma relação com o pesquisador. Essa leitura visa verificar se as ações na rede se aproximam do recorte principal desse estudo, os “amigos” do pesquisador ou se os mesmos trazem algum fato distinto no comportamento do usuário de rede social.

O terceiro tópico realiza uma leitura de postagens feitas pelos interlocutores do pesquisador em sua página, visando levantar as ações predominantes nessas participações no Facebook. Depois de levantado as ações mais usuais, o tópico seguinte discutirá os efeitos e direcionamentos de tais postagens. O quinto tópico se direciona para uma leitura de grupos e comunidades existentes no Facebook e a discussão sobre as ações aí predominantes. Por fim, faz-se uma discussão sobre o processo de interação no Facebook e a análise das características que se destacam quanto ao uso do espaço no que se refere ao universo escolhido para esse estudo.

2. A PUBLICIZAÇÃO NA REDE SOCIAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO DO FACEBOOK

Qual o real papel de uma rede social? Desde a Primavera Árabe, onda de manifestações ocorridas no Oriente Médio e Norte da África no fim de 2010, emergiram várias teorias sobre a relevância das redes sociais na divulgação dos acontecimentos e também na organização de mobilizações. Depois, aqui no Brasil, as manifestações de 2013 também destacaram o uso das redes sociais como fonte de comunicação e organização dos diferentes grupos que tomaram as ruas de algumas cidades brasileiras. Porém, as redes sociais surgiram como um espaço para o entretenimento, sem nenhum tipo de preocupação com acontecimentos políticos e sociais.

Diante da dúvida gerada pela pergunta acima, mas compreendendo que a maioria dos usuários se utiliza desse espaço para relacionamentos de entretenimento, essa pesquisa de doutorado elegeu a rede social Facebook, criada em 2004, como objeto de estudo dessa investigação, tentando compreender como esse espaço é utilizado por seus usuários no que se refere à publicização da vida privada e postagens norteadas por aspectos espetaculares, visando elucidar o real papel da rede social no mundo contemporâneo tão influenciado pela tecnologia, especialmente, a internet.

Quanto ao objeto de estudo, segundo dados retirados da página Facebook para empresas, no último trimestre de 2014, o Facebook possuía no Brasil, a marca de 92 milhões de pessoas que acessavam a página mensalmente, número que corresponde a 45% da população brasileira. No período eram 62 milhões de pessoas acessando o Facebook diariamente. Tais números evidenciam que a rede virtual tem um papel na vida contemporânea, já que participa do universo de praticamente metade da população brasileira. Assim, esse estudo visa discutir que participação é essa e que tipo de impacto ela produz na vida desses milhões de usuários.

Ainda sobre o uso do Facebook, uma pesquisa de 2013, realizada pela Hibou, em parceria com o PiniOn, apontava que 78% dos entrevistados disseram usar o Facebook para assuntos pessoais, contra somente 1% que afirmou usar a rede para relações profissionais. A pesquisa ainda apresenta que 48% dos usuários postam conteúdo diariamente e 69% curtem ou comentam posts durante o dia. Portanto, é sobre esse ambiente intenso de relações que a presente pesquisa se debruça para discutir o lugar ocupado pelas redes sociais na contemporaneidade e debater também os impactos gerados pela exposição excessiva feita nesses espaços, assim como vislumbrar se a rede social em questão pode ser considerada

somente um espaço de entretenimento ou se há lugar na rede virtual para que emergjam discussões e debates sobre assuntos mais relevantes do que a simples exposição pessoal e a preocupação com o que se passa na vida de outros usuários.

A análise do site de rede social Facebook foi realizada em três momentos. Em primeiro lugar ocorreu a aplicação de questionário para usuários da rede social Facebook que mantêm relação de amizade com o pesquisador dessa tese. Em um segundo momento realizou-se a observação de atividade em página do Facebook, com foco em páginas pessoais, aqui se dividiu esse momento em duas etapas, uma de análise de 30 perfis abertos do Facebook, mas cujos usuários não têm nenhuma relação com o pesquisador, e uma análise de 443 postagens feitas na linha do tempo do pesquisador, com discussão sobre as postagens mais recorrentes. Por fim, procedeu-se a análise de páginas pertencentes a grupos, comunidades ou organizações não governamentais, voltadas para temáticas específicas, visando compreender se as atividades nesse espaço diferem daquelas que acontecem em páginas pessoais.

2.1 Percepções sobre o comportamento do usuário no Facebook

A primeira parte da investigação analisa um questionário aplicado a 323 usuários que participam da rede de amizade do autor dessa pesquisa. Para a aplicação do presente questionário foi adotado em um primeiro momento o envio de um convite individual a cada usuário que se relacionava com o pesquisador, para que o mesmo respondesse ao questionário. No entanto, diante dessa ação o Facebook considerou a mensagem enviada como *spam* e informou o pesquisador que sua conta seria bloqueada. Assim, foi necessária a criação de um evento na página do Facebook, onde os usuários foram inseridos para participarem do questionário. Para abranger todos os “amigos” do pesquisador foram criados dois eventos, cujo texto de abertura era o seguinte:

Segue o link: <http://goo.gl/forms/DX20YJprvc>

Olá pessoal,

estou realizando a aplicação de um questionário para coletar dados sobre o uso de redes sociais para concluir minha tese de doutorado. Esse questionário será aplicado somente para as pessoas que fazem parte da minha rede de amizades no Facebook. Ele não identifica o nome dos respondentes. Gostaria de contar com a colaboração de vocês.

É rapidinho para responder

Quem puder colaborar comigo, eu agradeço imensamente.

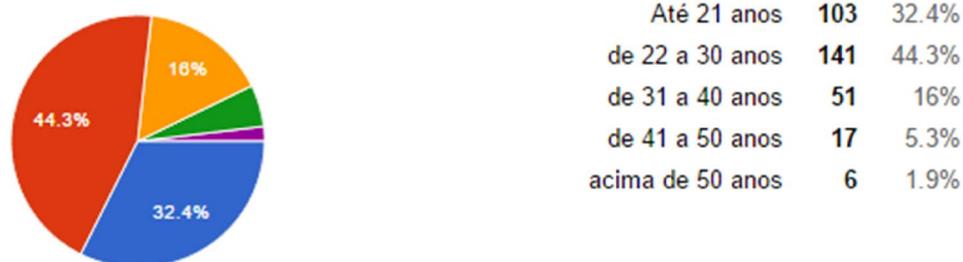
Assim, os interessados em colaborar com a pesquisa clicavam no link e eram direcionados para a página do Google Formulários, onde respondiam ao questionário (APÊNDICE A). Como o questionário não identificava o respondente e a participação se dava via internet e segundo escolha de cada usuário, não foi necessária a assinatura de Termo de Consentimento por parte do respondente. O propósito desse questionário foi perceber como o usuário da rede social vê a sua participação e das pessoas com quem se relaciona na rede social. Tal questionário foi cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sediado na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), de Presidente Prudente. Depois de avaliado e aprovado, está registrado na Plataforma Brasil sob o número CAAE 44436315.8.0000.5515.

O pesquisador, no momento da aplicação do questionário, contava em sua rede de relações com a participação de 1.252 pessoas. O presente questionário, aplicado através do formulário do Google, foi enviado para todas essas pessoas, das quais 323 se dispuseram a responder. A aplicação desse questionário coletou impressões sobre a participação de usuários na rede virtual, assim como levantou informações sobre a maneira como eles se comportam no que tange à exposição da vida privada, e também verificou como percebem essa atitude de publicização por parte de seus interlocutores no Facebook.

- 1. Qual sua idade?

As respostas para a primeira pergunta, apresentadas na Figura 1, se justificam devido ao fato do pesquisador ser professor universitário, assim a maioria de seus contatos na rede social é realizada com alunos e ex-alunos que se encontram em sua maioria nas duas primeiras faixas etárias, totalizando quase 77% dos usuários, os outros 33% fazem referência aos amigos, conhecidos e familiares do pesquisador. Veja abaixo a apresentação detalhada sobre a idade dos respondentes.

FIGURA 1 – Idade dos usuários que interagem com o pesquisador



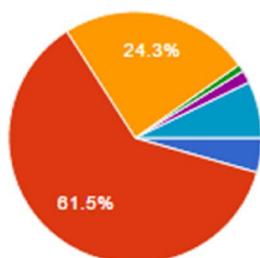
Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

- 2. Há quanto tempo você tem perfil no Facebook?

Essa pergunta mostrou que apesar dos dez anos de funcionamento, no Brasil, a rede social não alcançou a liderança entre as redes sociais desde seu surgimento, pois aqui, o Orkut predominou até o final da década passada. Foi somente a partir de 2009 que o Facebook atingiu o interesse do usuário brasileiro e passou a disputar a liderança entre as redes sociais no Brasil, assim a Figura 2 permite a visualização do tempo de uso dessa rede social.

Dentre as possibilidades de respostas, em primeiro lugar apareceu mais de cinco anos, fato que corrobora com o citado acima, período em que o Facebook assumiu destaque entre as redes sociais. Portanto, o usuário de rede social segue a tendência de mercado, participando sempre da rede em evidência em um dado período. Menos de cinco por cento de pessoas usam a rede desde seu início, enquanto a grande maioria aderiu ao espaço no momento em que a rede se expandiu entre os usuários virtuais. Também se evidencia os quase 25% que passaram a usar o Facebook há três anos, momento em que o Orkut se aproximava de sua extinção definitivamente, ocorrida em setembro de 2014.

FIGURA 2 – Tempo de uso da rede social Facebook



+ de 10 anos?	14	4.4%
+ de 5 anos?	195	61.5%
3 anos	77	24.3%
2 anos	3	0.9%
1 ano	5	1.6%
Outros	23	7.3%

Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

- 3. O Facebook foi sua primeira rede social na Internet?

A terceira pergunta do questionário apresentou respostas que condizem com o comentário feito sobre a Figura 2. No Brasil, o Facebook demorou para assumir a liderança entre as redes sociais, devido ao fato de no início a página ser disponibilizada apenas no idioma inglês, assim como o ingresso à página se dava por meio de convite. Diante desse quadro, 93,4% responderam que tiveram contato com outras redes sociais antes do Facebook e apenas 6,6% a usaram como sua primeira experiência nas redes sociais. Essa terceira questão foi construída em cinco perguntas, os usuários foram convidados a responder também outras questões sobre essa temática.

✓ 3A. Se não, qual foi a primeira?

Essa questão era aberta e entre as respostas tivemos dois usuários considerando e-mail e outros dois considerando os blogs como redes sociais. Na verdade, essas ferramentas são redes sociais, mas não é essa a percepção geral do usuário de internet. A maioria dos entrevistados desconsiderou essas redes sociais e apresentou como resposta as marcas que deram o pontapé inicial para a propagação desse espaço de relação interpessoal entre os usuários brasileiros. Foram lembrados por 250 respondentes o Orkut³; por 26 o MSN⁴; por seis o ICQ⁵; por cinco o mIRC⁶; e, por dois usuários o Twitter⁷, o Fotolog⁸ e o My Space⁹.

✓ 3B. Além do Facebook, você tem perfil em outras redes sociais?

Para essa questão, as respostas apontaram que 92,9% dos usuários entrevistados usam mais de uma rede social e apenas 7,1% acessam o Facebook. Essa questão mostra o impacto que as redes sociais alcançaram na contemporaneidade, pois devido às suas diferenças de funcionamento, os usuários recorrem a diferentes redes para sanar suas necessidades no mundo virtual. A partir dessa resposta, o questionário buscou saber quais são essas redes sociais com as quais o Facebook compartilha a atenção do usuário.

✓ 3C. Se sim, em quais:

As respostas completas podem ser visualizadas na Figura 3. A rede social que lidera essa lista com 97,3% de participação dos entrevistados é o WhatsApp. Em segundo lugar aparece o Instagram utilizado por 75,4% dos usuários. Depois o Youtube foi apontado por

³ O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 2004 e desativada em 2014. Seu objetivo consistia em ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, um engenheiro turco do Google. Suas características comuns permitiam adicionar amigos, trocar mensagens, postar fotos em álbuns. Além disso, o Orkut apresentava um bloco de notas para postagens de comentários, um espaço para os *posts* do usuário principal e as comunidades, espaços em que os usuários discutiam interesses comuns.

⁴ O MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft, em Julho de 1999. Era um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. Tal programa permitia que um usuário da Internet se relacionasse com outro que tivesse o mesmo programa em tempo real. O sistema permitia que o usuário tivesse uma lista de amigos virtuais, acompanhando quando eles entravam e saíam da rede. Esse programa foi fundido com o Windows Messenger, originando o Windows Live Messenger.

⁵ O ICQ foi um programa de comunicação instantânea pioneiro na Internet, pertencente à companhia Mail.ru Group. Criado em 1996, a sigla ICQ é um acrônimo com base na pronúncia das letras em inglês (I Seek You), em português, "Eu procuro você". No Brasil, ficou popularmente conhecido como "i-cê-quê".

⁶ O mIRC foi criado em 1995 com a finalidade principal de ser um programa chat utilizando o protocolo IRC (bate-papo), onde é possível conversar com milhões de pessoas de diferentes partes do mundo. Era utilizado somente para isto, mas evoluiu para uma ferramenta totalmente configurável, que pode ser usada para muitas finalidades devido à sua linguagem de programação incorporada.

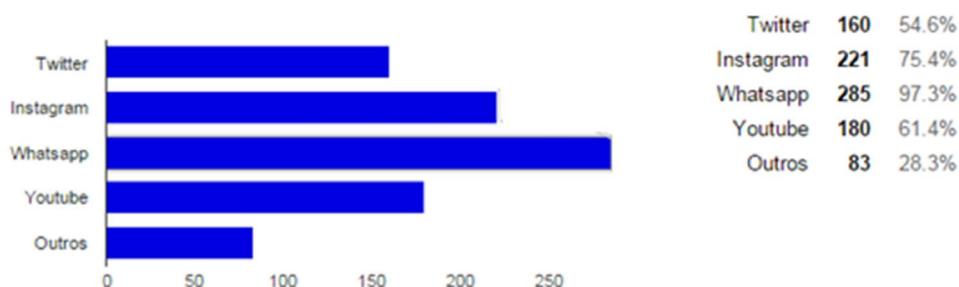
⁷ O Twitter é um serviço de microblogging que permite o compartilhamento de textos e links de até 140 caracteres. Atualmente, já dispõe do serviço de compartilhamento de vídeos, fotos e conversas online através da webcam.

⁸ O Fotolog é um espaço que permite ao usuário carregar suas fotos, comentá-las e receber comentários de seus visitantes em forma de livro de visitas, ordenado sempre de forma cronológica.

⁹ O MySpace é uma rede social que emprega a Internet para comunicação online por meio de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Criada em 2003, possui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. Já foi a rede social mais popular da Internet.

61,4% e o Twitter por 54,6%. 28,3% dos entrevistados ainda relataram que usam outras redes sociais como LinkedIn (30 pessoas); Snapchat (26 pessoas); Pinterest (12 pessoas); Tumblr (10 pessoas); Google+ (8 pessoas); Behance (4 pessoas); Tinder (3 pessoas); Skype, Wordpress, Outlook, Filmow, Elo e Flickr (2 pessoas); e, Brenda [Wappa], Badoo, Skoob, Happn, Lovoo, OK Cupid, Imo, Vimeo, Telegram, Ask, Weheartit, SoundCloud, Wattpad, Blog, Blogger, Só Quadrinhos, 500 px, ICQ, Deviantart, LastFm e Foursquare [Swarm] (1 pessoa).

FIGURA 3 – As outras redes sociais utilizadas



Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

Além do objeto de estudo dessa tese, o Facebook, e as quatro redes sociais disponíveis para resposta da questão, os entrevistados citaram mais 34 redes sociais, o que denota o quanto essa ferramenta participa da vida do usuário de internet pertencente ao recorte investigado na contemporaneidade. Quanto a essas redes citadas pelos respondentes, um fato que chama a atenção é que somente duas pessoas mencionam o Outlook e os blogs, o que nos permite compreender que para o usuário de internet investigado, e-mail e site de blogueiros não são percebidos como redes sociais virtuais e sim como sites, conforme mencionado anteriormente.

No entanto, redes sociais virtuais, conforme discutido no capítulo 1, fazem referência aos espaços da internet em que os diferentes usuários estabelecem uma relação devido aos laços que compartilham. Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) afirmam que uma rede social se refere a um grupo de pessoas ou organizações conectadas através de uma rede de computadores. Uma rede social se refere a um conjunto de pessoas conectadas para estabelecer relações interpessoais, sejam elas de amizade, trabalho ou em busca de informação. Para Recuero (2009), a rede social é definida pela junção de dois elementos, os atores e suas conexões. Esses atores podem ser pessoas, instituições e grupos que estabelecem os nós das redes, enquanto as conexões são as interações e laços estabelecidos nesse

ambiente. Dessa forma, os e-mails e blogs podem também ser considerados como redes sociais virtuais.

✓ 3D. O que você faz nessas outras redes sociais, que não é possível realizar no Facebook (Se usa apenas o Facebook, siga para a pergunta seguinte)?

Essa questão aberta colocou em destaque duas informações. Primeiro que o uso de outras redes sociais está atrelado a questões técnicas e de conteúdo de cada uma das redes, conforme relataram 58% dos respondentes. Desses respondentes, 34% usam o WhatsApp devido à agilidade da comunicação e a possibilidade de realizar ligações; 23,4% o Youtube para acessar vídeos com melhor qualidade do que a oferecida pelo Facebook; 17,7% usam o Instragam, principalmente, pela possibilidade de editar as fotografias e 14,8% utilizam o Twitter, por exemplo, para se informar sobre os fatos mais relevantes ocorridos ao longo do dia. Portanto, as redes sociais utilizadas pelos usuários e citadas anteriormente nesse capítulo se destacam por suas características técnicas e de conteúdo e são tais características que conquistam o usuário.

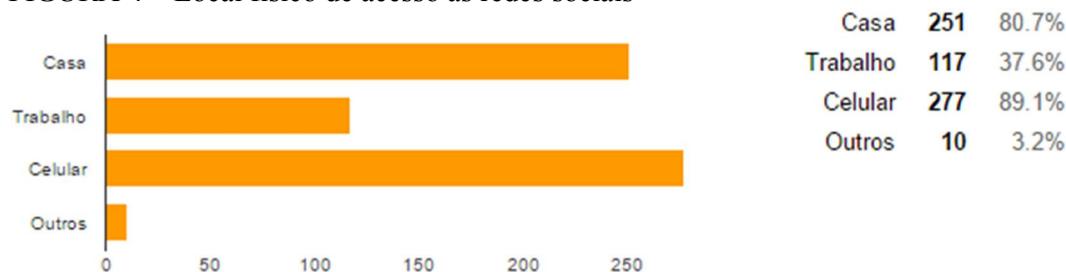
A segunda informação que se destaca nessa questão é que aproximadamente 13% dos respondentes visualizam que o Facebook permite a realização das mesmas tarefas que as demais redes sociais. Portanto, percebe-se que o Facebook é a rede social mais relevante da atualidade pelo fato dela reunir em um mesmo espaço ferramentas que as demais redes sociais ofertam isoladamente. Sua principal característica centra-se na multiplicidade de funções, permitindo ao usuário a realização do maior número possível de tarefas em um mesmo local.

Assim, as demais redes sociais, principalmente, aquelas com foco específico, ficam relegadas a usuários seletos que buscam por conteúdos particulares. Outro fator que se destaca na resposta dessa questão é o fato de 10,6% dos respondentes citarem o uso das redes sociais no campo profissional, especialmente, o LinkedIn¹⁰. Portanto, os sujeitos pertencentes ao recorte investigado, predominantemente composto por jovens (aproximadamente 76% dos entrevistados), visualizam na interação proposta pela rede social a possibilidade, quando do seu interesse, de se estabelecer relação profissional por meio dessas redes.

¹⁰ O LinkedIn é uma rede social de negócios fundada em 2002 e lançada em maio de 2003. Essa rede social é similar às redes de relacionamentos, mas é utilizada principalmente por profissionais.

- 4. De onde você acessa a rede social Facebook?

FIGURA 4 – Local físico de acesso às redes sociais



Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

Dentre as respostas apresentadas na Figura 4, dois dados chamam a atenção. O primeiro trata da importância dos *smartphones* no que se refere ao uso da internet e também das redes sociais, tanto que 89,1% responderam que usam esse aparelho para entrar no Facebook. A importância desse aparelho também pode ser observada quando se analisa o modo como a rede social se apresenta em um computador e nos aparelhos telefônicos, pois em ambos os ambientes os recursos da rede social apresentam diferenças de acordo com os recursos técnicos de cada um dos aparelhos.

Outro destaque dessa pergunta está atrelado ao número de pessoas que acessam a rede social do ambiente de trabalho, totalizando 37,6% dos entrevistados. Se compreendermos a rede social com sua função de origem, o entretenimento, tem-se aí um número elevado de pessoas usufruindo desse recurso em um momento que deveria estar se dedicando a suas funções profissionais. Esse dado será retomado ao final da análise desse questionário, quando discutiremos o papel da rede social Facebook para os usuários entrevistados.

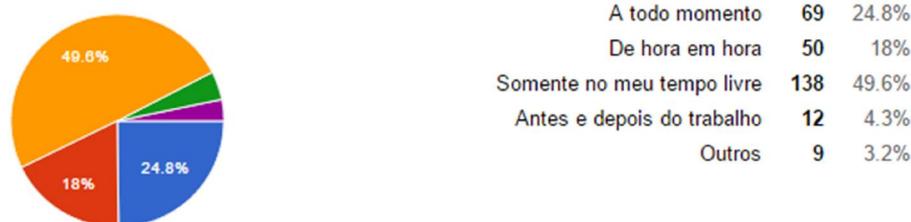
- ✓ 4A. Você entra no seu perfil do Facebook todos os dias?

As respostas mostraram que 85,7% dos respondentes entram em seu perfil diariamente, enquanto 14,3% não têm essa prática.

- ✓ 4B. Se sim, quantas vezes você visualiza sua timeline no Facebook ao longo do dia?

As respostas obtidas mostram que quase metade dos respondentes visita o perfil somente no tempo livre e que um quarto das pessoas visita a rede social a todo o momento. A partir desses dados, a Figura 5 apresenta os dados completos referentes ao uso diário da rede social.

FIGURA 5 – Uso diário da rede social Facebook



Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

- 5. Quantos amigos você tem em seu perfil?

Essa pergunta empregou o substantivo amigos, termo usado pela rede social Facebook para definir as pessoas com quem um dado usuário estabelece relação na plataforma. Os resultados mostraram sete pessoas afirmando não saber. Tal fato configura que muitos usuários de redes sociais não conhecem todas as características de funcionamento da mesma, pois o sistema disponibiliza esse número, sem necessidade de nenhuma operação com dificuldade elevada, basta ao usuário clicar sobre seu nome na tela principal e acessar a página do seu perfil e ali visualizará o número de amigos que possui.

Doze pessoas têm até 200 amigos em sua página. Catorze pessoas disseram possuir interação com até 300 amigos, enquanto 38 apresentam relação com até 500 amigos. 88 pessoas têm entre 500 e 1000 amigos e 83 entre mil e duas mil relações de amizade. 35 pessoas têm entre 2000 e 5000 amizades. A rede social Facebook permite que um dado usuário estabeleça em um perfil o máximo de 5000 interações. A partir desse número o usuário deve criar um novo perfil. No caso desse questionário, nenhum usuário se manifestou quanto ao fato de possuir mais de um perfil no Facebook. Os dados acima mostram que a maioria das pessoas entrevistadas apresenta entre 500 e 2.000 interações na rede social.

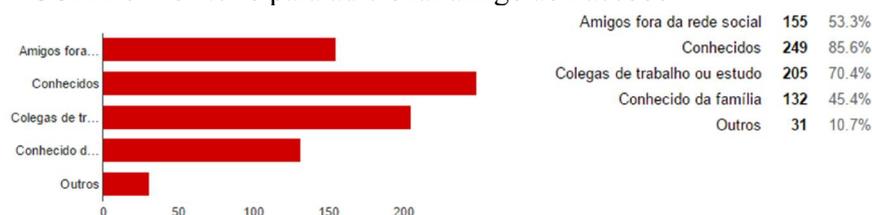
- 6. Você adota critérios para aceitar uma pessoa como seu amigo no Facebook?

94,2% disseram que estabelecem critério para aceitar pessoas no Facebook, enquanto 5,8% relataram que o fazem sem nenhum tipo de critério.

- ✓ 6A. Se sim, quais?

Tal questão objetivou saber que tipos de critérios tais usuários empregam para adicionar um novo amigo a sua página na rede social. A Figura 6 permite visualizar as respostas.

FIGURA 6 – Critério para adicionar amigo ao Facebook



Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

A figura acima permite depreender que apesar da relação entre usuários ser denominada de amizade e de 53,3% afirmarem que adicionam amigos fora das redes sociais, os demais números mostram que esse espaço não está pautado em uma seleção rigorosa do tipo de relação que o usuário pretende desenvolver em sua página. Assim, no que tange ao recorte investigado, qualquer pessoa com a qual esse usuário teve algum tipo de contato, tem permissão para realizar interação com ele, o que coloca em evidência o alto número de pessoas que determinam como critério de interação as relações de trabalho e estudo, assim como contatos familiares e também do cotidiano. Ao final, percebe-se que todas as pessoas que estabeleceram uma relação mínima com o usuário podem integrar sua rede de amizade virtual e a partir daí mostrar-se na rede desse usuário.

Nas redes sociais virtuais, o sucesso de um perfil depende da visualização que ele alcança entre os demais usuários da rede, o que denotaria ao usuário em questão exercer um poder de influência entre seus interlocutores. Por isso, quanto maior o número de pessoas que participam de sua rede, maior também é a possibilidade do usuário dimensionar sua participação no espaço e se destacar como um perfil respeitado. Nesse sentido, quanto mais “amigos”, um perfil apresentar, maior será a abrangência de suas postagens, o que estabelece a necessidade de se relacionar com um número cada vez maior nas redes virtuais, mesmo que a maioria dessas pessoas não faça parte da rede social física do usuário.

Essa questão ainda apresentou 10,7% dos respondentes escolhendo a opção outros. Nesse caso destaca-se como critérios afirmações do tipo “não aceito gente que não gosto”. Outras pessoas responderam que adicionam contatos de trabalho e pessoas públicas. Também tivemos pessoas respondendo que estabelecem como critério para a interação o alinhamento ideológico, enquanto outros disseram adicionar os amigos dos amigos. Também tivemos respostas que apontam como critério a participação em movimentos religiosos. Outro usuário disse: “Adiciono pessoas que conheço, porém que eu goste e saiba que não está lá apenas pra fofocar”.

Outra resposta diz que interage com “Pessoas que eu conheço e que tenham interesse comum comigo, ou pessoas que tenho algum interesse, mas ainda não conheço, esses, normalmente, passageiros.” Uma resposta afirmou acreditar que o importante é fazer amizade com pessoas que tenham interesses comuns e de qualquer lugar do planeta. Outra resposta cita não adicionar quem tem posição extremista no que se refere à política. Outro respondente disse que utiliza o espaço para divulgar o trabalho artístico que desenvolve e que por isso não tem parâmetro rígido para interagir na rede social. Percebe-se, de acordo com o grupo investigado, que a rede social Facebook é um universo frequentado por sujeitos múltiplos que tem interesses distintos, mas poucos são aqueles que determinam suas particularidades como critério para selecionar os membros com quem poderá interagir.

- 7. Desses amigos, quantos estão autorizados a visualizar todas as suas postagens?

Essa questão foi realizada devido ao fato do Facebook oferecer a possibilidade do perfil filtrar quem poderá estabelecer uma relação maior ou menor com esse usuário. Nesse caso, 67% responderam que todos os seus amigos estão autorizados a verem suas postagens na rede social, enquanto 25% disseram que estão entre 50 e 90% os que têm autorização para visualizar todo o conteúdo. Apenas 8% disseram que a metade ou menos de seus amigos são liberados para visualizar o conteúdo total de sua página.

- 8. Quantas postagens você costuma realizar por dia no Facebook?

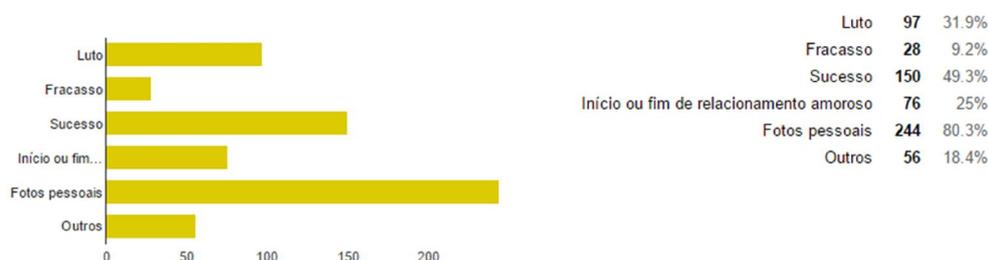
As respostas para essa pergunta mostram que 71,9% dos entrevistados realizam apenas um *post* diário. 24,4% fazem de duas a cinco postagens. Apenas 3,7% responderam que têm a prática de fazer mais de seis postagens diárias.

- ✓ 8A. Entre essas postagens, você compartilha com os demais usuários, coisas particulares de sua vida?

45,6% dos respondentes afirmaram compartilhar coisas pessoais na rede social, enquanto 54,4% responderam que suas postagens não apresentam conteúdos pessoais.

✓ 8B. Quais destes assuntos você já compartilhou em sua timeline?

FIGURA 7 – Assuntos postados no Facebook



Fonte: Tabulação do questionário aplicado aos usuários do Facebook

Os dados apresentados pela Figura 7 apresentam uma contradição em relação ao que foi respondido pelos usuários entrevistados na questão 8A, pois ali aproximadamente 46% reconheceram realizar postagens de cunho pessoal no ambiente virtual. No entanto, quando analisamos as respostas para a questão 8B, encontramos 49,3% dizendo que postam comentários sobre sucessos pessoais, assim como 80,3% revelando que postam fotos pessoais. Portanto, percebe-se que a maioria dos usuários pertencentes ao recorte investigado não reconhece a exposição fotográfica e os comentários sobre os sucessos como um fator de divulgação pessoal de sua vida. Ao final dessa análise, retomaremos esse aspecto ao discutirmos a publicização do privado ocorrida no interior das redes sociais.

Também se destaca nessa questão, o fato de aproximadamente 41% dos respondentes disponibilizarem em sua página do Facebook assuntos como os fracassos cotidianos e a perda de alguém próximo. Da mesma forma, 25% comentam sobre sua vida amorosa, enquanto 18,4% disseram usar as redes sociais para outros fins, entre os quais se destacam comentários, reflexões pessoais, notícias, discussões políticas, textos de humor, assuntos religiosos, comentários sobre futebol, compartilhamento de outras postagens. Também tivemos pessoas relatando que gostam de compartilhar informações com seus interlocutores.

Um respondente informou que posta fotos que possam inspirar outras pessoas, ao mesmo tempo em que evita a postagem de alguma fotografia que possa dar a ideia desse usuário ser superior aos demais. Outra resposta enfatizou postagens referentes ao noivado da usuária e depois sobre sua gravidez. Um respondente afirmou realizar postagem de divulgação de seu trabalho, assim como outro disse postar assuntos relacionados à sua profissão. Uma pessoa afirmou não compartilhar sua vida na rede, outra disse usar a rede apenas como

diversão, sem postagens pessoais. Em outra resposta, o usuário disse usar a rede social para ajudar cachorros feridos ou abandonados.

Outro usuário disse postar coisas que fujam de sua rotina, como a realização de uma viagem. Uma gama de respondentes deixou evidente que posta conteúdos atrelados aos seus gostos pessoais, fator que engloba os mais diferentes conteúdos. Merece destaque nessa questão, o fato de poucas pessoas exporem que não usam a rede social para falar sobre sua vida pessoal, pois mesmo as respostas acima fugindo das opções de respostas dadas na questão, o uso da rede social reflete sempre o compartilhamento com os demais usuários de coisas pessoais de um dado usuário, pois a página está ali sempre para revelar sentimentos, desejos e realizações dos participantes da rede social.

- 9. As pessoas que compartilham informações na sua linha do tempo, também apresentam fatos pessoais nessas postagens?

Dos respondentes, 88,9% disseram que tais postagens trazem conteúdo pessoal, enquanto 11,1% afirmaram que não. Essa questão permite visualizar em comparação com a anterior, que é mais fácil para o usuário identificar em seus interlocutores a postagem de assuntos particulares do que assumir que também a faz.

- 10. Você acha que as demais pessoas, que participam da sua rede de amizades, ao exporem fatos particulares, o fazem pelo mesmo motivo que você ou identifica outros motivos?

Diante dessa questão, 31 respondentes disseram que o motivo das postagens é o mesmo, enquanto 16 pessoas afirmaram que os motivos são diferentes. Essa resposta também evidencia a dificuldade de assumir a publicização privada no Facebook, pois se as postagens feitas seguem a mesma linha, por que a maioria dos respondentes disse não compartilhar fatos pessoais, ao mesmo tempo em que reconheceram que isso ocorre nos perfis dos amigos. Além dessas respostas, os entrevistados também comentaram que existem postagens com cunho publicitário e outras exibicionistas. Também encontramos resposta afirmando que as postagens buscam visibilidade dos demais usuários, assim como outra disse perceber pessoas que gostam de se expor, falando bastante sobre suas vidas, algo considerado desnecessário.

Um dos usuários disse que observa a rede social como espaço de entretenimento, ao mesmo tempo em que percebe que para algumas pessoas esse espaço é uma condição de vida. Também apareceram entre as respostas críticas aos fatos expostos, considerados pelo respondente como desnecessário, como informar o horário que saiu de casa, para onde foi, assim como o excesso de fotos postadas a todo o momento, além da indiscrição ao postar desabafos mal-educados sobre fatos do cotidiano. Outras respostas seguiram a linha de que o

excesso de exposição deixa transparecer uma carência por parte do usuário, notando inclusive que algumas mensagens têm o intuito de buscar apoio, conselho por parte dos leitores.

Uma pesquisa realizada pela Pew Research Center, em 2014, identificou que 36% dos entrevistados consideram irritante o fato das pessoas compartilharem informações pessoais em excesso. Essa prática recebe o nome de *oversharing*, que em português significa excesso de compartilhamento de informações pessoais. Portanto, essa exposição pessoal ocupa um espaço considerável da rede virtual e sua ocorrência gera reações por parte dos interlocutores, isto porque o sistema mostra em minha linha do tempo tudo o que ali é postado pelas pessoas com quem um usuário interage no ambiente.

As respostas também relatam a percepção do usuário de que algumas postagens mostram uma vida de aparências, enquanto outras têm o intuito de permitir ao usuário se aparecer, um jeito de mostrar que está presente e chamar atenção das outras pessoas que participam da rede social. Surgiu ainda nas respostas o comentário sobre postagens cujo objetivo é mandar uma indireta ou fazer drama sobre situações cotidianas. Também chamaram a atenção respostas que identificam pessoas que no Facebook mostram uma vida repleta de alegria, mas que na realidade vivem situação oposta, o que caracteriza a participação na rede social como um faz de conta.

Outra resposta faz referência a jovens estudantes próximos de ingressar no mercado de trabalho, mas que se apresentam nas redes sociais bêbados e utilizando palavras de baixo calão, uma crítica à exposição sem limites nesse espaço virtual tão amplo. Em outro comentário, o entrevistado disse que as pessoas gostam de aparecer, de serem valorizadas, além de mostrar o lado da vaidade de cada um. Também teve resposta que identificou a participação nas redes sociais devido à solidão. Por fim, um grande número de respondentes criticou o excesso de exposição, principalmente, aquele com a intenção de chamar a atenção, de alcançar destaque nas redes sociais, por meio de polêmicas ou indiretas a outros usuários.

- 11. Você já teve algum problema por causa de postagens que envolviam aspectos da sua vida pessoal no Facebook?

Apenas 16,6% relataram que tiveram problemas por causa do que mostram ou comentam em sua página na rede social.

- ✓ 11A. Se sim. O quê?

Os entrevistados citaram que tiveram problemas de relacionamento, com gente intrometida, envio de postagem citando o exagero no consumo de álcool para o chefe por parte de colegas de trabalho, ligações para parentes por parte de bandidos solicitando dinheiro para libertar o usuário, citando a cidade onde ele tinha feito check-in no Facebook, reprovação

em seletiva de emprego por causa da linha do tempo poluída na rede social. Também surgiram comentários sobre problemas com religiosos devido a comentários de conteúdo ateuista. Discussão por divergência de opinião também foi citada como um dos problemas, nesse caso, predominando a divergência política e religiosa.

Outros respondentes reclamam de publicações feitas por outras pessoas os agredindo, de maneira impúblicável. Outra resposta relatou uma reprimenda do patrão devido a uma postagem de cunho político. Postagens íntimas de amigas também foram citadas como problemas, além de serem relatados problemas de ciúmes em relação ao sucesso alcançado por um usuário. Uso de fotos postadas na página por outras pessoas em site de relacionamento.

Diante do exposto acima, percebe-se que os maiores problemas referentes à postagem em redes sociais, especialmente o Facebook, estão atrelados a relacionamento amoroso e questão de trabalho. Sobre o trabalho, a maioria dos problemas também está ligada ao consumo de bebida alcoólica por parte do funcionário, mesmo que esse consumo seja fora do horário de trabalho. Destaca-se também, o fato de muitos problemas serem gerados devido à incompreensão da mensagem postada por parte dos outros usuários.

Sobre essas questões, duas merecem um aprofundamento. Em primeiro lugar o fato da abrangência ilimitada do Facebook atribuir um novo sentido ao conteúdo ali disseminado. Enquanto um usuário considera o espaço como lugar para entretenimento, no qual ele tem o direito de postar uma foto em um momento de diversão com os amigos, para outros usuários o que geralmente acontece é que o espaço da rede social, a forma como se apresentam ali os fatos, assim como na televisão, sofre limitações ou produz recortes que impedem uma leitura do fato.

Enfim, parece haver uma espécie de fetichização da imagem pelas Redes Sociais Virtuais, em que elas ganham mais poderes do que a própria realidade, inclusive a substituindo. Dessa forma, as fotos ou comentários ali postados não são momentos de descontração, mas representam a personalidade de quem a postou. Portanto, essa desterritorialização do ambiente virtual ampliou o julgamento sobre as pessoas, no que tange ao fato do perfil se transformar no ser em sua essência, em tempo integral.

Em segundo lugar, a exposição do privado, em páginas do Facebook, oferece aos olhares do outro a intimidade do sujeito. Em várias situações não se separa mais o entretenimento daquilo que é pertencente somente ao mundo íntimo. Assim, alguns usuários trazem para a visualização de todos o que acontece em seus relacionamentos amorosos e também em sua vida profissional, se esquecendo de que essas questões envolvem outras

pessoas e que as mesmas podem discordar do fato de suas vidas serem expostas livremente aos olhares curiosos dos interlocutores do Facebook.

- 12. Você conhece alguém que já enfrentou problemas por causa de postagem pessoal no Facebook?

A resposta para a pergunta 11 mostra menos de 20% das pessoas reconhecendo ter passado por problemas relacionados a postagens no Facebook. No entanto, na pergunta 12, aproximadamente 48% disseram conhecer usuários que enfrentaram problemas por causa do conteúdo disponibilizado na rede.

✓ 12A. Se sim. O quê?

Essa questão quis saber que tipos de problemas foram esses e as respostas relataram que existem pessoas que tiveram problemas de trabalho e com amigos. O excesso de exposição, principalmente, de fatos íntimos é um dos maiores motivos para esses problemas; assim como questões referentes à discussão política e religiosa, discriminação sexual, brigas familiares e até mesmo infidelidade. Quanto à postagem de fotos, foi relatado que uma usuária teve fotos íntimas postadas na rede sem sua autorização, da mesma forma como pessoas terminaram relacionamentos devido ao local onde as fotos foram tiradas e postadas na sequência.

Ainda sobre essa questão de postagem de fotos, uma respondente disse conhecer alguém que sofreu assédio por causa de fotos de biquíni mostradas na rede social, enquanto uma empresa pediu para que a funcionária retirasse de seu perfil uma foto de biquíni tirada durante uma reunião de família. Diante desse quadro, percebe-se que a exposição excessiva gera problemas aos usuários, isto porque, a partir do momento em que uma postagem é feita na página, a sua característica de desterritorialização do tempo e do espaço, abre perspectiva para o julgamento do outro, feito de forma descontextualizada, uma vez que a análise se dá sempre a partir da ótica de quem lê a postagem e não no contexto em que a situação se desenvolveu, fato que gerou a publicação.

Um comentário que merece destaque foi um relato afirmando conhecer uma usuária, comerciante de roupas, que acusou uma concorrente, através do Facebook, de vender roupa de má qualidade. Segundo a resposta, essa questão acabou em processo na justiça. Também foram citadas pessoas que foram criticadas devido ao tipo de postagem feita no Facebook, além de outras que sofreram problemas com calúnias e difamações na página. Foi relatado também um caso de violação de imagem, isto é, uma foto postada na página de um usuário foi usada por outra pessoa que teve acesso ao conteúdo.

Os principais problemas sempre estão atrelados a relacionamentos amorosos e posicionamentos políticos. No que tange às questões políticas, um respondente disse que um usuário criticou um político na rede social e por isso, foi obrigado a se desculpar com o mesmo publicamente. Também apareceram fatos relacionados a questões entre alunos e faculdade, cuja reclamação foi feita direta na rede e gerou conflito entre instituição e alunos. De acordo com essas respostas, foi possível perceber que algumas empresas, antes de contratar um funcionário, visitam a página do pretendente nas redes sociais. A partir dessa análise do perfil na rede social, os entrevistados relataram conhecer pessoas que não foram admitidas devido ao perfil ter excesso de exposição.

Outro fato citado trouxe uma situação em que foi realizada uma postagem cobrando uma dívida, o fato gerou constrangimento para a devedora, que se sentindo ofendida acionou a justiça. Assim como relatos de pessoas que postaram conteúdo na rede social no horário de trabalho, se esquecendo de que o patrão participava de sua rede de amizades. Surgiu também a informação de uma pessoa que perdeu clientes devido ao fato de suas amantes ficarem brigando no Facebook. Portanto, o recorte investigado por essa tese mostra que a abrangência do Facebook interfere na vida do usuário além do espaço virtual, refletindo, além de questões pessoais, em aspectos profissionais e jurídicos.

Outro comentário cita que uma pessoa se afastou do serviço por depressão, mas no Facebook sempre postava mensagens e fotos expressando felicidade, a consequência foi a suspensão do benefício por problema de saúde. Também surgiu o comentário de uma pessoa que sofreu abuso de autoridade no trabalho devido a uma postagem opinativa feita na página do Facebook, enquanto outras pessoas foram demitidas por postar fotos ao lado do maquinário da empresa em que trabalhavam. Ainda sobre relações de trabalho, uma pessoa apresentou atestado médico na empresa e no mesmo dia postou foto no perfil participando de uma festa, fatos que corroboram para a análise anterior de que o Facebook há muito tempo deixou de interferir apenas na vida virtual do sujeito, mas gera também ações em seu mundo físico.

Na verdade, a rede virtual é uma extensão do mundo físico e o que ali é postado não se separa da vida física do usuário, por isso os atos lá apresentados geram consequências para seus responsáveis. A partir dos dados apresentados acima, destaca-se que a maioria dos problemas no Facebook surge devido à divergência de opiniões e excesso de exposição da intimidade, gerando resquícios nos relacionamentos amorosos e também nos empregos. No que tange à divergência de opinião, o usuário compreende a página como um espaço para ele expor seus posicionamentos, mesmo que estes não tenham embasamento em fatos, pois a

página pertence a esse usuário e ele se vê no direito de expor sua visão de mundo, mesmo que esta seja dissonante de seus interlocutores.

Já no que se refere aos relacionamentos, o convite à exposição em redes sociais leva os usuários a se exporem constantemente, assim como a expor também pessoas a sua volta que compartilham dos mesmos momentos físicos, porém, não são todas as pessoas que desejam estar na rede social, a mercê dos olhares alheios. Mas em seu funcionamento, norteado pelo convite permanente para que o usuário compartilhe sua vida, a vida alheia também acaba sendo invadida e publicizada sem a autorização dessa pessoa.

- 13. Qual a sua opinião sobre a postagem de informações ou imagens sobre fatos pessoais no Facebook?

Nessa linha dos problemas enfrentados por postagens feitas no Facebook, a questão 13 apresentou que os participantes do questionário têm posição diversa sobre isso, uns consideram esse fato desnecessário, enquanto outros relatam que o usuário deve encontrar um meio termo para não se expor muito. Outro respondente afirma que “Tudo tem limite. Temos que ter bom senso em tudo na vida. Temos que compreender que a internet leva tudo o que você postou pelo mundo todo. Devemos estar atentos às consequências de nossos atos. Principalmente quando envolvemos crianças e terceiros.”

Nessa mesma linha, um respondente afirmou que os fatos pessoais devem ser restritos, pois o Facebook é uma ferramenta que permite a pessoas de má índole utilizarem informações pessoais de forma inadequada, o que geraria problemas para a pessoa que fez tal postagem. Esse é o mesmo posicionamento de outro usuário que afirmou que as postagens devem ser medidas, pois usuários que exageram divulgando informações pessoais e íntimas sem ressalvas, podem ter tais informações usadas por criminosos. Essa situação deve-se ao fato do Facebook ser uma rede aberta, em que a partir de uma conta de e-mail tem-se um perfil elaborado e autorizado para que um dado sujeito navegue pelo sistema e se relacione com os demais usuários que se encontram cadastrados no site da rede social.

A questão da exposição pessoal, realizada em excesso, ser problemática refere-se ao fato de que nunca saberemos quem são as pessoas que estão do outro lado, observando tudo aquilo que compartilhamos, mas uma coisa é certa, não são apenas os nossos “amigos” que visualizam tais postagens. Portanto, o Facebook é um lugar onde ao se desnudar, você não faz isso direcionado apenas a quem você conhece e confia, mas mostra-se a qualquer pessoa que tenha cadastro no sistema.

Dessa forma, o que predomina nas respostas é que o excesso de exposição sobre coisas pessoais é considerado pelos respondentes como algo desnecessário, assim como também é

perigoso, pois permite às pessoas com as quais você tem pouco ou nenhum contato saber o que se passa em sua vida. O que se compreende é que para os respondentes, a interação realizada através do Facebook, deveria abster-se de conteúdos íntimos. Nesse espaço, compreende-se a divulgação de gosto musical, o relato de uma travessura feita pelo animal de estimação, porém, alguns participantes rechaçam a necessidade de mostrar o que acontece com a pessoa intimamente, como anunciar seus problemas de saúde, fins de relacionamento, entre outras práticas de exposição pessoal, textual ou imagética.

Também ocorreram vários relatos falando sobre a necessidade do usuário ter consciência em selecionar o que pode e o que não deve ser compartilhado. Muitos entrevistados entendem que os participantes do Facebook não têm essa noção do que cabe ou não compartilhar como os outros usuários da rede social. Também temos várias pessoas preocupadas com a invasão de privacidade que esse excesso de exposição pode gerar, permitindo como citado acima que estranhos tenham conhecimento de sua vida e sua rotina. Um grupo de usuários também citou que o excesso de exposição se dá devido à carência por parte dos usuários, que procuram por meio dessa atitude expositiva aumentar sua autoestima.

Outra fala constante pertence àqueles que julgam o uso das redes sociais uma coisa normal, compreendendo sua estrutura como um espaço para a disseminação de fatos do cotidiano e que, portanto, consideram normal essa exposição, assim como respeitam o direito das pessoas exporem sua vida como quiserem. Nesse caso, alguns condenam o excesso de informação distribuído a quem o usuário tem pouco contato. Outros são mais radicais e dizem que “Se você não quer saber não siga e se você não quer que saibam não poste”. Algumas respostas condenaram o excesso de postagem atrelado ao vício do uso da rede social e a necessidade de ganhar curtidas de seus interlocutores, assim como condenam também o uso do espaço virtual como muro de lamentações para os problemas pessoais.

Certo número de opiniões defendeu o direito das pessoas de postarem o que bem entendem no Facebook, alegando que essas postagens serão dirigidas apenas para seus amigos. No entanto, isso não é inteiramente verdadeiro, pois se o usuário não tiver conhecimento técnico para usar uma rede social, provavelmente ele não saberá como bloquear o acesso à sua página e esta ficará à disposição de qualquer usuário que visite a plataforma. E isso é o que acontece com a maioria dos usuários do Facebook, os perfis são livres para serem vistos por qualquer pessoa.

Como já citado anteriormente, a página virtual distribui o conteúdo ali publicado da forma mais ampla possível, assim é constante nos depararmos em nossa linha do tempo com postagens de pessoas desconhecidas, mas que têm alguma relação com amigos, parentes ou

companheiros de trabalhos, e por isso, o que fazem no Facebook, nos é mostrado. O sistema oferece uma ferramenta de bloqueio, a partir da qual se restringe o acesso à sua página e conseqüentemente ao conteúdo que você disponibiliza, mas a maioria das pessoas não se importa ou desconhece essa questão e assim, cada vez mais, nossa vida se transforma em espetáculo para olhares desconhecidos.

Ao final da análise das respostas para essa questão sobre o que os usuários pensam sobre essa exposição foi possível perceber que independente das pessoas concordarem ou não com a exposição excessiva, uma coisa se destacou como comum, a preocupação com a necessidade de que cada perfil saiba filtrar aquilo que aparecerá em sua página do Facebook, especialmente, preservando fatos e imagens de foro íntimo. Algumas respostas também condenaram o excesso de postagens reclamando da vida ou afirmando viver uma eterna felicidade, o que segundo algumas pessoas são teatrais, pois na vida real não é isso que se passa com estes usuários.

- 14. Você tem algum temor no que se refere a expor sua vida num ambiente com tanta abrangência?

A partir da percepção que os entrevistados apresentaram sobre o comportamento de seus interlocutores nas redes sociais, a questão acima mostrou que 63,8% dos respondentes temem as conseqüências da exposição no Facebook.

- ✓ 14A. Se sim. Por que mesmo assim, compartilha dados pessoais na rede?

As respostas dadas apresentam um grupo de respondentes afirmando que não realizam nenhum tipo de postagem de cunho pessoal. Outro grupo disse postar coisas que eles consideram não afetar sua vida e não provocar nenhum tipo de problema. Enquanto outras respostas afirmam selecionar bem o tipo de conteúdo que será exposto no Facebook, dando a ideia que evitam postagens pessoais. Em uma resposta, o usuário disse se irritar com pessoas que compartilham na rede coisas relacionadas à sua vida pessoal, considerando isso falta de respeito com a privacidade alheia.

Outra resposta afirmou que realiza apenas postagens de cunho ideológico, usando a rede como um espaço para disseminar sua opinião sobre fatos políticos, culturais, entre outros. Também apareceram respostas dizendo que as postagens feitas são restritas, porém, mais uma vez reforço o que foi citado anteriormente, isso não é garantia de que esse conteúdo não se espalhará pela rede. Outras pessoas dizem compartilhar poucas coisas na rede social.

Uma parte dos respondentes disse que postam por achar que nada de ruim pode acontecer a partir dessa atividade e assim mantém a prática de compartilhar fatos cotidianos no Facebook. Da mesma forma, outros disseram que o fazem por modismo. Também tivemos

respostas afirmando que essa prática foi uma forma encontrada por eles para estar próximo de amigos e parentes que se distanciaram fisicamente. Algumas respostas frisaram o uso da rede social como fonte de trabalho, o que os obriga a divulgar mensagens constantemente.

Encontramos também afirmações que relatam o uso do Facebook como uma forma de interação com outras pessoas e uma maneira de manter-se atualizado no que se refere aos avanços tecnológicos, o que os leva a usar todas as redes sociais disponíveis. Outras pessoas afirmaram que o Facebook é uma forma de mantê-los em destaque em relação a outros usuários, pois se não participarem correm o risco de serem esquecidos, “hoje tudo gira em torno das redes sociais ou você faz parte ou fica ‘alienado’ na sociedade”.

Outros dizem que o objetivo de suas postagens é atizar a curiosidade alheia. Assim como têm pessoas que dizem não resistir e acabam postando coisas particulares. Um usuário disse que “Não sei. Talvez eu seja um pouco idiota como os meus amigos”. Ele não concorda com a atitude dos amigos, mas mesmo assim acaba tendo o mesmo procedimento. Por fim temos aqueles que dizem assumir esse procedimento por ser esta a função da rede social, dessa forma, buscam estabelecer contato com pessoas que apresentam os mesmos interesses e gostos através do Facebook.

- 15. Qual a principal função do Facebook no seu dia a dia?

Diante desse questionamento, 98 respondentes disseram utilizar o Facebook para se manter informado sobre o que acontece no cotidiano, seja seguindo páginas das agências de notícias ou visualizando páginas sobre assuntos de preferência desses usuários. Enquanto isso, 70 pessoas responderam que o uso da ferramenta se dá para manter contato com familiares e amigos. Para 69 pessoas o uso do Facebook está atrelado ao entretenimento, usam a rede social para se descontraírem e fugir da rotina corrida do dia a dia. 55 usuários responderam que o Facebook tem uma função de trabalho, para alguns é uma maneira de manter contato profissional, enquanto para outros uma forma de divulgar seus produtos e alcançar um número maior de clientes.

Para 47 pessoas, o uso do Facebook é uma forma de interagir com diferentes indivíduos sobre assuntos distintos. Usam a ferramenta para conhecer novas pessoas e também para adquirir mais informações sobre suas preferências. 25 usuários disseram que a rede é uma forma de manter contato com pessoas distantes, sejam elas amigos ou familiares. 23 pessoas responderam que usam a rede social para compartilhar conteúdos e expressar sua opinião sobre diferentes assuntos, enquanto 14 usuários disseram empregar o Facebook para desenvolver trabalhos acadêmicos ou então manter contato com colegas da faculdade sobre conteúdos e atividades a serem desenvolvidas.

Outras 13 pessoas afirmaram que acessam a página para saber a opinião alheia sobre diferentes temas cotidianos, enquanto nove pessoas assumiram que visitam a rede social para saber sobre a vida dos outros mesmo. Cinco pessoas disseram entrar no Facebook para realizar postagens que possam de alguma maneira influenciar outras pessoas. Três foi o número de usuários que responderam utilizar o site para acompanhar mídias e ver coisas relevantes para elas. O mesmo número disse usar o bate-papo do sistema e outros três afirmaram utilizar o grupo fechado que lhes permite ter acesso a conteúdo exclusivo do seu interesse.

Para seis pessoas o uso do Facebook se dá para ver fotos e vídeos, enquanto quatro o usam para relacionamentos, não deixando claro se tal relacionamento é amoroso ou de interação. Três pessoas citaram que usam o site para manter contato com namorado ou namorada. Para outras três pessoas a rede social não tem função nenhuma em sua vida, porém apesar dessa fala percebe-se que eles mantêm o perfil ativo. Também tivemos respostas dizendo que usam a página para seguir *fanpages*, outros para evangelizar. Também foram citadas sua utilidade para contatos internacionais e até mesmo pesquisa e análise do comportamento do usuário. Em duas respostas apareceu o fato de que o uso dessa rede social atrapalha as tarefas diárias e desperdiça o tempo.

Um usuário disse não precisar do Facebook, criticou as pessoas que dedicam boa parte de seu tempo para fazer postagem na rede social, mas ao final afirmou que usa a rede social para se manter inserido na sociedade, o que mostra uma contradição, uma vez que sua visão é de que se sair do espaço perderá laços com as pessoas. Portanto, de alguma forma ele precisa da rede social. Outra resposta contraditória relata que “Na verdade essa rede social não tem uma função no meu dia a dia só acesso para ver fotos ou mesmo me atualizar sobre alguma notícia porque acompanho página de grandes jornais.” Como pode um espaço que oferece atualização e informação ao usuário ser considerado com algo irrelevante.

Uma resposta focou em uma das principais características da rede social que é a quebra da barreira da distância, porém enfatizando que isso gera uma barreira entre as pessoas próximas, pois “ele pode nos levar para perto de pessoas que estamos muito longe, e nos afastar de pessoas que estamos perto”. Outro deixou claro a influência que a rede social desempenha na vida do usuário, transformando a visita ao site em uma coisa automática, tanto que “Planejo quase diariamente encerrar minha conta, mas quase sempre é a primeira coisa que faço quando ligo o computador (depois de ter checado pelo celular). No PC me esforço para abrir primeiro o email.”

2.2 Análise da atividade de interação em perfis do Facebook

Após a análise dos dados colhidos por meio da aplicação de um questionário para usuários do Facebook, esse tópico passa para a segunda etapa da pesquisa empírica. Na primeira parte dessa etapa, tem-se a análise de 30 perfis escolhidos aleatoriamente, empregando como critério de seleção a divisão dos mesmos em cinco grupos por número de amigos apresentados nas páginas. Essa seleção aleatória foi construída da seguinte maneira, o pesquisador visitava a página do Facebook e ali no campo de pesquisa digitava nomes esporádicos como “José”, “Maria” e então escolhia pessoas com as quais ele não tinha nenhum tipo de relação, para se afastar o máximo possível de indivíduos com os quais ele poderia estabelecer algum vínculo. Quando se deparava com perfis totalmente distantes do seu contato, o pesquisador verificava se esses perfis se enquadravam no critério de grupos adotados conforme apresentado abaixo. Os perfis analisados foram selecionados no primeiro semestre de 2015, porém a análise das atividades de interação foram realizadas somente em julho desse ano.

Cada um dos grupos apresenta seis usuários que terão suas identidades preservadas. Esses grupos foram divididos da seguinte maneira: usuários com até 250 amigos; de 250 a 500 amigos; de 500 a 1.000 amigos; de 1.000 a 2.000 amigos e acima de 2.000 amigos, vislumbrando que um perfil do Facebook permite que o usuário estabeleça até 5.000 interações. O motivo dessa divisão refere-se ao fato de buscar compreender se o número de relações de amizade interfere no tipo de interação realizada pelo usuário e se também influencia na maneira como um dado usuário publiciza sua vida privada na rede social. Os trinta perfis analisados serão identificados pelas letras FB, alusão a Facebook, seguido de um número.

2.2.1 Perfis com até 250 amigos

Os perfis de FB1 a FB6 são compostos pelos usuários que têm até 250 amigos em sua rede social. FB1 é o perfil de uma usuária com 62 amigos. Essa usuária realizou em trinta dias 13 postagens, entre elas uma compartilhava um álbum de fotos de família destacando uma criança, todas as demais postagens tinham relação com mensagens de cunho religioso. FB2 é um usuário com 65 amigos. No momento da análise, sua página apresentava apenas três postagens nos últimos 30 dias. Visualizando a página percebe-se que esse usuário tem a prática de compartilhar vídeos em sua linha do tempo. Os vídeos postados têm tom romântico

e de relação familiar. Também aparece aqui algo característico da rede social, o compartilhamento de mensagem que reprova as pessoas que discutem diferentes assuntos nas redes sociais, os classificando como chatos. Encontra-se também a foto de uma criança e uma moça na praia com a legenda “Dia perfeito com meu príncipe”, denotando que a criança em questão é filho do usuário.

O perfil FB3 pertence a uma usuária que no momento da seleção para a análise contava com mais de 100 amigos. No entanto, no momento da realização dessa pesquisa o perfil apresenta apenas cinco amigos e a última postagem feita era de 07 de maio de 2015. Percorrendo as páginas nos deparamos com postagens de cunho pessoal, citando a necessidade de mudança na maneira de se comportar, evidenciando problemas de relacionamento recentes. Em primeiro de maio de 2015 foi realizada postagem informando que passaria o dia no parque e ao fim do dia fez uma postagem informando o retorno do passeio. Entre as mensagens relacionadas à questão sentimental destaca-se frase como: “Aprenda: quem sente sua falta, te procura.”

O perfil FB4 pertence a uma usuária com 216 amigos e no momento da investigação, a última postagem era de 1º de janeiro de 2015, enquanto a anterior era de julho de 2014. Ambas as postagens são de fotografias de paisagem com flores em uma e pôr do sol na outra. Apesar do pouco uso da página, ainda assim encontramos a postagem de uma foto do usuário do perfil e outra de sua família. Essas fotos aparecem porque são usadas na identificação de perfil do usuário e foto de capa de sua página.

FB5 apresenta 223 amigos e pertence a um usuário de 29 anos. Sua página teve interação na data do seu aniversário quando algumas pessoas passaram para felicitá-lo. Anterior a isso, o usuário fez algumas postagens em janeiro de 2015, em um único dia, compartilhando memes produzidos pela página Trollando, brincando com os mais variados assuntos. Por fim, o perfil FB6 é de uma usuária com 110 amigos e contava com apenas duas postagens na página no momento da análise. Ambas se referem a fotos, a primeira de perfil e a outra de capa, onde a usuária está ao lado de outras pessoas, aparentando serem membros da família. Fora isso não teve mais nenhum tipo de interação no ambiente da rede social.

Portanto, essa primeira parte da análise nos mostra que pessoas com poucos amigos, utilizam o Facebook raramente, assim como estabelecem poucas interações nesse ambiente. No caso dos seis perfis analisados, excetuando a data de aniversário, são raras as interações com os usuários oriundas de seus amigos ou então a quantidade de curtidas ou comentários de suas postagens.

2.2.2 Perfis entre 250 e 500 amigos

O segundo grupo analisado é composto por perfis que apresentam entre 250 e 500 amigos. Esse grupo de análise é composto pelos perfis de FB7 a FB12. O perfil FB7 pertence a um usuário que tem 273 amigos. Ao analisar a sua linha do tempo nos deparamos com mais interações do que aquelas encontradas nos perfis do primeiro grupo. Esse perfil traz três postagens de fotos pessoais, uma mostrando a refeição do dia, enquanto nas outras duas aparecem os membros da família. Uma foto é para destacar o aniversário de casamento do casal e na outra temos pai e filho preparando um churrasco. Essa página também apresenta diferentes mensagens e memes brincando com diferentes situações do cotidiano, assim como relações familiares e de amizade. Nesse perfil também foi localizada uma postagem sobre um brinquedo de infância do usuário, o chamado rolete, a partir de uma matéria de jornal que comentava a diferença da infância do passado, sem acesso a tanta tecnologia, e a infância moderna.

O perfil FB8 é de um usuário com 279 amigos. Trata-se de um perfil com considerável quantidade de interações, com várias postagens feitas por um amigo envolvendo vídeos de esporte a motor com motocicletas, em pistas e cross. O próprio usuário também posta alguns vídeos sobre o mesmo tema. Esse perfil também é bastante utilizado para a divulgação de uma empresa que trabalha com barras de cereais, o que denota envolvimento do dono do perfil com a empresa. Da mesma forma são publicadas na página várias matérias sobre questões financeiras. A última postagem da página brinca com a influência da tecnologia na vida das pessoas, mostrando uma imagem de netos visitando a avó, mas não há nenhuma conversa entre as pessoas, pois todos estão concentrados em seus *smartphones*.

FB9 é uma usuária de 38 anos que tem 423 amigos. Esse perfil é bem ativo, com postagens de diferentes assuntos, com destaque para vídeos sobre animais, com ênfase em cães e gatos e também postagens políticas, especialmente reportagens sobre o atual governo, produzidas por jornais e sites de notícias. Nesse perfil apareceram poucas fotos de família e de passeios do usuário e apenas uma de perfil. Destaca-se nessa página o fato de que compartilhamentos políticos são acompanhados de comentários opinativos do usuário, deixando claro sua posição política. Por outro lado, chamou a atenção uma postagem sobre uma festa de aniversário temática para um cachorro.

O usuário do perfil FB10 se relaciona com 458 amigos. Esse perfil não tem postagem desde março de 2015 e as três últimas apresentam uma foto pessoal do usuário, duas dando a ideia de que ele está a bordo de um navio e uma referente a uma viagem realizada. As demais

postagens são mensagens religiosas, vídeos de temas gerais e notícias sobre futebol. Assim como todos os perfis analisados até o momento, esse também não tem nenhuma postagem textual sobre fatos cotidianos. Esse perfil bloqueia a visualização das atividades mais recentes.

A usuária de FB11 tem 495 amigos. Esse perfil é repleto de postagem de fotos. Algumas são de autoria da própria usuária e outras foram compartilhadas em sua linha do tempo. Esse compartilhamento no Facebook é simples, basta que qualquer usuário coloque algo na rede e marque o nome de um amigo, automaticamente a postagem aparecerá na página do marcado. Quando isso acontece, o usuário marcado não tem controle sobre o que será publicizado sobre sua vida. As fotos mostram momentos de lazer envolvendo a participação da usuária. Em média essas fotos são curtidas por 50 pessoas. Também aparece na linha do tempo um check-in no cinema feito pelo namorado da usuária. Esse perfil também apresenta uma interação entre amigos falando sobre uma receita de vitamina, trazendo pela primeira vez nos perfis analisados uma das características do Facebook que consiste em interagir sobre assuntos do dia a dia.

Por fim, o perfil FB12 é de uma usuária acima dos sessenta anos e com 487 amigos. Esse perfil também bloqueia a visualização das atividades recentes, assim as postagens disponíveis são anteriores a agosto de 2014. Como na maioria dos perfis analisados até agora, esse também traz fotos pessoais, relatando momento da vida da usuária e seus encontros com familiares e amigos. Essa página traz alguns comentários sobre preferências da dona do perfil, nesse caso uma mensagem elogiando o autor de uma novela que estava próxima do fim.

Algumas fotos expõem imagens de crianças, geralmente da família, mais uma constante em páginas do Facebook. Em FB12 encontramos um vídeo que mostra um policial sendo assassinado em uma favela do Rio de Janeiro. O vídeo é acompanhado de um texto criticando a mídia por não divulgar o fato com a mesma intensidade que o faz quando policiais abusam do poder em relação à população como aconteceu no caso Amarildo, tão explorado na mídia. Porém, enquanto rede social, o vídeo chama a atenção porque compartilha a morte real, de forma espetacularizada, como se fosse a cena de um filme.

2.2.3 Perfis entre 500 e 1.000 amigos

O grupo três é formado por usuários que possuem de 500 a 1.000 amigos em suas páginas do Facebook, com os perfis de FB13 a FB18. A usuária de FB 13 mostra em seu perfil fotos pessoais, que registram os momentos felizes e os lugares visitados. Esse perfil

possui 619 amigos, tem muitas postagens de mensagens bíblicas, assim como mensagens sobre o comportamento das pessoas, porém, nesse caso nota-se que tais postagens permitem uma reflexão do caráter da sociedade atual. As fotos postadas na página são curtidas geralmente por mais de 60 pessoas.

Todas as postagens trazem comentários de interlocutores do usuário. Esse perfil também compartilha várias notícias do cotidiano, com ênfase para o tema político. No entanto, as questões políticas aqui não apresentam opiniões pessoais, mas permitem discutir a realidade nacional frente ao descaso com a população. A última postagem traz uma foto da usuária com seu gato, comentando a saudade do animal morto há dois meses. As postagens são esporádicas, duas a três por mês.

O dono do perfil FB 14 tem 622 amigos. Esse perfil tem postagens constantes com foco na prática de exercício físico atrelado à espiritualidade. Ao longo do perfil você encontra postagens de mensagens produzidas pelo próprio usuário, devido a sua assinatura, sobre a prática de atividade física. Também há a postagem de um convite para que seus interlocutores comparecerem a uma palestra espírita e depois uma foto da palestra sendo ministrada.

Esse perfil também convida os usuários para visitarem sua página em outra rede social, o Youtube, para visualizar um vídeo sobre atividade física. São postagens diárias sempre dentro dessas duas vertentes, com número baixo de curtidas, sempre inferior a dez, principalmente, nas mensagens religiosas. No perfil aparece uma foto dos colegas de trabalho numa *selfie* de espelho na academia. Há também um compartilhamento de vídeo questionando o preconceito contra homossexuais. O perfil ainda traz uma foto do usuário com um grupo de amigos em uma visita a um restaurante/bar.

O perfil FB15 pertence a um homem de trinta anos e conta com 714 amigos. Esse perfil possui poucas interações, com postagens predominantes de vídeos sobre diferentes assuntos, desde política até construção civil. Apresenta algumas fotos do usuário acompanhado de cavalos, deixando transparecer um gosto pela prática de andar nesse animal. Há também duas referências políticas contra a presidente Dilma, mas em nenhuma delas encontra-se a posição do usuário, sendo apenas compartilhamento de texto e vídeo de outras pessoas, outra constante do Facebook, permitir a retransmissão de conteúdo. Encontra-se nessa página uma postagem feita por um parente da família comentando sobre a morte de um tio. Essa página permite identificar o gosto do usuário pelo estilo sertanejo.

FB16 é o perfil de um homem na casa dos 40 anos e conta com 832 amigos. Essa página traz uma postagem informando a morte da mãe do usuário. Fato de destaque sobre essa postagem é que ela não gerou nenhum tipo de interação, uma vez que a experiência do

pesquisador mostra exatamente o contrário em caso de morte, com uma grande reação por parte das pessoas nesses momentos de perdas. A página apresenta postagens esporádicas e as duas últimas são de vídeos de tema religioso.

O perfil FB17 pertence a um jovem em torno dos 20 anos. Sua página tem 785 amigos. A última postagem reflete algo comum entre jovens usuários do Facebook, a presença de um álbum de fotografia mostrando um grupo de amigos em uma festa. Em algumas fotos eles aparecem com latas de cerveja nas mãos. Um dos fotografados está usando uma peruca colorida nestas imagens, o que gerou brincadeiras nos comentários de interação com a postagem. O perfil evidencia a preferência do usuário pelo futebol e a equipe do São Paulo. Também aparecem fotos do grupo de amigos em um lanche e outra falando sobre o aniversário de uma tia.

As demais postagens são vídeos e memes de humor e brincadeiras com aplicativos que viram moda na rede social, como foi o caso do dubsplash.com, que possibilitava ao usuário dublar alguém famoso e depois disponibilizar o vídeo na rede social. Perfil pertencente a um jovem, nele não se encontra nenhum tipo de comentário opinativo sobre nenhum tipo de assunto cotidiano.

O último perfil do terceiro grupo, FB18 tem 837 amigos e pertence a um adolescente de quinze anos. Seu perfil evidencia seu gosto esportivo, musical e também pelo cinema. Apesar da idade do usuário, seu perfil permite identificar um jovem comprometido com seus estudos e ligado aos acontecimentos, tanto que numa postagem feita em sua página, um interlocutor, provavelmente seu professor, elogia os textos que ele escreve, apresentando o exemplo de uma análise sobre a situação da corrupção no país. No entanto, outro professor posta um vídeo mostrando o comportamento inadequado dos jovens, incluindo o usuário, em uma aula de música. A página desse usuário é repleta de postagens feitas por outros interlocutores e não pelo dono do perfil. A página traz muitas fotografias do usuário e de eventos musicais nos quais ele esteve presente.

2.2.4 Perfis entre 1.000 e 2.000 amigos

O quarto grupo de análise traz seis perfis que têm entre 1.000 e 2.000 amigos. O perfil FB19 pertence a um homem de 35 anos e conta com 1.069 amigos. Esse perfil mostra a preferência esportiva do usuário pelo Corinthians e também pela banda Metallica. As postagens disponíveis nesse perfil são todas do ano de 2014 e formadas por fotografias do usuário, sendo algumas delas referentes a uma viagem pela Europa. Encontramos também

uma foto da bandeira brasileira fazendo referência ao Dia da Pátria e outra da Alemanha em alusão ao título da Copa do Mundo, em 2014.

O perfil FB20 pertence a uma jovem próxima dos 20 anos, com 1.268 amigos. O perfil permite visualizar desde 2011, 52 fotos postadas e dois álbuns. Das 52 fotos, 33 imagens pessoais, com a usuária sozinha ou acompanhada de amigos. 19 fotos são de animais ou imagens de lugares que ela frequentou. A presença de animais nas fotos permite identificar que a usuária tem um gosto pelos bichos. Percebe-se pela postagem uma troca constante da imagem do perfil. Não aparece na página nenhum tipo de comentário sobre fatos cotidianos. Dessas 33 fotos, 10% trazem a usuária consumindo bebida alcoólica. As fotos postadas aqui têm um número médio de 80 curtidas.

FB21 é o perfil de um jovem de 25 anos que conta com 1.278 amigos. Esse perfil é repleto de postagens de trechos da Bíblia. Algumas imagens da página também têm como temática essa questão espiritual. Como a maioria dos perfis analisados até agora, nesse também encontramos fotos do usuário em momentos do cotidiano e às vezes acompanhado de amigos. Entre os momentos relatados pelas fotos, aparece uma viagem pela Europa. Enquanto isso, FB22 pertence a uma jovem de 19 anos que possui 1.654 amigos. Esse perfil informa onde a usuária trabalha e ao contrário dos outros perfis que evidenciam o gosto do usuário, esse coloca em destaque as fotos postadas na página. A página é composta por postagens de mensagens de tom religioso ou de inspiração. Também encontramos várias fotos da usuária com a família. Encontra-se também *memes* brincando com situações da faculdade, como notas e atitude dos professores. Localizou-se também uma postagem referente à morte do cantor Cristiano Araújo. Nesse perfil, as postagens são constantes, quase diárias.

FB23 tem 1.843 amigos e pertence a um jovem de 21 anos. A página é marcada por postagens de vídeos sobre skate. Os interlocutores também postam na página vídeos sobre o esporte e músicas atreladas a essa prática esportiva. As fotos postadas ao lado de amigos se relacionam ao tema citado. Comum em perfis do Facebook, esse também apresenta algumas fotos pessoais. O perfil FB24 é de uma adolescente de 15 anos com 1.982 amigos. Essa página informa que a usuária é seguida por 630 pessoas, o que significa que existem interlocutores interessados em saber o que ela posta na rede, assim como o que acontece em sua rotina.

Entre as fotos pessoais destaca-se a postagem de uma amiga da usuária com o grupo de amigos sorridentes e uma legenda informando que essa imagem havia sido captada após o grupo sofrer um assalto. Nos comentários, outros amigos brincam com a situação enfrentada por eles. São encontradas várias fotos dos amigos em diferentes situações cotidianas. Duas

postagens de vídeo chamam a atenção, uma referente à campanha para doação de medula e outra discutindo a questão de gênero. A adolescente também destaca em sua página suas preferências cotidianas.

2.2.5 Perfis entre 2.000 e 5.000 amigos

O último grupo analisado é formado por seis perfis que têm entre 2.000 e 5000 amigos. FB25 tem 2.553 amigos e pertence a uma jovem aparentemente na casa dos 20 anos. Seu perfil é repleto de fotos ora sozinha, ora acompanhada de amigas e família. São *selfies* no espelho de casa mostrando um *look* de festa ou diante do espelho da academia. Também temos nesse perfil algumas mensagens escritas, voltadas para elevar a autoestima. As postagens fotográficas na página também são uma constante. Há pouca interação com outros usuários, mas as fotos têm em média mais de 100 curtidas.

FB26 pertence a um jovem próximo dos 20 anos com 3.034 amigos e 2.075 seguidores. Seu perfil evidencia seu interesse esportivo, torcedor do Grêmio-RS, e seu gosto musical, o rap. A linha do tempo traz cinco postagens em junho de 2015, todas relacionadas a vídeos musicais. Como citado anteriormente, é comum no Facebook a postagem de foto pessoal e nesse perfil isso também ocorre. Seu perfil traz também um check-in de cidade, informando sua localidade em dado momento e há uma notícia atrelada à ação de um professor que reprovou toda uma turma na disciplina de economia, porém tal postagem não discute a questão educacional, mas tece uma crítica ao programa social do governo brasileiro.

O perfil FB27 pertence a uma jovem que se relaciona com 3.916 amigos no Facebook. Nessa página aparece um post informando o início de namoro da usuária, seguida de fotos do casal. Também tem um vídeo de uma aula de zumba, que gerou compartilhamento de interlocutores. Há várias trocas de foto de perfil e algumas postagens de amigos na página da usuária. Este é mais um perfil em que não se encontra nenhum comentário sobre fatos cotidianos.

FB28 apresenta o perfil de um jovem de 21 anos com 4.998 amigos, seguido por 3.016 pessoas. O perfil tem a postagem de algumas mensagens religiosas e muitas fotos do usuário para perfil. Entre essas fotos, duas trazem crianças, provavelmente da família, reafirmando uma constante do Facebook, a exposição de imagem de crianças por parte de familiares. Aparecem também fotos do usuário em um evento religioso, assim como um vídeo. Ele posta um comentário com foto homenageando o aniversário do pai e depois o aniversário de um amigo. Aqui aparece uma postagem desejando boa noite para os interlocutores, algo que não

tinha aparecido ainda nos perfis analisados, mas conforme observado na análise do questionário, é constante na rede social a gama de pessoas que usam a rede social para desejar bom dia e boa noite para seus interlocutores. Parte das fotos postada é acompanhada por legendas explicando o que se passa no momento do registro ou acompanhado de uma mensagem positiva. A relação positiva com os pais é destacada constantemente no perfil.

Em FB29 temos uma usuária de 18 anos com 4.999 amigos. O perfil apresenta foto com legenda de passeio com os amigos. Há interação de outros usuários com a dona do perfil, convidando-a para conversar em outra rede social, o WhatsApp. Aparece também uma postagem inserida na página por um interlocutor, em que uma ginasta tem o maiô rasgado durante a competição e fica com suas partes íntimas expostas, porém há um comentário em espanhol afirmando que tal vídeo é uma montagem. São várias fotos de perfil postadas, seja sozinha, seja acompanhada. Essa jovem usa roupas curtas e sensuais e suas fotos expõem essa faceta de seu comportamento.

Uma dessas fotos está acompanhada da legenda “Ou arrisca ou fica na vontade”, o que pode ser entendida como uma indireta para algum pretendente. Essa página apresenta interações de brincadeiras entre os amigos, assim como uma frase de luto pela morte do cantor Cristiano Araújo. Por fim temos o último perfil analisado desses grupos que foram divididos por quantidade de amigos e que visou compreender como se dá a interação de alguns usuários da rede social.

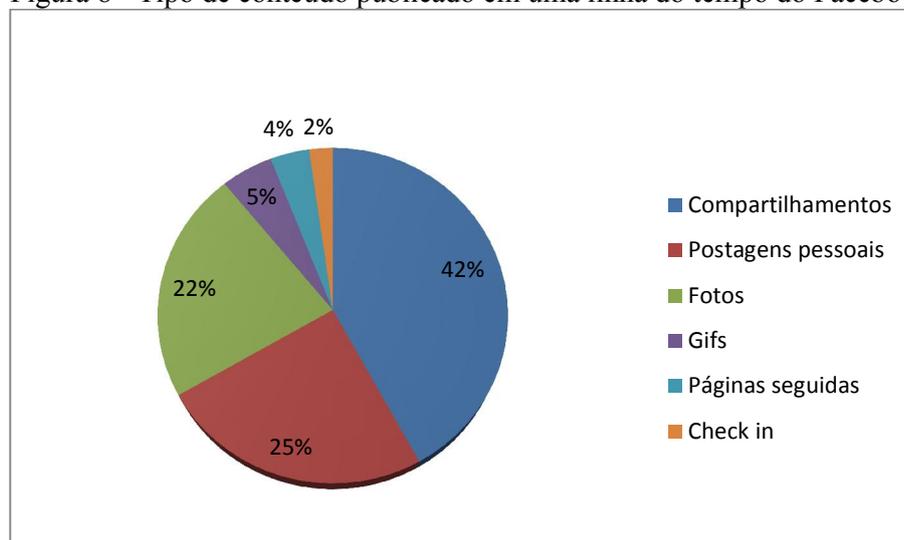
O perfil FB30 pertence a um homem na casa dos 40 anos e conta com o número máximo de amigos permitido pela rede social, 5.000. Esse usuário é professor de cursos voltados para concursos na área de Direito e a página é utilizada para divulgar concursos e cursos ministrados pelo usuário. O perfil também enfatiza o lançamento de um site para oferecer cursos online. Diante da proposta dessa página, as interações ocorrem para indicar cursos e concursos para amigos e tirar dúvidas sobre informações gerais dos concursos.

2.3 Análise das postagens mais frequentes na linha do tempo do pesquisador

A segunda etapa de observação desse capítulo consiste em uma análise de postagens realizadas na linha do tempo do pesquisador. Para essa análise foram observadas postagens feitas entre os dias 11 e 18 de janeiro de 2016, por meio de 11 visitas à página e visualização de um grupo de mensagens novas ali postadas por um tempo médio de quinze minutos em cada visita. Portanto, o pesquisador acessava sua linha do tempo nesse período e tomava nota sobre as publicações que ali apareciam dentro do tempo estabelecido, o que em média

possibilitava a visualização de aproximadamente 40 mensagens a cada visita. Essa prática permitiu a visualização de 443 publicações, cuja divisão do conteúdo pode ser visualizada na Figura 8.

Figura 8 - Tipo de conteúdo publicado em uma linha do tempo do Facebook



Fonte: Dados extraídos de observação na linha do tempo do pesquisador

As postagens observadas na linha do tempo do pesquisador foram classificadas em seis tipos. Os compartilhamentos consistem em conteúdos que um usuário visualizou em outra página e disponibilizou em sua linha do tempo. Esse tipo de publicação apareceu em 42% das visualizações. As postagens pessoais se referem a inserções feitas por um dado usuário, norteadas por comentários sobre os mais diferentes assuntos. Essas postagens representam 25% do conteúdo visualizado. Já a publicação de fotos corresponde a 22% da atividade. Na sequência, visualizamos os gifs (imagens animadas referentes a um recurso novo disponibilizado na página somente a partir de maio de 2015 e geralmente com características de humor) em 5% das publicações, as páginas seguidas pelo pesquisador (como jornais e portais de notícias) 4% e os check-ins, publicações em que o usuário marca a localização geográfica em que se encontra 2%.

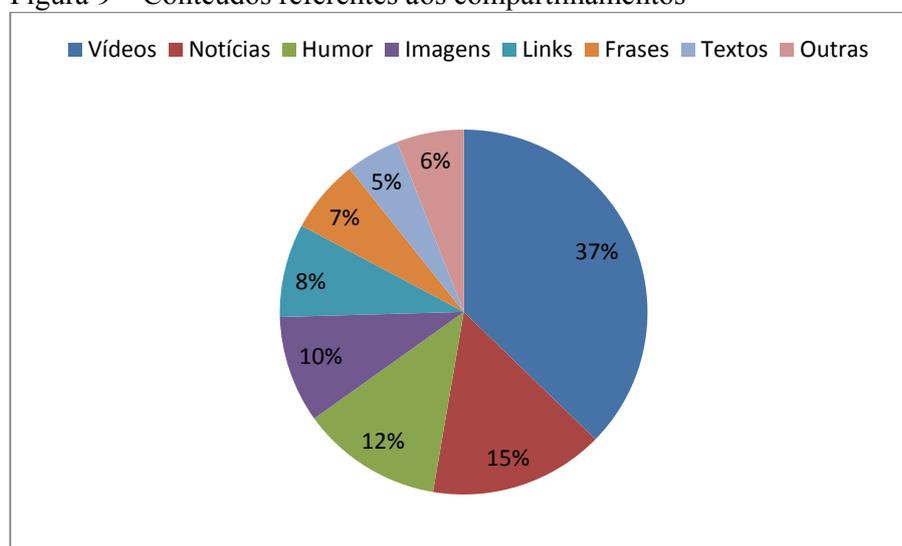
Os dados acima nos permitem também a discussão sobre o papel do texto e da imagem na rede social. Num primeiro momento podemos questionar se existe diferença entre um texto e uma fotografia. A resposta para essa indagação, se pensarmos, a ação como forma de exposição do pensamento de um dado sujeito seria negativo, quer dizer, tanto o texto como a fotografia (conteúdo imagético) permite a um dado usuário de rede social compartilhar com seus interlocutores suas impressões e sentimentos. Mas se pensarmos essas postagens como

meio para se atingir a percepção do outro, veremos então que a imagem fotográfica, devido a todos os seus elementos constitutivos, chama mais a atenção de um usuário de rede social, isto porque as imagens trazem cores aumentando o impacto sobre o leitor desse espaço, que passa a ter sua atenção estimulada e impactada pelo formato atrativo da imagem.

2.3.1 O compartilhamento no Facebook

A publicação por meio do compartilhamento é a maneira mais rápida de se interagir dentro do Facebook, pois basta um dado usuário se interessar por algo que visualizou dentro da página e clicar em um botão do sistema e esse mesmo conteúdo já é disponibilizado em sua linha do tempo. Esses compartilhamentos permitem identificar gostos particulares de um usuário sobre música, programas de tv, sentimentos e algumas vezes até mesmo o posicionamento político adotado, assim como outras questões. Os conteúdos predominantes nos 169 compartilhamentos analisados podem ser visualizados na Figura 9. 36% das publicações compartilhadas foram acompanhadas de legendas, sejam citações curtas ou longos comentários, que aparecem antes da publicação e expressam a visão que o usuário tem sobre aquele conteúdo.

Figura 9 – Conteúdos referentes aos compartilhamentos



Fonte: Dados extraídos de observação na linha do tempo do pesquisador

Quanto aos compartilhamentos, destaque para os 37% de vídeos visualizados na linha do tempo. Esses vídeos abordam os mais distintos assuntos, focando em temas que vão desde assuntos políticos até homenagem a personalidades falecidas. Mais de 50% desses vídeos

abordam temas do cotidiano, a outra parte trata dos mais variados assuntos, segundo a preferência dos responsáveis pelas postagens. Quanto aos 15% de publicações de notícias, elas também são variadas e estão atreladas ao gosto pessoal de quem realiza a postagem, assim temos desde notícias sobre política, até dietas miraculosas.

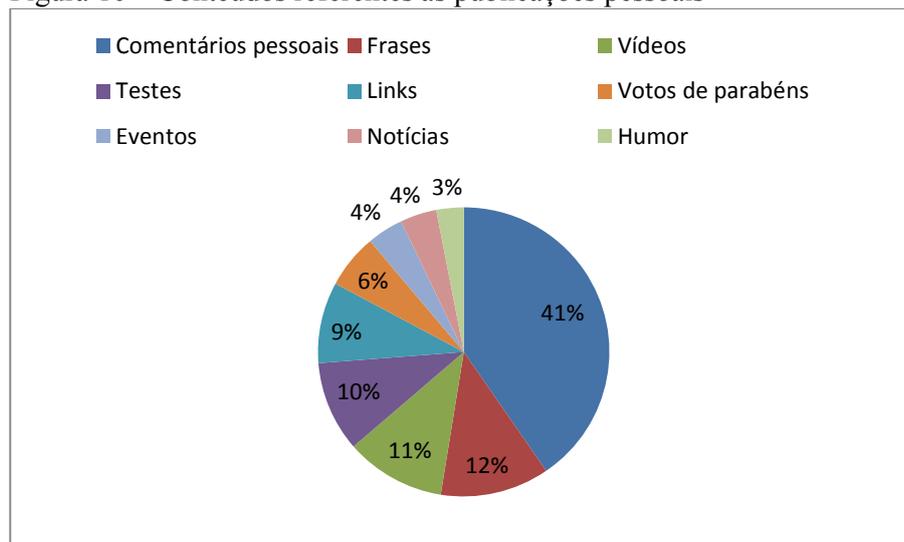
Da mesma forma que esses dois tipos de compartilhamentos, todos os demais apresentados pela Figura 9 se dão de acordo com o perfil do usuário responsável pela postagem. Esse fato denota que compartilhamentos são formas de publicização das preferências de seus autores. Trata-se de mecanismo disponibilizado pelo Facebook para o usuário partilhar com seus interlocutores assuntos que lhe chamam a atenção, tanto que a predominância de assuntos cotidianos enfatiza a característica da rede social ser empregada como uma plataforma de entretenimento para os usuários do recorte investigado. Ainda sobre os tipos de compartilhamentos, classificamos como Humor, postagens com tom lúdico que brincam com diferentes fatos, empregando a plataforma como mecanismo de descontração.

Outro fato que se destaca na Figura 9 consiste no papel que a imagem assume nesse universo de estudo. Entre vídeos e fotos, são 47% de compartilhamentos relacionados à imagem, fator que torna a publicação mais atrativa aos olhos alheios, especialmente no caso dos vídeos, pois durante a navegação no Facebook, se você passa o cursor sobre um vídeo, o mesmo começa a rodar, despertando o interesse para uma visualização mais específica, mesmo que não fosse esse o interesse do usuário a princípio.

2.3.2 As publicações pessoais no Facebook

Consideramos publicações pessoais, as inserções feitas pelo próprio usuário, o que denota uma contribuição desse sujeito para o espaço. Nesse sentido, predominam os comentários pessoais dos usuários, correspondendo a 41% das publicações. A Figura 10 permite a visualização das principais atividades de publicação pessoal.

Figura 10 – Conteúdos referentes às publicações pessoais



Fonte: Dados extraídos de observação na linha do tempo do pesquisador

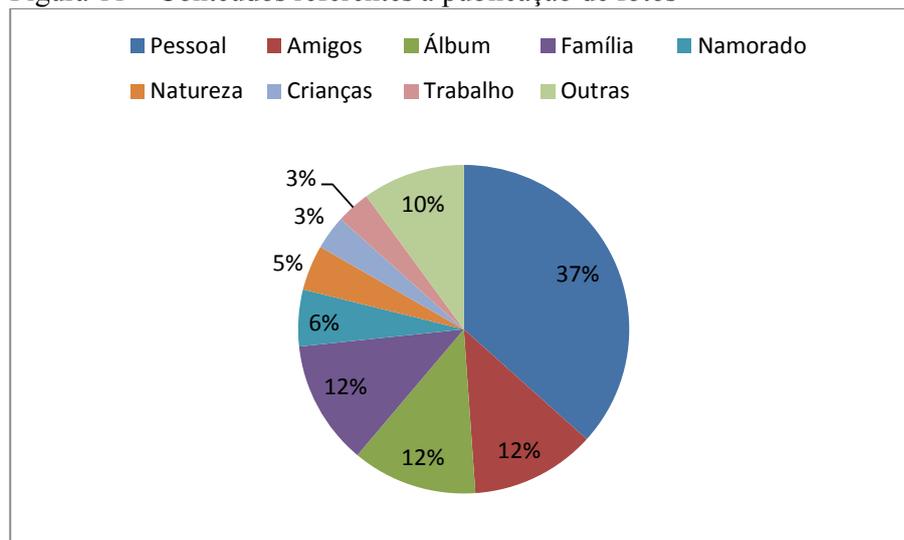
Assim como aconteceu com os compartilhamentos, os vídeos e as frases se destacam nas publicações pessoais, somando aproximadamente um quarto das ações visualizadas. Quanto ao papel do Facebook, outra ação dá ênfase ao seu emprego como forma de entretenimento, são os testes, jogos e brincadeiras, produzidos por sites externos ao Facebook, mas que usam as relações interpessoais na página para produzir resultados sobre as relações entre os participantes da rede social, como indicar seu melhor amigo, mostrar sua primeira foto no sistema, entre outros.

Mais do que os próprios compartilhamentos, as publicações pessoais enfatizam o que os usuários pensam e também mostram como os mesmos se comportam nesse ambiente. Nesse tipo de participação, evidencia-se a exposição da intimidade. São pessoas realizando desabafos, citando relacionamentos amorosos, divulgando suas viagens de férias ou comentando sobre seu trabalho. Algumas publicações são acompanhadas de fotografias, tendo a imagem sempre a função de confirmar o relato da mensagem textual.

2.3.3 A publicação de imagens fotográficas no Facebook

Quanto às publicações de fotos na página do Facebook, 73% são acompanhadas por legenda, portanto, antes da fotografia há sempre um comentário do usuário sobre aquela imagem publicizada na rede virtual. Na Figura 11 visualizaremos os tipos de fotografias que predominaram durante o período de observação.

Figura 11 – Conteúdos referentes à publicação de fotos



Fonte: Dados extraídos de observação na linha do tempo do pesquisador

Considerando o fato de que fotos sobre a temática “Trabalho” podem conter ou não pessoas, temos aproximadamente 95% das fotos visualizadas para essa análise com a presença de imagem de pessoas. Dessas, 37% são fotos pessoais do usuário. 12% são fotos envolvendo amigos, porém na maioria delas o usuário também se encontra presente. 12% das fotografias são compostas por álbuns apresentando momentos partilhados pelo usuário com outras pessoas em festas, encontros de família ou viagem realizada. No que tange à exposição, um destaque para os 3% de fotografias de crianças, geralmente postadas pelos próprios pais. Em tempos de Facebook e outras redes sociais, torna-se comum a criança ser apresentada nas redes sociais virtuais nos seus primeiros dias de vida.

Assim, nota-se que a exposição, muitas vezes, se dá por intermédio do outro, primeiro postando fotos das crianças da família, depois de festas em família e até mesmo de momentos com os amigos. A pesquisa realizada pela Pew Research Center, citada anteriormente, aponta que depois do excesso de postagens de cunho pessoal, o segundo motivo que mais incomoda o usuário do Facebook é o compartilhamento de informações ou postagens sem a autorização dos envolvidos. Tal fato é corriqueiro em postagens de fotos, pois ao ser fotografado em uma festa, junto com seus amigos, você não os autoriza a postar tal imagem na rede social. No entanto, ao acessar sua página, lá está a foto sendo comentada e visualizada por todos os participantes interessados em observá-la.

Quanto ao compartilhamento de notícias, um exemplo pode ser visualizado na Figura 13. Também no compartilhamento dessa notícia, nos deparamos com uma legenda em que o usuário expressa sua opinião sobre o fato abordado. A notícia em questão trata de um fato cotidiano referente ao sentimento das pessoas sobre a vida na principal metrópole do país. Assim como tal notícia chamou a atenção do usuário, os demais compartilhamentos sempre estão atrelados aos sentimentos do responsável pela postagem, por isso boa parte deles se dá a partir de um comentário que deixa a impressão sobre o fato.

Figura 13 – Tipo de notícia compartilhada



Fonte: Postagem extraída da linha do tempo do pesquisador em 19 jan. 2016.

No que tange as publicações pessoais, a Figura 14 apresenta o tipo de publicação predominante no Facebook do recorte investigado. A postagem abaixo traz dois elementos comuns em publicações da página, a exposição do pensamento do usuário sobre dada situação, o que se tem no relato da legenda, quando o usuário mostra a satisfação por aquele momento e também o registro de tal momento através de uma imagem. Sobre a exposição pessoal, além de levar para o Facebook a imagem das duas amigas tomando água de coco, mais quatro pessoas capturadas pela imagem ao fundo, também foram expostas na página.

Assim, a necessidade de publicização de todos os momentos da nossa vida gera esse tipo de fato, em que pessoas têm seus momentos íntimos publicizados sem autorização e

muitas vezes sem saber que isso foi feito. Essa postagem também apresenta que diante das redes sociais, todos os fatos, independente de sua importância, se transformam em motivo para uma postagem, tudo precisa ser compartilhado com os demais usuários da rede virtual.

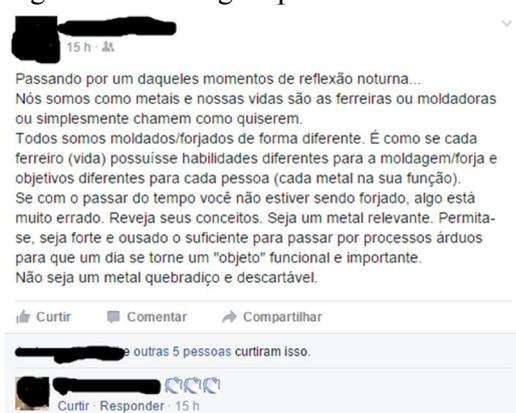
Figura 14 – Postagem pessoal com foto



Fonte: Postagem extraída da linha do tempo do pesquisador em 19 jan. 2106

Por outro lado, existem postagens constituídas apenas por textos, em que o usuário publiciza aos seus interlocutores na rede virtual seus sentimentos no momento da postagem.

Figura 15 – Postagem pessoal de texto



Fonte: Postagem extraída da linha do tempo do pesquisador em 19 jan. 2106

Na Figura 15, temos um usuário compartilhando com seus “amigos” de Facebook uma reflexão noturna. Nesse caso, primeiro evidencia-se o fato da publicização da falta de sono e depois dos sentimentos íntimos e o comportamento correto que ele considera que as pessoas devem apresentar.

Por fim, chegamos à postagem de imagens, onde a publicização da intimidade se dá de forma acentuada, pois além dos sentimentos e impressões, agora o corpo, os locais frequentados, as pessoas com quem se convive também são expostas aos olhares curiosos da rede social.

Figura 16 – Publicação por meio de imagem no Facebook



Fonte: Postagem extraída da linha do tempo do pesquisador em 19 jan. 2106

Na Figura 16 temos um exemplo de publicação com foto predominante no Facebook. A imagem escolhida consiste em um álbum postado por uma mãe fazendo menção aos dois anos de idade do filho. São fatos do cotidiano, como o crescimento dos filhos, as viagens realizadas, as festas com os amigos ou então as fotos de perfil do usuário que preenchem o Facebook. Além de permitir visualizar as situações vividas pelo usuário, as fotografias também são guias sobre o estado de espírito vivenciado pelo usuário no momento de sua postagem.

A observação sobre os tipos de publicações predominantes em relação ao recorte investigado que consiste nas mensagens disponibilizadas na linha do tempo do pesquisador no Facebook nos direciona para a seguinte conclusão, os perfis pessoais são norteados por postagens voltadas para o entretenimento, uma das características da rede social Facebook. Elas também possibilitam ao usuário partilhar com os seus interlocutores os seus gostos, os seus desejos e a sua visão sobre diferentes aspectos com os quais tal usuário tem contato. Dessa forma, a ação nesses perfis é conduzida pela personalidade de seu usuário, o que nos remete a perfis altamente expositivos, seja por meio de textos ou de imagens. Outros são dominados por temáticas românticas, enquanto alguns são mais ácidos no que se refere à opinião sobre assuntos relevantes como política, religião, entre outras questões que norteiam nossa vida. No entanto, temos um predomínio nesse espaço do posicionamento pessoal, cujas atividades estão pautadas no que o usuário entende por certo e não uma atitude pautada em argumentos sólidos construídos a partir de investigações concisas e com bases teóricas, apesar desse fator também acontecer, como dissemos acima, segundo a característica pessoal de cada usuário.

Portanto, verifica-se que no recorte investigado sobre o ambiente virtual do Facebook há um excesso de opinião. As pessoas são mobilizadas a emitirem opinião sobre os mais variados assuntos, mas sem nenhum tipo barreira. O ato de opinar vale mais do que o conteúdo da própria opinião.

2.5 Análise sobre a interação entre membros de grupos, comunidades e páginas de organizações não governamentais no Facebook

O Facebook não é constituído somente de perfis pessoais, cuja disseminação de conteúdos relevantes e merecedores de debate, muitas vezes é sufocada pela publicização da intimidade e a exposição pessoal imagética massiva. Nesse espaço, localizamos grupos, comunidades e páginas de organizações não governamentais, espaços dedicados para que os usuários produzam conteúdos específicos e possam discuti-los com outras pessoas que tenham o mesmo interesse. Numa observação na rede social Facebook, nos deparamos com distintos grupos ou comunidades voltados para a discussão de temas como Alzheimer; Síndrome de Down; Bullying; impostos; assédio moral; violência contra a mulher e política. Para a localização desses grupos ou comunidades, basta ao usuário digitar o tema de seu interesse no campo de pesquisa da página e o sistema lhe oferece uma lista de páginas com acesso livre a qualquer usuário do Facebook.

Nesses espaços, o conteúdo postado tem a intenção de gerar reflexão e debate, assim como contribuir com pessoas que vivem tais situações, especialmente, no caso de doenças e violências sofridas e não sabem como se comportar. Nos grupos e comunidades, a exposição não é construída de forma banal, algo que aparece por aparecer, mas verifica-se o intuito de se usar tais publicizações como forma de incentivo para que outras pessoas consigam superar também as suas dificuldades ou se conscientizarem sobre um determinado fato. Nesse segmento, o Facebook oferece aos usuários a oportunidade de discutirem as temáticas em grupos fechados, o que torna a discussão mais reservada e focada nas necessidades dos participantes, assim como em grupos abertos e comunidades, cujo acesso não é mais restrito, podendo o conteúdo ser visualizado por todos os participantes da rede social. No entanto, nesse segundo caso, a discussão tem uma abrangência maior.

A visualização de uma comunidade relacionada ao Mal de Alzheimer permitiu verificar a postagem de informações sobre os sintomas iniciais da doença, assim como informações sobre outros sintomas que aparecem para quem já desenvolveu a doença há algum tempo. No espaço, também, é possível verificar a presença de pessoas solicitando informação sobre lugares e profissionais qualificados para darem um parecer sobre os sintomas. Encontram-se muitas postagens sobre os cuidados que um paciente com Alzheimer deve receber. Foi possível verificar que os responsáveis pela página estão sempre tirando dúvidas e comentando notícias publicadas sobre tratamentos desenvolvidos para os pacientes.

Já em uma comunidade sobre Síndrome de Down, pode ser identificada a abordagem de notícias sobre os aspectos da síndrome, mas o que predomina na página é a postagem de portadores da síndrome desempenhando as mais diferentes funções e alcançando seus objetivos, como o ingresso na universidade. Fica evidente que o objetivo dessa comunidade consiste em partilhar com as pessoas que visitam o espaço que um portador de Síndrome de Down pode ter uma vida autônoma. Também se enfatiza o carinho e amor que tais pessoas transmitem a quem está a sua volta, transparecendo a intenção de combater os preconceitos existentes em relação às pessoas que têm a síndrome.

Ainda sobre esses grupos e comunidades, uma página voltada para a questão da violência contra a mulher é constituída de postagens que mostram a violência sofrida por mulheres, intercaladas por campanhas desenvolvidas para diferentes mídias incentivando a luta com esse tipo de agressão. Nesse espaço não se tem a presença de discussão sobre tal fato ou qualquer postagem falando sobre como uma mulher agredida pode conseguir ajuda. Abordando ainda a questão da violência com a mulher, encontramos outro grupo, de característica pública, em que a temática predominante também faz referência a postagens de

campanhas incentivando as mulheres a mudarem o rumo de suas vidas e abandonar os parceiros violentos. Numa comparação entre as comunidades e grupos que abordam doenças e síndromes e os voltados para a violência contra a mulher, evidencia-se que no segundo há menos interação, pois as mulheres agredidas não publicizam esses fatos, por isso a ênfase dessas páginas em campanhas incentivando o fim dessa violência.

Portanto, os grupos e comunidades se mostram um lugar totalmente distinto dos perfis pessoais. Nesses ambientes mais restritos e com foco direcionado, o Facebook e sua abrangência virtual são empregados para o debate de ideias, a troca de experiência e a construção de uma realidade mais justa para as pessoas que enfrentam as dificuldades da vida, em diferentes circunstâncias.

2.6 Compreendendo a interação no Facebook

Verificamos ao longo desse capítulo, de acordo com o recorte escolhido para análise, a existência de dois tipos de comportamento no Facebook, um voltado para o uso da página como espaço de entretenimento e lugar para se postar o que um usuário deseja sobre suas impressões e vivências. O outro é aberto para o debate e a construção de um modo de vida mais digno para pessoas que sofrem com as mazelas da vida.

No capítulo um dessa tese há uma afirmação de Recuero (2009) onde se lê que cabe ao usuário determinar a função que uma rede social pode assumir, a partir da maneira como as ferramentas são empregadas por tal usuário. Dessa forma, o usuário de perfil pessoal do Facebook analisado estabeleceu com essa rede social uma relação de diário eletrônico onde são registradas as alegrias e as frustrações do dia a dia. Em um lugar aberto para a pessoa se expressar livremente, a proposta da rede social Facebook é que o usuário compartilhe sua vida, mesmo que ela seja interessante apenas para quem a partilha. Mas o que se incentiva na rede virtual é contar aos outros o que acontece em sua vida.

Compreender tal necessidade de partilhar a vida cotidiana, passa pela questão do pertencimento, pois segundo Türcke (2010), o sujeito contemporâneo só encontra o seu lugar quando se adapta ao comportamento instituído, ou seja, em um momento onde as relações interpessoais foram transportadas para o espaço virtual (no Brasil, 45% da população acessa o Facebook) e que este se norteia pela necessidade de seus participantes se desnudarem diante dos demais interlocutores, transformando sua intimidade em objeto de contemplação. No Facebook, conforme o recorte estudado, esse tipo de comportamento é localizado nas relações

interpessoais ocorridas entre os perfis pessoais. É de sujeito para sujeito. Quando o foco da ação é a vida particular essas questões emergem com mais força na rede virtual.

Diante desse quadro, percebe-se que a reputação do usuário construída por meio do acesso ao Facebook não se norteia pelas contribuições culturais ou políticas que um usuário pode oferecer aos seus interlocutores, mas sim através do espetáculo que tal usuário consegue vender de sua vida. Esse ambiente, apesar de permitir o debate, não foi construído para isso. Seu propósito é a transformação do irrelevante num fato espetacular, é dar visibilidade efêmera a efêmeros usuários.

Nesse sentido, Recuero (2009) estava certa ao afirmar que a rede social tem a intenção de gerar popularidade de acordo com o uso feito por determinado usuário. Ao mostrar sua vida na rede social, o que esse usuário busca é a atenção dos demais participantes do espaço virtual, o que contradisse a expectativa inicial de que as pessoas não se renderiam a um espaço para expor intimidades para um número infinito de indivíduos. Na verdade, a rede social mostra exatamente o contrário, o usuário sente prazer em compartilhar com outras pessoas sobre sua vida, tanto que em meio às respostas obtidas por meio do questionário, alguns usuários disseram que o uso dessa página se transformou em um processo automático.

Essa necessidade de participação no espaço virtual, considerada por alguns usuários de Facebook como um processo automático está atrelada ao aparato técnico do sistema e os impactos gerados sobre seus consumidores. O sistema de funcionamento da página convida o usuário a sempre realizar uma publicação e estar em constante vigília sobre a participação do outro, caso contrário, sua página não terá nenhum tipo de atividade e você não participará desse mundo virtual proposto pelo Facebook. Ser membro efetivo do Facebook consiste em publicizar seus sentimentos, suas realizações, assim como participar dos acontecimentos ocorridos na vida de seus interlocutores.

Outra característica do Facebook, que também apareceu na revisão de literatura sobre pesquisas desenvolvidas sobre redes sociais, como a realizada por Cunha (2012), diz respeito à efemeridade desse espaço. Em nossa pesquisa, quando observamos as respostas para as questões 4A e 8, a primeira referente à frequência com que o usuário visita a página da rede social e a segunda sobre a quantidade de postagens feitas diariamente no ambiente, percebemos que a maioria dos usuários têm uma relação constante com o Facebook. Porém é a análise dos 30 perfis, principalmente, aqueles com atividades contínuas que denotam o quão efêmero é esse ambiente. Em uma linha do tempo a tristeza pelo término de um namoro de hoje, é instantaneamente substituída pela alegria de uma nova relação; assim como a

mensagem de luto do início da manhã é substituída por um sucesso alcançado ao longo do dia.

No Facebook, o usuário é convidado constantemente a revelar o que lhe acontece, como citado anteriormente, o usuário que não realiza postagem ou observa o movimento de seus interlocutores, torna-se um excluído do grupo, pois seu perfil não terá nenhum tipo de atividade. Não se permite que uma pessoa fique presa ao mesmo tema mais do que um dia, renovar, avançar, substituir são os verbos que norteiam a vida nesse espaço, todos eles colocando em destaque o quão passageiro são nossos minutos de popularidade. Nesse sentido, duas observações podem ser feitas. Os aparatos técnicos são objetos para uso e não para controle, assim quanto mais o usuário é convidado a explorar tal aparato, menor a possibilidade dele refletir sobre as consequências desse ato em sua vida. A questão aqui apresentada tem relação com o excesso de informação, com o excesso de opinião circulando nessas redes, o excesso de imbecilidade, como disse Umberto Eco¹¹, de onde decorre o limite mesmo de estabelecer uma atitude reflexiva sobre o que circula. Certamente, que isso não difere muito do que ocorre com outras mídias.

Outro aspecto importante que será analisado nesta tese se refere à dificuldade em distinguir entre aquilo que é público e privado, conforme abordaremos no capítulo cinco dessa tese. A lógica de que no ambiente virtual tudo precisa ser mostrado a todo o momento, extraiu do homem a capacidade de reflexão política sobre o bem comum, substituída pela apresentação de sua intimidade, em que o foco no particular, na intimidade do privado e sobre o que lá acontece, não só é o mais importante, como passou a ocupar o espaço do debate público, nos termos como a ele se refere Hannah Arendt (1999).

Nesse estudo, durante a revisão de literatura sobre pesquisas com redes sociais, nos deparamos com a investigação de Silva (2011), cujos resultados permitiram afirmar que as redes sociais são mais do que espaços de entretenimento e passatempo, pois possibilitaram que as minorias tivessem um lugar para expor suas ideias. Assim, a partir da análise de postagens no Facebook referentes ao recorte desse trabalho, foi possível detectar a ampliação das formas de participação e discussão de temas sociais e políticos no Facebook. No entanto esta possibilidade não é predominante no ambiente virtual, tanto que se pode dividir o Facebook em dois ambientes distintos, o dos perfis pessoais e o dos grupos ou comunidades. Tal divisão é construída a partir da atividade no Facebook, em que as publicações do usuário em seu perfil pessoal são distintas da participação em grupos ou comunidades.

¹¹ Afirmação feita em 2015, na Universidade de Turim, durante evento em que recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Comunicação.

A observação de 443 publicações realizadas na linha do tempo do pesquisador permitiu depreender que nas publicações pessoais de um usuário de Facebook predominam atividades voltadas para o entretenimento e para exposição de sentimentos e gostos pessoais. Essas postagens são recheadas de citações a fatos particulares dos usuários, demonstrando o estado de espírito, as conquistas, as decepções. Apesar das publicações se concentrarem em atividades particulares de cada autor, evidencia-se que a rede virtual Facebook deu voz às pessoas. Antes das redes sociais, essas pessoas comuns não teriam possibilidade de partilhar sua vida em um espaço tão amplo.

O sistema de funcionamento do Facebook leva a um número infinito de pessoas as ações e os pensamentos de bilhões de sujeitos que num período anterior à internet tinham suas vidas restritas aos seus interlocutores físicos e assim limitados quanto à possibilidade de denunciar o que lhes acontecia, como viviam e quais eram seus anseios. Portanto, nessa direção, o Facebook abriu as portas para que pessoas comuns se mostrem para o mundo e deixem registrados na página quais são seus gostos, o que fazem e, por consequência, marquem sua existência.

Por outro lado, quando observamos os grupos e comunidades do Facebook voltados para temas específicos e que contam, geralmente, com a participação de pessoas que se relacionam às temáticas, temos a confirmação de que tal ambiente pode sim ser um lugar que extrapola os limites do passatempo e do entretenimento, abrindo a possibilidade para que pessoas de diferentes espaços físicos se organizem e debatam questões relevantes para alguns grupos sociais, como pessoas acometidas por enfermidades, síndromes, violência, entre outras situações. Nesse sentido, o Facebook possibilita que o espaço público das redes sociais seja empregado para se fazer política, para tentar construir uma sociedade melhor.

Na participação individual no Facebook, em vários momentos nos deparamos com postagens que expressam posicionamentos políticos sobre os mais variados assuntos, mas entre a excessiva exposição pessoal e publicações banais, tal expressão torna-se apenas a visão particular do indivíduo que a realizou. Já nos grupos ou comunidades, as postagens se articulam e permitem aos usuários construir uma realidade questionadora, de enfrentamento aos conceitos estabelecidos, propondo uma mudança de pensamento e de ação por parte da sociedade.

No tópico anterior, apresentamos comunidades que discutem o tema do Mal de Alzheimer e da Síndrome de Down, em que o espaço é utilizado para trocar experiências, discutir a legislação com ênfase nos direitos das pessoas, assim como combater o preconceito. Da mesma maneira, visualizamos duas comunidades que combatem a violência contra a

mulher, divulgando campanhas e incentivando mulheres que sofrem tal mal a enfrentarem seus agressores. Dessa forma, percebemos que há no Facebook espaço para que questões relevantes sejam abordadas, possibilitando a construção de uma vida mais digna, assim como combatendo preconceitos. No entanto, o que prevalece é o uso individual norteador pela exposição da privacidade, conferindo ao espaço um lugar de entretenimento.

Ao final dessa análise, destacamos que o funcionamento da rede social Facebook foi investigado a partir da ótica dos respondentes do questionário, a observação da ação em perfis e das postagens em páginas individuais e nos grupos e comunidades. No que tange ao questionário, evidenciou-se que o usuário do Facebook investigado identifica e, muitas vezes, critica a exposição em excesso por parte de seus interlocutores, enquanto não considera sua participação na rede como uma forma de exposição, tanto que perguntados sobre isso aproximadamente 80% dos usuários disseram compartilhar fotos pessoais na página, depois de apenas 45,6% reconhecerem a realização de postagens no Facebook.

A análise dos perfis evidenciou que o número de amigos, quer dizer, interlocutores na rede determina a ação na página de um usuário, assim perfis com poucos amigos apresentam pouquíssimas postagens. Nas redes sociais, o poder de um usuário atrela-se à influência que ele desempenha diante dos demais usuários. Dessa forma, se o ingresso na rede social é realizado com a intenção de construir um perfil relevante, o sistema obrigará que tal usuário construa uma rede de interação ampla, o que levará esse perfil a se relacionar com um grande número de participantes da rede virtual e conseqüentemente se produzirá na página atividades constantes, capazes de atrair a atenção alheia e simultaneamente atrair novos “amigos” para sua rede de relações.

A observação dos perfis também destacou que postagens de publicações pessoais apresentam um predomínio de imagens, sejam elas em vídeo ou fotografia. Imagens são mais atrativas e despertam o olhar de forma mais ágil que um texto. Assim, em um espaço que convida seus participantes a intensificarem cada vez mais suas relações, a recorrência aos elementos imagéticos é compreensível, pois se otimiza a percepção do outro em relação ao que um dado usuário quer dizer no ambiente virtual.

Finalizada a etapa de análise da atividade de interação nas páginas do Facebook, a presente pesquisa se direciona para a segunda etapa do trabalho, que consiste na adoção de um referencial teórico para abordar as atividades no Facebook. O capítulo três abordará o conceito da técnica e de que forma ele se aproxima do uso tecnológico que os sujeitos fazem das redes virtuais. Depois, veremos como o espetáculo, analisado por Guy Debord em relação à mídia pode ser aplicado às redes sociais. Por fim, passa-se à análise de como se deu a

transformação do conceito de publicização, visando aproximá-lo do comportamento expositivo tão frequente no Facebook.

Elegemos para esse trabalho a questão da técnica, a espetacularização e a publicização do privado, por compreendermos que apesar da construção dessas teorias terem acontecido em outro momento temporal, as análises sobre a relação entre o sujeito e o meio podem ser estendidas ao debate sobre o papel das redes sociais, pois se trata de um ambiente, cujo funcionamento é norteadado pela tecnologia, o que permite a discussão sobre como o usuário se relaciona com a presença de aparatos técnicos em sua vida; também é um lugar que convida seus participantes constantemente a se exporem diante dos demais, alterando a relação entre o que pode ser considerado público e o que é privado; e, muitas vezes isso se dá de forma espetacular, portanto, cabe aqui discutir se a visão de Debord, sobre o espetáculo em relação à mídia se estendeu também para o ambiente virtual, especialmente, o Facebook. Tem-se também a intenção de discutir se o funcionamento do Facebook, enquanto rede social, no que se refere a uma leitura em relação às categorias da técnica, do espetáculo e da publicização do privado cria algum fato novo na relação do sujeito com o meio em que habita ou se continuamos a observar também a rede social como um mecanismo que dissemina a relação entre o homem e a sociedade, baseado na ascendência dos modos de produção sobre o meio social.

Assim, a próxima etapa dessa tese, no capítulo três, consiste em abordar a possível relação que pode ser estabelecida entre a técnica e o uso do Facebook na sociedade contemporânea. O propósito central do capítulo três é discutir o que a técnica agregou e o que ela transformou no modo de ser da sociedade, assim o capítulo se divide em dois tópicos. O primeiro aprofunda o debate sobre os aspectos da técnica na perspectiva da visão de Heidegger, marcada pela discussão a respeito da influência que a técnica tem sobre a sociedade e a necessidade de vislumbrarmos sua essência e a maneira como ela se infiltra pelos poros dos distintos grupos sociais. Discute-se também a visão de Arendt que vislumbra a necessidade do homem raciocinar sobre o conhecimento maquinístico, ao invés de aceitá-lo simplesmente, tornando-se um escravo indefeso da tecnologia.

Já o segundo tópico discutirá a instrumentalidade na contemporaneidade visando à análise sobre como a técnica se infiltra na sociedade, como o sujeito a recebe e de que maneira ela passa a exercer suas características sobre o indivíduo, em um momento social marcado pela produção em larga escala e a disseminação do consumo de tal produção, fatores resultantes da ação da técnica na modernidade.

3. TÉCNICA: MEIO PARA UM FIM OU ATIVIDADE DO HOMEM

O objetivo deste capítulo é discutir o conceito de técnica a partir da leitura de autores contemporâneos visando compreender a técnica e seus efeitos sobre a vida humana. Para isso, pretende-se verificar como são construídos os seus dispositivos e de que forma eles se inserem na vida do homem, principalmente, no que se refere ao uso da tecnologia como forma de extensão da técnica que permitiu ao homem controlar a natureza, pois de acordo com Bignotto (2009) a reflexão sobre a maneira como as inovações científicas e técnicas impactam nossa compreensão do humano é uma maneira de destruir certezas arraigadas em nossa cultura.

Em busca de cumprir os objetivos propostos acima, esse capítulo se constitui a partir da leitura de autores do século XX que discutiram a temática da técnica, como Heidegger (2012) e Arendt (1999). A discussão centra-se na visão de Heidegger, principal nome das análises sobre a técnica e a técnica moderna, mas avança também para os domínios estabelecidos sobre esse tema por Arendt. Além desses filósofos, esse capítulo também recorrerá a importantes comentaristas desses autores, vislumbrando compreender o alcance dessa análise para a nossa atualidade, profundamente marcada pela racionalidade técnica. Dentre esses comentaristas destacam-se Rüdiger (2006), Duarte (2010), Giacóia Junior (2001) e Dibia (2009).

3.1 Os aspectos da técnica em Heidegger e Arendt

A discussão sobre a técnica em Heidegger se construiu em torno de sua essência. A preocupação não se dava em entender a técnica, pois essa maquinística executava sua tarefa e pronto. No entanto, vislumbrava que era papel do filósofo compreender como esse novo *modus operandi* influenciaria toda uma sociedade e quais seriam os impactos oriundos dessa nova forma de ação do homem sobre a natureza, principalmente, a partir do momento em que a técnica passou a estabelecer uma relação com a ciência moderna.

Assim, os estudos de Heidegger sobre essa temática foram construídos por meio da análise do que seria a essência da técnica, uma vez que quando se alcança a resposta para a essência, o indivíduo está apto também para compreender os limites de tudo aquilo que é técnico. A discussão sobre a técnica desenvolvida por Heidegger estava ligada ainda a uma técnica mecânica, porém, os conceitos aí cunhados nos permitem atualizar as discussões e relacionar o que foi pensado em meados do século XX, com a realidade enfrentada pela

sociedade no começo do século XXI, dominada por diferentes recursos tecnológicos, um momento em que a técnica se encarna no homem por meio da máquina e se torna o signo da relação entre o sujeito e o mundo, conforme afirma Rüdiger (2006).

O conceito de técnica compreendido como um modo de ser, um tipo de ser tem origem na Grécia antiga. Porém, esse conceito grego é distinto do conceito moderno, a técnica oriunda da sociedade grega era artesanal, enquanto a moderna é maquinística. Na Grécia, o termo fazia referência ao modo como o homem retratava as coisas naturais existentes, ao contrário da forma de exploração funcional do mundo atribuída à técnica na modernidade (POSSEMAI, 2010). Ao longo de vários séculos, buscou-se por meio da técnica possibilitar serviços mais eficientes para a sociedade, assim como tentar reduzir os problemas que diminuía o tempo de vida, expandindo o horizonte da vida humana. À vista disso, técnica se trata de um saber colocado em prática de forma imediata por meio da máquina, estabelecendo uma relação dialética com a cultura e levando para esse campo, em tempos contemporâneos, o conceito científico e maquinístico (RÜDIGER, 2006).

Heidegger (2012) afirmava que não era possível estabelecer uma experiência verdadeira com a essência da técnica, se a relação fosse norteadas somente pelo aspecto técnico, do qual escolhemos nos aproximar e afirmar ou nos afastar e negar. Ainda mostrava a preocupação de que o estudo da técnica fosse realizado a partir de um posicionamento que a considerava neutra, concepção que cegaria o indivíduo sobre a essência da técnica. O questionamento sobre o significado de técnica estava atrelado à busca em saber o que é a técnica, cuja resposta toma duas direções, a primeira de que a técnica é meio para um fim; e a segunda, de que a técnica é uma atividade do homem. O primeiro caminho confere a característica de ser um instrumento, um mecanismo que permite ao usuário de seus serviços alcançar os objetivos propostos; o segundo sugere que a técnica é uma ação do homem. Alude a uma habilidade desempenhada pelo homem para realizar seus sonhos, conquistar seus interesses e impor-se sobre os demais membros da sociedade.

Esses caminhos não são excludentes, mas andam lado a lado em busca de cumprir todos os seus objetivos. Essas características permitem à técnica se infiltrar por todas as camadas sociais, transformando-se num mecanismo social indispensável no presente, tanto que Heidegger havia caracterizado esse tempo, como o tempo da dominação da técnica moderna, em que ela se faz presente em todas as esferas da vida, através da funcionalização, da perfeição, da automatização, da burocratização e também da informação, determinando o que seria a humanidade (POSSEMAI, 2010). Na contemporaneidade, a técnica estende ainda mais os seus braços sobre a sociedade, pois agora ela também participa da vida do sujeito

como prática de lazer, como entretenimento através das redes sociais e sua infinita possibilidade de interação social.

A técnica tem como função produzir e empregar o uso de ferramentas, de aparelhos ou máquinas, assim como estabelecer um propósito a dado objeto, que permitirá ao ser humano em suas atividades cotidianas, alcançar seus objetivos e cumprir seus propósitos. É o conjunto dessas funções que determina o conceito de técnica e a transforma também em um instrumento. Esta maneira de pensar a técnica define como “[...] um meio e uma atividade humana pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica.” (HEIDEGGER, 2012, p.12).

Essa determinação instrumental da técnica também foi aplicada à técnica moderna, considerada uma prática diversa em relação à técnica artesanal. Na visão de Heidegger, a técnica moderna também pode ser considerada meio para um fim, dessa forma, sua concepção de instrumento direciona o homem para uma relação direta com o aparato da técnica e assim a busca por suas formas de manipulação se transforma em um ato de urgência, principalmente, diante do fato de que a cada tentativa de manipulação a técnica escapa do controle do homem.

Essa busca incessante pelo controle desse fenômeno pode ser considerada o equívoco dessa relação, pois a técnica, enquanto meio para determinado fim não se constitui como um elemento de controle, mas de uso tão somente. Assim, cabe ao homem manusear esse elemento de acordo com a função a qual ele se submete e a partir dessa função compreender sua essência no mundo, pois somente descobrindo a essência de um dado objeto, estaremos diante da possibilidade de reconhecer sua propriedade verdadeira.

Segundo Heidegger (2012), o encontro dessa verdade só é possível a partir do momento em que o sujeito compreender a essência que compunha o interior do objeto. Não basta ter acesso ao meio, torna-se necessário entender as causas, os efeitos que tal objeto pode produzir e conhecer o fim destinado a um determinado meio. No que tange à causa, ao longo dos séculos a filosofia construiu quatro tipos de causas:

“1) a *causa materialis*, o material, a matéria de que se faz um cálice de prata; 2) a *causa formalis*, a forma, a figura em que se insere o material; 3) a *causa finalis*, o fim, por exemplo, o culto do sacrifício que determina a forma e a matéria do cálice usado; 4) a *causa efficiens*, o ourives que produz o efeito, o cálice realizado, pronto. Descobre-se a técnica concebida como meio, reconduzindo-se a instrumentalidade às quatro causas. (HEIDEGGER, 2012, p.13)

Portanto, diante dessas tipologias a causa passou a ser concebida como aquilo que é eficiente, que obtém resultados e efeitos. Cabe à causa determinar qual é o resultado que deve ser apresentado pelo objeto. Dessa forma, as quatro causas citadas são compreendidas como modos de responder e dever.

Diante desses fatos, Heidegger (2012, p.17) conclui que “A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento.” É um tipo de manifestação que se dá de acordo com o ambiente em que se revela. Não se trata de um instrumento ou um meio do qual o homem pode fazer uso no momento em que achar melhor, mas sim de uma possibilidade de revelação. Esse desencobrimento é uma forma de conhecimento que constitui o surgimento da produção, em compreender a instrumentalidade do instrumento.

No que tange à técnica moderna, há a visão de que ela seria muito diversa da técnica artesanal, no entanto, Heidegger (2012) também afirma que assim como a técnica anterior, a moderna é uma forma de desencobrimento, que deve ser compreendida como uma questão e não como forma simples de representação da técnica. Heidegger não finaliza seu pensamento nesse argumento, na verdade, ele deixa transparecer sua dúvida sobre a verdadeira relação existente entre a técnica e a natureza na modernidade.

A dúvida heideggeriana faz referência à discordância da visão de que a técnica moderna seja distinta de qualquer técnica anterior por basear-se nas ciências exatas da natureza, tanto que para responder a esse questionamento, retoma um conceito atribuído à técnica tradicional, ao afirmar que “Também ela é um desencobrimento. Somente quando se perceber este traço fundamental é que se mostra a novidade e o novo da técnica moderna.” (HEIDEGGER, 2012, p.18).

Nesse quesito, a técnica não se transformou, continua sendo um objeto dominado pelo desejo de se mostrar, se apresentar e de participar da vida social. A técnica moderna necessita de uma análise além do campo da epistemologia, é necessário identificar como ela se apresenta como um meio capaz de possibilitar a ocorrência de alguns fins ou mais precisamente saber como a natureza é explorada para fornecer energia. Deve-se vislumbrar o processo de extração, transformação, estoque, distribuição e reprocessamento como forma de desencobrimento explorador, marcado na modernidade pelas características do controle e da segurança.

Heidegger (2012) também atribui a esse desencobrimento da técnica moderna, uma característica de exploração da natureza. A técnica moderna queria extrair energia para ser beneficiada e armazenada. Dessa forma, pode-se observar que na modernidade a técnica aproximou-se do meio de produção. Tecnologia e economia se juntaram para aumentar a

produção e conseqüentemente o poder sobre o braço da sociedade que não alcançou o mesmo patamar. Essa forma de exploração imposta pela técnica a classifica como um dispositivo, empregado pelo homem para galgar seus objetivos.

Diante desse quadro, a exploração em que se desenvolve a técnica moderna vê-se envolta em expressões como dispositivo, disponibilidade e outras similares que atribuiriam à técnica um conceito habitual de execução prática de uma ação, mas para Heidegger, a técnica é mais do que uma ação, por isso, a insistência em que se compreenda a sua essência, que se discuta a forma como ela age sobre nossas vidas e os reflexos que ela provoca no sujeito, pois “O homem pode, certamente, representar, elaborar ou realizar qualquer coisa, desta ou daquela maneira. O homem não tem, contudo, em seu poder o desencobrimento em que o real cada vez se mostra ou se retrai e se esconde.” (HEIDEGGER, 2012, p.21).

Cabe ao indivíduo buscar essa verdade por trás da presença da técnica, visualizar de que forma se dá tanto seu aparecimento quanto seu ocultamento e os resquícios desse ato na vida humana. Porém, Heidegger também afirma que o desencobrimento em si não é um feito do homem. Quando o homem se põe a pensar no sentido e nos propósitos de um dado objeto que lhe foi revelado, conseqüentemente, o desencobrimento já aconteceu.

No entanto, esse não era o único papel que deveria ser atribuído à técnica, pois de acordo com Heidegger (2012, p.22-23) “[...] a técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem. Por isso, temos de encarar, em sua propriedade, o desafio que põe o homem a dispor do real, como disponibilidade.” É preciso compreender como se estabelece a relação entre homem e técnica e saber em que momento o homem a domina, mas também verificar em que situação a técnica manipula o sujeito. O segredo da técnica está atrelado à maneira como se dá o seu desencobrimento, que cumpre seu papel de produção e expõe a sua verdade, pois “[...] a técnica não se reduz apenas a uma atividade humana e muito menos a um simples meio desta atividade.” (HEIDEGGER, 2012, p.24).

A técnica seria uma forma encontrada pelo sujeito para modificar o modo do agir humano, a maneira de se colocar no mundo, para exercer seu potencial domínio sobre as pessoas. O próprio homem nada mais é do que uma produção técnica. Dizer que a técnica se apresenta de forma neutra teve a intenção de incentivar o homem a empregar os aparatos da técnica no domínio da natureza, o que corrobora com a visão de que a relação da técnica com o homem produziu um novo modo de agir por parte desse sujeito. Dessa forma, o sentido da técnica moderna se perde quando tentamos deixar de fora da discussão o seu lado ruim e trabalhamos apenas com seus aspectos positivos.

Heidegger (2012) observa na técnica um novo sentido para o ser humano, porém sem que o sujeito aplique sobre ela sua vontade, controle ou consciência. A compreensão heideggeriana reafirma que a técnica é uma manifestação e, portanto, não se submete ao domínio do homem. Apesar da técnica estar se colocando a serviço do homem, ela esconde a sua verdadeira essência, o que dificulta a compreensão de sua verdadeira ação na sociedade:

A teoria da natureza [...] não preparou o caminho para a técnica, mas para a essência da técnica moderna. [...] A essência da técnica moderna se encobre e esconde, durante muito tempo ainda, mesmo depois de já se terem inventado usinas de força, mesmo depois de já se ter aplicado a técnica elétrica aos transportes ou descoberto a técnica atômica. (HEIDEGGER, 2012, p.25).

Mesmo diante do papel que a técnica exerce na modernidade, sua essência ainda está encoberta e escondida. Isso se deve ao fato do original só se apresentar ao homem por último, por isso, a necessidade do homem refletir sobre o papel da técnica e buscar a compreensão do seu impacto, caso contrário, quando a técnica apresentar sua essência pode ser tarde para que o homem reaja e mude o papel desse elemento em sua vida. Porém, a busca pela essência da técnica coloca o homem no caminho de um desencobrimento, em busca de um destino. Somente a existência de um destino pode conferir à ação humana uma característica histórica (HEIDEGGER, 2012).

Duarte (2010) interpreta a visão heideggeriana baseado na relação ambígua que o homem estabeleceu com a técnica nesse período, uma vez que Heidegger concebe a modernidade de maneira calculista e sentimental, focada em maravilhas e misérias tecnocientíficas, sem reflexão sobre a modernidade como um período determinado pelo ser. Portanto, de um lado colocam-se os analistas que veem na tecnologia a confirmação de que o mundo encontrará um novo caminho, enquanto do outro lado estão os inimigos da técnica, sustentados por seus discursos catastróficos sobre os resultados advindos da presença da tecnologia no seio da sociedade.

Porém, ambos os lados se esquecem de analisar como se dá a relação entre o ser e o objeto, a questão mais importante desse contexto. Essas ponderações de Duarte suscitam um importante elemento de análise quando se discute a questão da técnica, que é a ambiguidade nela existente. Mesmo os analistas da técnica não são capazes de chegar a um consenso sobre sua funcionalidade e se dividem entre defensores e acusadores, mostrando o quão ambíguo pode ser seu funcionamento e seu impacto sobre a sociedade. Assim, esse capítulo discutirá ainda de forma mais aprofundada essa questão da ambiguidade técnica.

Ainda citando a visão de Heidegger, Duarte (2010, p.13) afirma que

[...] o mundo em que o espírito perdeu seu vigor é aquele no qual o homem esqueceu-se de sua relação pensante com o ser para entregar-se à caça e ao controle dos entes, dando ensejo ao mundo frenético em que vivemos cotidianamente, sempre às voltas com mil atividades e ocupações para as quais sequer temos tempo suficiente para começar a dar conta delas.

Para Duarte faltou à sociedade moderna se debruçar de modo reflexivo sobre o conceito de técnica e a forma como ela se relacionava com esse novo período da história. Mas, o homem preferiu dedicar seu tempo para encontrar uma maneira de dominar a técnica, para, dessa forma, exercer seu domínio sobre os membros da sociedade que não alcançassem esse objetivo. A consciência moderna se deixou dominar pela impressão de que o homem poderia facilmente manipular a técnica, quando na verdade o que acontece é exatamente o contrário, é o homem que está sendo manipulado por ela. A busca frenética pelo controle da técnica acabou criando uma dependência do homem em relação a esse objeto, onde o caçador se transformou na caça.

Na modernidade, o homem tentou estabelecer um domínio sobre a técnica, pois segundo Heidegger (2012, p.12), “[...] Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem.” O homem tem de dominar tudo aquilo que se encontra a sua volta, explorando tais recursos de todas as formas possíveis, até que o mesmo não tenha mais nada a oferecer. Mas a técnica, não é um recurso finito, tanto que desde o surgimento na Grécia, ela só fez se atualizar, renovar e se manter sempre atual. Tal característica dificulta o domínio humano, pois quando se tem a noção de que esse mecanismo está dominado, ele mais uma vez ressurge e inova sua forma de ação sobre o homem. Essa busca pelo domínio da técnica se deve também devido ao fato da técnica ter se transformado num meio econômico, onde dominando seu funcionamento torna-se possível controlar os povos que não conseguiram atingir tal feito e dessa forma subjugar-los economicamente. Portanto, a técnica se mostra independente do controle de qualquer tipo de grupo social, ela segue seu caminho por vontade própria.

Diante desse contexto econômico ligado à técnica moderna, nota-se que ela muito mais do que ser regida por uma produção, deixa-se controlar pelo desafio de exploração da natureza, cabe à técnica o papel de fazer com que a natureza permita a extração e o armazenamento de suas energias (SILVA, 2009). Dessa forma, se é a técnica que exige da natureza, a concepção de Heidegger de que a técnica não é simplesmente um meio a serviço do homem se confirma, pois mais do que se colocar a serviço de algo, é a própria técnica que

exerce a sua essência sobre a natureza, o que a faz se distanciar do sentido comum de técnica, que a classifica como meio para fins e atividade humana.

Outro fator de relevância na discussão do vínculo entre o homem e a técnica está atrelado ao fato de que diante da técnica moderna, o homem é desafiado, dessa forma, não age autonomamente e nem domina sua atividade. E, se o homem não domina sua atividade, isso comprova que a técnica age na sociedade de forma independente, de acordo com sua essência, sem que nenhum elemento de controle seja imposto sobre sua maneira de agir. Por isso, a necessidade de que o homem estabeleça com a técnica uma relação pautada no desencobrimento, pois é essa atitude que rege o ser do homem, “[...] o homem só se torna livre num envio, fazendo-se ouvinte e não escravo do destino.” (HEIDEGGER, 2012, p.27-28).

Portanto, tentar controlar a técnica só possibilitará ao sujeito a escravidão. O desencobrimento surge de coisas livres, coloca-se em direção também do que é livre e dessa forma só pode conduzir o indivíduo à liberdade, já que a liberdade é a possibilidade de se compreender como a essência da técnica permite que essa mesma técnica exerça seu papel de exploração sobre a natureza.

A técnica se apresenta para Heidegger como a fatalidade de sua época, atribuindo à fatalidade o conceito de ocorrência inevitável de um processo inexorável ou incontornável, que faria com que o homem ficasse sempre exposto ao seu próprio destino. O papel da técnica deve ser vislumbrado como um fato normal e necessário. A própria evolução no modo de relação entre o homem e a natureza pede a presença de um dispositivo capaz de reger essa nova relação, o que faria da técnica tão somente uma consequência desse tempo, assim como a tecnologia se tornou consequência do mundo atual e passou a permear a forma como a técnica age sobre nossas vidas.

Na contemporaneidade, essa ascendência da técnica sobre nossa vida é regida também pela influência que as redes sociais desempenham em nossas vidas, fazendo com que o sujeito que não participa desse espaço seja, muitas vezes, considerado um estranho; enquanto aqueles que participam entregam o seu destino às ferramentas das redes sociais, principalmente, no que tange à publicização de sua intimidade nas páginas desses sites, como se tal ato fosse a atitude mais natural que um ser pode desempenhar em tempos de domínio da tecnologia sobre o modo de agir humano.

Nesse contexto, a presença da técnica ganha hoje formas sofisticadas de tal maneira que já não temos mais condições de distinguir entre o que é nosso corpo e o que é a técnica ou tecnologia. Esses limites se apresentam indefinidos. Essa indistinção entre o que é corpo e o

que constitui a técnica como extensão dele, não é um fenômeno recente, mas decorre da apropriação que os seres humanos realizam da natureza transformando os objetos em extensão do próprio corpo, como condição para a objetivação humana e humanização da própria natureza.

Essa maneira de ação da técnica sobre a natureza está atrelada a um desafio da técnica à natureza, mais do que a um produzir, visto que “[...] no desafiar que rege a técnica moderna o homem põe a natureza como recurso, como algo passível de encomenda, como algo a ser explorado por ele.” (SILVA, 2009, p.234). Mas tal exploração se dá a partir da permissão da técnica, no momento em que ela se transforma numa parceira do homem para extrair da natureza os recursos necessários para a produção dos produtos necessários para manter a vida na sociedade moderna.

Dessa forma, o ente na modernidade, perde seu conceito de objeto e se transforma em recurso, o que confirma a transformação na relação estabelecida entre a técnica e o homem, uma vez que na modernidade a verdade não se refere mais ao espaço em que se opera o desocultamento, o que faz com que o homem seja subjugado pela técnica “[...] ao espalhar sua dignidade em suas conquistas tecnocientíficas, afunda-se cada vez mais no esquecimento do ser que impele a seguir freneticamente em um movimento contínuo da criação e destruição da vida em nome da própria vida humana sob o ímpeto da vontade de querer.” (DUARTE, 2010, p.33-34). A técnica moderna possibilitou ao homem vislumbrar o alcance de um poder que ele não tinha experimentado em nenhuma outra época da história, e diante dessa possibilidade, o sujeito se esqueceu das consequências de se esgotar todos os recursos naturais sem limites éticos, mas vislumbrando apenas o poder econômico possibilitado pelo advento tecnológico.

Assim, Heidegger não considerava a técnica moderna como algo perigoso, o perigo surge no momento em que a essência da técnica penetra a essência do homem, estabelecendo sobre ele um domínio que não o permite retornar à sua própria verdade. Deslumbrado com a possibilidade de poder conferida pelos dispositivos tecnológicos, o homem se esqueceu da técnica clássica, cuja produção se dava em harmonia entre as necessidades do homem e as necessidades da natureza, passando para uma relação de total exploração dos recursos naturais, sugando tudo o que pode ser oferecido pela natureza. No presente, quando observamos o comportamento do indivíduo nas redes sociais, cujo poder é construído por meio da capacidade que um usuário tem de atrair a atenção do olhar alheio, vemos que em algumas situações a exposição da imagem pessoal também subverteu essa ordem da própria verdade, pois a publicização das redes sociais é elaborada por alguns usuários a partir de uma

personagem, cujas características almejam o olhar do outro, dominados pela vontade de poder no ciberespaço.

Diante do exposto, a compreensão do papel da técnica, especialmente na modernidade, passa pela análise de como se apresenta a sua essência. Não se trata, como esclarece, Heidegger (2012, p.30), de pensar a técnica como perigosa: “Não há uma demonia da técnica. O que há é o mistério de sua essência. Sendo um envio de desencobrimento, a essência da técnica é o perigo. Talvez a alteração de significado do termo ‘com-posição’ torne-se agora mais familiar, quando pensado no sentido de destino e perigo.” Portanto, discutir a essência da técnica é compreender sua composição, discutir a maneira como ela se constitui é o caminho que nos permitirá verificar como se dá a relação com o meio social que a recebe na tentativa de dominá-la.

Mas tal domínio é praticamente impossível, pois para Heidegger (2012, p.30-31)

A ameaça, que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da com-posição arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao homem voltar-se para um desencobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural.

Todavia, o homem se deixou seduzir por todas as possibilidades de controle sobre a natureza ofertada pela técnica, e diante dessas possibilidades o desejo de poder falará sempre mais alto, o que levará o homem cada vez mais a tentar estabelecer um controle sobre o aparato da técnica, gerando dessa maneira mais equipamentos técnicos e em consequência mais ações mortíferas. No entanto, diante dessa colocação, o filósofo é o primeiro a recuar e mais uma vez citar como é difícil definir o conceito de técnica, mesmo depois de compreender essa importante relação entre a técnica e sua essência, uma vez que “[...] a composição se torna a essência da técnica, por ser destino de um desencobrimento, nunca, porém, por ser essência, no sentido de gênero e *essentia*. [...] a própria técnica exige de nós pensar o que, em geral, se chama ‘essência’, num outro sentido.” (HEIDEGGER, 2012, p.32).

A essência da técnica mostra-se como uma grande ambiguidade, que está atrelada ao ato de desencobrimento, ou seja, da sua verdade. E tal verdade, ora coloca a técnica como um meio a serviço da exploração do homem sobre a natureza, mas na sequência a vemos como uma forma de manipulação do homem, que dominado não consegue mais viver, trabalhar ou até mesmo se divertir sem o auxílio de algum aparato tecnológico, gerado pela técnica. Essa relação é retomada por Giacóia Junior (2001, p.59) da seguinte forma: “O que haveria de

patogênico, irracional ou exagerado no relacionamento com a técnica seria, para Heidegger, essa rendição incondicional ao império da técnica, esse ofuscamento do pensamento que, enfeitado, pela técnica, se torna incapaz de abrir-se à meditação sobre sua essência.”

Portanto, o problema central no que se refere à ação da técnica sobre o homem está na nossa incapacidade de pensar, refletir acerca dos efeitos da técnica sobre nós, o que demandaria pensar a sua própria essência. Estamos tão tomados, tão mergulhados na técnica que já não percebemos seus efeitos perversos sobre nós. Sem uma atitude reflexiva diante do uso que o homem faz da técnica, a relação é marcada por aspectos que permitem a total dominação desses dispositivos sobre o sujeito que o utiliza, em distintos momentos de sua vida.

Diante dessa realidade que destaca a existência de uma relação de dependência do homem no que diz respeito à técnica, Giacóia Junior (2001) propõe uma saída afirmando que a reforma da consciência que daria lugar a um relacionamento não patológico e desfigurado com a técnica moderna só seria possível por meio de uma relação pensante, caso contrário, qualquer tentativa de intervenção seria capturada pelo processo de produção tecnológica que domina o mundo. A técnica é algo consolidado em nossa sociedade, ainda mais na modernidade, portanto o que se deve fazer agora é estabelecer com ela uma relação reflexiva.

Seu emprego em nossas vidas deve ocorrer sempre a partir da análise sobre os aspectos que ela pode nos agregar, assim como também compreendendo quais são os riscos que ela impõe à nossa vida. Se empregada como um meio que nos permita solucionar problemas e agilizar nossas atividades será benéfica, no entanto, se continuar a produzir formas de dominação sofisticadas, com certeza estaremos diante de um aspecto crítico dessa relação. Então, cabe ao homem decidir como essa relação acontecerá, uma vez que o agir técnico contemporâneo tem influência para definir a essência do homem moderno, segundo Critelli (2002).

Também se torna necessário compreender o aparato instrumental que a essência da técnica apresenta, entendendo essa instrumentalidade como o meio que traz consigo uma finalidade definida. Dessa forma, esse instrumental seria a causa responsável pela produção de um dado efeito, e a essência da técnica só seria realmente apreendida se fosse possível examinar tal causalidade.

Silva (2009), retomando o conceito tradicional de técnica, compreende a posição de Heidegger sobre a essência da técnica, vislumbrando-a como uma ação humana, cuja essência constitui-se de sua consideração como verdade, uma forma de desabrigar e não um simples meio. Cabe à técnica o papel de ser a verdade, a essência do fim desabrigado e revelado. Para

Heidegger é claro o fato de que a técnica não seja um simples meio colocado a serviço da sociedade para que esta possa atingir todos os fins desejados, na verdade, ela encontra-se em outro patamar nessa relação, se mostra como a verdade daquilo que ela manifesta, a técnica é um modo de permitir ao objeto se mostrar, de dizer qual o seu papel e conseqüentemente anunciar qual a sua verdadeira essência.

Possemai (2010) fala da conversão do mundo em imagem como principal marca da modernidade e da forma como isso afeta a relação entre homem e técnica, mudando a essência do homem convertido em sujeito do mundo moderno e conseqüentemente também a técnica. A essência da técnica moderna relaciona-se com a conversão do mundo em imagem manipulável em meio à armação, que utiliza o mundo como reserva para a exploração de recursos. A exploração do sujeito em relação à natureza não se dá mais apenas na busca de recursos econômicos, como a produção de energia, mas também passa a ser atrelado à aparência. Agora, não basta ter domínio sobre os outros, mas é necessário que esse domínio seja fixado através da imagem da dominação.

Trata-se aqui do surgimento dos aparatos tecnológicos de comunicação, denominados Meios de Comunicação de Massa (MCM), como a televisão em meados do século e a internet no fim do mesmo período, que de maneiras diferentes atribuíram à imagem uma força importante no que se refere a impor sobre os telespectadores e consumidores desses espaços, modos de vida e de comportamento, principalmente, que estimulem o consumo. Essa questão referente ao poder assumido pela imagem na modernidade será explorada nos próximos capítulos dessa tese, especialmente, durante a discussão sobre a relação existente entre a rede social e o usuário contemporâneo da tecnologia.

Quanto à falta de resistência, que pode ser exercida por meio da reflexão, tomando a fábrica como modelo da expansão da técnica sobre a sociedade, esta se transforma em modelo da existência humana, determinada agora a se desenvolver de forma similar a uma linha de montagem ou um escritório executivo racionalizado. A vida se torna uma ação repetitiva, cuja função do sujeito é cumprir a meta estabelecida para o seu papel social. Nas redes sociais, também nos deparamos com essa característica da repetição, mas no ambiente virtual o que se repete é a ação, o usuário da rede social é induzido a constantemente revelar ao outro o que está acontecendo em sua vida, quais lugares tem frequentado, entre outras ações anunciadas corriqueiramente nas páginas das redes sociais, publicizar a intimidade é a verdadeira linha de montagem da contemporaneidade virtual.

Para Giacóia Júnior (2001), o caráter manipulatório não apresenta nenhum tipo de resistência para o aparato da técnica e vê com bons olhos o poder exercido pela tecnologia.

Dessa forma o sujeito do presente acata o domínio tecnológico e não faz nenhuma menção em produzir uma tentativa que seja de resistir a esse controle da técnica. É claro que contra os excessos da história o homem ainda tinha a possibilidade de impor limites éticos e políticos, mas diante do desenvolvimento da ciência e da técnica, que multiplicaram os dispositivos de produção de forma ágil, foi rompida qualquer possibilidade ética de resistência (CÂMARA, 2013).

O que certamente ocorre com os processos técnicos na atualidade é que há uma clara inversão, como já fora indicado ao longo desse capítulo, em que a técnica e seus princípios antes postos a serviço do homem, hoje submeteu o homem à dominação dessa racionalidade, como demonstrara Adorno e Horkheimer, no livro “Dialética do Esclarecimento”. Esta racionalidade submeteu ao seu domínio todas as instâncias da vida tomando-a de assalto. Todas as esferas da vida foram mobilizadas e postas para trabalhar: o corpo, os afetos, o psiquismo, a criatividade e a imaginação. Nada parece escapar a esse registro que nos invade e coloniza (PELBART, 2007). Nisso consiste a diferença que demarca a racionalidade técnica na atualidade de seus efeitos em épocas anteriores. É nesse lugar que sem dúvida se situa as tecnologias da informação em suas mais variadas expressões, nas quais se inserem as Redes Sociais como elemento poderoso na constituição do nosso *ethos* contemporâneo.

Ainda no que tange à questão da falta de resistência, Duarte (2010) afirma que o projeto tecnocientífico da fabricação de todas as formas de vida rompeu o vínculo existente entre natureza e vida. Foi esse fato que levou à destruição da possibilidade de distinção entre vida e artifício, natureza e mundo. Dessa forma, não sendo mais possível para o homem estabelecer uma diferença entre instrumento tecnológico e vida, tornou-se impraticável resistir à técnica.

Nessa mesma linha, recorre à visão arendtiana, afirmando que “Para Arendt, o aspecto mais grave da questão é que cada vez mais se abre um fosso entre as capacidades fabricantes do homem no âmbito tecnocientífico e sua capacidade de falar, pensar, julgar e opinar de maneira significativa a respeito daquilo que ele é capaz de fazer.” (DUARTE, 2010, p.51). Cada vez mais, o homem se afasta de uma conduta marcada pela reflexão ou a resistência diante da imposição do mercado. A técnica, portanto, sempre esteve presente na vida do ser humano, mas a partir da modernidade ela passou por uma transformação. A revolução científica permitiu um avanço rápido e vertiginoso da tecnologia. Tal evolução mudou radicalmente a forma como o homem passou a se relacionar com a técnica.

Para Arendt (1999), no momento em que se efetivar o divórcio entre o conhecimento e o pensamento, o ser humano passará definitivamente à condição de escravo indefeso, não das

máquinas, mas do conhecimento maquinístico, desprovido de raciocínio, à mercê de qualquer dispositivo técnico, independente da ação mortífera que o mesmo possa gerar. Esse novo modo de ação do conhecimento científico expande-se também à ciência social, uma ciência do comportamento, que também age para que o homem passe a se comportar de forma condicionada, como um animal irracional. A técnica embrenhou-se por todos os caminhos que lhe permitissem exercer o poder sobre o homem, no entanto, utilizando-se de operações que maquiasssem a verdadeira intenção por trás de cada um de seus atos.

Arendt (1999) afirma que as comunidades modernas transformaram-se em sociedades de operários e assalariados, centrados em uma única atividade, o labor, que possibilitaria aos sujeitos manter sua vida. O ciclo de vida agora, por causa das máquinas, é mais rápido e repetido. No entanto, é essa repetição que dá ao processo de produção uma ideia de infinitude que norteia o labor, processo biológico necessário para a sobrevivência, na sociedade moderna. Assim, o perigo não se concentra na automação mecanizada e artificial da vida natural, mas no fato de que isso seja feito sem nenhum tipo de resistência por parte do sujeito.

Caso tivéssemos uma relação pautada na reflexão dos impactos técnicos, poderíamos encontrar mecanismos que não permitissem às máquinas minar a durabilidade das coisas. No entanto, o aparato tecnológico se coloca exatamente com a proposta de acelerar e replicar automaticamente a vida humana. As queixas sobre o fato dos homens se tornarem escravos das máquinas que eles inventam, adaptando-se às necessidades da máquina e não mais as empregando para sua comodidade, é fruto das raízes factuais do labor, que consiste em estabelecer mecanismos para a sobrevivência biológica do ser, tanto que “[...] as máquinas tornaram-se condição tão inalienável de nossa existência como os utensílios e ferramentas o foram em todas as eras anteriores” (ARENDR, 1999, p.160)

Os objetos se referem aos fins projetados durante a construção dos instrumentos e ferramentas. Dessa forma, o debate sobre os problemas da tecnologia referentes à presença e transformação que a máquina agregou à vida humana envereda-se de modo equivocado ao discutir o serviço ou desserviço que as máquinas oferecem aos homens, pois elas foram criadas para prestar esse papel. Portanto, o que precisa ser analisado é o impacto da presença da técnica na vida humana, pois conforme Arendt (1999, p.164) “[...] a questão não é tanto se somos senhores ou escravos de nossas máquinas, mas se estas ainda servem ao mundo e às coisas do mundo ou se, pelo contrário, elas e seus processos automáticos passaram a dominar e até mesmo a destruir o mundo e as coisas.”

Tal compreensão só será possível, quando o sujeito puder estabelecer uma relação de neutralidade com a técnica e assim analisá-la de forma crítica, reflexiva. Essa preocupação de

Arendt (1999) sobre a forma como a técnica impacta a vida moderna foi abordada nesse capítulo no momento em que tratamos da visão de Heidegger, cujo posicionamento perpassa a necessidade do sujeito resistir à imposição técnica. É necessário refletir sobre todos os aspectos da ação da técnica sobre a modernidade.

Segundo Bignotto (2009), Arendt percebeu o desafio posto à filosofia, o qual ela denominou ‘pensar o que estamos fazendo’. A postura de Arendt de transformar seu tempo em objeto de investigação, no entanto, sem se esquecer da tradição, mostra a preocupação com o fato de que a época de maior progresso das ciências foi também aquela de maior do homem em sua história.

Quanto à instrumentalidade da técnica, Arendt condena o pensamento de que o fim justifica os meios, aplicado ao modo de vida contemporâneo que julga o avanço tecnológico a partir da adequação e serventia de seus produtos em relação ao fim proposto, sem nenhuma preocupação em discutir os resquícios que tal ação possa provocar ao meio. O que importa é que tudo seja realizado às pressas, e que o resultado de um processo possa imediatamente dar origem a outras coisas, para que nesse mecanismo cíclico perdue a dominação da técnica.

Também esse pensamento de Arendt pode ser ampliado para a utilização das redes sociais, pois conforme levantado pelo questionário apresentado no capítulo anterior, usuários de rede social do recorte estudado reconhecem que tal espaço foi criado para que o indivíduo se mostre para o outro e com ele compartilhe tudo que se passa na sua vida, porém transparece que essas pessoas não se atentam para o fato de que a exposição excessiva intensificou as práticas preconceituosas, os ataques ao outro. Portanto, tem-se a impressão de que devido ao fato das redes sociais terem como princípio a exposição, alguns usuários consideram que vale tudo nesse sentido dentro do ciberespaço.

Para Arendt (1999, p.168) “[...] a ‘instrumentalidade’, disfarçada em utilidade, governa o mundo, depois de construído, com a mesma exclusividade com que governa a atividade através da qual o mundo e todas as coisas nele contidas passaram a existir.” Assim, tem-se um mundo moderno determinado pela irreversibilidade e a imprevisibilidade humana introduzidas pela tecnologia, um período em que a reificação do mundo determina a rota de evolução adotada pela sociedade contemporânea. No entanto, mais do que o papel que a instrumentalidade desempenha nessa relação entre a técnica e o homem, nos interessa nessa análise discutir como a técnica e seus aparatos se tornaram referência para a vida humana e quais os impactos que tal referência provoca na contemporaneidade.

Sobre essa transformação na relação entre homem e natureza promovida pela técnica, Duarte (2010, p.49-50) apresenta a preocupação de Arendt, de que sem reflexão o homem

poderia se perder nesse caminho em busca do domínio da técnica e tal fato poderia gerar consequências catastróficas.

Para Arendt, o problema da transformação da natureza e de toda forma de vida em um processo artificial tecnocientífico diz respeito ao fato de que todo artifício produzido por mãos humanas pode vir a ser destruído pelas mesmas mãos que o produziram, para não mencionar o risco crescente de que advenham consequências imprevisíveis e incontroláveis no curso desse mesmo processo de fabricação da natureza e do próprio homem. (DUARTE, 2010, p.49-50)

3.2 A instrumentalidade técnica na contemporaneidade

O homem pode ser na verdade a primeira vítima da técnica, que enquanto descobrimento conforme definido por Heidegger, está muito além de ser apenas um recurso empregado pelo homem. Ela é independente e assim consegue impor-se ao desejo do homem. Consequentemente, esse homem se vê submetido pelo aparato da técnica. A caracterização principal da técnica moderna se encontra no fato dela se apresentar como princípio da existência, promovendo no sujeito o esquecimento de sua condição humana e a aceleração da maquinização dos entes de forma geral, o que resulta em impor um modo de vida ordenado, uniforme, calculável e automático (PRADO, 2011).

Essa imposição é tão avassaladora que nos deparamos com uma inversão de valores, cujos dispositivos são agora os responsáveis por comandar a forma como o sujeito se comporta. No entanto, Prado (2011) afirma que a essência da técnica moderna é um estado perigoso, porém necessário para que a sociedade possa alcançar algo de novo e assim se libertar do esquecimento do ser. Mas só poderemos atingir esse novo estágio, por meio de um comportamento reflexivo em relação à técnica e sua forma de atuação em nossa vida moderna. Giacóia Junior (2001, p.52) afirma que:

Os homens estão inclinados a considerar a técnica como a coisa mesma, como fim em si mesmo, como uma força com essência própria, e esquecer que ela é o braço prolongado do homem. Os meios – e a técnica é um conceito nuclear dos meios para a autoconservação da espécie homem – são fetichizados porque os fins – uma vida humana digna – são ocultados e subtraídos à consciência dos homens.

Outro fator importante que deve ser abordado quando se discute a relação entre o homem e a técnica, especialmente, na modernidade, trata-se da questão da técnica ser vislumbrada pela sociedade como um instrumento. Dessa forma, seu emprego devia estar

sempre sob o domínio do sujeito, o que Heidegger considera um engano, que afastaria ainda mais esse sujeito da compreensão da essência dessa técnica, pois “Enquanto representarmos a técnica, como um instrumento, ficaremos presos à vontade de querer dominá-la. Todo empenho passará por fora da essência da técnica.” (HEIDEGGER, 2012, p.35). Não existirá, portanto, relação entre homem e técnica, se aquele, independente da maneira empregada, desejar apenas controlar os aparatos técnicos. Na verdade, tal relacionamento deve ser construído por meio da tentativa de compreensão do fenômeno, de como se dá a formação de sua essência.

Giacóia Junior (2011) analisa a visão que confere à técnica o papel de mero instrumento, afirmando que a técnica é pensada como o elemento nuclear da moderna vontade de poder, uma vontade de sujeição, de completa disponibilidade do ente, enquanto elemento de cálculo, a serviço das cadeias da produção e do consumo técnico orientado. Na modernidade, o homem observa na técnica uma forma de dominação sobre a natureza, fato que desenvolveria tanto a produção quanto o consumo dos bens produzidos. A técnica passa a ser considerada um instrumento de desenvolvimento econômico. Mas não fica presa somente a essa questão e avança também para todos os outros aspectos da vida moderna, principalmente, na contemporaneidade, no que se refere ao papel que os meios de comunicação virtuais assumem sobre o indivíduo.

Giacóia Junior (2001, p.75) destaca ainda a posição que o sujeito assume diante da técnica: “A técnica toma parte essencial naquilo que Heidegger denomina o *desgaste* (Vernutzung) do ente em sua totalidade, na transformação de todo ente em fator e variável no cálculo técnico para a produção e consumo global de objetos disponíveis.” Ainda sobre o papel da tecnologia na atualidade, Giacóia Junior (2001, p.57) afirma que:

[...] como elemento aglutinador no processo de desgaste do ente, a escalada tecnológica tem sempre uma face de corrida armamentista, de produção e equipamento bélico para a competição pela hegemonia, numa intensificação sem precedentes da produção tecnológica seguindo compulsivamente uma dinâmica própria, fazendo desaparecer completamente as fronteiras entre guerra e paz.

Mas essa visão não deve ficar restrita apenas ao campo bélico, na verdade, essa ideia se estendeu por todos os demais campos da sociedade, principalmente, para a área do consumo, que visa explorar a tecnologia de todas as formas possíveis para fidelizar cada vez mais o cliente, consumidor desses aparatos. A técnica emprega sua capacidade de nivelar todo

sujeito a pensar de forma calculada e isolada, orientando as massas para a produção e o consumo. Cria-se assim, um homem moderno em busca de satisfação constante.

Por isso, diante de tantas possibilidades oferecidas pela técnica, o sujeito contemporâneo imbuu-se da vontade de controlar esse aparato, explorando-o de todas as formas possíveis, porém sem perceber que essa busca o colocava como o verdadeiro objeto dessa relação e não mais no papel de sujeito. Giacóia Junior (2011), ao aproximar a técnica considerada como instrumento e sua essência, afirma que a técnica é um produzir, no entanto, um produzir específico, um tipo de desocultamento. Assim, enquanto desocultamento, a técnica não pode mais ser considerada simplesmente um meio. A técnica abre um novo domínio para a essência da técnica, transforma-se no domínio da verdade, em uma tentativa de se compreender a verdade. Nesse caso, se refere ao papel que a técnica desempenha no seio da sociedade, porém, papel que vai além de seu aspecto técnico, uma vez que se vislumbra entender seu impacto na vida humana.

No entanto, o sujeito moderno não se interessou por compreender essa verdade, e dispôs-se apenas a exercer a função de produção da técnica, excluindo totalmente o fato de que a técnica não é meio, instrumento, mas armação. A técnica se apresenta para o homem, montada, construída, o que impede que ela seja simplesmente instrumentalizada a bel prazer do sujeito que a utiliza. Na verdade, a transformação se dá no sujeito, quando o homem ocidental torna-se técnico. O instrumento, nesse caso, é o comportamento humano diante do aparato tecnológico empregado para realizar seus desejos de produção e consumo.

Segundo Critelli (2002) é a técnica que estipula o modo do cuidar, que substitui o homem e a sua condição, cuidando por nós, ou melhor, manipulando o sujeito, que diante do vício tecnológico não consegue se desvencilhar dessas amarras. Para Câmara (2013), a técnica constrói-se a partir de um nivelamento do pensamento calculador e solitário, marcas típicas dos regimes totalitários e das sociedades de massas, a última orientada para a produção e o consumo. No entanto, afirma que era possível agir contra os excessos da história, mesmo que isso ocorresse de forma precária, porém torna-se difícil lidar com o desenvolvimento da ciência e da técnica, cujas manifestações inéditas se multiplicam com incrível rapidez.

Na visão de Horkheimer (2002), em tempos de técnica moderna, o pensamento é substituído por ideias estereotipadas, que ora são tratadas como meros instrumentos convenientes, abandonados ou aceitos no momento mais oportuno; ora como objetos de adoração fanática, cujas amarras dominam o sujeito contemporâneo, pois quanto mais artifícios são inventados para dominar a natureza, mais o homem se submete a tais mecanismos em busca de sua sobrevivência. A construção de um mundo pautado mais em

meios do que em fins deu origem a uma época de desenvolvimento da produção. Nesse contexto, “Apenas a contradição tornou-se industrializada. A hipocrisia tornou-se cínica; sequer espera que alguém acredite nela. [...] Na altamente desenvolvida divisão de trabalho, a expressão tornou-se um instrumento utilizado pelos técnicos a serviço da indústria.” (HORKHEIMER, 2002, p.105).

Sobre o impacto da técnica, Horkheimer (2002) tece uma crítica dura sobre sua abrangência na sociedade, expondo que se trata de uma máquina des governada que corre cegamente. No momento em que o sujeito consome o aparato técnico o faz de maneira irracional. O cego desenvolvimento da tecnologia reforçou a opressão, e enquanto o progresso é ameaçado de se transformar em puro barbarismo, se esquece do homem.

Ainda de acordo com o pensamento de Horkheimer (2002), a sociedade moderna dominada pela técnica considera o pensamento sem serventia aos interesses de um grupo estabelecido ou não adequado aos negócios de qualquer indústria como algo inútil ou supérfluo. Apesar das massas se considerarem donas de seu destino, na verdade, elas são submissas ao mercado, ao poder econômico que exerce o domínio sobre todas as instâncias do vivido. Nesse sentido, percebe-se que a crítica teórica da sociedade mostra-se supérflua por causa do progresso tecnológico e sua promessa de revolucionar as condições de existência humana.

Horkheimer (2002) afirma que existe um culto à indústria e à tecnologia, sem nenhuma preocupação em estabelecer um sentido a esse ato, pois o que importa é que o sistema econômico se imponha sem tréguas e nem fugas. A resistência deve ser banida da atividade social, o que importa é o controle imposto pelos dispositivos técnicos, e conseqüentemente, o sucesso do sistema econômico. A sociedade de meados do século XX era norteada pelo mercado, cujo funcionamento, dava-se a partir da medição da utilidade do sujeito e dos organismos para a manutenção da relação de poder instituída pelo sistema econômico vigente.

Diante do exposto, Leopoldo e Silva (2007, p. 373) reconhece que se a técnica é um modo para se desvelar o ser e habitar o mundo e se a maneira do sujeito de pensar e agir é dependente da técnica, torna-se inevitável a existência de um governo técnico para o mundo. Porém, também afirma que pode surgir um pensamento que não recuse a técnica, mas que faça dela uma questão a ser enfrentada com a maior liberdade possível.

Lamentar não é o caminho, mas sim enfrentar, e tal enfrentamento nos obriga a verificar aquilo que Heidegger nos diz durante toda sua análise sobre a técnica, qual é a essência da técnica moderna, como ela age sobre a sociedade e de que maneira podemos

estabelecer com ela uma relação de verdade. Silva (2009, p.235) também retoma essa necessidade do homem reavaliar sua relação com a técnica ao salientar que “O ente visto pela técnica nada é além de recurso, o homem da técnica é somente aquele que encomenda recursos. Sob o domínio da armação, tanto homem como mundo são desafiados; em última análise, ambos se reduzem a recurso.”

O homem precisa deixar de ser um mero recurso e se transformar de fato em sujeito da relação com a técnica. Mas isso só será possível se o homem se colocar em uma situação que lhe permita analisar o papel que ele desempenha nessa situação, pois como afirma Possemai (2010), a técnica não é dependente do homem, na verdade, ela depende da apropriação de poder, constituído pelo homem e que o mesmo não consegue dominar completamente. A ascendência da técnica sobre a sociedade se dá a partir da maneira como o homem pensa a função e o exercício do aparato tecnológico, e o homem precisa refletir sobre esse fato, pois conforme afirma Critelli (2002) todo o ser representa as possibilidades que descobrimos nos entes e que empenhamos em realizar, o ser é tudo aquilo que é possível do mundo e de nós mesmos, um possível entregue aos nossos cuidados e sob nossa responsabilidade.

Cabe ao homem, entretanto, descobrir quais são as possibilidades que existem na técnica e como podemos empregá-la, como usufruir de suas características positivas, sem nenhum tipo de tentativa de dominá-la. A interpelação produtora da técnica é responsável pelo agir, pensar e conduzir humano. São esses fatores que substituem as decisões e ações de um dado sujeito, quando a técnica oferece tudo previamente delimitado. Portanto, a técnica não pode ser concebida como um instrumento, mas como uma armação, um modelo que o homem pode compreender e a partir daí extrair o que ela pode oferecer de melhor para a sociedade, pois ela se apresenta pronta, em sua verdade, então não precisa ser construída e muito menos dominada pelo homem, para que seus aparatos possam funcionar.

Ainda no que tange ao impacto da técnica sobre a sociedade, Giacóia Junior (2001) afirma que vivemos em um mundo onde a técnica assume posição chave, produzindo homens tecnológicos e sintonizados com os seus aparatos. Na modernidade o sujeito incorporou o aparato tecnológico à sua vida, seja ela profissional ou pessoal, por isso sempre há um dispositivo técnico empregado para a execução das tarefas cotidianas do homem. Para Possemai (2010), a técnica encarnada tanto no homem quanto na máquina representa o modo como se dá a articulação na sociedade contemporânea, que buscou na técnica uma forma de alívio para o fardo da existência humana, reduzindo o sofrimento e aumentando o bem-estar da sociedade.

Nessa linha, os dispositivos tecnológicos cada vez mais avançam e dominam a vida do homem moderno. De acordo com Dibie (2009, p.244) “[...] nunca estivemos diante de uma cultura protocolar tão exigente, na qual, para que funcione, para que o diálogo homem-máquina seja possível, é necessário se curvar à disciplina de uma máquina”. Mais uma vez o homem se transforma em objeto do relacionamento e a máquina, isto é, a tecnologia se coloca como o sujeito que dita a maneira como o contato acontecerá.

Essa influência tecnológica vista por todos os lados, também desperta preocupação por parte de alguns analistas, para Duarte (2010, p.13) é razoável o temor diante de um futuro marcado pelo controle tecnológico da vida social, a multiplicação das guerras, a intensificação da violência cotidiana que aparta incluídos e excluídos, a desertificação da natureza, o que ressalta o fato da técnica ter penetrado na vida humana por todas as esferas que se possa imaginar. Sobre esse poder de imersão social da técnica, Possemai (2010) afirma que a tecnologia nos revela a existência, a construção de um mundo que ativa um novo processo sobre a forma de compreender a realidade e exercer o pensamento, dominado pelo cálculo e o plano.

Diante das possibilidades de exploração da natureza, de desenvolvimento econômico, de conquista do poder oferecido pela tecnologia, o sujeito transforma completamente sua forma de agir e, principalmente, o jeito de refletir sobre as coisas do mundo, pois agora o foco se concentra nas conquistas que serão alcançadas com a aplicação do aparato técnico. Não existe mais pensamento, apenas plano, cálculo que permita a realização de todos os sonhos modernos.

Possemai (2010) também identifica que a tecnologia estava acima de qualquer divisão de classes ou sistemas políticos, por isso a incessante batalha heideggeriana para esclarecer sobre a necessidade de compreender a origem dessa técnica. Nesse contexto, Heidegger não temia a tecnologia, mas o seu predomínio imperialista, sua conversão em único modo de ser, fato que poderia destruir o pensar. A tecnologia estimula o enfraquecimento do pensamento, da reflexão, afetando a própria essência humana. Heidegger sempre temeu aquilo em que se transformou o mundo contemporâneo, onde parte da população se entregou a todos os prazeres e facilidades oferecidos pela tecnologia e se esqueceu de estabelecer com esses aparatos uma relação de confronto, de reflexão que permita vislumbrar os benefícios, mas também compreender os prejuízos.

No que se refere a essa preocupação de que a técnica impusesse seu domínio sem resistência por parte dos sujeitos, Duarte (2010) afirma que Heidegger observava um obscurecimento do mundo marcado pela superficialidade e sem nenhum tipo de profundidade,

direcionado por simulacros desprovidos de qualquer forma de meditação. No entanto, Bignotto (2009) afirma que a percepção moderna é norteadada por uma angústia decorrente do fato das civilizações contemporâneas não saberem ou não acreditarem ser possível, conter a marcha de um processo que transforma os horizontes do mundo, mas não desvela seu significado ao acontecer. A visão é de que ciência e técnica são propulsores do processo de mudança em vários domínios da existência, porém, o sujeito moderno não sabe para qual direção ruma esse grande barco.

Diante do exposto, podemos compreender as redes sociais como um desses simulacros citados por Heidegger, cujo uso excessivo e desprovido de reflexão, em algumas situações, transforma o espaço em um campo de obscurecimento social. Nessa perspectiva, observa-se que essas páginas virtuais têm influência para direcionar a maneira como o usuário deve se comportar, assim como o comportamento não condiz com a realidade do sujeito, uma vez que nas redes sociais virtuais, usuários cativos constroem uma personagem que os aproxima dos modelos ditados pela sociedade vigente. Portanto, nas redes sociais virtuais, em algumas situações, o comportamento é regido pelo simulacro da realidade, pois segundo Baudrillard (1991, p.8) “[...] os simuladores actuais tentam fazer coincidir o real, todo o real, com os seus modelos de simulação.”

Portanto, ao se discutir o conceito de simulacro, torna-se necessário também compreender o conceito de real, isto porque na visão de Baudrillard (1991) a simulação contemporânea consiste na geração de modelos de um real que não possua origem e muito menos realidade. Assim, a simulação tem início a partir de uma liquidação dos referenciais existentes, o que acarreta na substituição no real dos signos do real. Dessa forma, “[...] já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. É um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera.” (BAUDRILLARD, 1991, p.8). Nesse sentido, Barbosa (2013) afirma que o simulacro precede o real.

Para Baudrillard (1991), a simulação parte do princípio de equivalência, dessa forma sua atuação se dá pelo envolvimento da representação, que visa mostrar a falsidade da simulação, como simulacro. A simulação antecipa-se ao modelo existente, pois segundo a análise do texto de Baudrillard feita por Barbosa (2013) “Simular não é fingir ou dissimular, pois estes últimos preservam a sua diferença em relação ao real, enquanto o primeiro dissolve a diferenciação entre real e irreal, verdadeiro e falso.” Com o simulacro, o que temos é o surgimento do hiper-real liberto de qualquer princípio ou fim já estabelecido, pois o hiper-realismo traduz-se na semelhança existente entre a semelhança do real consigo próprio.

Baudrillard (1991, p.39) afirma que “[...] a simulação corresponde a um curto-circuito da realidade e à sua reduplicação pelos signos.” Para Barbosa (2013),

A simulação e o simulacro, portanto, produzem uma substituição do real, em que estava implicada a diferença entre verdadeiro e falso, pelo hiper-real. Um doente que simula os sintomas de uma doença não está doente? Como se comporta a medicina diante de simulações de doença que geram sintomas tais quais as doenças “verdadeiras”? Não há o que fazer, senão, combatê-las como verdadeiras doenças. Na hiper-realidade o simulado é tratado como tudo mais. A simulação de um assalto ou sequestro gera as mesmas consequências de um evento dito “real”: a ação da polícia, reações de pânico e [sic] etc.

Nesse contexto, as redes sociais permitiram ao sujeito moderno vislumbrar a realização de seus desejos de reconhecimento perante o outro, pois conforme afirma Duarte (2010) o desejo se tornou o princípio subjacente às atividades e comportamentos do presente. Na modernidade, o poder passa a ser elemento determinante, pensado como forma de dominação incondicional infiltrado por todos os braços das relações sociais.

Duarte (2010) também afirma que o comportamento humano diante do aparato tecnológico contemporâneo havia sido detectado por Heidegger como o centro da vida na modernidade, quando o filósofo afirmou que os fenômenos modernos do planejamento calculado, da funcionalização e da otimização dos comportamentos humanos em escala individual e populacional deveriam ser pensados a partir da essência da técnica moderna. Para Heidegger, esse poder de domínio exercido pela técnica só pode ser desvendado caso o homem reflita sobre o papel que a tecnologia desempenha em sua vida, o que ela lhe impõe e não a partir de um comportamento de submissão e aceitação religiosa de sua prática.

Por fim, segundo Duarte (2010), para Heidegger o mundo tecnocientífico que avançou sobre a sociedade moderna apresenta o perigo de que os homens percam suas “capacidades genuinamente humanas”, que o sujeito não seja mais capaz de dar sentido às coisas à sua volta, compreender e pensar sobre como isso interfere no meio social do qual participa. Tal visão se aplica também ao ambiente virtual das redes sociais, onde, na incessante busca pelo reconhecimento imagético, alguns usuários se esquecem de agir eticamente, enfocando apenas a realização de seus desejos a qualquer custo.

Dibie (2009) observa essa influência tecnológica da modernidade como um momento em que o mundo atual age mais sobre o sujeito do que o sujeito sobre ele. Trata-se de um tempo em que o indivíduo não tem mais tempo para fazer o que deseja, o que conseqüentemente, não permite também que haja tempo para refletir, para respirar. O mundo

ideal de hoje é direcionado pela velocidade e a rapidez, como podemos vislumbrar em nossas conexões diárias pelo ciberespaço. Atrelando essa influência da técnica sobre o homem moderno ao objeto de estudo dessa tese, as redes sociais, vislumbramos nessa afirmação de Dibie a influência que as redes sociais têm sobre seus milhões de usuários, que na atualidade, dedicam-se mais ao contato virtual do que à relação presencial.

Para Santos (2000, p.294) “O impacto crescente que essa evolução econômica e tecnocientífica exerce sobre as sociedades e os efeitos colaterais que ela suscita em todas as áreas começam a ser sentidos e percebidos, mas ainda estamos longe de poder analisá-los e avaliá-los.” Essas duas colocações nos permitem depreender que o mundo contemporâneo norteia-se a partir de um novo tipo de lógica, essa estabelecida pela presença da tecnologia no meio social. Assim, faz-se necessário compreender como se dá a relação entre o homem e a técnica, em uma tentativa de pensar os novos valores que emergem com as novas tecnologias.

Neste capítulo referente à técnica, discutimos o fato de que se o homem não domina sua atividade, a técnica se impõe sem nenhum controle externo. Quando analisamos essa passagem atrelada ao funcionamento do Facebook, percebemos que isso se dá em parte do sistema, principalmente, nas participações individuais, porém há um espaço de resistência, em que a ferramenta é empregada para a construção de algo que beneficie o máximo possível de pessoas. No entanto, temos o excesso de discussões ocorrido nesse espaço virtual, momento em que o indivíduo se esquece de que se trata de uma ferramenta aberta, o que atrai pessoas com diferentes posturas políticas, culturais, religiosas. Assim, torna-se necessário que a opinião alheia seja aceita, mas o usuário tende a achar que sua opinião deve sempre prevalecer, reproduzindo no ambiente virtual o mesmo comportamento presente em discussões do mundo físico.

Portanto, a falta de abertura para o debate e a tentativa de impor a opinião pessoal de qualquer maneira cria conflitos, gera preconceito e limita o alcance que a rede, apesar de voltada para o entretenimento, tem para a discussão reflexiva de questões relevantes para a sociedade, atribuindo à esfera pública contemporânea construída no ambiente virtual característica apolítica, totalmente distinto da visão de esfera pública da modernidade, quando era um ambiente para a discussão e implementação de políticas para o coletivo, como discutiremos no capítulo cinco dessa tese. Do ponto de vista do preconceito, as redes sociais têm facilitado e possibilitado que as manifestações preconceituosas se expressem de maneira mais intensa. A razão é óbvia, os indivíduos se sentem mais protegidos, não mostram a cara, acreditam que não serão descobertos, se sentem estimulados por outras manifestações de

preconceito. Não é que as redes simplesmente produzem o preconceito, elas facilitam a sua circulação e manifestação.

Outra característica do Facebook é a repetição. Os usuários, incitados pela ferramenta, estão diariamente repetindo as mesmas ações, como se estivessem numa linha de montagem, produzindo todos os dias, as mesmas peças. Assim, a foto de perfil precisa ser constantemente alterada, pois tudo aquilo que é antigo torna-se sinônimo de desaparecimento social, da mesma forma que os interlocutores precisam estar sempre atualizados sobre o que acontece na vida do usuário. Por outro lado, nos deparamos com usuários que se utilizam do espaço para expor apenas as mazelas que se passam em sua vida, mas isso, também é repetitivo, pois as reclamações são exaustivas e algumas vezes excessivas.

Eis a realidade ambígua existente entre a técnica e o homem contemporâneo, mais do que compreender ou atribuir um conceito ao termo, o propósito dessa discussão consiste em mostrar como o aparato tecnológico se desenvolveu e estendeu seus braços sobre os diferentes segmentos sociais, interferindo de forma voraz no modo de ação do sujeito moderno, que se deixou vislumbrar pelas múltiplas possibilidades desse avanço. Diante dessa constatação, qualquer análise que se proponha fazer sobre o comportamento do usuário das mídias virtuais, precisa considerar o papel da técnica na vida social moderna. Pois, a tecnologia se transformou numa realidade desse tempo e assim precisa ser compreendida nesse contexto.

No entanto, a análise sobre o impacto da tecnologia na vida contemporânea não deve ser norteadada pela tecnofobia, mas pela tentativa de compreender como os aparatos técnicos se moldam para ser referência da vida humana e o que isso alterou no modo como o sujeito se relaciona com os outros membros do seu grupo social, especialmente nessa pesquisa, no que se refere à participação no espaço virtual e a generalização de um comportamento norteadado pela publicização da vida íntima. Nesse contexto, o que se torna necessário discutir é a ambiguidade da técnica e a incapacidade do sujeito contemporâneo em discutir, refletir sobre esse fato e seu impacto social.

Em sua análise sobre a visão heideggeriana, Giacóia Júnior direciona sua análise no sentido desta ambiguidade, elencando que há uma dificuldade do sujeito contemporâneo em estabelecer ou de entender esta ambiguidade. Assim, tal sujeito não percebe que a mesma técnica que possibilitou o aumento na produção, a descoberta de sofisticadas formas de tratamento médico, de revolucionárias tecnologias de produção, produziu também sofisticadas formas de extermínio, desemprego, subemprego, a substituição de mão de obra pela máquina, o aumento das ameaças ambientais, formas de controle da vida, uma espécie de biopolítica

que controla desde os aspectos ínfimos da vida humana, até aqueles mais amplos, que envolvem populações inteiras.

Deleuze disse certa vez que o excesso de demanda para que se emita opinião sobre as coisas, sobre os fatos, sobre a vida, não permite mais vácuos de silêncio. Essa atitude parece romper também a possibilidade de experiência e reflexão. Outra imagem, essa agora de Benjamin, é aquela em que ele diz que os indivíduos na modernidade, sobretudo nos grandes centros urbanos, vivem mergulhados na multidão, enfim, no fluxo da multidão, por essa razão toda a energia, toda a atenção desses sujeitos, se volta para evitar os esbarrões e os choques. Parece-me que não seria exagerado transpor essa imagem para o circuito das redes sociais. Claro que não falamos aqui de esbarrões no sentido físico, mas em demandas, solicitações, excitações que cobram dos indivíduos uma resposta imediata. Mesmo que seja aquela curtida, sem saber inclusive o que está sendo curtido. Essa atitude funciona mesmo como uma espécie de reação imediata às tais solicitações.

Esse tipo de multidão virtual age de forma mais intensa, pois agora não há mais espaço para o refúgio, para o cultivo de si, visto que em todos os lugares em que o indivíduo estiver as solicitações lhes serão feitas a todo instante. Mais do que isso, agora o indivíduo pede para ser solicitado, criando uma espécie de vício que se expressa em gestos repetidos na consulta aos aparelhos celulares e outros mais, em que os indivíduos são transformados numa espécie de autômatos que reagem ao comanda da máquina. Assim, partindo dessa lógica de que a técnica é referência da vida humana na atualidade, marcada pela ambiguidade e por esse comportamento autômato, pretende-se no próximo capítulo abordar como a espetacularização e a influência imagética no modo de viver do indivíduo interferem na vida contemporânea.

O capítulo 4 dessa tese se divide em três partes. No primeiro tópico se discute o conceito de espetáculo de Debord perpassando a maneira como o genuíno e o espontâneo foram substituídos pelo artificial e falso, gerando uma atitude de reificação que dá fim ao desejo e institui o gozo. Também se analisa como o espetáculo é considerado uma forma de implementação da prática econômica-social, momento em que a satisfação se incorpora ao objeto. Na segunda parte analisa-se como a imagem, o espetáculo e a sensação se constituem na contemporaneidade. Nessa etapa, incorpora-se ao trabalho os conceitos de Türcke sobre como a sociedade se relaciona com o consumo a partir das sensações despertadas pelo espetáculo. Além disso, o estudo também verifica como se dá a necessidade de percepção do sujeito por parte do olhar alheio, quando a espetacularização transforma a massa em plateia.

A parte final desse capítulo debate sobre os resultados gerados pelo espetáculo na contemporaneidade e o surgimento de hiper-espetáculo, da cultura da vaidade, cujo

comportamento é norteado por simulacros. A discussão direciona-se para o fato de que nesse novo momento, o sujeito é levado a contemplar a si mesmo no outro, fazendo com que a aparência seja mais valorizada que a virtude do indivíduo.

4. O ESPETÁCULO IMAGÉTICO E SUAS SENSAÇÕES

Nos séculos XIX e XX, a sociedade presenciou a consolidação de significativas transformações no seu modo de vida. A Revolução Industrial mudou a economia, e a partir da transformação dos meios de produção, o comércio também se alterou, impactando e modificando a relação entre as pessoas, acentuando as divisões sociais. No século XX, o que se consolidou foram os meios de comunicação, cujo advento provocou mudanças sistemáticas na forma de comportamento dos indivíduos, principalmente, a televisão e sua arma mais poderosa, a imagem, que invadiu os lares e disseminou uma nova forma de agir entre os sujeitos nos diferentes cantos do planeta.

Outro meio de comunicação que surgiu a partir de meados do século passado e que se consolidou na década final do século XX foi a Internet, cujas características permitiram a junção de todos os demais meios num mesmo ambiente, além de alterar também a definição de espaço. Dentre as mudanças significativas provocadas pela Revolução Industrial e pelos Meios de Comunicação de Massa, uma que permite a junção clara desses dois acontecimentos foi a explosão do consumo de massa. Primeiro, devido à novidade dos produtos que surgiu com a mudança na forma de produção. Segundo, porque com o avanço do sistema de comunicação e a criação da publicidade, toda a sociedade foi influenciada pelas técnicas de marketing publicitário a adquirir os mais variados bens oferecidos pela sociedade do consumo.

Esse avanço da prática de consumo, disseminada pela publicidade, foi a primeira evidência de que a sociedade moderna se deixava seduzir por um novo aspecto, a imagem. Em nenhum outro momento da história é possível perceber uma importância tão grande para o aspecto da aparência e para a importância dada ao que o outro pensa a respeito de um dado indivíduo. Outra mudança significativa refere-se à exposição pessoal, que orientada pela prática consumista e pela exploração imagética dos meios audiovisuais, intensificou na atualidade a necessidade de despertar a atenção do outro, modificando o comportamento e redefinindo o conceito de público e privado.

É nesse novo contexto, construído a partir da influência da técnica na modernidade, especialmente, por meio dos aparatos tecnológicos da comunicação e também devido à transformação na relação existente entre a esfera pública e privada que surgem dois conceitos preponderantes para compreendermos a relação do indivíduo com a imagem. Trata-se do conceito de espetáculo, cunhado por Guy Debord e o conceito de sensação, desenvolvido por Christoph Türcke.

Dessa forma, esse capítulo propõe a discussão sobre como o espetáculo e as sensações transitam pelo imaginário do sujeito contemporâneo, principalmente, visando à compreensão de por que os aparatos tecnológicos como as redes sociais, pautadas na construção da imagem pessoal, se tornaram tão fundamentais na contemporaneidade, a ponto de romper com a privacidade e passar a valorizar apenas a exposição e a visibilidade que o sujeito alcança no ambiente virtual.

4.1 Reflexões sobre o conceito de espetáculo de Debord e a atividade das redes sociais

Em *A sociedade do espetáculo*, Guy Debord, relacionou o espetáculo ao fator da produção e do desenvolvimento econômico ao afirmar que as modernas técnicas de produção inseridas na vida da sociedade transformaram-se num acúmulo de espetáculos, pois a partir desse momento, tudo o que era vivido pelo sujeito tornou-se representação. Portanto, se há representação percebe-se que também existe uma preocupação do sujeito em relação a como ele é visto pelo outro, o que o leva a trocar sua existência real, por uma imagem representativa daquilo que a sociedade espera de si, confirmando o fato de que de uma forma geral, o espetáculo é um movimento autônomo daquilo que não está vivo. O sujeito agora é uma personagem disposta a oferecer ao seu público, para a sociedade que o ronda, não mais a sua essência, mas tão somente o que esses espectadores desejam ver. Agora só a aparência importa, por isso, as imagens de diferentes aspectos da vida se juntam num fluxo comum e a realidade é transformada em um mero objeto de contemplação.

Para Debord (1997), essa importância atribuída à aparência, e consequentemente, a quase obrigatoriedade de que o sujeito se mostre por meio de uma personagem estão atreladas às condições e fins impostos pelo sistema, onde o que predomina é a forma e o conteúdo do espetáculo. O sujeito escolhe representar a personagem sugerida pelos meios de produção, e também pelo sistema de consumo, disseminado pelas técnicas publicitárias. Na sociedade do espetáculo, substitui-se o genuíno e o espontâneo pelo artificial e falso, transformando a vida em uma espectadora de si mesmo, o que na visão de Vargas Llosa (2013) é uma forma de empobrecimento do humano.

Segundo Kehl (2004), a reificação do trabalhador se torna completa no momento em que ele se transforma em consumidor. Esse trabalhador é consumidor em todo o momento de sua vida, pois quando não está consumindo as mercadorias oferecidas pelos meios de comunicação de massa, ele está consumindo imagens produzidas para seu lazer. Esse ato de consumir não significa apenas adquirir as imagens, mas se identificar com elas como se

fossem um espelho espetacular da vida empobrecida desse trabalhador. Nessa afirmação de Kehl emergem outros elementos importantes no que se refere à entrega do sujeito ao espetáculo e a sensação provocada por diferentes dispositivos de consumo, trata-se da alienação, do desejo e do sonho de igualdade em relação aos demais membros da sociedade. Esses elementos promoveram uma busca incessante pelos objetos almejados, no entanto, sem nenhum critério de crítica sobre sua importância ou relevância, pois o sujeito apenas se deixa alienar pelas possibilidades de felicidade vendidas pelo mercado.

Sobre essa questão, no que tange ao desejo, Kehl (2004) afirma que o sujeito promove uma confusão entre o que seriam objetos de consumo e objetos de desejo, o que confere a todos os objetos uma característica de satisfação das necessidades, sem a presença de uma capacidade subjetiva de compreensão do papel que tal objeto realmente pode desempenhar em sua vida. Portanto, ao aceitar as diferentes seduções apresentadas pela sociedade, o indivíduo se deixa dominar pelo desejo, representado nesse caso, pelo afeto, as identificações e preferências pessoais, oferecidas pelos produtos de consumo e desiste de qualquer tipo de resistência ao mercado.

Tal atitude gera outro fator mencionado acima, a reificação que de acordo com Kehl consiste num processo em constante aperfeiçoamento para limitar a possibilidade do sujeito se nortear por sua capacidade de pensamento, ou praticar uma ação direcionada por seu desejo e por fim ter discernimento para resistir e suportar o fato dele não alcançar algum produto oferecido pela sociedade do consumo e mesmo assim seguir adiante com sua vida. O espetáculo é empregado nesse sentido como uma forma de desacostumar o sujeito à sua subjetividade e privá-lo da capacidade de raciocínio para que se torne um consumidor em potencial, sem resistência ao sistema.

A reificação leva o indivíduo a se sujeitar ao processo de consumo na tentativa de preencher o vazio instalado em sua vida por não participar da massa. Tal sujeito foi desviado de sua capacidade de perceber que estar fora da massa é o que o torna único. Mas na prática o que se produz é a visão de Debord de que a economia se sobrepõe à vida social, a partir do momento em que o homem aceita facilmente o que existe, momento em que a produção alienada se transforma também no consumo alienado, como interpreta Kehl. Nesse sentido, Vargas Llosa (2013) afirma que a massificação e a frivolidade são as características norteadoras da cultura atual direcionada ao alcance do prazer fácil.

Essa pôs fim ao desejo e instituiu o gozo. Na sociedade contemporânea, em que o consumo se sobressai como forma de comportamento social, não se evidencia mais o desejo, a representação do que se pretende alcançar, mas dissemina-se o uso dos diferentes produtos

ofertados pelo mercado para que o desejo se realize sobre a forma de gozo, pois tudo nos é oferecido de maneira simples e ágil, diminuindo assim a possibilidade de resistência por parte dos indivíduos. No entanto, o acesso fácil ao gozo desencadeia-se a partir de aspectos do inconsciente que são trabalhados pela publicidade, mecanismo principal da sociedade do consumo na disseminação do convite para que o indivíduo exerça o gozo em detrimento da elaboração de seus desejos.

Esse apelo ao inconsciente deve-se ao fato dele ser amoral e assim ser mais susceptível à realização imediata dos desejos sociais, que consiste na prática dos homens sempre desejarem os desejos dos outros homens. Na contemporaneidade, com a disseminação da produção, a mudança radical consiste no fato de que os desejos agora são vendidos em prateleiras ao alcance de todos, portanto, basta esticar o braço e deleitar-se no gozo oferecido por essa mercadoria. Sobre esses aspectos, Vargas Llosa (2013) o denomina de cultura-mundo, cujas características transformam o indivíduo em um imbecil, desprovido da capacidade de reflexão.

No que se refere à construção de um conceito sobre as características de exposição vivenciadas pelo sujeito a partir da metade do século XX, verifica-se que tal postura está atrelada a diferentes fatores sociais. Assim, esse texto passa a discutir agora como tais fatores impactam a vida do sujeito e o moldam para colocar em prática um comportamento espetacular ou sensacional, de acordo com a visão filosófica adotada por tal sujeito.

Debord (1997) norteou essa perspectiva como espetacular, afirmando que a linguagem do espetáculo se constrói a partir de sinais da produção dominante, que se apresenta ao mesmo tempo como finalidade última de tal produção. O espetáculo tem origem a partir do momento em que o consumo transforma-se na bússola social, no momento em que o sujeito moderno se deixa dominar pelo espírito do ter. É nesse momento que tem início a vida espetacular. A aparência se torna preponderante para que o homem se apresente diante de seus pares. Diante desse quadro, percebe-se então o espetáculo como uma prática social, produzida de acordo com as necessidades da sociedade ou como um discurso sem interrupções sobre essa prática. O espetáculo vende o autorretrato do poder exercido na época de seu acontecimento.

Segundo Debord, o espetáculo se mostra como parte da sociedade, o setor que concentra o olhar e a consciência, no entanto, tanto esse olhar como essa consciência são ilusórios, o que levará o princípio de unidade do espetáculo a se transformar num elemento de cisão entre realidade e imagem. O espetáculo inverte o real transformando-o em produto, o que faz com que a realidade seja dominada pela contemplação do espetáculo. Portanto, o

espetáculo é também uma forma de simulacro, dando ao real transformado em produto uma característica de hiper-real.

A transformação na forma de comportamento do sujeito na sociedade moderna esteve sempre atrelada às nuances econômicas, ou melhor, à possibilidade de poder vendida pelo mercado econômico. Diante desse fato, o membro da sociedade contemporânea, na tentativa de alcançar esse poder mergulhou de cabeça nessa nova vida espetacular, onde a aparência destaca-se muito mais que a essência. Por isso, Debord (1997) viu no espetáculo a implementação da prática econômico-social, mas não apenas como forma de execução de uma ação, mas como significado da ação. A inserção econômica na vida social ocorreu como uma doutrina, que deve ser seguida e jamais contestada.

Para Debord, a sociedade norteada pela indústria moderna é “espetaculoísta”, por isso, o espetáculo se apresenta como a produção principal da sociedade contemporânea, seja em forma de enfeite de objeto produzido, como demonstração de racionalidade do sistema ou como setor econômico que molda o sujeito através de imagens-objeto. O espetáculo se torna uma atividade especializada em responder por todas as outras a sua volta.

Nesse aspecto, portanto, quanto mais a economia conseguia se desenvolver de forma independente, acelerando a produção de diversos tipos de produtos, oferecidos como êxtase total, mais a vida se aproximava de um grande show para os consumidores desse sonho mercantil, cujos resultados positivos só se apresentavam realmente para os produtores de tal mercado, somente esses produtores tinham noção clara do propósito do show. Os consumidores se acercam do espetáculo a partir dos diferentes elementos de sedução que lhes são colocados diante dos olhos, de forma, a evitar o máximo possível que tal sujeito consiga ter noção do propósito desse evento e assim possa negar-se a participar do mesmo.

Essa ascendência da economia sobre a sociedade moderna, construída em forma de espetáculo, como definiu Debord (1997), deixa claro sua ocorrência, sem nenhuma preocupação em demarcar um fim para o caminho percorrido. A única preocupação desse período de imposição do consumo era o acontecimento do momento, o agora, principalmente, se este fosse marcado pela prática cada vez mais acentuada do consumo de produtos, para a partir do pseudo sucesso de um consumidor, estimular todos a sua volta a realizar o mesmo exercício.

A ideologia do espetáculo consiste em indução do sujeito a viver um modo de vida pré-estabelecido, única forma de se alcançar todos os desejos pessoais, pois segundo Vaz (2008) da relação entre o consumo e o espetáculo a única coisa que se pode esperar é a implementação de uma lógica pautada na disciplina, na continuidade do trabalho, fatores que

geram a repetição dos atos e a busca da felicidade por meio dos produtos mercadológicos disseminados aos montes através de técnicas de sedução que almejam despertar no indivíduo um olhar curioso e contemplativo para dessa maneira por fim a qualquer atitude de espontaneidade desse sujeito. Nesse sentido, os meios de comunicação foram preponderantes para disseminar a publicidade, cujo conteúdo, tinha a intenção de mostrar, ou melhor, vender essa nova forma de vida que está sempre almejando encontrar-se com a felicidade plena, que nunca se concretiza.

A partir dessa sedução da sociedade, implementada de forma subjetiva até atingir o limite que lhe permita conquistar o indivíduo, Debord (1997) detectou no espetáculo uma capacidade de exílio, no entanto, não o exílio geográfico, mas o da publicização, pois diante desse novo quadro estabelecido pelo sistema de produção, aquele que não consegue se adaptar, ou melhor, consumir conforme o sistema lhe vende novas sensações, acaba sendo isolado do meio.

Debord (1997) atribuiu a esse período dominado pelo consumo, como “tempo-mercadoria”, pois o sujeito, mais do que qualquer produto, põe-se a consumir o tempo, o momento social no qual ele está inserido. Isso acontece, porque para se tornar um participante desse tempo o sujeito precisa se subjuguar às diretrizes reinantes, que nesse caso, exigem o consumo da realização de um sonho, mesmo que a concretização desse fato jamais se realize. No entanto, o importante para a sociedade econômica não é cumprir a promessa de realizar os sonhos e sim levar o sujeito a acreditar que eles serão realizados. O tempo moderno também está baseado na produção das mercadorias, inclusive se transformando ele próprio em mercadoria passível de consumo. Em sua ocorrência existe a promessa de que aquilo que no passado aparecia separado e marcado por diferenças agora estará junto.

Depois da influência econômica no comportamento social moderno, outro conceito importante e que está atrelado às transformações impostas pelo consumo de mercadorias, e que, portanto, merece atenção é a imagem. A imagem sempre desempenhou um papel importante na vida social, independente do momento histórico ao qual nos referimos. No entanto, na modernidade, o culto à imagem gerou um processo de dependência, pois o foco agora não está concentrado apenas na imagem física da pessoa, mas em qualquer fato ocorrido no universo do indivíduo.

Tal imposição da imagem sobre a vida do homem moderno se acentuou, principalmente, com o advento dos meios de comunicação de massa e a multiplicidade de formas para se captar uma imagem; e a partir dessa captação povoar o imaginário do sujeito com desejos, cuja representação agora é física. A discussão sobre o papel que a imagem

assumiu na sociedade moderna é fundamental para a compreensão do conceito de espetáculo cunhado por Debord, assim como para assimilar a definição de sensação construída por TÜRCKE, que será abordada mais adiante nesse capítulo. Centra-se na imagem o papel que o sujeito moderno passa a desempenhar na contemporaneidade, isto porque com o advento da televisão, a exploração da imagem se acentuou. Agora os ideais de consumo da época podiam ser levados para dentro da casa das pessoas, recheados por imagens que simulavam o modo de vida que o consumidor devia buscar, uma forma de se sentir membro efetivo do grupo social em que estava inserido, não mais como fornecedor de mão de obra, mas como ser, alguém que seria percebido, portanto, existiria para a sociedade.

Para Debord (1997), mais do que um conjunto de imagens, o espetáculo se trata de uma relação social entre pessoas que acontece a partir da mediação por imagens. A representação de um modo de vida se tornou o cerne da relação social. Dessa forma, Debord afirma que a vida demarcada pelo espetáculo consiste na busca frenética de que a aparência consiga se afirmar no meio social, porém, não como algo distinto e sim como um fato natural, a partir da ideia de que é essencial ao indivíduo ter uma imagem para mostrar. E para que tal projeto fosse instaurado, o grupo social dominante, e nesse caso, responsável pela disseminação do consumo empregou todos os meios que estavam à sua disposição para inserir a imagem na vida cotidiana. Essa importância assumida pela imagem, segundo Vargas Llosa (2013), substitui o discurso falado e escrito como espinha dorsal da tradição cultural, isto porque o autor entende a cultura como um estilo de vida. Na contemporaneidade, o espetáculo reinante desenvolveu um novo modo de se viver, onde o aparecer se tornou mais importante do que o ser.

A sociedade contemporânea empregou todos os aparatos técnicos disponíveis para vender seus sonhos e dessa forma realizar todos os seus objetivos, pois com o advento da indústria cultural tudo o que é produzido pelo sujeito deve ser aproveitado e transformado em imagem. Nessa mesma linha de pensamento, Debord afirma que no momento em que o mundo real se transforma em imagens, e tais imagens por mais simples que sejam, passam a ser compreendidas como reais, elas motivam um comportamento hipnótico. O tempo dedicado ao consumo das imagens representa uma forma de ligação entre todas as mercadorias, um momento em que se exerce plenamente todos os instrumentos do espetáculo.

A entrega do indivíduo a esse quadro social ocorre devido ao medo de não alcançar a notoriedade, à angústia de não conseguir ser percebido, assim ele se deixa iludir pelo consumo. De acordo com Kehl (2004, p.159) o espetáculo se apresenta ao sujeito como um ideal do qual ele deve participar. Essa entrega do sujeito ao espetáculo se acentua ainda mais

com o surgimento de diferentes dispositivos técnicos, principalmente, aqueles que intensificaram a importância da exposição da imagem.

Sobre esse papel desempenhado pela técnica na construção da sociedade do espetáculo, partindo da análise de Debord (1997), percebe-se que não foi o espetáculo que se sujeitou ao desenvolvimento técnico, mas ao contrário, o espetáculo moldou o modo como esses mecanismos deveriam ser empregados para atingir seus objetivos. No sistema espetacular, os dispositivos da técnica, se transformaram em armas que permitiram ao sistema dominante implantar de forma definitiva o isolamento do indivíduo, pois assim, ele se vê cada vez mais dependente de tais mecanismos para participar do mundo de sonho vendido exaustivamente pela sociedade do consumo.

Portanto, na contemporaneidade o indivíduo não exerce mais o seu direito de confrontar as coisas que o rodeiam, de discutir o papel que os mecanismos imagéticos realmente deveriam ocupar em sua vida, e passivamente se deixa conduzir pelos caminhos apresentados pelo espetáculo, aceitando, como afirma Debord (1997), que o mundo espetacular crie a realidade e por consequência que o espetáculo se transforme em algo real. Permite-se viver em uma sociedade dominada pela reificação recíproca. A essência é novamente deixada de lado, o ato de pensar é suprimido pela vontade de ser, pelo desejo de aparecer, mesmo que esse gozo seja efêmero.

A visão de Debord sobre essa prática alienante do espetáculo parte da observação de que tal fato teria a intenção de conservar propositalmente a inconsciência como um fator norteador da condição de existência. Na atualidade, o espetáculo procura mostrar para o sujeito o que ele pode fazer, porém, esse fazer se refere somente ao que é permitido e não a uma gama de possibilidades subjetivas. A indústria do espetáculo vende ao indivíduo a ideia de que todos os seus desejos podem ser realizados, desde que eles estejam atrelados aos propósitos da sociedade moderna, que se comporta como uma verdadeira fábrica da reificação, mas as escolhas feitas pelos indivíduos, na verdade, haviam sido disseminadas e orientadas pelo espetáculo dado pela mercadoria.

Outro aspecto preponderante que merece discussão sobre essa reificação imposta pelo sistema é que a ilusão imposta pela mercadoria não é uma via de mão única. Na verdade, o sujeito moderno se vê mergulhado num imenso mar de oportunidades espetaculares, no entanto, a partir do momento em que entra nesse mar não consegue mais controlar a direção tomada por seu nado. Essa multiplicidade de espaços alienantes, onde acreditamos escolher e sermos livres, ao mesmo tempo em que luta para colocar em destaque o individual, também trabalha em conjunto, apresentando uma aparente imagem unificada de felicidade que afunda

ainda mais o indivíduo nesse universo do caos e da submissão ao mercado, à ideologia ou a qualquer outro elemento de controle vigente. Como afirma Debord (1997, p.107) “o tempo espetacular é o tempo da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente.”, uma hiper-realidade. Nesse sentido, Vargas Llosa (2013) critica o individualismo gerado na sociedade do espetáculo, pois na visão do autor não existe indivíduo independente na contemporaneidade, o que temos são sujeitos à mercê do sistema vigente.

Debord (1997) também afirma que a mercadoria como resultado final da produção econômica reinante na modernidade impõe de forma intensiva uma ditadura sobre os consumidores. A suposta escolha do produto a ser adquirido por parte de um sujeito qualquer é sempre orientada por publicidades que determinam o que um indivíduo precisa possuir para integrar-se ao sistema dominante. O consumidor moderno sonha e deseja aquilo que a modernidade lhe propõe sonhar e desejar, pois o sistema econômico vigente extrai do indivíduo a subjetividade, a capacidade de resistir a essa nova realidade. Esse poder que a mercadoria exerce sobre o sujeito, confirma sua característica de fetiche, sua aparição no mercado em forma de espetáculo confere a qualquer objeto ou coisa banal, uma aura suprassensível, cujo objetivo é transparecer uma importância imensamente superior ao que o objeto realmente possui.

Portanto, percebe-se que a posição adotada pelo mercado consiste sempre em exaltar suas mercadorias e as paixões que elas podem proporcionar. Vende-se junto com o objeto, a satisfação. Porém, o que o consumidor não percebe é que essa satisfação é falsa, a consumação da compra só entrega fragmentos dos desejos e sonhos almejados, uma vez que na sequência dessa compra, novamente ele será convidado a realizar uma nova aquisição em busca de outra satisfação. Para Vargas Llosa (2013), o fetiche da mercadoria, a coisificação ou reificação do indivíduo são imposições da sociedade para que ao poucos o indivíduo tenha destruída a sua consciência em relação aos outros e também sobre si mesmo. Assim, quanto mais alienado for o sujeito, menor o perigo de resistência a essas imposições do mercado.

Sobre o desejo, Debord (1997) afirma que a necessidade imposta pelo consumo moderno, não se refere a um desejo autêntico oriundo do sujeito, mas a algo produzido pela própria sociedade. A realidade é suspensa pela imagem de que o consumo efetiva uma unificação social, o que entorpece o homem até o momento em que um desejo consumível não se realiza. Portanto, o objeto ofertado como um bem espetacular, assim que consumido assume seu valor vulgar, revelando sua pobreza essencial, oriunda da miséria de sua produção, tardiamente. Para o espetáculo, o desejo é ofertado como algo perpétuo, como um dogma, o que promove um encantamento sobre o consumidor. No entanto, esse dogma

espetacular não é sólido, pois no espetáculo as coisas não param, elas estão sempre em movimento, provocando uma verdadeira convulsão na mente dos indivíduos, este é o estado natural de manifestação do espetáculo.

Por fim, Debord (1997) afirma que o espetáculo é ideologia em sua mais pura essência. Tal afirmação se dá devido ao fato do espetáculo manifestar o cerne de qualquer sistema ideológico marcado pelo empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. A ideologia da sociedade do espetáculo empobrece o sujeito ao lhe quitar o direito de manifestar o seu eu, obrigando-o a se sujeitar aos desejos impostos pelo mercado que estimulam o sonho da vida perfeita, porém irreal. Os fatos ideológicos são compreendidos como a consciência deformada das realidades, que por esse motivo têm uma capacidade de exercer uma ação deformante através da produção econômica autonomizada na forma do espetáculo. Portanto, trata-se de um elemento que age na sociedade a partir de um recorte da realidade substituído por esse modelo espetacular e que se legitima por meio da ilusão.

Sobre essa relação entre a ideologia e a economia, Debord escreve que a economia política implantou a necessidade do dinheiro como a única necessidade verdadeira. Essa elevação do status do dinheiro é compatível com a ideologia imposta por uma sociedade econômica norteadada pelo consumismo, cuja proposta de felicidade é vendida a todos os seus membros, que entregues à sedução ideológica vivem e produzem em busca da realização do sonho da vida perfeita, conforme apresentado anteriormente. Dessa forma, no que tange à ideologia, o espetáculo funciona como uma forma de supressão dos limites entre verdade e falsidade, ativando e organizando a presença da aparência no meio social. Tal aparência dissemina entre os consumidores modernos a prática da imitação de um padrão estabelecido por meio do consumo de mercadorias e sua representação.

O posicionamento de Debord sobre o novo comportamento social a partir do conceito de espetáculo é norteadado por características que definiam esse modo de vida como uma ideologia imposta pela sociedade. Nesse caso, o sujeito é apenas um participante determinado pelas influências externas, com a possibilidade de aceitar o jugo que lhes permitirão ser reconhecido pelo grupo social dominante; ou, negar e desaparecer no anonimato.

4.2 Imagem, espetáculo e sensação na contemporaneidade

Assim como Debord, através do conceito de espetáculo, procurou compreender a relação da imagem como norteadora do comportamento social em meados do século XX, o filósofo alemão Christoph Türcke, no final do século passado, também analisou o papel da

imagem sobre a vida contemporânea, no entanto TÜRCKE observou que o homem é constituído pela característica das sensações, dessa maneira, a entrega ao jogo imagético do consumo que norteia a vida moderna, não se dá apenas devido à impossibilidade de lutar contra as imposições sociais, mas tem relação com o fato de que o indivíduo precisa ter as sensações despertadas, para que ele possa se sentir membro ativo do grupo no qual está inserido. Mas independente da visão predominante, o que se conclui é que a modernidade é o tempo da exposição pessoal, em que o mostrar-se seja da maneira que for, é preponderante para que os outros possam perceber a sua existência, mesmo que para isso o homem precise publicizar aquilo que sempre pertenceu à esfera do privado, como será discutido no próximo capítulo.

Em *Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência*, TÜRCKE (2004) discute o fato de que o advento da sociedade moderna, calcada na produção de mercadorias, realizou uma fusão entre aquilo que era considerado extraordinário e aquilo que era comum. Na modernidade, a ideia é de que as diferenças não existem mais, o que faz com que o sujeito, ao entrar no papel de sua personagem, não consiga mais se libertar, perdendo a condição de distinguir o que é a realidade e o que é apenas representação, levando na maioria das vezes a personagem a se sobrepor à realidade do indivíduo.

TÜRCKE (2010) também afirma que o progresso tecnocientífico alcançado pela modernidade solapou tudo que era considerado natural, dando ênfase somente aos elementos de inconstância, responsáveis pela excitação e a efervescência, deixando claro que essa geração moderna foi completamente abduzida pelo gozo oferecido pelo mercado tecnológico e seus produtos encantadores. Além disso, expõe o conceito de sensação como a percepção daquilo que vai além do cotidiano do sujeito. O espetáculo, a comoção em possuir o máximo e dessa forma se destacar entre os demais membros da sociedade, não se deu no plano privado e banal da vida, mas na esfera pública, no espaço que o sujeito compartilha com outros seres e que na sociedade moderna, muitas vezes foi desempenhado por uma representação, por uma personagem, e não pela essência do sujeito. A sensação faz menção àquilo que desperta a percepção, que tenha característica espetacular ou que seja chamativo, tanto que na contemporaneidade, o espaço virtual das redes sociais é campo para o aparecimento dessas personagens em busca constante pela atenção alheia.

Da mesma forma com o que aconteceu com o termo evento, outros dois termos sofreram o mesmo processo de passagem do geral para o particular. Na visão de TÜRCKE, trata-se da palavra vício, que passou do significado de doença, para representar na modernidade, a relação com determinados estimulantes. A outra palavra que passou por esse processo foi sensação, que deixou o sentido de percepção do incomum, para designar o incomum. Os

conceitos se transformam, na verdade, se moldam de forma a permitir que o sistema dominante, no caso específico o capitalista, possa estender seus tentáculos o mais longe possível, dando origem a uma nova forma de domínio. O poder só se permite encontrar quando se apresenta de forma espetacular, pois “percebe-se apenas o que é sensacional.” (TÜRCKE, 2010, p.310). O desenvolvimento do sistema de produção permitiu que os sonhos e os desejos instigados pelo mercado se realizassem rapidamente, no entanto, também acelerou o surgimento de novos sonhos, e estes, são vendidos como a realização plena da satisfação pessoal.

Essa entrega do indivíduo à imposição do mercado econômico foi abordada por TÜRCKE a partir da seguinte ótica, o resultado econômico é fruto da participação do sujeito na vida social contemporânea, pois caso o indivíduo opte pelo isolamento do ambiente público, automaticamente, ele incorporará a sua vida uma ruína tanto política como econômica. Na contemporaneidade, o sujeito só terá um lugar adaptando-se ao comportamento instituído, caso contrário, se tornará praticamente um objeto, sem valor e rapidamente descartável, como propôs o desenvolvimento da produção econômica.

De acordo com TÜRCKE (2004), um produto só conseguirá ser vendido se alcançar destaque na massa, se for verdadeiramente percebido, pois aquilo que não é percebido é classificado como um nada; assim como o sujeito que não é percebido se torna um ninguém. Por isso, no desejo de tal sensação, localiza-se também a angústia da existência de toda uma sociedade. Essa angústia se refere à busca pelo reconhecimento de sua imagem, da necessidade de ser percebido pelo outro e dessa forma tornar-se um verdadeiro ser.

Sobre o aparato visual tecnológico, TÜRCKE afirma que o mesmo criou mecanismos que lhe permitem direcionar a percepção do sujeito para os momentos mais persistentes, que enfatizam os momentos que geram uma sensação permanente, repleta de estímulos que prendem a atenção do indivíduo, que hipnotizado não consegue resistir à imagem sedutora. Dentre esses elementos que provocam essa sensação, destaca-se a felicidade eterna vendida pelos diferentes tipos de mercadoria, com a suposta proposta de que ao adquirir tal produto, o sujeito automaticamente insere-se na sociedade, torna-se um cidadão percebido pelo outro.

A sensação, portanto, é construída por meio da hipnose social, o sujeito que não consegue criar uma imagem reconhecível pelo seu próximo se porta como um indivíduo sem “[...] uma cédula de identidade.” (TÜRCKE, 2010, p.185). E na sociedade contemporânea, não possuir tal documento é estar privado de qualquer benefício social, pois os direitos são concedidos apenas para quem existe. Dessa forma, aquilo que não consegue se transformar

em imagem se trata do que não foi documentado e, portanto, não teve sua identidade autenticada, “[...] – não está *aí*.” (TÜRCKE, 2010, p.184, grifo do autor).

Para TÜRCKE, a reificação frutifica da forma espetacular como as coisas são apresentadas e tal espetáculo tem o intento de confundir o espectador, torná-lo indeciso sobre a essência do objeto, dificultando a percepção sobre as características naturais e artificiais de suas propriedades. Por isso, a presença da surpresa, mecanismo que desarma qualquer atitude crítica que o sujeito tem capacidade de construir diante de um objeto que ele se prepara para observar.

TÜRCKE (2010) vai ainda mais além sobre essa atitude do espetáculo, ao afirmar que o próprio homem é transformado em produto, uma mercadoria que deve ser colocada à venda, mesmo que não consiga atingir um comprador. Nesse caso, a possibilidade de realização de qualquer desejo fica ainda mais distante, a proposta é apenas a de estimular a busca frenética por um produto ou uma posição social, mas sem permitir que isso seja contemplado de forma concreta. O propósito aqui consiste em estimular a vontade de possuir, sem permitir que tal vontade seja sanada, o que insinua que o espetáculo se constrói na oferta do produto.

Nesse aspecto, TÜRCKE (2010) analisa o papel do desejo a partir do conceito de sensação, afirmando que a imposição do objeto consiste na construção de uma imagem positiva, em que o profano se apresenta como sagrado, quando na verdade as únicas características que chegam ao indivíduo são aquelas que estimulam os prazeres, a luxúria e conseqüentemente o desejo. A partir do momento em que a sensação assume um papel de destaque nas relações estabelecidas entre o mercado e a sociedade, por meio de estímulos provocativos de desejo, um novo lema passa a nortear a vida do indivíduo moderno: para ser alguém na sociedade, o sujeito precisa ser percebido.

A partir desse momento, a existência do sujeito depende da confirmação de que ele é percebido no mundo. Portanto, diante dessa necessidade de exposição, que deu origem ao culto imagético, surge também o desenfreado fetichismo da mercadoria, pois para o homem moderno, é por meio do consumo dos produtos da indústria cultural que ele vai se aproximar do modelo de perfeição vendido pela sociedade do espetáculo e assim marcar sua presença no mundo, tornando-se como proposto pela sociedade excitada, um ser percebido. Para TÜRCKE, a sociedade excitada refere-se a um grupo marcado pela efervescência social, em estado constante de inquietação determinado pelo espaço midiático e sua produção audiovisual.

Portanto, trata-se de uma sociedade dominada por sensações centradas no culto imagético, consiste em um imperativo social de se produzir imagem ou transformar tudo em imagem, responsável pela produção do fetichismo da mercadoria, que faz referência ao fato

da mercadoria demonstrar possuir uma vontade independente dos seus produtores, uma vez que sendo esta mercadoria produzida para satisfazer a necessidade do outro, seu valor de mercado se sobrepõe à vontade de quem a produz.

Dentre todos os aparatos que intensificaram a busca frenética pela sensação, os meios de comunicação de massa, com certeza foram os mais preponderantes, especialmente, a televisão, cuja junção do som e da imagem permitiu a construção de imagens que aproximavam os produtos da realidade cotidiana do telespectador, estimulando-lhe a ideia de que tudo aquilo que aparecia na televisão podia ser conquistado por ele, transformando-o dessa forma, em mais um membro da feliz e eterna sociedade moderna.

No entanto, na visão de TÜRCKE (2010) não foi apenas por meio de programas de entretenimento ou das publicidades que os meios de comunicação impactaram a vida do sujeito moderno. Os programas jornalísticos também desenvolveram mecanismos para se infiltrar no mundo cotidiano dos telespectadores, porém, o autor condena radicalmente esse caminho adotado pelos meios de comunicação, que transformaram até mesmo a morte num grande espetáculo que precisa ser contemplado por toda a sociedade. Segundo TÜRCKE (2010, p.13), a exploração da tragédia humana é “[...] um dos excessos mais repugnantes da reportagem moderna.”

Ter sensação a respeito de algo se tornou tão preponderante, que sua ocorrência se transformou em um tipo de orientação da vida social, como se fossem as batidas do pulso da vida. Na atualidade só tem vida quem se deixa guiar, quem sente o que a sociedade lhe tem para oferecer. Ainda no que se refere às sensações imagéticas provocadas pelos meios de comunicação, em especial, a televisão, o controle remoto é o instrumento norteador dos estímulos, pois basta uma queda mínima na tensão de um dado programa e o telespectador se sente tentado a se utilizar desse dispositivo para buscar novas emoções. A internet apresenta as mesmas características desse fenômeno, pois o que prende um determinado usuário a uma página é a tensão, a sensação efervescente, que ela provoca, caso contrário, o sujeito navegará de página em página, atrás de algo que lhe provoque reações mais intensa, provocante e estimulante. Eis o impacto provocado pelas novas mídias de tecnologia sobre parte de seus consumidores.

Porém, as sensações provocadas pelos meios audiovisuais não apresentam apenas o fascínio, mas também proporcionam muito de frustração, principalmente, no momento em que o sujeito percebe que o elemento responsável por essa sensação encontra-se a distância e se trata de um fator inacessível. Por isso, TÜRCKE (2010) afirma que os meios que entorpecem não podem ser desprezados, pois são eles os principais responsáveis pela frustração do desejo

inalcançável. A comunicação desencadeada por meio de dispositivos técnicos é secundária, uma vez que sua origem teve o propósito de superar o isolamento. No entanto, quando a sociedade cultiva esses mecanismos, o mesmo partilha com o usuário a privação da qual se originou, por isso que na internet a promessa do contato jamais se efetiva. O que sobressai é a origem do meio de comunicação, desenvolvido para perpetuar a relação virtual, que instiga o estar ao redor, dominado por uma forma de pré-prazer infinito que não permite atingir a satisfação real.

A partir desse universo infinito de possibilidades, os indivíduos se veem diante da perspectiva de redefinir sua identidade, pois o espaço virtual faz referência a um ambiente que gera um novo espaço antropológico, denominado por Malveira (2011) de espaço do saber. No entanto, em um mundo dominado pela sensação, cujo objetivo é sempre atingir o ápice proposto pelo desejo, estaria o sujeito interessado em participar do ambiente virtual para disseminar conhecimento que permita aos seus interlocutores desenvolver um pensamento reflexivo. Ou o usuário se permite subjugar pelo sistema vigente e constrói, portanto, um capital social a partir dos elementos oferecidos pelas tecnologias modernas e seus dispositivos de controle.

De acordo com Silva (2007), esse capital social se refere a uma relação social entre competidores, sendo tal competição mediada pela imagem da autodivulgação, norteadas pela proposta de que não adianta apenas fazer, é necessário ser visto fazendo, mesmo que tal fato seja completamente inútil. Portanto, o capital social se refere a uma relação política composta de simulações, estratégias, simulacros, representações, na verdade, um jogo do imaginário, cujo objetivo é alcançar a percepção do outro.

Nesse sentido, TÜRCKE afirma que o conceito de sensação foi reduzido àquilo que provoca sensação, a apenas um dispositivo que gera o desejo de ser percebido, pois tudo aquilo que não tem a capacidade de chamar a atenção para si, corre o risco de não ser percebido, o que teria o mesmo significado de não viver mais, portanto “[...] no preponderante ‘compre-me’, a suave súplica do ‘receba-me, perceba-me, reconheça-me, para que possa simplesmente ser’.” (TÜRCKE, 2010, p.39)

Sobre esse papel assumido pela sensação, TÜRCKE (2010) o atrela ao fato de todo sistema depender da relação com outros sistemas para manter sua existência, assim a sociedade só existe a partir da relação estabelecida com os sistemas vida e consciência. Dentro desse jogo, os seres humanos são dependentes das sensações transmitidas por seus órgãos sensores, o que gera a seguinte questão, tudo aquilo que não é percebido pelos sentidos humanos é considerado inexistente. Por isso, a sociedade contemporânea se deixou dominar

pela necessidade excessiva de produzir algo que permita ao sujeito ser percebido, pois aquele que não produz sensação em seu semelhante não apresenta nenhum valor. Dessa forma, para alcançar o objetivo da percepção, o homem empenha-se em se tornar semelhante aos produtos que ele produz; o que explica porque no último século o consumo infiltrou-se de forma tão eficiente na vida do homem moderno.

A necessidade de visibilidade produziu ainda outro efeito sobre a sociedade do espetáculo, o dever de sempre apresentar uma boa imagem de si mesmo, diante do seu espectador. Porém, essa boa figura tinha apenas relação com a percepção causada no outro, o que imputou à sociedade a disseminação da fofoca como uma forma de colocar-se em evidência. Percebe-se uma compulsão por se mostrar, “Chamar a atenção, para não sucumbir: esse é o imperativo, quase categórico, que todos seguem, ainda que cada um à sua maneira. [...] Não ser percebido significa estar de fora, e estar de fora é como estar morto em um corpo vivo [...]” (TÜRCKE, 2010, p.59). Assim, não importa o mecanismo utilizado, mas o alcance de visibilidade permitido por tal mecanismo. Dessa forma, a sensação age em todos os campos despertando tanto questões sensíveis do indivíduo, quanto apresentando características úteis para o mesmo.

Por trabalhar tanto a subjetividade quanto a objetividade do sujeito, a sensação se transforma em algo vital, assim o sentimento de pertencimento só será possível a partir do momento em que o homem provocar algum tipo de sensação no outro. No instante em que a percepção provocada no outro se realiza, pode-se dizer que houve uma dominação sobre esse outro. Para que isso aconteça, o sujeito emprega de forma racional, diferentes órgãos sensoriais. Na modernidade, nem mesmo a sensação provocada no outro é natural, mas trabalhada, para que os resultados possam ser sempre os melhores possíveis.

E assim, como vários outros mecanismos empregados pela sociedade para alienar o homem, a sensação também se transforma numa forma de vício. A esse respeito afirma Türcke (2010, p.239): “[...] a escolha do fetiche nunca é aleatória, pois ele deve ser percebido como algo que remete ao privado, tornando possível tal substituição [...]” Aqui, o fetiche deve ser compreendido como a visibilidade por parte do outro e a satisfação particular que isso traz ao sujeito, porém tão particular que não se permite criar raízes, se relacionar com outras sensações e dessa forma produzir uma experiência duradoura. No mundo do espetáculo, em que se dá valor somente àquilo que provoca sensação, esse sentimento deve ser efêmero, para que o indivíduo sempre continue em busca da sensação final. A principal característica do vício conformista é a capacidade de induzir um número imenso de pessoas a

se colocarem diante do conta-gotas midiático, para serem explorados tanto do ponto de vista do pensamento quanto do comportamento.

Sobre essa busca desenfreada para alcançar a percepção alheia, Kehl (2004) afirma que o sujeito consome a imagem espetacularizada de atores, cantores, esportistas e até políticos, como símbolos da imagem perfeita e do espetáculo máximo, pois a imagem dessas personalidades representa o que pode vir a ser uma pessoa, a partir do ponto de vista de sua história de vida. Assim, na contemporaneidade, os modelos sociais também são espetacularizados. Para se tornar uma referência o sujeito precisa estar envolto no espetáculo, suas ações precisam despertar sensações por todos os lados, e isso, afasta desse círculo, a essência humana e destaca a representação, a personagem vendida como modelo a ser almejado pelos consumidores.

Diante desse quadro, percebe-se que a sociedade espetacular se utilizou dos dispositivos técnicos para disseminar um comportamento alienante por parte dos sujeitos, tanto que Maria Rita Kehl (2004) afirma que a sociedade contemporânea caracteriza-se pela entrega à espetacularização da imagem e o efeito que isso provoca sobre a massa indiferenciada, transformada em plateia, ou então nos consumidores da subjetividade alheia. Kehl afirma que os produtos da cultura industrializada dispensaram os sujeitos da prática do pensamento enquanto se colocam na condição de espectadores dos meios de comunicação.

Em plena cultura do individualismo, da independência pessoal e da liberdade (como valores dominantes), vive-se uma espécie de mais-, de rendição absoluta ao brilho não exatamente dos objetos, mas da *imagem* dos objetos. [...] rendição ao brilho da imagem de algumas personagens públicas identificadas ao gozo que os objetos deveriam proporcionar. (KEHL, 2004, p.65, grifo da autora)

Tal afirmação elucida ainda mais o poder alienante exercido pela sociedade contemporânea, que tão bem soube reunir os mecanismos técnicos a sua disposição, para seduzir sobre os homens, principalmente, através do impacto imagético, ao domínio de um modo de vida específico. O que acontece, é que essa mudança de paradigma do comportamento está relacionada à perda da unidade do mundo. Como fim da unidade do mundo Debord (1997) entende a transformação do trabalho em abstração, na constituição de um espetáculo que possa representar uma parte do mundo como superior à outra. É a divisão social, a expansão das diferenças de classe que permite a origem do espetáculo e, por conseguinte, a consolidação do fim da unidade no mundo. A novidade, atrelada ao fato de que o homem moderno se comporta na maioria das vezes apenas como espectador do mundo,

permite ao espetáculo se infiltrar e disseminar cada vez mais a sua ideologia no seio da sociedade contemporânea.

Quanto ao papel assumido pela mercadoria na contemporaneidade, destaca-se sua apresentação como fetiche. Todo objeto que se mostra como mercadoria, encontra-se envolto em características sedutoras, que enfatizam o lado mítico dos objetos ofertados e a capacidade que eles têm para permitir a realização de qualquer sonho do sujeito. Segundo Dlugokensky ([s.d.]), o conceito marxista de fetiche da mercadoria se refere ao fato de um produto finalizado receber seu preço não mais de acordo com o material e o tempo investido em sua produção, mas a partir de um conceito de valorização irreal, como se o mesmo não pertencesse ao trabalho humano ou se referisse a algo impossível de ser medido. Assim, acaba-se atribuindo ao valor de um produto a sua suposta capacidade de influir na vida humana e pautado a partir da oferta e procura por esse dado produto. Dessa forma, a mercadoria moderna substitui aquilo que pode ser percebido pelo sentido, por elementos imagéticos que se colocam acima de tal percepção, e, a partir daí impõe sua dominação social.

Para Kehl, essa imposição da sociedade do espetáculo sobre os homens está atrelada ao fato do inconsciente ser amoral, conforme comentamos anteriormente. Portanto, o inconsciente ao se deparar com as imagens de sedução do espetáculo, não age para criar mecanismos de resistência e sim para instigar a realização desse desejo social. Dessa forma, verifica-se que nem mesmo o desejo é uma criação própria do sujeito, mas na verdade uma escolha dentre as várias imagens oferecidas pelo mercado. Eis o poder de manipulação do espetáculo, induzir o sujeito à necessidade de ser percebido pelo outro, para que dessa forma esse sujeito seja o único agente do mundo espetacular. No entanto, a indução social se isenta de qualquer responsabilidade sobre a prática adquirida pelo homem, que se deixou influenciar devido ao fato de que “Dependemos do espetáculo para confirmar que existimos e para nos orientar em meio a nossos semelhantes dos quais nos isolamos.” (KEHL, 2004, p.50).

4.3 Espetáculo, hiper-espetáculo, cultura da vaidade, simulacro contemporâneo e civilização do espetáculo

Juremir Machado Silva, em um texto de 2007, comentando a tese quatro apresentada por Debord, na obra *A sociedade do espetáculo*, afirma que no presente não vivemos mais um tempo de espetáculo, mas sim o hiper-espetáculo. O espetáculo se tratava de uma contemplação onde o sujeito abandonava a condição de protagonista para se apresentar como espectador. No entanto, nessa posição o indivíduo contemplava o outro inalcançável, que

simbolizava a realização extraordinária. Diferentemente do espetáculo, no hiper-espetáculo a contemplação se apresenta de uma forma distinta. Ela consiste em contemplar a si mesmo no outro, o que seria uma atitude alcançável, isto porque se trata de uma contemplação semelhante ou igual ao contemplador.

Para Silva (2007), enquanto o espetáculo se impunha através da sedução, no hiper-espetáculo a imposição se dá pelo controle, o que consiste na passagem da manipulação para a servidão voluntária, que está acima da manipulação e apresenta uma imersão total do sujeito em relação aos dispositivos que regem a sociedade contemporânea. Quanto ao papel da imagem, afirma que no espetáculo tinha-se a imagem do mundo, enquanto no hiper-espetáculo tem-se a imagem de si mesmo, devido ao fato de vivermos uma época em que há câmeras por todos os lados registrando todos os nossos movimentos, assim como os meios de comunicação lançam produtos midiáticos que consistem em vigiar os passos de seus participantes, como se deu no Big Brother. Sobre esse papel da imagem na contemporaneidade, ainda afirma que no hiper-espetáculo a imagem é única, o que põe fim à possibilidade de reflexão. O único aqui não tem a intenção de destacar o aspecto positivo do fato, mas salientar que a imagem se tornou genérica, igual em todos os cantos e todos os meios.

O hiper-espetáculo enfatiza a visibilidade, no entanto, o faz de forma simbólica sem nada a desvendar. Não tem a intenção de ser o fim da história, mas apenas uma história sem fim como um programa de TV que sempre terá um novo capítulo. Uma continuação igual e diferente, marcando o retorno eterno ao simulacro da interação delegada, que consiste em acelerar cada vez mais o espetáculo na direção de um show eterno, promessa efêmera do gozo inalcançável. Ainda segundo Silva (2007), enquanto o espetáculo era uma representação do imaginário moderno, o hiper-espetáculo se trata de um imaginário sem representação. Faz referência a um vínculo sem relação que extrai do produto ou imagem qualquer finalidade primária que ele apresente, para mostrá-lo como uma coisa qualquer, cotidiana, como característica do espetacular ou sensacional que gera apenas prazer passageiro que na hora seguinte precisará ser substituído por outro produto ou imagem.

Dupas (2001) fala em estado de transparência para definir a vida contemporânea dominada pela proliferação das imagens de extensão global. Hoje o poder social passou a ser exercido pelas grandes corporações internacionais, através do espetáculo que instiga a figura do vencedor como ideal de vida. Tal fato eleva o efêmero e o frágil ao topo da pirâmide, transformados em sonho do consumidor dessas imagens transparentes da vida cotidiana. A tecnologia da informação aumentou ainda mais a submissão ao império midiático. Dessa

forma, os profissionais do espetáculo embrenharam-se por todos os canais da sociedade e aumentaram o seu poder, principalmente, a partir da disseminação da mercadoria no contexto social desde a Revolução Industrial. Para Debord, esse momento é responsável pela constituição da economia política como prática de dominação social.

Nesse contexto, Dupas (2001) afirma que o espetáculo consistiu no momento em que a vida social foi invadida pela mercadoria e sua superposição contínua de mercadorias. O mercado vigente não se conformava em oferecer apenas um produto ao consumidor, mas na verdade, a instigá-lo a comprar um produto atrás do outro para alcançar a felicidade, pois o consumo alienado das massas tinha a intenção de levar o sujeito a se esquecer do seu trabalho norteado pela produção alienada. Assim, a vida moderna se transforma em uma intensa busca pela acumulação de espetáculos, seja em forma de mercadorias ou de imagens. O foco aqui era que todos os momentos da vida se transformassem em uma representação, coroando o espetáculo como modelo dominante da sociedade.

Dupas (2001) afirma que a dominação econômica em relação à vida social se operacionalizou na passagem inicial do ser para o ter, para na sequência abandonar também o ter direcionando-se para um parecer-ter. No entanto, é ainda mais enfático, escrevendo que na atualidade, as grandes massas excluídas se norteiam simplesmente pela identificação com quem parecer ser ou ter. Essa identificação se dá por meio do espetáculo, que não precisa ser ao vivo, no sentido de estar no mesmo ambiente do sujeito, mas transmitido pelas grandes mídias de comunicação de forma instantânea de qualquer lugar do planeta. O indivíduo excluído na contemporaneidade busca satisfação em modelos de felicidade que não pertencem ao seu contexto. O que importa é o fato das mídias ofertarem tal modelo como produto da felicidade. Segundo Dupas, o espetáculo de abrangência global e instantâneo faz com que virtual e real se confundam a partir dos processos de identificação.

Quanto à ação do homem em tempos de espetáculo, Dupas (2001) afirma que os gestos efetivados não pertencem mais a esse sujeito, eles são apenas representação do gesto de outros homens. Através dessa presença constante da representação o espetáculo se espalha por todos os lugares e retira do espectador o sentimento de casa, agora todos os lugares são representados de forma idêntica.

Dupas (2001) também afirma que a contemporaneidade é o tempo do flash, do spot e do clip, recursos midiáticos que permitem a tradução em imagens e ritmos da relação que o sujeito estabelece com o tempo. Vive-se um agora acelerado e fragmentado, cuja descontinuação tem o objetivo de cada vez mais dominar a forma de agir do sujeito. Esses tempos espetaculares se tornam algo preocupante, no que se refere aos efeitos dos avanços da

técnica sobre a população. Os resultados desse aparato estão sempre em busca de romper, inaugurar e voltar a romper com os paradigmas estabelecidos.

Já para Chauí (2006), os meios de comunicação de massa trouxeram um malefício à cultura devido à banalização cultural e a redução da realidade à mera condição de espetáculo. Portanto, na contemporaneidade, os veículos midiáticos tiveram importante papel na implementação do espetáculo como ideologia da sociedade. O espetáculo e a especulação apresentam a mesma origem e têm ligações diretas com a forma como se operam o olhar e a linguagem vigente na sociedade do espetáculo. No entanto, o problema não recai diretamente sobre os espetáculos, mas na maneira como o espetáculo é apresentado ao público ao ser capturado, produzido e enviado através dos meios de comunicação de massa a todos os cantos do planeta.

Chauí o define como um simulacro, pois para ela o espetáculo não faz referência ao acontecimento, mas à encenação do acontecimento. Ao se transformar em simulacro, o espetáculo passa a desempenhar o papel da própria sociedade, de uma parte da sociedade, como instrumento de unificação. Segundo Chauí, cabe ao espetáculo atrair o olhar e a consciência, mas trata-se de um olhar iludido e de uma falsa consciência, pois a ideologia contemporânea se mostra sempre de forma anônima e impessoal no discurso norteado pela racionalidade técnico-científica. Assim, o discurso ideológico pode aparecer como discurso do social porque o social aparece constituído e regulado por essa racionalidade.

Por fim, apresentamos a visão de La Taille (2009) sobre a modernidade, cuja análise introduz um novo elemento conceitual, a vaidade, como comportamento norteador do sujeito pós-moderno. A contemporaneidade é marcada pela fragmentação. Se na modernidade o todo dominava a parte, na pós-modernidade o todo foi desintegrado pela parte. Tempo, espaço e até mesmo as relações humanas e do conhecimento se produzem em fragmentos. Portanto, na modernidade o projeto de unidade, que permite ao sujeito compreender o funcionamento a sua volta, é substituído pelo projeto do fragmento, que esconde a maioria das partes e mostra somente aquilo que é interessante para o grupo social dominante apresentar aos indivíduos. Nas indústrias, os produtos são montados em partes em diferentes setores. Enquanto isso, nos meios de comunicação, os fatos são apresentados sempre a partir da edição, que esconde o todo e evidencia apenas a parte considerada mais interessante e com maior poder de prender a atenção do telespectador. No presente, o estético substitui o ético, no entanto por meio de um espetáculo também fragmentado.

La Taille (2009) afirma que o homem contemporâneo está inserido em um mundo composto de sequências de evento transformadas em urgências. Nesse espaço, o sujeito vive

apenas o presente, desligado de qualquer relação com o passado e da ínfima possibilidade de se construir um futuro, como ideia de progresso. O que a modernidade oferece de futuro é também um mundo monótono, que reproduzirá o presente da mesma forma. O que rege a pós-modernidade é a ideia de não se fixar nem em produtos e muito menos em pessoas. O espetáculo perpetuou a busca pelo efêmero, valorizou o fragmento instantâneo do sucesso pessoal. No presente, o sujeito se deleita nesses resquícios estéticos, tolhido de qualquer recurso ético que lhe permita discutir o contexto vigente, resistir ao fragmento e tentar construir um futuro de unidade, cujo progresso possa atingir todos os cidadãos.

Quanto ao papel desempenhado pela imagem na construção dessa sociedade fragmentada, La Taille (2009) afirma que o excesso de mundos virtuais faz com que a imagem substitua a realidade. Na atualidade, o ato de comunicar se transforma em algo mais importante do que o fato comunicado. O show de notícias, a forma espetacular como uma tragédia será apresentada ao telespectador na busca incessante por uma audiência cada vez maior se sobrepõe ao impacto que qualquer acontecimento pode gerar na vida dos cidadãos. Dentre as áreas que desempenham esse papel ilusório e sedutor destaca-se a publicidade e suas peças criativas objetivando despertar o imaginário do consumidor, oferecendo-lhes a realização de todos os desejos pessoais.

Foi nesse contexto que La Taille (2009) denominou que a sociedade pós-moderna vive em uma cultura da vaidade, responsável pelo “crepúsculo do dever contemporâneo”, ou seja, norteadas pela política do capital, a sociedade gera sujeitos dominados pelo individualismo, capazes de ações voltadas apenas para a sua satisfação pessoal. Deterioraram-se os valores e os costumes em defesa da personalização como modo de vida. Portanto, essa cultura da vaidade é fruto de uma sociedade que deixa de viver sobre a égide da razão para viver agora uma paixão sem razão, norteadas pelo consumo e pela exposição pessoal. Sobre o conceito de virtude, uma pessoa vaidosa seria aquela que valoriza as aparências em relação às virtudes. O vaidoso é uma pessoa preocupada em construir perfeitamente o espetáculo que ela apresentará sobre si mesmo, pois o seu sucesso social depende do impacto que tal espetáculo gerará no outro. Para uma pessoa vaidosa é essencial a admiração alheia, por isso a necessidade exorbitante de se exibir para chamar a atenção. O vaidoso vive na dependência do julgamento do outro, pois toda atitude que gera elogio ou admiração é a recompensa da vaidade. No entanto, não ser percebido é o temor maior de quem busca o olhar externo, um verdadeiro castigo, símbolo de que a identidade pessoal não foi construída e que dessa forma estará afastado do pertencimento à sociedade.

La Taille (2009) é crítico fervoroso dessa busca pela vaidade, pois esse comportamento está associado a questões superficiais, pequenas, uma verdadeira ilusão que mergulha o vaidoso em uma vida sem perspectivas. A pessoa inserida nessa busca constante pela vaidade tem a perspectiva de que seu valor é maior do que o valor de outros sujeitos a sua volta. Porém, os objetos que ela valoriza são portadores de futilidade, compostos de conteúdos vazios, sem nenhuma implicação social para o meio em que esse sujeito vaidoso está inserido.

No entanto, na contemporaneidade esse comportamento fútil prevalece, o que faz com que o vaidoso, livre das amarras da timidez e da introspecção ocupe lugar de destaque, enquanto a sociedade se mostra reticente com os introvertidos, os tímidos e os solitários que têm dificuldade para estabelecer comunicação com os indivíduos a sua volta. Sujeitos com essas características são classificados como perdedores. Ser um perdedor é o medo de todo sujeito que transita pela sociedade contemporânea, trata-se do temor dos vencedores de perderem sua visibilidade e mergulharem no mais profundo ostracismo.

Ainda sobre essa questão de vencedores e perdedores, limite extremo entre o espetáculo do sucesso e abismo social, La Taille (2009) afirma que cada vez mais esse panorama é marcado pelo efêmero, uma vez que no presente a transformação de vencedor em perdedor se dá em menos de um segundo. Assim, em uma sociedade que valoriza vencedores e afasta os infelizes perdedores, o sujeito está sempre no limiar entre o reconhecimento e a decadência, e tal mudança pode acontecer mais rápido que esse sujeito consiga trocar uma peça de roupa. Diante desse quadro, torna-se mais compreensível a necessidade de um sujeito de sucesso compartilhar de maneira escancarada com os outros suas conquistas pessoais. É preciso se mostrar, transformar-se em modelo para os outros, para permanecer sempre do lado dos vencedores.

Segundo La Taille, a vaidade é marcada também pela necessidade de influenciar o outro. Tal traço a coloca ainda mais em evidência na contemporaneidade, pois a sociedade moderna se constrói em torno do mantra da influência alheia em busca de benefícios e também de admiração. No entanto, o vaidoso busca esses objetivos constantemente, para isso procura sempre subjugar e impressionar a opinião do outro. A influência sobre o outro se transforma em técnica de dominação, pois o vaidoso precisa receber olhares alheios, caso contrário, sua vida não terá mais sentido e ele passará a viver o martírio da invisibilidade.

Mas, La Taille reconhece que a visibilidade não é o objetivo só do vaidoso. Qualquer pessoa inserida em dado grupo social tem a pretensão de ser reconhecida pelo semelhante, a questão é que no caso do vaidoso o conceito de visibilidade não condiz com o significado de

respeito, mas de admiração. Portanto, para o vaidoso ser reconhecido pelo outro vai além de ser simplesmente notado, ele busca o destaque, tem a necessidade de ser sempre o centro das atenções, quer ser visto enquanto os demais se tornam invisíveis.

La Taille deixa claro que a cultura da vaidade se constrói na procura por influenciar o outro, no entanto, se preocupa também em localizar o lugar ocupado pelo espetáculo nessa nova forma de comportamento contemporâneo. Na cultura da vaidade se produz espetáculo todas as vezes que se oferece algo para impressionar os olhos e os ouvidos do outro na tentativa de impressioná-lo. Portanto, também é notório que na modernidade as formas de espetáculo são diversas. Por muito tempo a televisão foi o centro do espetáculo, porém desde o advento da internet, essa rede também passou a compartilhar com os demais meios de comunicação a sua função de disseminadora de espetáculos, mas sem o mesmo controle moral exercido sobre a televisão.

Quanto à constituição do espetáculo pós-moderno, La Taille (2009, p.178) afirma que “[...] o sério e o ridículo, o alegre e o triste, o relevante e o acessório, o trágico e o banal, o público e o privado, a informação e o boato, tudo se torna espetáculo. Tudo está para ser visto, ouvido, tudo está para chamar a atenção.” Não há mais limites, tudo é apresentado com o mesmo peso. O espetáculo se constrói por meio do nivelamento dos objetos, porém, trata-se de um nivelamento por baixo, o mais raso possível. Segundo La Taille o espetáculo se assemelha ao divertimento, e como divertimento deve estar presente em tudo e em todos os lugares.

Costa (2004) afirma que os sujeitos não só são direcionados para ver o mundo através da lente do espetáculo, como também são incentivados a participarem desse mundo espetacular, caso contrário eles ficarão de fora do grupo social. Essa participação se dá por meio da imitação de diferentes personagens da moda, da música, do esporte, os chamados vencedores. La Taille aponta que o lema da sociedade contemporânea é “apareça ou pereça”, daí o papel da imitação como forma de se mostrar para o público. Mas Costa cita que até mesmo essa imitação é limitada, pois o sujeito imitador não terá condições de reproduzir riquezas e poderes políticos de seu alvo da imitação, assim ela fica demarcada pelo acessível a qualquer um, a “aparência corporal”.

Por fim, La Taille (2009) afirma que na contemporaneidade, uma forma encontrada pelo indivíduo para “se dar em espetáculo”, foi introduzir em sua vida a prática do consumo, pois tal prática é repleta de sinais que chamam a atenção alheia e aproxima o sujeito ou pelo menos parece aproximar dos vencedores. Sobre a prática consumista, Costa (2004) afirma que o objetivo consumido deve trazer valor social ao consumidor, deve se transformar num

elemento de identificação do vencedor em qualquer ambiente no qual ele apareça ou em qualquer momento de sua vida. É isso que determina a sociedade pós-moderna, que você possa ser identificado, comemorado, e por consequência, admirado pelo maior número possível de pessoas. Se isso acontece: espetáculo, sedução, simulacro e vaidade cumpriram o seu papel moderno.

Por fim, nos deparamos com as discussões propostas por Vargas Llosa (2013) sobre o espetáculo, cujo período contemporâneo foi denominado de civilização do espetáculo, momento em que o comportamento social é norteado pela prática do entretenimento em primeiro lugar. Para o autor, uma sociedade que enfatiza a diversão banaliza a cultura e generaliza a frivolidade. A frivolidade é compreendida como uma inversão de valores, quando a forma importa mais que o conteúdo, a aparência vale mais que a essência. Assim, ao adotar esse caminho, a civilização do espetáculo confere ao cômico a posição de rei. Nesse contexto, o intelectual deve se render ao meio para ter valor social. Segundo Octávio Paz, o espectador contemporâneo vive preso à novidade e se esquece rapidamente do que já aconteceu, portanto, de acordo com Vargas Llosa vivemos tempos desprovidos de sentido, pois a atuação social é marcada pela efemeridade, pela busca constante do próximo ato. A cultura contemporânea encerra o espírito crítico e instaura a resignação e o fatalismo.

Neste capítulo apresentamos uma afirmação de Debord de que o espetáculo moldou como os mecanismos tecnológicos devem ser usados em busca de seus objetivos. A análise do Facebook reforça essa visão de Debord, pois o sistema é desenvolvido para que a página seja utilizada como um diário virtual. As ferramentas da página são construídas para possibilitar que o usuário espetacularize sua vida, assim encontramos no espaço uma caixa de texto com uma frase convidando o usuário a participar da rede. Essa frase é sempre alterada, e no momento dessa análise, aparecia no *site* a pergunta “Gostaria de compartilhar algo?” Ao clicar nessa caixa de diálogo o sistema oferece ao usuário a possibilidade de compartilhar texto, vídeo, foto e até mesmo realizar o *check-in* de onde se encontra no momento.

Todas as postagens que aparecem na linha do tempo do usuário são acompanhadas de uma caixa de diálogo com a foto de perfil do usuário e a frase “Escreva um comentário...”, incitando o sujeito a participar daquele evento. Portanto, o Facebook se constrói de forma convidativa, procurando facilitar a maneira como seu usuário vai se relacionar e publicizar sua vida nesse espaço virtual. Segundo afirmação de Türcke, no espetáculo, o homem se transforma em mercadoria à venda, dessa forma, o Facebook se apresenta como o classificado onde a mercadoria será exposta para atrair seu comprador. Nesse sentido, Vargas Llosa critica tal comportamento instituído, ao afirmar que não existe forma mais eficaz de entreter do que

alimentar as paixões baixas do mundo dos mortais, no caso das redes sociais virtuais, a possibilidade de visibilidade alheia a partir de um clique no botão publicar ou compartilhar, por exemplo, ação que conquistou parte dos usuários da rede social estudada, conforme presenciado no recorte investigado por essa tese.

A exposição pessoal desenfreada por parte dos usuários de Facebook que compartilham com seus interlocutores praticamente todos os momentos de sua vida, com ênfase para a divulgação na rede de questões particulares, corrobora a afirmação de La Taille de que o espetáculo se relaciona com a visibilidade. Na modernidade, o sujeito optou por chamar a atenção a todo custo, o que o levou a dar espetáculos de si mesmo. Portanto, uma rede social como o Facebook é apenas consequência de um novo modo de vida adotado por parte da sociedade a partir da imposição da necessidade de que o indivíduo se comporte de forma espetacular, que ele não permita mais que sua vida tenha segredos, que ele escreva a sua narrativa no diário virtual. Caso contrário, estará fadado ao anonimato, algo inaceitável para quem se dispõe a usufruir de todo o processo tecnológico oferecido pelo Facebook, cujo norte consiste em colocar um homem comum em evidência, nem que isso seja o mais efêmero possível.

A partir do momento em que um usuário da rede virtual aceita lutar para se sobressair em relação a seus interlocutores, ele assume também o risco de o fazer a qualquer custo, assim em termos de capital humano tal usuário abandona os cuidados éticos e mergulha totalmente em relações humanas fragmentadas, em que despertar o olhar do outro torna-se mais importante do que os mecanismos impostos para isso, o que leva alguns usuários do Facebook a construir um simulacro de sua banalizada vida real no mundo virtual.

A partir dessa discussão sobre como o espetáculo se produz na vida contemporânea, o próximo capítulo abordará a questão da publicização do privado, discutindo como se produziu a alteração na relação entre a esfera pública e a privada e quais os resquícios dessas mudanças na forma de relação interpessoal no presente. O capítulo cinco se divide em duas partes. Na primeira apresentamos a visão de Arendt sobre os espaços públicos e privados, partindo do conceito de vida ativa visando à compreensão de como o homem se relaciona com o mundo. Arendt enfatiza que a ascendência dos modos de produção sobre a vida humana gerou um tipo de trabalhador a serviço do consumo ensandecido, por isso torna-se necessário para a autora sempre observarmos como se constroem as relações sociais de cada época. Também se discutirá a visão da autora sobre a diluição da esfera pública e privada no espaço social e a consequente origem de um processo artificial no modo de agir a partir do surgimento da

sociedade, o que faz com que o ser político seja suplantado pelo individualismo do consumo e a busca do prazer.

Na segunda parte trataremos da visão de Sennett sobre o declínio do homem público e consequentemente como fica a relação entre o ambiente público e o privado. Na análise de Sennett discutiremos como o imaginário privado se sobrepõe ao público. Também veremos como esse lugar público foi dominado pela burguesia, cujos membros experimentam sensações e relações humanas, apesar desse sujeito burguês ficar em dúvida sobre qual comportamento adotar em cada espaço. Depois o autor discutirá o fato da esfera pública se transformar num lugar de concorrência, onde o indivíduo se mostra ao outro o que ele construiu no ambiente privado. Ao final se discute que o declínio do homem público é fruto de uma sociedade que exclui a existência do ser pensante e a consequente atrofia do âmbito político.

5. DO PÚBLICO AO PRIVADO E A CONSTRUÇÃO DA ERA MODERNA

A história da humanidade é marcada pela presença do homem em dois ambientes distintos: as esferas pública e privada. Cada ambiente determinava uma postura específica a ser adotada, cuja prática transmitia a ideia de que em nenhum momento seria permitido que essas duas esferas se encontrassem. O mundo da política e o mundo da família eram espaços onde se praticavam ações distintas. No entanto, com o advento da sociedade moderna, as formas de relacionamento foram se alterando, ações pertencentes ao âmbito privado invadiram o espaço público, que na atualidade deixa de ser local apenas de discussão política e passa a ser dominado também por questões pessoais e sentimentais.

A discussão sobre a nova característica das esferas pública e privada nesta tese se faz a partir de um recorte teórico sobre a visão de Hannah Arendt, apresentada em *A Condição Humana*, e Richard Sennett, em *O declínio do homem público: a tirania da intimidade*, visando compreender como essa nova realidade construiu o mundo moderno, principalmente, no que se refere ao declínio do espaço público e a sobrevivência do indivíduo enquanto ser particular, livre das amarras coletivas propostas pela sociedade moderna.

A opção por Arendt está atrelada às contribuições da autora referentes ao comportamento humano na modernidade, especialmente, a análise sobre o fim do abismo entre as esferas pública e privada, e o obscurecimento que tomou conta do conceito dessas esferas, uma vez que os acontecimentos nesses espaços não podiam mais ser definidos apenas pelos nomes por eles recebidos. A autora também discute a forma como essa nova relação entre o público e o privado impactou outros organismos sociais, como o Estado e a Igreja, obrigando-os a redefinir seu modo de atuação nas esferas citadas.

Sennett tem uma afinidade com o pensamento de Arendt, no entanto, sua análise sobre os aspectos públicos e privados tomou um rumo distinto da filósofa alemã, seguindo o caminho da análise a partir da arquitetura urbana e a forma como ela influenciou o comportamento do indivíduo. Dessa forma, a construção teórica deste capítulo privilegia um olhar político e um olhar social sobre a relação entre o público e o privado. Também se pretende observar como o aparato da técnica, discutido no capítulo três, influencia essa mudança comportamental. Além dos autores que nortearão a discussão desse capítulo, o texto também abordará a visão de comentaristas contemporâneos, como Newton Bignotto, Adriano Correia, André Duarte e Karin Fry.

Bignotto discute a questão da condição humana na modernidade refletindo sobre a maneira como as constantes inovações das ciências e da técnica alteram a compreensão do

humano e destroem certezas consideradas absolutas na cultura contemporânea. Duarte apresenta em sua obra o propósito de pensar os riscos a que está exposta a vida humana na modernidade dominada pela técnica, por isso faz um diagnóstico filosófico da modernidade a partir das reflexões de Arendt. Correia propõe uma leitura de Arendt segundo a perspectiva da modernidade, enfocando a subjugação da política pela economia, fato que altera a relação do ambiente público e privado. Por fim, Fry traz uma análise do pensamento político de Arendt diante das particularidades da modernidade.

Quanto ao conceito de público e privado estabelecido pelos autores citados, Arendt enfatizou a questão política e a forma como o homem atua na sociedade enquanto ser político. Sennett deu preferência ao trabalho sobre a mudança dos espaços sociais e também à forma de comportamento do homem, enquanto ser social. Enquanto Arendt produziu uma análise filosófica, preocupada em identificar os impactos da relação entre público e privado ao longo da história moderna, Sennett produziu sua análise centrada nos reflexos dessa relação no âmbito da burguesia.

Ambas as visões mostram as transformações ocorridas na vida do homem e os problemas que tais mudanças acarretaram para sua condição de vida, o que nos leva à reflexão de que a compreensão da existência humana deve estar sempre pautada na identificação das mutações ocorridas em nossa época e não através de uma concepção humana com características inatas (BIGNOTTO, 2009). É a influência dessas transformações na vida do homem contemporâneo que nos permitirá compreender como esse sujeito habita o mundo e se relaciona com os indivíduos à sua volta.

5.1 Vida ativa, questões políticas e a discussão sobre a relação entre as esferas pública e privada

Para compreendermos melhor a construção do pensamento de Arendt sobre a condição humana, torna-se necessário entender o conceito dado para a expressão *vida activa*, cuja constituição está baseada em três atividades consideradas fundamentais para a vida humana: o labor, o trabalho e a ação. Esses três elementos representam aquilo que os homens desempenham de básico durante sua vida terrena. O labor corresponde à vida humana, ao processo biológico do corpo para sua sobrevivência; o trabalho faz referência ao artificialismo humano, à necessidade humana de produzir para poder sobreviver e também à criação de coisas novas e distintas do ambiente natural.

Portanto, o trabalho é a condição humana responsável pelo advento da técnica e sua influência sobre o labor humano. Por fim, tem-se a ação, cuja possibilidade depende da relação entre os indivíduos, pois o mundo não é habitado por um homem isolado, assim a sobrevivência coletiva depende dessa interação entre todos os habitantes do planeta. Dessa forma, a ação é a condição para a existência de uma vida política e conseqüentemente para a relação entre as esferas pública e privada. Habitamos uma pluralidade, condição da ação humana.

Ainda no que tange os elementos constitutivos da *vita activa*, o labor responde pela sobrevivência da espécie humana; o trabalho dá durabilidade à vida mortal e seu caráter efêmero, algo fútil, por isso determinado como a condição para a mundanidade. A ação, ao permitir o ato político na sociedade, cria condições para a existência da lembrança, para a preservação da história humana. Existir, criar produtos e fazer política é a condição humana. Tudo aquilo que adentra o mundo humano ou é direcionado para ele, torna-se elemento da condição humana. A objetividade do mundo e a condição humana são complementares, gerando uma existência condicionada, já que “Os homens são seres condicionados: tudo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.” (ARENDDT, 1999, p.17).

Na visão de Bignotto (2009) ao discutir os elementos constitutivos da *vita activa*, Arendt avança para além da discussão e compreensão da relação dos homens com o mundo, inicia o debate sobre o processo de formação da modernidade e o surgimento de uma sociedade voltada para o consumo e para a necessidade, cujo resultado consiste no fato de que frutos do mundo moderno se tornaram produtos do trabalho, destinados ao consumo, substituindo os produtos do labor, criados para serem apenas usados. Tem-se, portanto, com o surgimento da *vita activa* o desaparecimento da *vita contemplativa*. Na modernidade, a contemplação perde completamente o sentido. O *homo laborans* é substituído pelo *homo faber*, oriundo da cientifização da política e sua valorização do homem como construtor, fabricante, um trabalhador a serviço do consumo ensandecido e não mais um contemplador do mundo, que busca na natureza apenas o necessário para sua sobrevivência.

É nesse contexto que Arendt discute o conceito de *vita activa* e os reflexos que a mesma produziu no campo político e conseqüentemente na vida do indivíduo moderno. Na antiga cidade-estado o termo *vita activa* era carregado de um significado político, com o desaparecimento desse local tornou-se uma definição de engajamento sobre as coisas do mundo. No entanto, sem permitir que o trabalho e o labor alcançassem o mesmo patamar da vida política, regida pela ação. Até o início da era moderna a expressão não conseguiu se

desligar de um sentido conotativo e negativo de inquietude. A visão de vida ativa arendtiana é contrária à tradição grega, uma vez que ela vai além da contemplação e visa à compreensão sobre como se produz as relações sociais de sua época. Assim, surge a preocupação em analisar os elementos citados acima e considerados por Arendt como os norteadores da vida ativa moderna, a partir da relação estabelecida entre labor, trabalho e ação.

As atividades humanas são condicionadas pelo simples fato dos homens viverem juntos, no entanto, a ação é a única atividade que só pode ser produzida dentro da sociedade dos homens. O labor e o trabalho podem ser desenvolvidos por um ser isolado, apartado do convívio dos demais membros da sociedade; enquanto a ação, devido ao fato de ser uma atividade política, só acontece no momento em que os sujeitos se reúnem para contemplar o meio em que habitam. Sem a presença do outro, torna-se impraticável a ação, o *bios politikos* para tratar dos assuntos humanos de forma autônoma.

Assim se desenvolvia a sociedade no início da era moderna, porém com o passar do tempo e o ingresso da técnica no cerne da vida moderna, esses elementos constitutivos da vida ativa sofrem mudanças, da mesma forma que se altera a maneira como os homens se relacionam em sociedade. Essa transformação dá origem a uma instrumentalização do mundo, cuja linha condutora passa a ser direcionada pelo ideal de que a vida humana deve ser pautada na utilidade dos elementos, o que transforma em matéria-prima todas as coisas que habitam o mundo natural. Essas mudanças reconfiguram o lugar ocupado pelo fazer na sociedade, levando o ato de produzir a um patamar superior ao ocupado pela ação na hierarquia das atividades humanas (CORREIA, 2014).

Nesse novo contexto, o fabricante assume o controle sobre o processo. Agora, torna-se possível ao operário destruir o produto e recomeçar, caso o mesmo não se apresente de forma satisfatória. A ação política passa a ser construída por meio das produções que originam um espaço público para ligar e separar os indivíduos. Na modernidade até mesmo o espaço para a relação entre os homens torna-se um ambiente preparado, produzido para que tal ato seja realizado. A visão arendtiana trata da substituição do agir pelo fazer, onde o sujeito é visto como material que pode ser manipulado da mesma forma que as coisas. No entanto, a autora rejeita a construção da política por parte dos poucos que comandam a sociedade. A política necessita de diversidade, para que os objetivos possam atingir o maior número possível de beneficiários.

Essa transformação do espaço habitado pelo homem torna-se também responsável pela perda de qualquer tipo de ligação com sua história. A condição humana moderna passa a ser ameaçada, pois um homem que se esquece de suas origens e abandona suas raízes se

condiciona mais rapidamente ao novo modo de vida. Arendt afirma também que a confiança na realidade da vida depende da forma como essa vida é experimentada, da maneira como ela desperta o sentimento no homem. A capacidade humana de viver está relacionada à competência tanto para transcender como para alienar-se dos processos existentes na vida. Estar no mundo significa ter discernimento para entender o que se passa a sua volta e a partir daí saber analisar e agir de acordo com o que pede cada uma dessas situações.

A leitura de Bignotto (2009) nos permite depreender que o ato de agir está atrelado à ideia de início, de começo. As mutações de nosso tempo devem ser compreendidas a partir desse ponto, pois apesar das transformações radicais oriundas do surgimento da técnica e da ciência moderna, deve-se compreender que essa é a realidade e que não há meios de se voltar atrás, principalmente, porque faz parte da capacidade humana a necessidade de criar coisas e relações novas a todo o momento. Não foi diferente na modernidade, quando colocando em prática as ferramentas oferecidas pela técnica, o homem alterou a sua paisagem social.

Com a modernidade, entramos em um período dominado pela fabricação, que eleva seu papel ao nível da ação e transforma o ato de consumir em algo tão importante como a feitura da política. Tal transformação gera impactos na esfera pública e na privada, tanto que ambos os espaços se diluem no social, dando ao trabalho e à fabricação a mesma relevância atribuída até então à política, enquanto unidades capazes de determinar como o mundo comum deve ser constituído.

Na construção do conceito sobre o público e o privado, Arendt (1999) manifestou uma preocupação com o papel do conhecimento, no que se refere à compreensão do sujeito sobre o que estava acontecendo em sua vida e também sobre as possibilidades de atos que os homens poderiam realizar. Caso os homens separassem as esferas do conhecimento e do pensamento, muito provavelmente, se tornariam escravos indefesos, a serviço dos aparatos técnicos, cujo capítulo três mostrou como afetou a vida da sociedade moderna, inclusive a alienando.

Arendt denuncia a ciência social e sua tentativa de transformar o homem em um animal que vive de maneira condicionada. A verdadeira condição humana é aquela baseada na capacidade de reflexão, em que o homem mergulha num espaço que ele compreende e sabe como funciona. Assim, concebe o poder quando o mesmo é construído junto a todos os membros de uma sociedade e não quando ele é imposto sobre o indivíduo. Portanto, o homem deve ter liberdade para exercer sua capacidade de reflexão.

Nesse quesito, o discurso deve ser compreendido como uma questão política. É a capacidade de se dirigir aos demais membros da sociedade que determinará a posição que esse sujeito ocupará na escala social. Dessa forma, a ação política deve ser marcada por um

diálogo que permita a discussão entre todos os membros da comunidade, com o propósito de se encontrar em conjunto o que é melhor para o grupo, sem nenhum tipo de controle ou manipulação (FRY, 2010).

Ainda no que tange aos processos da vida ativa e sua construção, o labor diz respeito ao processo biológico humano, à própria vida do sujeito, enquanto o trabalho se refere a algo artificial, capaz de produzir várias coisas em qualquer lugar do mundo. Enquanto isso, a ação está atrelada à relação existente entre os homens, ao aspecto político que determina como deve ser mediada a presença dos homens no mundo. O labor assegura a sobrevivência do sujeito, o trabalho permite ao indivíduo viver o tempo humano e a ação possibilita ao homem construir a história de sua vida. O labor seria um estar no mundo, o trabalho uma forma de participar desse mundo e a ação permitiria ao sujeito construir um conhecimento, uma reflexão sobre sua passagem por aqui.

Portanto, o labor se refere a uma atividade interessada nas necessidades cíclicas e repetitivas da vida humana, ligadas ao crescimento, ao metabolismo e à decadência. Trata-se de uma precondição necessária para a política, uma vez que as necessidades pessoais devem ser assumidas antes que surjam os interesses políticos. Enquanto isso, o trabalho é visto como a produção de estruturas mais permanentes, como abrigos e móveis, isto é, a produção de elementos que permitem às pessoas se distanciarem da natureza. A ação teria uma proximidade com a política e faria referência à capacidade do sujeito se mostrar como ele realmente é. O labor é uma condição básica de existência que inclui todos os seres vivos. O trabalho trata da produção, da capacidade de execução do sujeito. A ação, devido ao caráter político, compõe-se da capacidade de reflexão que o sujeito desenvolve sobre sua condição de existência no mundo.

Assim, a exposição de Arendt (1999) nos permite a percepção de que diante dos mecanismos da vida ativa, o mundo deu ênfase ao trabalho, especialmente, a sociedade moderna e seus dispositivos tecnológicos, que desenvolveram distintas formas de trabalho e permitiram também a disseminação do consumo, a partir dos produtos oriundos dessa prática, conforme citado anteriormente nesse capítulo. Os filósofos sempre viram o labor como suprema capacidade de construção do mundo, pois se trata da atividade mais natural do homem, uma vez que se refere ao fato de que o sujeito só está na sociedade porque ele tem vida. Indiferente de qualquer decisão que a sociedade tome, o labor sempre estará atrelado à existência do homem, enquanto o trabalho e a ação dependem de atos sociais.

No que tange a ação, como afirmado acima, Arendt vislumbra esse elemento como o norteador da relação entre as pessoas e por consequência como o lugar para a ocorrência dos

tratados políticos. A condição humana é a marca da pluralidade, em que os seres humanos são distintos tanto daqueles que os precederam em outras épocas, como daqueles que o substituirão no futuro. Como atividade política por excelência, a ação é a única que só pode acontecer dentro da sociedade. Trata-se de um elemento que necessita da relação pública entre as pessoas que buscam juntas construir formas de vida capazes de atender a toda essa pluralidade que marca a existência humana, seja no seu ambiente privado, seja no público.

A ação só é possível quando um homem se encontra com outros homens em um espaço que lhes permita discutir acerca das interrogações sobre o mundo e aceitar as distinções existentes entre os sujeitos. Para Bignotto (2009, p.237) “Se perdermos a capacidade de agir levando em consideração os outros, nos tornaremos a presa fácil de processos de repetição que se esgotam em si mesmos e de fato impedem o surgimento do novo.” Somente o diálogo poderá evitar que o indivíduo moderno seja apenas um repetidor de coisas impostas pelo meio no qual ele habita.

No entanto, ao olhar para o passado, Arendt (1999) reconhece que na Grécia, a ação substituiu o comportamento, o que alterou a relação política de uma sociedade. A imposição do comportamento consiste em direcionar a sociedade para uma vida normalizada, cujo ato espontâneo e livre é abolido. Dessa forma, o predomínio da ação evidencia a construção de uma sociedade pautada na igualdade, porém, uma igualdade distinta da moderna baseada no conformismo, na aceitação das regras estabelecidas pelo grupo dominante.

É o ideal da condição humana norteado pela ação que leva o indivíduo a agir em relação ao outro, a construir um verdadeiro ato político em prol da sociedade. Essa era a visão grega da ação, construída por meio do conceito de *bios politikos*, que fazia referência à ocorrência de assuntos humanos, constituindo assim um modo de vida autônomo para o ser humano. Dessa forma, compreendemos que o papel político da ação coloca em evidência quem uma pessoa realmente é encerrando a ideia de que o ser humano é um objeto cuja ação é fruto de uma essência pré-existente. O sujeito se constrói a partir da relação com os demais sujeitos que se encontram a sua volta.

O *bios politikos* da origem à vida política responsável pela organização da vida humana no que tange à relação existente entre os homens em um dado grupo social. A vida política faz referência ao espaço público onde todos os homens eram tratados como iguais, um lugar onde o homem, ser político por natureza, se encontra com tudo aquilo que lhe é comum. Também cabe à vida política discutir e organizar o funcionamento da vida humana. De acordo com Arendt, o conceito de vida política se tratava de uma espécie de segunda vida. Além da vida privada que norteava os acontecimentos do lar, o sujeito tinha também um espaço

público onde ele podia discutir com os demais participantes desse ambiente, as coisas comuns a todos os cidadãos, por meio de palavras e também da persuasão. Portanto, entre os gregos, o discurso era a forma imposta para a discussão de tudo aquilo que pertencia à vida pública.

Essa vida política foi a precursora daquilo que conhecemos hoje como sociedade e consequentemente como nação. A sociedade é uma forma de organização familiar e a nação a organização política dessa sociedade. A sociedade era formada por grupos que apresentavam conceitos de vida idênticos, a nação era constituída por vários grupos sociais que se organizavam para viver em conjunto a partir de um determinado sistema político, regulado por leis. Quanto à visão política arendtiana, ela estava marcada pela questão da pluralidade, uma vez que a ação só podia acontecer quando realizada em conjunto. A sociedade só funcionaria se suas normas fossem determinadas por todos os membros do grupo, sem nenhum tipo de imposição.

A ação política é marcada pela imprevisibilidade e a irreversibilidade. Essa ação é imprevisível por se desenvolver a partir de relações humanas, o que não permite determinar o significado dessa ação, assim como sua duração em uma dada comunidade, além de gerar consequências para os atos humanos que não podem ser medidos com antecedência. Quanto ao fator irreversível, apesar da imprevisibilidade, depois de realizada, uma ação não pode mais ser cancelada, o que fará com que seus atos permaneçam no seio da comunidade por tempo indeterminado ou até que outra ação seja desempenhada, para que os efeitos desta sejam anulados.

Correia (2011) afirma que a contemplação foi desqualificada como forma de ação política no momento em que a fabricação inverte sua posição com a ação ou quando o *homo faber* é vencido pelo *animal laborans*. Trata-se do momento em que a sociedade passa a ser norteadada pela disseminação da prática do consumo que incentiva a produção acelerada de itens marcados pela homogeneidade de forma e função. O aparecimento das massas afeta o estágio político da época, uma vez que as massas se caracterizam por uma posição apolítica, que partilha convicções gerais com todas as classes sociais, no entanto, sem adotar uma representação política normal.

Para Hannah Arendt (1999), o que estabelece a necessidade de se marcar uma diferença entre os espaços privado e público, é a compreensão de que família e política eram entidades distintas que ocupavam espaços também distintos, cabendo à família a esfera privada e à política a esfera pública. Essa mudança também transformou o espaço público num lugar de adesão à palavra do líder que extrapolou a barreira do lar e se infiltrou na sociedade, para impor um comportamento a ser seguido. O espaço público é o espaço da

realidade, pois permite que tudo seja visto e ouvido e assim alcance uma grande divulgação. Para os homens tudo o que produz aparência nos outros é constitutivo de realidade.

Com o surgimento da era moderna tem-se uma dificuldade para compreender o ponto exato em que se produz a cisão entre as esferas pública e privada, entre o espaço da cidade e da família, assim como classificar as atividades pertencentes ao mundo comum ou relacionadas à intimidade. Essa cisão entre público e privado, denominada como a perda do mundo por Correia (2011), marca uma profunda transformação na relação entre a ação, a fabricação e o trabalho. Assim como o estabelecimento da instrumentalidade e do consumo é marcado como formas básicas de relação com as coisas no mundo, um ambiente em que a relação com os objetos assume o controle da vida humana.

Quanto à origem da esfera pública, Hannah Arendt afirma a probabilidade dessa ocorrência ter se dado às custas do espaço privado constituído pela família, que formava o lar, uma comunidade natural dominada pelas atividades que só deveriam ser exercidas nesse ambiente. Tem-se aqui então a noção de que ambos os espaços apresentavam propósitos diferentes, apesar de constituídos sobre uma mesma base. O espaço público era o ambiente onde se dava a criação da personagem, onde se vendia uma imagem para os outros membros do grupo, enquanto na privacidade tinha-se o comportamento natural. O lugar público era o reino das aparências e o espaço privado a casa da verdade.

A esfera pública se constitui na modernidade como um lugar norteado pelo domínio e a submissão, porém, essas características agora são consideradas aceitáveis uma vez que apareciam sob a orientação das normas políticas que guiavam o funcionamento da sociedade, o que as diferenciam das sociedades anteriores, cuja dominação se dava por meio da força provada em vitoriosas batalhas. Na sociedade moderna, a dominação se dá por meio do discurso político, a partir do impacto que a figura pública construída produz nos outros membros desse grupo.

Mas também essa nova forma de poder é vista por Arendt como originária da esfera privada, pois o que ocorre na contemporaneidade é a transferência do poder exercido pelo chefe de família, sendo aplicado também nas relações sociais do ambiente público. Porém, em público tal poder será exercido sob a égide da ideia de que todos os homens são iguais, todos têm a mesma oportunidade e qualquer diferenciação será resultado da competência maior adquirida na sua participação nesse palco. Essa nova característica do espaço público abre a perspectiva para que o privado volte a dominar as relações sociais na modernidade, o que na visão de Arendt reduz a capacidade de ação do sujeito.

Sobre essa mudança, Correia (2001) afirma que quando o mundo é dominado pelo trabalho acaba transformando-se num mundo de atividades privadas, que promoverá somente os valores privados, levando o público a se desenvolver em função do privado, o que faria com que o político se submetesse ao econômico. Dessa forma, a esfera pública e democrática se encolheria cada vez mais.

O advento da sociedade moderna provoca também um novo olhar das pessoas no que se refere ao que acontece no espaço privado, pois enquanto as relações pessoais eram privadas os indivíduos só tinham a preocupação de executar suas funções domésticas. Mas no momento em que os homens passam a compartilhar o mesmo espaço social, essa convivência desperta a curiosidade sobre o que esse parceiro de vias públicas faz quando se encontra escondido atrás da cortina da privacidade. Os olhares externos penetram o ambiente privado e geram uma mudança de postura na forma como esse lugar deve ser administrado.

Dessa forma, o conceito de privado atrelado à intimidade do sujeito foi substituído na modernidade, a mudança nas formas de relação, especialmente, devido ao advento da técnica e a predominância da cultura de massas, contaminou o espaço privado com a mercadoria e o consumo, cujas características de funcionamento incentivam o nivelamento, a igualdade entre os seres, dando fim ao íntimo, compreendido aqui como o particular. Na contemporaneidade, o que prevalece é a ideia de generalização, o diferente é tratado como uma forma de doença, porém o que foi implementado foi a generalização do sujeito em seu espaço privado, isolado, sem contato com os demais membros da sociedade e, portanto, sem nenhuma atitude reflexiva diante da nova realidade social.

Fry (2010) afirma que essa invasão do interesse privado sobre a esfera política coloca a pluralidade em risco, assim as pessoas ao voltarem a viver sozinhas não lutam mais por suas mútuas perspectivas. A supressão do espaço público dedicado à troca de opiniões altera a política, fazendo com que o governo se transforme em administrador de tarefas, em vez de uma instituição voltada para a discussão pública de opiniões.

Nesse contexto, a internet, por meio das redes sociais, confirma a ideia de Arendt de que a esfera pública era um lugar de disputa entre os homens. Nesse ambiente o que estava em jogo era a tentativa de sobrepor sua individualidade em relação aos demais. O ambiente público fazia referência a um lugar em que os homens mostravam quem realmente eram. Portanto, o espaço privado dedicado à intimidade invade a esfera pública, da mesma forma que na atualidade invade a esfera virtual, para que o homem moderno mostre sua face diante dos seus pares, seja expressando seus sentimentos mais íntimos, seja expondo sua opinião sobre diferentes acontecimentos do cotidiano. Dessa forma, as redes sociais virtuais

possibilitam a participação de todo sujeito, assim como a exposição de assuntos diversos que permeiam desde o debate sobre aspectos que possam beneficiar a coletividade, como também questões pessoais, relacionadas à intimidade e que não necessitavam ser publicizadas na rede virtual.

A leitura de Arendt nos apresenta que o advento da sociedade, mais precisamente da esfera social, desencadeou o avanço de um processo artificial no modo de agir dos sujeitos que compõem tal sociedade e a esfera privada, assim como a atividade política nada fizeram para impedir que tal fato acontecesse. Dessa forma, prevaleceu a ideia de que uma atividade só se efetiva se tiver um espaço para ser exercida e, conseqüentemente, notada. É a existência pública por meio da aparência do sujeito que permite ao homem perceber a realidade. Somente quando as coisas se mostram e se deixam iluminar pela vida pública é que elas realmente ganham significado.

No entanto, a era moderna combateu exatamente essa prática. Ao reavivar a importância da privacidade, do individualismo, o sujeito foi afastado da possibilidade de compreender o que acontece à sua volta e dessa maneira construir uma reflexão em conjunto com os demais indivíduos que permitissem a criação de uma sociedade mais humana, mais preocupada com políticas igualitárias para todos os sujeitos. Ao invés disso concentra-se na busca frenética pela conquista dos produtos ofertados pelo mercado econômico e por consequência pela visibilidade imagética. Correia (2001) afirma que a instalação de uma sociedade de consumo traz o perigo de que a abundância impeça o sujeito de reconhecer a futilidade dessa época. A sobreposição do privado sobre o público pode gerar uma vida humana composta de fagulhas, o que levará o indivíduo à busca da satisfação em formas de gozo efêmeras.

Ainda no que tange ao significado de público, esse espaço deve ser entendido como o próprio mundo, um espaço comum a todos os homens, onde eles podem se reunir. Porém, deve ser observado também que nesse espaço comum, respeita-se o lugar individual de cada sujeito, uma forma de evitar possíveis conflitos. Temos na esfera pública um lugar em que o indivíduo pode partilhar com seu semelhante, mas tal atividade é controlada. A manifestação só se dá se o sujeito respeitar as regras do jogo, caso contrário ele será proibido de participar dessa relação comum. Portanto, de acordo com Arendt, estar em público não significava despir sua vida por completo, permitindo que sua intimidade fosse explorada por todos os demais participantes desse círculo. Participar do espaço público consistia em fazer política, discutir ideias em prol da sociedade, sem que para isso toda a vida privada precisasse ser escancarada aos olhares alheios.

Outro fator importante se refere ao fato de que tal espaço não pode ser momentâneo. Ele precisa ultrapassar o tempo de vida dos homens e transformar-se em um legado para as gerações futuras, mesmo que essas ainda não tenham nem mesmo sido concebidas. Não pode ser um elemento com característica efêmera, o espaço público ao se construir, faz-se de uma maneira que sua presença se torne inevitável para aquela geração e também para as futuras gerações, mesmo sem terem participado de sua origem. Por isso a necessidade, no que se refere à formação da sociedade, do homem pertencer a um grupo ou participar de uma atividade que esteja além de sua vida terrestre.

Esse homem buscava construir uma história que permanecesse após sua morte, tinha a intenção de deixar um legado para a sociedade do qual ele participou. O sujeito contemporâneo se utiliza de todos os mecanismos possíveis para que sua trajetória no mundo deixe uma marca na história, mas tal marca nunca deve ser coletiva. Porém, o homem moderno foi direcionado para a vida privada, gestada pelo individualismo e afastado de qualquer tipo de ação política.

O espaço privado arendtiano era o lugar em que os homens tornavam-se prisioneiros da subjetividade. O surgimento da sociedade de massas privou o homem tanto de seu lugar no mundo quanto da vida no lar. O pertencimento ao mundo público garantia ao sujeito a posse de uma vida humana, relegando ao ambiente da família uma condição de escuridão e ocultamento do mundo. Porém essa diferença entre os espaços foi rapidamente substituída pela constituição de uma nova esfera, a social.

O homem que dedica a maior parte de seu tempo para a vida em público, corre o risco de transformá-la em algo superficial. Em um dado momento ele só possuirá a vida de aparência, que gera visibilidade, no entanto, sem acrescentar valor social ao indivíduo. Assim, o sujeito deve pensar a privacidade a partir da análise do que merece ser exposto e aquilo que deve ser resguardado somente ao ambiente do lar e, portanto compartilhado apenas com a família e os amigos mais próximos. Mas na sociedade moderna, o sujeito é incentivado a cada vez mais se expor o máximo possível, fazendo com que o respeito a si próprio seja substituído pela busca incessante dos quinze minutos de fama, mesmo que esse tempo seja uma faísca efêmera de percepção por parte do outro.

O advento da classificação e separação dessas duas esferas tem reflexos mais profundos no modo de agir do sujeito e dentre esses reflexos um que merece atenção é a maneira como o corpo foi entendido pelo homem nesse novo contexto de vida. As funções corporais sempre foram processos vitais do mundo privado, tanto que mesmo com o advento

da sociedade, o corpo foi respeitado como um elemento privado, assim todas as ações naturais deviam ter sua ocorrência respeitadas e omitidas da partilha social.

Com o advento da sociedade e a transformação total do labor em uma coisa pública, Arendt duvida que o espaço privado tenha a capacidade para suportar o processo de crescimento econômico e o acúmulo de riquezas, cujo desenrolar da era moderna acabou comprovando como um fato, tornando-se atualidade a necessidade do sujeito mostrar para os demais membros da sociedade as suas posses e dessa forma tentar marcar seu lugar no mundo. Ainda sobre a origem da sociedade, esse período entendeu como privatividade o lugar que permitia ao sujeito manter-se em isolamento, assim nada é mais privativo do que aquilo que acontece dentro do corpo do indivíduo.

Portanto, o espaço privado deve ser reconhecido como o lugar onde o homem esconde os atos corporais tanto internos quanto externos. Porém, a realidade contemporânea seguiu uma linha totalmente distinta da visão apresentada pela autora, pois, segundo os preceitos mercantilistas, até mesmo a individualidade do corpo transformou-se numa forma de despertar a atenção do outro sobre si mesmo. Nesse sentido, a questão da sexualidade oriunda como característica do privado foi se moldando aos novos efeitos da sociedade moderna ao longo dos anos no século XX.

Arendt (1999) afirma também que a era moderna tinha a intenção de excluir da esfera pública o homem político. Na modernidade, a intenção era dar fim a qualquer tipo de participante que tinha o propósito de falar e agir em relação aos fatos que aconteciam à sua volta. Nesse período, a ideia era de que os indivíduos fossem alienados e agissem apenas como consumidores de massa. Portanto, para evitar a ação do homem, a esfera pública constituiu-se como um lugar onde o sujeito se torna obrigado a seguir uma estrutura, cujo funcionamento foi pautado em leis que se apresentavam como niveladoras de status.

Diante do cumprimento das leis todo indivíduo seria considerado igual, mesmo que, pertencente a grupos distintos. O que se viu com essa ação foi o surgimento de uma escala de poder que passou a nortear a existência do ambiente público, pautado na ação conjunta dos homens. Nesse sentido, Arendt antecipou o futuro da modernidade, cujo ser político foi suplantado pela individualidade, norteadas principalmente pelo consumo e a busca do prazer por ele disseminado. Diante desse quadro de mudança, Arendt numa referência a Marx, vislumbrou que a ação do espaço público poderia levar o homem a se refugiar no espaço privado. Essa impressão deixa claro como no princípio a sociedade teve dificuldades para demarcar o que deveria acontecer em cada ambiente, assim como determinar em que momento tais locais se aproximavam e conviviam em harmonia.

Quanto à origem da sociedade, Hannah Arendt (1999) afirma que a sociedade surge de uma necessidade mútua que o homem tem de encontrar maneiras de subsistir, assim originam-se as atividades em espaço público que buscam somente mecanismos de sobrevivência. No princípio da formação das sociedades, em momento algum, o que se destacava era a busca pela convivência com o outro, mas sempre se destacou a procura por mecanismos que permitissem ao sujeito continuar vivendo. Assim, a convivência é definida como a existência de coisas comuns entre as pessoas que habitam o mesmo espaço. A relação é mediada pelas coisas que existem no mundo e não pelos indivíduos que formam os grupos sociais.

Tal visão nos permite compreender que desde o princípio, as relações humanas sempre foram marcadas pelos resultados que tais relações produziriam. Diante desse quadro, a afirmação de Arendt (1999, p. 50) de que “[...] o governo de um só homem [...] que os antigos diziam ser a forma organizacional da família, transforma-se na sociedade [...] em uma espécie de governo de ninguém.”, pode ser entendida como reflexo da ação dos homens de se relacionarem apenas para suprir suas necessidades. Assim, o governo deve ser feito para determinar as relações que devem acontecer e nortear como o homem deve se comportar para que isso aconteça de forma positiva e atinja o maior número possível de pessoas.

O advento da sociedade moderna pôs fim à ação pertencente ao lar doméstico, que foi substituída por um comportamento social baseado em regras com o objetivo de normalizar a participação dos membros sem nenhum tipo de ação espontânea. Eis a prática social da modernidade, incentivar a convivência social, no entanto, sem consentir que essa relação produza algum tipo de ação que permita ao homem refletir sobre as práticas que lhe são impostas, para que dessa maneira ele possa resistir às imposições contemporâneas, ou seja, fazer com que o indivíduo se apresente em público, mas sem que essa aparição tenha qualquer tipo de intenção de gerar ações políticas em prol da coletividade.

Portanto, com a sociedade de massas, o comportamento social pauta-se em modelos impostos para todas as áreas da vida. Um exemplo desse modelo afirmado anteriormente foi a determinação do tipo de roupas que uma pessoa deveria utilizar de acordo com seu status social, fator que com o passar dos anos deixa de ser uma obrigação, mas mesmo assim ainda é uma forma de identificar a que grupo social o indivíduo pertence. Além dessa normatização, a constituição da sociedade também foi marcada pela incorporação de ações do mundo político e privado, o que permitiu sua expansão por todos os braços sociais e por consequência sua dominação sobre um grupo maior de pessoas.

Na mutação do espaço público para o privado, uma característica se manteve atuante em ambas as esferas, trata-se da intimidade. É lógico que em cada espaço a intimidade será

compreendida de uma forma distinta, do mesmo modo que desempenhará também um papel específico, mas independente disso, o sujeito sempre buscou preservar a sua intimidade. Outra mudança na forma de comportamento é que a intimidade agora se transforma numa fuga da esfera pública e apresenta-se como uma forma de subjetividade não mais para aparecer e participar da comunidade, mas como refúgio interior do sujeito. Essa é a nova característica de um mundo que passa a ser governado pela instrumentalidade, ou seja, pelo aparato técnico de forma exclusiva.

Porém, Arendt também afirma que o isolamento impede qualquer tipo de ação do indivíduo, e sem ação muito provavelmente o sujeito será envolvido por essa governamentalidade instrumental alienante. A partir dessa transformação do espaço privado e público ocorrido a partir do século XIX, Hannah Arendt também discutiu a presença do comportamento crítico na sociedade nesse momento de ebulição social. Na modernidade, a subjetividade dos homens, a sua capacidade de reflexão sobre as coisas que acontecem a sua volta, foi substituída pela implantação de uma objetividade do mundo o que gerou comentários acerca da perversão de meios e fins sobre o homem moderno, que a partir desse momento se transforma em escravo das máquinas por ele inventada.

Portanto, na era moderna nos deparamos com sujeitos alienados ao aparato tecnológico, sem nenhum tipo de reação sobre o impacto que esse domínio tecnológico impõe às pessoas. Diante dessa parcimônia de parte da população, Arendt afirma que o homem moderno retorna às condições do *animals laborans*, desempenhando apenas o papel de produção em larga escala. Esse isolamento impede que o homem tenha qualquer tipo de acesso ao poder. O sujeito se torna um ser impotente, pois, o poder só pode ser adquirido quando o indivíduo participa da pluralidade da vida, o que só seria possível em uma sociedade pública, cuja convivência comum permitisse a discussão dos problemas e sua solução por meio da ação política.

Assim, percebe-se que o poder só se torna possível por meio da aparência na esfera pública, o que conceituaria a política também como um tipo de técnica, cujos resultados se dariam a partir da realização do trabalho do homem. Não o trabalho do corpo, dominado pela produção em larga escala, mas o trabalho de percepção e análise de questões políticas que propusessem o bem comum. Ainda sobre a , Arendt afirma que ela se deu a partir do declínio do senso comum e a retomada de forma exacerbada da superstição e da crença. Numa referência a Marx, afirma que a sociedade comercial e sua desumanização, excluíram o comportamento crítico do ambiente público e encaminharam os homens para que voltassem a se revelar somente no espaço familiar.

Nesse contexto, a igualdade cantada pela esfera pública é na verdade desigual, o que obriga o sujeito participante dessa esfera a lutar com todas as suas forças para se igualar aos outros membros. Essa imposição de comportamento é fruto da presença da tecnologia e também da ciência natural moderna, cujas características não permitem desfazer aquilo que foi realizado, o que aponta como principal marca da era moderna a alienação em relação ao mundo, fator que determinou os rumos e o desenvolvimento da modernidade.

5.2 A constituição do declínio do homem público

Richard Sennett foi outro autor que se debruçou sobre a relação estabelecida pelo homem moderno entre a esfera privada e a pública, em sua obra *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, publicada em 1988. De acordo com Sennett, o século passado apresentou uma mudança na efetivação do trabalho, pois o trabalho manual foi substituído em algumas situações pelo trabalho burocrático, dando origem a uma nova função social para esse ato, que agora consiste na natureza de trabalho de repartição, algo quase-técnico, que só foi possível devido à transformação técnica experimentada pela sociedade, cujos equipamentos tecnológicos de produção em massa, obrigaram o indivíduo a mudar sua forma de atuação no mercado.

Essa alteração na forma de trabalho transforma também a relação social entre as esferas pública e privada. A burocracia moderna compõe-se de um sistema marcado pela estabilidade, cujo propósito básico consiste na produção de lucros cada vez mais consistentes. No entanto, independente da maneira como se relacionam os homens em uma sociedade, todo indivíduo tem direitos básicos, seja lá qual for a sua situação nessas organizações e na era clássica, o *bios politikos* permitiu que os indivíduos fossem conquistando seus direitos, mesmo que isso tenha acontecido de forma gradual.

Ainda no que tange à questão política, Sennett (1988) comenta que a credibilidade política é uma forma do imaginário privado se sobrepor ao imaginário público. Somente no campo político o homem pode levar as ideias próprias para o ambiente comum. A política teve origem nas capitais e só então se espalhou para todas as outras partes da sociedade, no entanto, esse acontecimento é uma forma de imposição de poder, uma maneira encontrada pela burocracia de se proteger contra a prestação de contas da complexidade administrativa.

Para Sennett (1988, p.343) “O político moderno do ressentimento não é apenas um maquiador de fachadas para distrair o público. Suas máscaras de virtude são para ele, a cada

momento, verdadeiras.” Esse político é um ser que acredita naquilo que ele apresenta para a sociedade, mesmo que suas atitudes não gerem nenhum tipo de benefício para o grupo.

Assim, o lugar público era visto pela burguesia como espaço onde as pessoas experimentavam sensações e relações humanas que não podiam ser exercidas em nenhum outro ambiente social. Trata-se de um local distinto, cujas características permitiram a experiência de novas formas de contato social, pois tudo aquilo que se considera público refere-se a coisas abertas à observação geral e, portanto, acaba produzindo no outro certo tipo de aparência. Ainda sobre o conceito de público, refere-se à vida fora do ambiente familiar e dos amigos íntimos, alude à relação com grupos sociais complexos. Porém na sociedade moderna, o principal local para a ocorrência dessa vida pública era a capital.

Segundo Sennett (1988) essa relação foi marcada pela confusão, muitas pessoas buscaram resolver questões públicas a partir de sentimentos pessoais e predominantes no mundo privado. Depois de anos de mudança e da consolidação da existência de dois mundos, os sujeitos atuantes nesse mundo ainda não conseguem discernir qual o comportamento adequado para cada espaço. No entanto, essa confusão pode ser fruto da sociedade moderna, cujos aparatos se constituem a partir do objetivo de levar o mundo público para dentro do ambiente da família. Com o advento da sociedade do consumo, o propósito sempre consistiu em infiltrar o universo geral no interior do particular, como forma de controle por meio da imposição de um modo de vida igual para todo indivíduo, gerando um conflito entre o equilíbrio que deve existir entre vida pública e privada. As exigências do mundo cosmopolita estavam sempre em confronto com as coisas da natureza, pertencentes à família.

A visão de Sennett é de que a fronteira entre público e privado na modernidade não é mais uma questão de escolha da forma como o homem pretende viver, mas sim reflexo, mesmo que involuntário, da personalidade pública, da figura que ocupava a esfera social, um espaço onde os homens se relacionavam, discutiam suas posições, o local onde eles faziam política. Dessa forma, ter uma vida totalmente privada era o mesmo que ser afastado da realidade, deixar de ser visto e ouvido pelos outros, não existir mais.

De acordo com Kehl (2004), o ambiente público era o local para apresentar a própria imagem, confirmar sua existência no mundo e marcar a diferença que essa participação representa para a sociedade. Portanto, cabia aos homens serem visíveis e a partir desse momento, também responsáveis pelos atos cometidos na vida pública. Esse fato fez com que na era moderna a privacidade ganhasse nova vida e se impusesse sobre o espaço público, pois o sujeito precisa se mostrar para os outros, apesar de não ter o desejo de partilhar e nem mesmo de discutir com os outros as formas políticas que regem sua vida. Talvez esse fato

explique a relação estabelecida por Sennett entre a vida pública e o teatro ao longo da obra *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, uma vez que o surgimento da esfera pública transformou o homem numa figura que agia conforme o ambiente lhe determinava.

O público para Sennett era um espaço que permitia ao adulto jogar. Porém o jogo aqui deve ser compreendido como a forma escolhida pelo sujeito para se mostrar diante dos demais participantes da esfera social, pois tal espaço era uma criação humana, enquanto o ambiente privado era a condição humana, o que corrobora com a ideia de que o lar era o lugar da natureza, pois se refere ao ambiente onde as pessoas apresentam a sua essência.

Sobre o privado, Richard Sennett afirma que esse domínio deveria colocar o público à prova, estabelecer formas de controlar a realidade de uma pessoa, vigiar o papel social interpretado, para que tal personagem se mostre a partir da essência do sujeito e não seja simplesmente um ator, que age conforme o ambiente exige. Da passagem do espaço privado (permitia ao indivíduo controlar com que se dirigia) ao espaço público (as relações eram ilimitadas), o grande desafio dessa esfera estava na construção da personalidade individual, por meio da ação política e de acordo com as proposições sociais reinantes naquele ambiente.

Dessa forma, o espaço privado deve ser visto como um local onde existiam sim relações, porém as mesmas sempre aconteciam de forma secreta, sem a necessidade de serem apreciadas por olhares curiosos. Diante desse quadro, é possível perceber que o conceito de privado e público, em dado momento, apresenta certa contradição, o que acaba gerando desorientação e até mesmo temor para os que participam desses universos tão próximos, porém, separados. Assim, a personalidade pública também se mostrava contraditória, o que muitas vezes permite a quebra de significado do termo público.

Desse modo, a sexualidade também ficou restrita ao ambiente privado. Para Sennett, o ato de amor era um resultado natural do sentimento de intimidade que acontecia entre duas pessoas. No entanto, quando discute o papel que o vestuário adquiriu na contemporaneidade, ele vê o corpo como um brinquedo do indivíduo, que experimentava diferentes formas de usá-lo, respeitando a liberdade de que ele fosse exposto na esfera privada e sempre aparecesse revestido no ambiente público.

Quanto à origem do público, no que tange ao funcionamento da sociedade, Sennett (1988) observa nessa esfera um elemento de direcionamento da sociedade. Com o advento do publicismo, o comportamento político do sujeito se dá por meio de normas que orientavam o direito, a família e por consequência o próprio Estado. A visão de Sennett está atrelada ao fato de que antes da formação da sociedade como a concebemos hoje, o espaço privado não era considerado como um local para a manifestação da individualidade e a construção da

personalidade do sujeito. A visão predominante referia-se ao fato de que o privado identificava-se com o natural enquanto o público com a cultura, e assim quanto mais se acentuava o contraste entre natureza e cultura, mais a família era compreendida como um fenômeno natural, não se permitindo que o discurso produzido fosse visto como cultural e, portanto, capaz de ser compartilhado e até mesmo discutido com outros grupos.

O cidadão não precisava criar comportamentos culturais para participar do domínio público, bastava apenas colocar em prática aquilo que ele herdava de grupos sociais anteriores. Isso só se modifica a partir do surgimento das lojas de departamentos que impõe ao sujeito uma convivência mais intensa e menos sociável por meio da inserção da publicidade, que traz para o mundo público a necessidade de consumir os produtos fabricados em massa e afasta do meio do sujeito a convivência cordial, construída por meio do diálogo e do discurso. A esfera pública deixa o campo da convivência para infiltrar-se no campo da concorrência. Assim, mostrar-se se transforma na única maneira do sujeito ser considerado como membro do ambiente público, pois quem não é percebido deixa de existir. Nesse contexto, o fato relevante a ser discutido é que o sujeito se mostra em público, no entanto, aquilo que é compartilhado com o outro é construído na privacidade e pautado na individualidade de cada pessoa.

Dessa forma, percebe-se que a modernidade propõe uma mudança nos rumos da vida pública, cuja consequência estava ligada à discussão sobre o que deveria nortear o comportamento público e o que guiaria a vida privada, assim como saber em que espaço o sujeito poderia construir sua personalidade, o que alteraria os padrões desses ambientes construídos na cultura burguesa. A intenção era que o homem encontrasse um equilíbrio onde pudesse mostrar tanto aspectos de sua natureza quanto suas condições culturais.

Sennett também afirma que o espaço público poderia morrer caso as pessoas buscassem a intimidade, um local isolado para se refugiar da visibilidade exagerada em público. Diante dessa discussão sobre o comportamento adequado em cada espaço social, o cosmopolita, o habitante das grandes cidades, é visto como o verdadeiro homem público, o indivíduo que melhor se adaptou às mudanças sociais ocorridas a partir do século XIX e consolidadas no século XX. O cosmopolita se adequou ao discurso, ao vestuário e a forma de interação proposta pelos passantes dos grandes centros para manter a ordem pública. Respeitando essas regras, o sujeito podia deixar o ambiente familiar e infiltrar-se entre estranhos e aí nesse local participar até mesmo de atos que violavam a moral e mesmo assim eram tolerados no convívio entre estranhos.

Dentre essas formas criadas para marcar a participação do sujeito na sociedade, uma bastante enfatizada por Sennett é o vestuário, cujo papel social foi marcado por leis que determinavam o tipo de roupa que cada pessoa deveria usar de acordo com a posição social a qual pertencia. Também repercutiu em dado período do século XIX a reclusão dos sentimentos íntimos, cujo ato prazeroso que não tivesse a finalidade de procriação era denominado como uma corrupção.

Assim, as relações humanas da esfera pública se construíram com base na relação familiar, o que permitiu que a personalidade se transformasse numa marca da pessoa. O ambiente da cultura foi moldado a partir das regras impostas pelo domínio privado, portanto, o sujeito ingressa na vida pública por meio da personalidade construída em um espaço reservado, onde sua vida não pudesse ser nem exposta, muito menos visualizada.

Essa ação da personalidade no domínio público encampa um comportamento contrário ao do âmbito da família, principalmente, no que se refere à exposição. Antes da vida moderna, a sociedade sempre se preocupou com a proteção das coisas do lar, mas a partir das mudanças nesses ambientes, o sujeito busca um novo local onde ele possa expor seu modo de ser e assim conquistar a atenção do outro. Mais uma vez percebe-se que o ambiente público é utilizado para expor a privacidade do sujeito em sua busca por visualização. Desse modo, a vida moderna foi sendo moldada através de uma antítese entre personalidade pessoal e interação social, pois o que o sujeito isolado desejava encontrar no contato com o outro muitas vezes era exatamente o oposto ao que a sociedade pretendia oferecer para esse indivíduo, chegando a gerar um conflito hostil entre as duas forças.

Para Sennett (1988), as pessoas não souberam como lidar com esse novo espaço surgido na sociedade, por isso recorriam ao ambiente familiar como um mecanismo de fuga e também um meio de encontrar uma maneira de estabilidade para sua vida. No entanto, essa forma de ação que privilegiou a fuga do ambiente social, acabou enfraquecendo a vontade humana. Por não saber como lidar com esse novo contato pessoal, o sujeito preferiu refugiar-se em ideais supostamente humanos, mas com a predominância das relações sociais sobre as familiares. Esse sujeito não se tornou capaz de enfrentar os mecanismos sociais que passaram a nortear a sua vida desde então.

A vida moderna eliminou todos os aspectos impessoais da vida humana, dessa forma, o sujeito foi dirigido para a necessidade de encontrar o seu lugar no mundo e uma maneira de compartilhar esse espaço com os demais membros do grupo. Portanto, o que Richard Sennett denomina de declínio do homem público está relacionado ao fato de que a modernidade não

permitiu a presença de um ser pensante, cuja reflexão pudesse resistir à imposição dos sistemas modernos dominantes, como o capitalismo e a tecnologia principalmente.

A partir da mudança na forma de comportamento do indivíduo que participa do espaço social e a forma como esse sujeito incorporou as regras que lhe foram apresentadas para viver nesse ambiente, tanto o tipo de discurso e o vestuário, assim como as crenças transformaram-se em formas de expressão da sociedade. A sociedade constituiu-se a partir de uma mudança orientada pelo surgimento de uma nova cultura urbana, marcada pelo secularismo e o capitalismo. Essa ação trouxe para o espaço público uma forma de agir semelhante, que além da necessidade de se seguir regras de comportamento, tornou-se padronizada para todos os membros do grupo. No entanto, nesse período não existia a percepção de que a sociedade se tornava homogeneizada.

O advento da sociedade constrói-se a partir da sobreposição do público sobre o ambiente privado, isso através da imposição das regras burguesas, o que acarretou numa dominação de classes. As pessoas passaram a se reunir sob um mesmo grupo, porém no interior deste os sujeitos foram divididos de acordo com as classes das quais se originavam, reforçando a ideia de um grupo orientado pelas ideias seculares e capitalistas.

O princípio da sociedade no período marcado pelo espírito da burguesia deu origem a uma vida íntima, em que o sujeito que frequentava esse espaço viu no silêncio a única forma de participar da vida nas ruas. As pessoas caminhavam pelas ruas entre outros transeuntes, mas não estabeleciam nenhum tipo de relação pessoal, para não se sentir esmagado por esse contato. Essa falta de relação interpessoal num ambiente guiado por normas fez com que a sociedade moderna fosse cada vez mais caracterizada pela alienação e a despersonalização.

Nesse lugar, o sujeito marca sua presença na sociedade por meio de uma aparência manipulada. Portanto, é nesse momento que o indivíduo desperta para a criação de uma imagem que o represente na vida pública, fator predominante na sociedade moderna. Trata-se do surgimento da cidade cosmopolita, cuja cultura apregoa a perda de si mesmo em prol de uma aparência, que nada mais é do que a padronização do comportamento. A partir dessa vida pública padronizada surge também o conceito de comunidade, um espaço público onde se localizam os sujeitos que compartilham de uma ação e um eu coletivo comum.

Sennett (1988, p.275) afirma que “[...] nos períodos em que a vida pública está em erosão, esse relacionamento entre ação compartilhada e identidade coletiva desmorona.” Assim, o ambiente surgido para manter uma relação coletiva perde sua característica pessoal e se vê invadido pela marca principal da vida privada, a individualidade. A vida comunitária moderna constrói-se entre uma tentativa do homem de se abrir para o próximo, enquanto ao

mesmo tempo, esse sujeito exerce uma vigilância sobre o indivíduo que compartilha o espaço público com ele.

Para Sennett (1988, p.366) “[...] a experiência de vida comunal local, aparentemente um exercício de fraternidade num ambiente hostil, frequentemente se torna uma experiência de fratricídio.” Qualquer comunidade se forma a partir de certo grau de fantasia, no entanto, na modernidade essa fantasia estava atrelada ao desejo de alcançar uma vida marcada por impulsos, culturais ou econômicos, o importante era o êxtase provocado.

Portanto, a sociedade contemporânea reflete uma comunidade que se construiu em meio ao conflito entre os espaços públicos e privados e com o predomínio da vida pública, de uma ruptura entre o convívio social e a imposição de uma individualidade que desejava se sobrepuser aos grupos através da máscara social construída para alcançar o ápice da aparência, fazendo com que na contemporaneidade o espaço privado se sobrepusesse ao público novamente.

No que tange ao papel da intimidade, a leitura da obra de Sennett nos permite depreender que no momento em que o domínio público foi tomado pela necessidade de se construir uma personalidade, a identidade do homem público se dividiu. Desse momento em diante as pessoas deixam de se expressar ativamente em público. Assim, passa a ser considerado importante que as pessoas conheçam a si mesmas, pois se acredita que ao se conhecer, o sujeito será menos suscetível a expressão de sentimentos, pois o convívio social dependia do fato de que o homem fosse capaz de se aproximar de outro homem sem expressar sentimentos negativos como a cobiça ou a inveja em relação a seu semelhante.

Diante desse conflito entre se portar de acordo com as regras sociais ou expressar para todos o que se pensa, a sociedade inglesa deu origem a uma vida cortesã, cujo espaço permitia o prazer informal e por consequência a expressão dos sentimentos. Como espaço permitido, a vida cortesã era de domínio público e assim o que acontecia nesse espaço tornava-se assunto da corte, o que dá origem a outro elemento da vida pública, o boato. No entanto, até mesmo essa prática estava relacionada a algumas regras, como a proibição de se investigar a vida de alguém que se acabara de conhecer, fato considerado como um insulto.

Assim, o surgimento da personalidade em público foi responsável pela regulamentação da intimidade na era moderna, permitindo ao sujeito observar aquilo que ele desejava na vida pública sem a necessidade de estabelecer uma interação contínua com os outros frequentadores desse espaço. No entanto, apesar de toda essa transformação na forma de comportamento do sujeito no que se refere à sua intimidade, algumas coisas ainda foram

mantidas segundo as normas estabelecidas em épocas anteriores, como o fato de que a liberdade para participar da privacidade pública era diferente entre homens e mulheres.

No século XIX tinha-se a crença de que relações íntimas demonstravam que o sujeito possuía personalidade, porém essa relação não podia se constituir de manifestações de sentimentos espontâneos, esses eram particulares aos ambientes impessoais. De acordo com Sennett (1988), a personalidade do século XIX foi marcada por três características básicas: uma unidade entre impulso e aparência, conflito entre natureza e cultura, em que havia o desejo de se mostrar como realmente era mesmo tal desejo sendo impelido pelas regras sociais; autoconsciência a respeito do sentimento; e, o gesto espontâneo como algo anormal, pois em público devia-se dar ênfase às máscaras, o que deveria nortear a relação com os demais membros da sociedade era sempre a necessidade e não o sentimento.

Por fim, Sennett comenta que em um dado momento as máscaras se transformaram no rosto dos homens. Aquelas personagens construídas para participar do ambiente público se tornaram a essência dos sujeitos modernos e isso deu fim ao autodistanciamento, necessário para que as pessoas, ao exercer uma autocrítica, pudessem cobrar a necessidade de transformação para que a vida em sociedade fosse melhor para todos os seus participantes. A imposição das máscaras sobre a essência humana foi o pontapé para que a vida pública fosse dominada pelo desejo de aparecer, como uma forma de autenticação pessoal. Destaca-se nesse período a busca pelo reconhecimento com o objetivo de que esse fato transforme o sujeito em um ser singular, marcado pela individualidade.

As regras e as normas foram desenvolvidas para impedir que uma pessoa se manifestasse para as outras, um verdadeiro obstáculo para a exposição pessoal em grupo, ou seja, tentava-se dar fim a qualquer gesto de espontaneidade, que só voltou a ser buscada no final do século XIX por meio do teatro, visando a alcançar uma liberdade expressiva que não gerasse a rejeição das ruas de tempos anteriores. Esse espectador buscava a possibilidade de realizar aquilo que lhe fora tomado quando convivia com outras pessoas no espaço público. Para isso, coloca-se em prática a civilidade, cujo comportamento permitia ao sujeito usar uma máscara que possibilitasse uma sociabilidade separada do poder, do mal-estar e do sentimento.

Ainda sobre a relação entre as esferas pública e privada, Bignotto (2009) afirma que a existência do espaço público garantia um local em que o sujeito pudesse se afastar da futilidade da vida individual, no entanto, essa cisão de espaços oferecia também para o indivíduo a possibilidade de transitar entre um lugar onde podia se mostrar para os demais membros do grupo social e o seu lar, espaço limitado e privado onde se protegia aquilo que

não deveria ser expostos aos olhos curiosos da sociedade. Esse ambiente privado possibilitava ao homem um refúgio onde pudesse se confrontar com seus limites.

No que se refere à futilidade citada anteriormente, Bignotto (2009) afirma que essa questão atrelada à expansão dos valores próprios da esfera privada se transforma em uma marca rigorosa da sociedade de consumo, atribuindo ao individualismo a característica de traço distintivo de nossa época. Assim, essa sociedade individualista oriunda da participação privada no ambiente público torna-se responsável pela definição dos rumos que serão adotados pelas sociedades democráticas. O indivíduo agora tem impacto tanto na constituição do direito como na definição das práticas de liberdade associadas à democracia.

Esse novo contexto em que a futilidade dos atos privados invade o espaço público gera uma preocupação inquietante para a vida política, o fútil agora se apresenta no espaço em comum dos homens como algo importante para a vida dos indivíduos. Dessa forma, uma sociedade que não consegue mais definir o que realmente é importante e necessário para a comunidade, permite que a vida pública constituída em grupo se transforme em um reflexo da vida privada fútil. Isso pode ser vislumbrado na importância adquirida pelos realities shows, cujos conteúdos consolidam o fato de que o espaço público é dominado por fatos e discursos que apenas repetem a frivolidade dos discursos privados.

Na visão de Bignotto (2009), a existência humana só se torna possível na ação entre homens, o que cobra a formação de um espaço comum, em que cada sujeito possa se mostrar e, principalmente, ser visto pelos olhares alheios. O indivíduo que não consegue ser visto e ouvido pelo outro acaba sendo considerado um ninguém. Portanto, o homem só tem importância para si mesmo quando alcança a percepção do outro. Por isso, torna-se necessário compreender a importância da constituição de um ambiente público que permita aos homens aparecerem sem nos esquecermos de que o espaço privado também reflete no comportamento do sujeito e merece atenção na tentativa de se elucidar como o sujeito moderno se relaciona.

Ainda no que se refere ao espaço comum, cabe aqui uma diferenciação em relação ao espaço privado, destinado para a política, para a discussão e elaboração de estratégias que norteiem a vida dos homens em sociedade, enquanto o comum consiste em um espaço para que os homens transitem entre seus pares, objetivando atrair o olhar alheio e sem nenhuma pretensão de praticar qualquer tipo de ato político. O espaço comum é o lugar onde o sujeito contemporâneo apresenta seus valores privados à sociedade.

Desse modo, o avanço da ciência e da técnica não afetou apenas a esfera privada, mas transformou também o espaço da pluralidade, pois na modernidade não é a intimidade de cada indivíduo que está em cheque, mas a forma como a disseminação de valores e

comportamentos restritos ao espaço privado deve ser vislumbrada no mundo comum e as mutações geradas por tais valores e comportamentos. O problema se encontra no fato de que “privados de pensamento, os homens são privados de sentido e, por conseguinte, se desancoram da experiência da convivência com os outros” (BIGNOTTO, 2009, p.231). Fry (2010) afirma que o mundo dominado pela ciência e a tecnologia opta por esconder o papel do discurso e da ação, dando origem a um tipo de alienação que quita do sujeito a possibilidade de encontrar um lugar adequado no mundo.

Fry (2010) afirma que a sociedade se constitui de uma junção entre as características privadas e públicas, norteadas pela conformidade dessa relação e não pela distinção entre os atores políticos. A sociedade é fruto daquilo que os componentes sociais têm de semelhante e não das diferenças. A contemporaneidade também interferiu no funcionamento do ambiente privado, marcado pela característica de prover um espaço de segurança e proteção para seus membros em relação à esfera pública, tornando os fatos que acontecem em seu universo, visíveis para toda a sociedade e possíveis de serem discutidos abertamente. No entanto, Fry (2010) reconhece que o desaparecimento da ação da esfera pública deu origem a um novo ato político, que agora se dirige mais para a solução de necessidades privadas, do que de ações que atendam o bem público. Na modernidade, a política encaminha-se para as práticas do lucro pessoal.

Correia (2001) afirma que o fim da esfera pública se dá a partir do momento em que a sociedade é dominada por um modelo de vida baseado na conformidade e no isolamento, que segue comportamentos previsíveis e normas burocráticas de governo. O cidadão autônomo é transformado em um potencial consumidor tão somente. Correia aborda nesse quadro a emancipação do trabalho sobre as demais atividades da vida ativa, sem que tivéssemos a libertação da classe trabalhadora. A única coisa que ocorreu de fato foi a promoção de uma classe sujeita à necessidade do consumo, imposto como modelo pertencente ao ciclo biológico do sujeito.

No que se refere ao fim da esfera pública, Correia (2014) afirma que ela foi conduzida a partir do surgimento de uma preocupação com o econômico, o que deu origem a uma sociedade pautada no isolamento, afeita a comportamentos previsíveis e norteadas por um governo burocrático, tudo isso em afinção com a sociedade de massas de empregados. A relação promíscua entre política e economia é a responsável pela perda do mundo comum. A emancipação do trabalho fez com que as necessidades individuais antes submetidas ao ambiente privado se expandissem em busca de absorver todas as demais instâncias da vida.

A sociedade de consumo pode gerar perigo se for norteadada pelo deslumbramento ante a abundância interminável do ciclo vital, sem reconhecer que esse excesso consumista é uma futilidade. Segundo Correia (2014, p.69), a imposição da sociedade consumista à esfera pública pode transformar “[...] a já fugaz vida humana em uma fagulha.” Portanto, a perda de sentido do espaço público gera uma atrofia do âmbito político, isto devido aos ataques sofridos por parte dos interessados em ocupar seu espaço, no caso da modernidade, a economia e sua disseminação da prática consumista como forma do sujeito encontrar um lugar no mundo.

Correia (2014) afirma que no momento em que interesses privados ganharam dimensão pública teve origem a esfera social, um espaço híbrido que proporcionou o fim da distinção entre o domínio público e o privado, permitindo assim que princípios de uma esfera se deslocassem para a outra. Dessa forma, essa expansão da esfera social definiu que o íntimo deveria se tornar algo restrito da esfera privada, da mesma maneira que restringiu as possibilidades da ação na esfera pública, visando a uma estabilidade que preservasse a vida e os processos de acumulação. Sobre a restrição do íntimo ao espaço privado, Correia escreve que sua publicização não o torna público e muito menos possibilita ao sujeito galgar um espaço entre a multidão.

Neste capítulo discutimos a relação entre a esfera pública e a privada. Essa discussão nos permite refletir que o Facebook confirma a visão de que na era moderna os espaços onde os homens se relacionam são preparados e produzidos para que o ato se conclua. Como citado anteriormente nessa tese, o Facebook oferece as ferramentas para que o usuário navegue pela página, assim todas as ações ali realizadas foram, a princípio, construídas pelo próprio site, para que o usuário apenas produza seu conteúdo, publicize sua vida banal em busca de uns míseros minutos de fama, e diante do prazer efêmero proporcionado, retorne sempre para realizar tudo novamente.

Ainda nessa busca pela popularidade, torna-se comum que alguns usuários produzam postagens de indiretas no Facebook, pois esse fato incita a curiosidade alheia e automaticamente gera repercussão para tal usuário. Essa atitude para alcançar um lugar na escala social, desprovido de reflexão e da constituição de um discurso político, reafirma a visão de Arendt de que na modernidade o homem retorna à condição do *animal laborans*, o sujeito retoma o papel de produtor em larga escala, porém com um agravante, o que é produzido agora é a própria vida desse sujeito, de forma espetacular, o mais chamativo possível, pois o que vale não é mais o conteúdo da mensagem e sim o quanto ela pode impactar e atrair o olhar do outro.

A análise dos perfis e das postagens realizadas diariamente no Facebook referente ao recorte estudado nessa tese evidencia também algo apresentado no capítulo anterior, o fato de que na modernidade a sociedade deixou-se seduzir pela imagem. Porém, trata-se da exposição da imagem como objeto para despertar a atenção do outro. A televisão havia modificado essa relação do homem com a imagem, mas o advento das redes sociais na internet intensificou ainda mais o papel que a imagem adquire na vida moderna. Agora o sujeito não apenas consome a imagem vendida pelos meios de comunicação, mas ele pode produzir e disseminar a sua própria imagem. Com as redes sociais, o indivíduo vislumbrou a possibilidade de alcançar a popularidade, de se fazer perceber pelos olhares alheios, assim adotou a construção de uma imagem positiva capaz de destacá-lo no universo virtual como a principal ferramenta desse trabalho para alcançar a sonhada popularidade.

Assim, o Facebook está repleto de fotos individuais dos sujeitos em diferentes closes de autorretratos, mas também encontramos fotos das baladas com os amigos, das férias tanto no Brasil como no exterior. Na contemporaneidade, tudo o que o sujeito faz é motivo para se transformar em imagem e ser compartilhado com os interlocutores da rede social. No Facebook, a fotografia não é mais a única forma de expor a imagem, agora é possível gravar vídeos e disponibilizar na página. A imagem intensifica a publicização da intimidade.

Essa necessidade de expor a imagem é tão grande que no segundo semestre de 2014, o Facebook foi invadido por postagens de vídeos em que os usuários se utilizavam de um aplicativo chamado Dubsmach para dublar cenas de filmes, séries, novelas e músicas. Tal aplicativo gerou repercussão, foi muito utilizado, mas também recebeu várias críticas, pois de uma forma geral era algo repetitivo, descontextualizado que invadia as linhas do tempo do Facebook. Porém, a maioria dos usuários não se preocupou com isso e apenas rendeu-se a mais uma possibilidade de partilhar sua imagem com os outros.

Esse aplicativo permitiu ao sujeito representar as personagens em destaque nos meios de comunicação, quer dizer, consumir as celebridades através dos recursos tecnológicos a seu dispor, realizar o sonho, mesmo que passageiro, de alcançar a celebridade. Na contemporaneidade, a publicização perde seu caráter político, o ato público agora é norteadado pela atração do olhar alheio para a vida banalizada e efêmera do sujeito que se mostra no ambiente público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vinte anos. Esse é aproximadamente o tempo em que as redes sociais se desenvolveram e passaram a ocupar um lugar relevante na vida das pessoas. Relevante aqui não tem a intenção de julgar positiva ou negativamente a presença das redes sociais virtuais na vida de diferentes sujeitos no mais longínquo canto do planeta, mas marcar o quanto essas ferramentas tecnológicas invadiram o cotidiano social de forma intensa e rápida. Assim, devido ao fato de estarmos tão próximos desse fenômeno temos dificuldades em lê-lo, de compreendê-lo e de construir um consenso quanto ao papel e ao impacto que estas diferentes redes sociais exercem sobre a vida de milhões de usuários.

Portanto, diante do número de pessoas que participam de pelo menos uma rede social virtual em todo o planeta, abre-se a possibilidade de se discutir a dimensão que essas ferramentas assumiram na sociedade contemporânea. Assim, torna-se necessário as discussões acerca dos impactos que tais espaços provocam na vida social contemporânea e discutir as motivações de tais impactos, verificando se os mesmos são oriundos da estrutura funcional da ferramenta ou se são frutos da maneira como o usuário se utiliza desses dispositivos em sua interação com o meio. Tais dúvidas suscitaram a produção dessa tese, cuja proposta consiste numa leitura do papel da principal rede social virtual da atualidade, o Facebook, pautado em um recorte referente aos usuários que interagem como o pesquisador, à luz de três conceitos fundamentais para a compreensão dos rumos tomados pela sociedade no século XX: a técnica, o espetáculo e a publicização do privado.

O contato com essas categorias ocorreu durante a participação no grupo de estudos coordenado pelo Professor Doutor Divino José da Sila, orientador dessa pesquisa. A cada novo texto discutido no grupo foi se construindo a ideia de transportar essas categorias, emergidas em outro momento do tempo, e relacionadas ao modo de produção e seu impacto no meio social para uma análise da rede social. Dessa forma, elaborou-se o projeto de execução dessa tese com o propósito de aplicar os conceitos da técnica, do espetáculo e da publicização do privado, no que tange seus impactos na sociedade às ações de um grupo de usuários da rede social Facebook. O grupo de usuários selecionados foi composto pelos sujeitos que interagem com o pesquisador e a discussão a seguir procura aproximar o modo de ação desses indivíduos com as categorias selecionadas para vislumbrar se tais conceitos podem ser percebidos na rede social e de que forma eles impactam a vida social no ambiente virtual.

No que se refere ao uso da rede social Facebook, a aplicação de um questionário a 323 usuários que interagem com o autor dessa tese permitiu vislumbrar que para esse grupo é mais fácil perceber o que acontece na página de seus interlocutores do que reconhecer que sua atuação nesse espaço segue o mesmo padrão. Assim, os dados também nos mostraram que a incorporação da ferramenta por parte dos usuários pesquisados ocorre de forma natural, faz parte da ação de parte do sujeito contemporâneo, cujas interações deixam o mundo físico e se estendem também para o mundo virtual.

Quanto a estas interações, a análise de postagens feitas pelos interlocutores deste pesquisador em sua página pessoal no Facebook enfatizou a celeridade do espaço, uma necessidade constante de se gerar novas publicações. Essa observação permitiu visualizar que nas ações dos usuários investigados predominam o entretenimento, mesmo o sistema mostrando-se disponível para outros empregos, como o debate cultural e político ou para o desenvolvimento de negócios e a divulgação de marcas.

A partir desse contexto, o capítulo três dessa tese fez uma leitura dessas características do Facebook à luz do conceito teórico da técnica. Nesse percurso, a leitura de autores e comentaristas que tratam dessa temática nos direciona para a discussão de três pontos sobre a relação entre a técnica e o Facebook: os acontecimentos efêmeros, a ambiguidade das ações e o comportamento automático. Esses elementos são determinantes para a consolidação da técnica moderna, em que o mundo é ordenado para adquirir mais flexibilidade e eficiência, transformando o homem e a natureza em recursos de seu funcionamento mecânico. No entanto, antes de nos aprofundarmos na discussão desses pontos, faz-se necessário refletir sobre o pensamento de Heidegger em relação à técnica e sua possível extensão para o funcionamento das redes sociais, uma vez que seu conceito foi produzido no século passado, quando ainda não se havia nem mesmo o esboço do que seriam as redes sociais.

Nesse sentido, o posicionamento de Heidegger toma duas direções. A primeira, entendendo a tecnologia contemporânea como a extensão do ser humano ou do próprio indivíduo, quando próteses substituem pernas ou braços, marca-passos ditam o ritmo das batidas do coração, nos levaria à compreensão de que o pensamento heideggeriano estaria ultrapassado, pois a incorporação da tecnologia e de seus benefícios à nossa vida afasta a necessidade de questionarmos os impactos da técnica sobre nós.

Porém, se a análise for direcionada para a liberdade que o homem contemporâneo tem em relação à tecnologia, marcada por uma relação de dependência excessiva de tais dispositivos, o pensamento de Heidegger se atualiza e mostra o quão necessário é refletirmos

sobre a maneira como o sujeito da atualidade lida com os diferentes dispositivos técnicos a sua disposição, principalmente, no caso de tese, da rede social virtual Facebook.

Ainda no que se refere ao conceito de técnica e sua extensão até a contemporaneidade, a técnica faz menção a nosso modo de ser. Nesse caminho, como o ser humano, ao longo da história, sempre buscou mecanismos de controle sobre o movimento da existência, constantemente ele emprega instrumentos visando ao domínio da técnica, porém quanto mais o homem tenta dominá-la, mais ele acaba dominado por tais dispositivos, pois a técnica é independente. Assim, observando o comportamento do usuário no Facebook, percebe-se que há por parte da ferramenta um direcionamento para que os acontecimentos ali registrados sejam sempre efêmeros.

A presença da técnica nas redes sociais, em especial neste trabalho, o Facebook, não permite o fixo, o duradouro, mas propõe que os fatos estejam sempre em desenvolvimento, há uma busca constante pela novidade. Portanto, nessa efemeridade da rede social visualizamos que a técnica mantém nesse ambiente sua característica de estar atrelada aos modos de produção, porém o que se produz aqui é a construção da imagem do próprio usuário, diante da necessidade de ser vender para o olhar alheio.

Nesse sentido, o homem contemporâneo que segue o ritmo dos usuários aqui investigados perde a capacidade de resistir, de pensar e de refletir sobre o impacto da técnica. Não há preocupação em debater o quão veloz se transforma a vida também no Facebook, onde os fatos ocorridos na vida das pessoas deixam de ser marcantes para serem efêmeros. Agora, não se tem mais tempo para apreciar os acontecimentos, a regra é estar constantemente produzindo pequenos acontecimentos, vivências que nunca são transformadas em experiência. Diante desse contexto, se alguém opta por desacelerar, acaba sendo excluído, deixado para trás.

A sensação que temos é de que o mundo das redes sociais é tão acelerado que ele caminha na direção oposta da possibilidade de se decifrar os conteúdos ali disseminados, ou melhor, o sistema funciona de uma maneira a não permitir que ocorra reflexão sobre o excesso de informações que circula nas páginas das redes sociais virtuais, quando o comportamento é marcado pela ação dos usuários investigados por essa tese. Essa produção excessiva de conteúdo, de forma efêmera, denota o quanto as redes sociais se adaptaram à técnica moderna, uma técnica mecânica, cuja essência está na produção em série e ágil de uma quantidade infinita de informações, que são repassadas de um para o outro, da mesma forma que os produtos das indústrias são produzidos e consumidos pelo mercado aos montes.

Essa efemeridade gerada pelo excesso de produção de informação nas páginas do Facebook remete a discussão para um segundo elemento, as ações ambíguas possibilitadas por esse dispositivo da técnica. O comportamento dos usuários é ambíguo porque o perfil construído na rede social trata-se de uma personagem que transmite aos demais usuários como o sujeito gostaria de ser visto e não o que ele realmente é. Enquanto, a ambiguidade do sistema está relacionada às múltiplas possibilidades de uso e à dimensão assumida por uma postagem realizada nesse ambiente, porém, muitas vezes, imperceptível para o usuário.

Ainda no que se refere à ambiguidade, a compreensão geral sobre a ação do grupo investigado nos permite depreender o significado dessa expressão como aquilo que gera mais de uma interpretação, que causa dúvida ou incerteza. No entanto, quando observamos a ocorrência da ambiguidade nas redes sociais, especialmente no Facebook, notamos que o conceito geral se expande, isto porque mais do que uma dupla interpretação ou a ocorrência de uma dúvida, o ambíguo no espaço virtual está atrelado à multiplicidade de função da ferramenta e sua capacidade de esconder do usuário essa característica, fator que afasta tal estado da discussão sobre a influência que esse comportamento tem no funcionamento técnico e social da rede social. A ambiguidade surge na rendição incondicional do sujeito à técnica e na capacidade dessa rendição de aniquilar qualquer possibilidade desse indivíduo de pensar ou meditar sobre a essência dessa técnica.

Por fim, o funcionamento técnico das redes sociais em relação ao recorte investigado intensificou outra questão relevante referente a esse espaço, trata-se do comportamento autômato assumido pelo usuário. O Facebook, como citado ao longo desse trabalho, trata-se de uma ferramenta que induz seus usuários a agirem de acordo com as intenções do sistema, extraindo sempre que possível do sujeito a possibilidade de agir ou pensar por conta própria, mas sim ser um mero repetidor de ações. O automatismo aqui se refere ao comportamento dos indivíduos com relação aos aplicativos e redes sociais. Na verdade é a falta de educação, a falta de percepção desses indivíduos, que interrompem, por exemplo, uma conversa presencial para responderem as demandas das redes sociais. O automatismo é essa incapacidade de se dar conta do quanto agem em resposta à máquina, à técnica.

Assim, autômatos, os usuários do Facebook buscam ampliar sua rede de relações adicionando um número cada vez maior de pessoas, mesmo que nunca tenha se relacionado com elas no mundo físico, para na sequência revelar a essas pessoas e todos os demais participantes da rede virtual, sua intimidade, mesmo que banal. Da mesma forma, há a necessidade de se seguir páginas ou personalidades famosas no meio digital, para que o sujeito se mostre atualizado quanto às tendências da rede social, o que gera também a

obrigação de opinar sobre tudo que acontece ou aparece nas redes sociais. Nas redes sociais, a visibilidade buscada é fruto de um comportamento padrão já estabelecido pelo funcionamento desse dispositivo, portanto, se resistente ao processo sua presença no sistema gerará conflitos e até exclusão, enquanto se autômato às regras você estará incluso, será pertencente à tribo virtual das redes sociais. O grupo de usuários investigados nessa tese mostrou esse comportamento, assim suas ações no espaço são marcadas por esse automatismo constante.

Dessa forma, esse automatismo aponta para uma desterritorialização imposta pela técnica na contemporaneidade, quer dizer, para uma ausência do eu, do sujeito que resiste às imposições e procura refletir sobre os fenômenos a sua volta. O sujeito contemporâneo foi moldado a participar de uma atividade permanente, antenado em tudo, direcionado por uma urgência voraz de um *zapping*¹² sem fim, constituindo o alicerce do imperativo da interatividade. Quer dizer, o autômato da rede social é comandado a interagir constantemente, a se desnudar diante dos outros interlocutores e a repetir tal atitude ciclicamente, sem contestar os resultados de tal ato.

Portanto, quanto ao aparato da técnica e o funcionamento do Facebook, principal rede social contemporânea, o recorte analisado nos tornou perceptível como a tecnologia transformou o modo como as pessoas se relacionam. Com o advento desse ambiente virtual, teve fim a barreira do tempo e do espaço, surgindo um novo tipo de relação pautado na instantaneidade e na agilidade, característica do efêmero. Essa nova forma de relacionamento entre as pessoas, sem limites físicos, encurta as distâncias, ao mesmo tempo em que amplia o contexto de vida de um dado usuário, que tem agora a possibilidade de conhecer o mundo através da tela de seu computador. Além disso, no mundo virtual emergem vozes antes sufocadas pelos limites físicos e políticos no contexto das relações sociais. Os aparatos tecnológicos permitiram assim que as pessoas se mostrassem ao mundo e compartilhassem com os outros usuários sua forma de ver as coisas, sua cultura e seu posicionamento político, conforme observado nas postagens oriundas da página do pesquisador e analisadas no capítulo 2 desta tese.

No entanto, ao mesmo tempo em que as barreiras foram quebradas e os limites expandidos, também tivemos o dimensionamento de práticas sociais como a vigilância, o aumento das manifestações de preconceito de gênero, de classe e étnico-racial. Tudo isso produzido em escala maior do que os ataques e os controles realizados dentro do espaço físico. Mas o que chama a atenção é o fato de que parte dos usuários das redes sociais não

¹² Prática do telespectador de trocar de canal sistematicamente por meio do controle remoto.

visualiza essa ocorrência e tal fato gera a ambiguidade, uma vez que os dois lados do comportamento no ambiente virtual são tomados como estrutura do sistema, assim não se produz nenhum tipo de discussão sobre os aspectos da técnica e seus impactos sociais que intensificam preconceitos e acirram ânimos.

Na contemporaneidade, a ocorrência desses fatores nas redes sociais é visualizada como simples consequência do progresso e seus impactos são atenuados, marca do automatismo. A minimização dos efeitos nocivos e a aceitação passiva do sistema é a maior característica alienante que esse espaço provoca sobre a sociedade contemporânea. Apesar desses fatos ocorrerem no interior de dispositivos técnicos, a técnica não é a causa disso. O problema está no usuário. Claro que a efemeridade, a ambiguidade e o automatismo permanecem. As redes tanto favorecem a circulação do preconceito como podem favorecer o combate a ele. Embora nos pareça que o espaço tenha favorecido mais a prática do preconceito.

No capítulo quatro dessa tese, abordamos a relação entre a ação no Facebook e o conceito de sociedade do espetáculo. Tal discussão se deu a partir das publicizações predominantes na linha do tempo do pesquisador e apresentadas no capítulo dois. A observação de postagens feitas na linha do tempo do pesquisador nos mostra que em primeiro lugar aparece a publicização de fatos cotidianos, seguido de publicização de fatos pessoais. Nesse sentido, os usuários de Facebook investigados optam por mostrar as coisas que gostam de fazer, como a música que escutam, os filmes que assistem, os esportes que curtem.

Porém, também é recorrente para esses usuários pesquisados na rede virtual mostrarem os sentimentos, partilhando com os interlocutores os sucessos e as decepções sejam elas relacionadas à vida pessoal ou ao trabalho. Tais sentimentos, geralmente, são expressos também por meio de imagens, o que atribui à postagem de fotografias, uma das principais formas de publicização pessoal no Facebook, sendo inclusive uma forma cuja postagem não só publiciza momentos do usuário, como de outras pessoas que estavam próximas a ele e acabam na rede social sem autorizar tal ato. Como discutido no capítulo dois, o uso da imagem, nesse caso de fotografias, torna-se mais atrativo para conquistar a atenção alheia. O colorido de uma imagem é mais atrativo do que o cinza de um texto, dessa forma publicizações imagéticas repercutem mais do que as textuais.

Diante desse quadro investigado, percebemos que as características do espetáculo da vida na rede social são acentuadas por aparência e drama. Segundo relatos obtidos pelo questionário, os usuários do Facebook vendem em sua página uma felicidade que muitas vezes não existe, ou é até mesmo falsa, o que nos permite depreender que a espetacularização

do sucesso considerada aqui como a atuação do usuário que só destaca as coisas positivas ocorridas em sua vida é uma teatralização. O comportamento dos usuários do Facebook simplesmente reproduz a lógica da exposição, própria da vida econômica. Só potencializa a necessidade de se convencer e convencer aos outros de que o sucesso ou a ideia de bem sucedido pode agora ser divulgada de forma mais eficiente.

Assim, na página do Facebook, esse tipo de usuário não encontra nada de negativo no fim de um relacionamento, na dispensa de um emprego, tudo é mostrado como a possibilidade de um novo começo, cujo final será sempre melhor do que o atual, apesar de pouco tempo depois a frustração ocorrer novamente, e continuar sendo escondida por esse usuário. Quanto ao drama, ele se divide em dois aspectos. O primeiro também relatado nas respostas ao questionário faz referência ao usuário que se porta na rede social como um coitado, sempre deprimido, em busca de incentivo entre seus interlocutores, transformando a rede social em um divã e seus amigos em psicólogos de plantão.

O segundo, atrelado ao que chamamos de espetacularização do caos, refere-se ao usuário que enfatiza a tragédia, exagera o luto e transforma sua dor em algo sem fim. Esse tipo de usuário tem o costume de postar luto para qualquer personalidade falecida e está sempre reclamando do que a vida lhe reserva de ruim. O que visualizamos nesse comportamento é o exemplo mais claro da inversão entre público e privado. A intimidade do privado ocupa a cena pública.

Esse comportamento observado em parte dos usuários da rede social Facebook nos remete a algumas considerações sobre a presença do espetáculo no ambiente virtual. A contemporaneidade é marcada pela espetacularização da vida e das relações, norteadas pela busca de protagonismo, porém, um falso protagonismo do eu. Assim, nas redes sociais tornou-se comum a ação de publicar e compartilhar o foro íntimo de maneira superdimensionada, característica relevante do espetáculo contemporâneo, a supervalorização dos fatos em páginas de interação social. Por isso, os perfis das redes sociais, em especial, de jovens usuários como analisado no recorte dessa tese, não mostram interesse pelo coletivo, mas giram em torno de aspirações individuais e simplistas, enfatizando a característica da busca pela satisfação pessoal do presente e vislumbrada na forma de funcionamento das redes sociais, como o Facebook, e sua dimensão ilimitada de espaço e tempo.

Dessa forma, compreendemos que o mundo contemporâneo solicita que o sujeito espetacularize sua personalidade, se torne um ser visível, nem que para isso o seu eu precise ser convertido em um verdadeiro show. Para isso, exacerba-se a crença no valor da imagem, no se mostrar constantemente, mesmo que não se tenha nada de importante para apresentar ou

dizer. Nesse contexto, as redes sociais assumem duas funções no âmbito do espetáculo: a possibilidade de se construir o próprio eu e a de se relacionar com os outros, sem barreiras físicas. Esse fato mostra que o espetáculo vislumbrado por Debord como uma reificação é transportado dos modos de produção fabris para a rede social, onde os produtos da indústria são substituídos por um novo tipo de produto, o ser humano e sua intimidade desnudada.

Nesse sentido, quanto ao valor atribuído à publicização da vida, da forma como ela ocorre no Facebook, percebe-se que a maioria dos usuários investigados a considera normal e boa parte gosta da atenção que essa publicização gera. Apesar de alguns usuários entrevistados relatarem que adotam critérios sobre o que postam na rede, a grande maioria não se preocupa de forma alguma com a repercussão das postagens na rede e às fazem aos montes. Para essas pessoas o valor da publicização é o da naturalidade, pois faz parte do jogo. São resquícios da participação de um canal de relações interpessoais, cujo cerne se concentra na possibilidade de atrair o máximo possível do olhar do outro, para dessa forma alcançar uma reputação de destaque entre os bilhões de usuário da rede virtual.

A partir disso, visualizando o espetáculo na contemporaneidade como a necessidade de se mostrar e ser mostrado, percebemos que na sociedade espetacular atual a imagem do eu é o capital mais valioso que o sujeito possui. Nesse sentido, as redes sociais foram ferramentas fundamentais na possibilidade de que esse eu estendesse a sua abrangência, deixando o campo físico e introduzindo seus tentáculos no mundo virtual, onde as imagens são representações que adquirem autonomia, diante de interlocutores, espectadores contemplativos da cultura banalizada, isto porque na civilização do espetáculo o valor encontra-se na possibilidade do sujeito de se entreter ou se divertir, mais do que qualquer outro ideal. Ser, viver, fantasiar e crer é o mantra da época contemporânea.

Essa época denominada de sociedade do espetáculo, é considerada um momento insignificante do ponto de vista da produção cultural, por isso a produção para as redes sociais são voltadas para o entretenimento, marcadas pela superficialidade e totalmente passageira, com o objetivo de provocar uma ilusão no indivíduo, sem, no entanto, gerar reflexão ou resistência ao seu impacto, o que vale é produzir o máximo possível de conteúdo para ser consumido pelos outros, independente do valor de tal conteúdo. Nesse sentido, a necessidade excessiva do sujeito atual em se dar em espetáculo, de ser notado, transparece um sentimento de solidão e vazio. Trata-se do domínio da frivolidade, cuja ação leva o sujeito a opinar sobre os fatos de acordo com aquilo que ele é, a partir de sua subjetividade concebida sobre as regras do espetáculo.

Na contemporaneidade, a ideia de participação da vida pública se afasta do ideal da vida moderna, quando estar em público consistia em participar de um debate político sobre as necessidades da sociedade e de pensar meios para que a sociedade pudesse viver melhor. A esfera pública era norteadada pela ação, pelo desejo de mostrar como as coisas realmente eram. No entanto, no presente a ação deixa de ser política, agora ela é espetáculo, ou talvez, hiper-espetáculo, em que a participação do sujeito nunca tem fim. Ela sempre volta ao início, norteadada por uma atitude de vida em fagulhas, sempre em busca do gozo efêmero, que determina que o privado invada o público em busca de satisfazer os seus desejos de visibilidade por parte do outro.

Dessa forma, no Facebook, um espaço virtual em que o sujeito esgarça a sua intimidade através da exposição de seus sentimentos, onde não se preza mais pelo segredo e sim em mostrar para os outros os acontecimentos banais da vida, a esfera pública passou a reproduzir a frivolidade que pertencia ao campo privado. Portanto, na contemporaneidade confirma-se o declínio do homem público, com o desaparecimento do ser pensante, com o fim da resistência e a predominância de uma ambiguidade. Agora o comportamento do sujeito diante dos aparatos técnicos e os impactos gerados sobre a sociedade são vistos como simples mecanismos da engrenagem social, que devem ser aceitos na busca pela visibilidade, pelo destaque efêmero, sem reação ou intenção de se gerar uma discussão sobre tais impactos e o quanto a dimensão do virtual atinge também o campo social e conseqüentemente os sujeitos atacados, violados ou relegados nas páginas do Facebook.

No capítulo cinco dessa tese pudemos visualizar o conceito atribuído à esfera pública e a privada por Hannah Arendt, centrado na discussão sobre o lugar reservado para a realização da política, voltada para a construção de práticas sociais que atingissem toda a população, o ambiente público; e, o lugar para que o sujeito exercesse a sua intimidade, o lugar para as ações da família, o ambiente privado do lar. Enquanto isso, Richard Sennett discutiu o conceito de público e privado do ponto de vista da atuação do sujeito no mundo, dessa forma, o autor enfatiza o papel das metrópoles na constituição das esferas públicas e privadas e a forma como a instância do privado se embrenhou entre o ambiente público, mudando sua configuração e levando o homem público ao desaparecimento.

Nesse sentido, observamos que a espaço público analisado por Arendt e Sennett, apesar de enfoques diferentes quanto ao objeto de estudo, consistiam em um espaço que mantinha a unidade das pessoas, evitando que sua intimidade fosse invadida por outras pessoas. A esfera pública do passado era o ponto de encontro múltiplo das diferentes

singularidades, enquanto a esfera privada era o lugar desprovido da realidade de se ouvir ou ser ouvido, de ver e ser visto.

Tanto Arendt quanto Sennett, também discorrem sobre a mudança de movimento nessas estruturas, momento em que o espaço público clássico é invadido pelo âmbito privado. Assim, na sociedade de massas, o público perde sua capacidade para unir as diferentes singularidades, ou seja, os indivíduos. Dessa forma, o mundo moderno passa a observar o homem a partir de sua admiração pública e recompensa financeira. Agora não é mais seu papel político que o valoriza, mas a maneira como ele influencia o olhar alheio. Essa mudança no mundo público também alterou a esfera privada que na modernidade perdeu sua capacidade de proteger a intimidade, cujo conceito foi reconfigurado devido à alteração na construção do eu e a forma como ele se sustenta.

Essa mudança se consolida na contemporaneidade com a derrubada definitiva das fronteiras que separavam o público e o privado, e a consolidação de uma nova forma de nos construirmos como sujeitos. Nas décadas finais do século XX há um desinteresse pelo espaço público da vida como lugar de debate, reflexão e resistência aos acontecimentos que emergem na sociedade, dentre eles, o surgimento da internet e conseqüentemente as redes sociais na seqüência. Nesse momento, há uma massificação da sociedade, cuja consciência é manipulada pela publicidade, dando origem ao conceito de que o indivíduo deve ser um consumidor. O debate público é substituído por simulacros de debates na mídia, e a participação política da população é limitada ao voto nas eleições, os novos padrões são fúteis e não permitem mais o estabelecimento de algo sólido no mundo comum. Sólido aqui consiste em se realizar um debate público para estabelecer políticas públicas mais eficazes para todos os grupos sociais.

Nesse contexto, as redes sociais também foram invadidas por essa reconfiguração do espaço público e seus mecanismos de funcionamento permitiram que o privado ocupasse a cena do virtual e se disseminasse rapidamente de computador em computador. No caso do Facebook, seu funcionamento se adaptou rapidamente ao modo de agir da sociedade contemporânea, o que deu dimensão à exposição da intimidade. Agora em questão de segundos, toda a sua vida privada pode ser compartilhada com os sujeitos do outro lado da conexão digital.

Nesse caminho, a valorização do privado deu origem a uma subjetividade pressionada, cujo sintoma fez com que as redes sociais priorizassem um eu que abdicasse de pensar o espaço público. Tem-se diante desse quadro a origem de uma experiência simbólica da mercantilização de tudo, inclusive, da própria imagem pessoal, que nas páginas das redes sociais precisa ser oferecida como um produto, rodeado de publicidades que atraíam o

máximo possível de olhares, e principalmente, sejam consumidos da forma mais excessiva possível.

No que se refere às mudanças ocorridas nas esferas pública e privada, na cultura contemporânea, o valor supremo assumido pela informação de divertir o público tolo e superficial, que adora escândalos sobre a intimidade de famosos, cria a imagem da farsa que é a vida pública. No entanto, devemos discutir o fato desse ambiente poder ser denominado de público, pois para isso seria necessário a existência de um espaço contraditório, nesse caso, a vida privada. Mas essa desapareceu, tornando o conceito vazio, fora de uso.

Nesse contexto, o conceito de privado tornou-se volátil devido à revolução informática que confundiu a fronteira entre o público e o privado, gerando um espaço onde somos espectadores e atores, que nos exibimos de forma recíproca, ostentando a vida privada e observando a alheia, por meio de um desnudamento generalizado, em que nenhuma ocorrência se salva da curiosidade mórbida do público depravado. Portanto, o desaparecimento do privado no ambiente virtual fez com que o sujeito contemporâneo perdesse o respeito pela intimidade alheia. Esse espaço se transformou em uma paródia que excita de forma geral, norteado por uma indústria da informação que alimenta o desejo de ver o outro, uma manifestação da barbárie. Assim, o fim do privado deteriora e humilha o que está subordinado ao formal, como o erotismo, o amor, a amizade, etc.

Portanto, quando do surgimento do Facebook, essa estrutura de funcionamento da sociedade já estava em desenvolvimento, assim a ferramenta tecnológica foi um mecanismo empregado para que as práticas de exposição da intimidade fossem consolidadas de forma mais rápida e também chegasse ao máximo possível de pessoas, estabelecendo o modo de vida contemporâneo, cujo espaço público agora foi invadido definitivamente pelas ações do ambiente privado. Na contemporaneidade o público novamente foi reconfigurado, mas agora devido à invasão dos atos privados e o desaparecimento do lugar em que o sujeito pudesse se resguardar. Na atualidade, as redes sociais são o campo público em que todos os segmentos sociais podem aparecer e lutar pela visibilidade. A política foi substituída pela exposição da privacidade do eu, mercantilizado, pois não basta ser visto, tem-se que ser consumido pelo outro.

Diante desses fatos surgem algumas perguntas que precisam ser discutidas e respondidas por esse trabalho. Seria o Facebook um substituto do espaço público? O que o espaço público virtual representa? A partir da análise realizada nessa tese, consideramos que o Facebook não substitui o espaço público, na verdade, ele constitui um prolongamento do espaço público contemporâneo, marcado por uma abrangência espaço-temporal maior, isto

porque não fica restrito às barreiras físicas. Portanto, o comportamento adotado pelos usuários investigados pela pesquisa empírica nessa tese não são oriundos da participação do sujeito no Facebook, mas é consequência do comportamento adotado pela sociedade e consequentemente transportado e amplificado pela abrangência da rede social. Então, o espaço público virtual representa a possibilidade de intensificar as práticas comportamentais do presente a um número infinito de pessoas, pois no ambiente virtual rompem-se os limites do tempo e do espaço físico.

O Facebook não substitui o espaço público, mas seu modo de funcionamento contribui de forma a conduzir a acentuação na exposição da intimidade, isto porque a inserção nesse espaço sem barreiras físicas intensifica a capacidade de percepção do que se passa na vida do outro. Porém, o responsável por isso não é o sistema, mas o sujeito que não reflete sobre a necessidade de preservar sua intimidade e se rende ao funcionamento da ferramenta e se entrega à essa suposta necessidade de revelar a todos os interlocutores o que se passa em sua vida nos mínimos detalhes.

Quanto aos objetivos propostos por essa tese, no que se refere à maneira como os sujeitos investigados aparecem no Facebook, a análise mostra que os usuários se rendem ao espetáculo, quer dizer, participam do sistema seguindo a lógica do capital, onde para ser reconhecido pelo outro a pessoa precisa se entregar ao comportamento vigente para ser considerado um membro social. Dessa maneira, os usuários investigados mostraram um comportamento marcado pela atitude de expor sua intimidade, mesmo quando marcada pela banalidade, assim como não se verifica uma postura crítica e reflexiva, voltada para debater questões sociais relevantes que possibilitem mudar uma dada realidade. Na verdade, o que predomina é o se mostrar e o olhar para a vida do outro sucessivamente.

No que tange à relação entre o papel da técnica e o modo de agir do usuário do Facebook pertencente ao recorte investigado, conforme discutido acima, nos deparamos com usuários que diante das possibilidades técnicas do sistema se deixam nortear por uma atitude ambígua, automática e efêmera. Enquanto isso, o recorte investigado nos permitiu identificar que as ações mais recorrentes na página são marcadas por publicações cotidianas, voltadas para interesses particulares dos usuários. Vimos também uma gama enorme de publicizações da intimidade, principalmente, por meio de imagens em que os sujeitos estão compartilhando com seus interlocutores os momentos vividos ao longo do dia. Portanto, predomina na ação no Facebook por parte dos usuários investigados, a reificação que norteia a aceitação passiva da ferramenta e a incorporação ao seu modo de funcionamento.

Cabe, portanto, ao final dessa análise reforçar a ideia de que haja uma reflexão acerca dos elementos constituintes da ação nas redes sociais, especialmente, a partir desse estudo sobre o Facebook, pois essa rede social atingiu hoje um lugar de destaque nas relações interpessoais contemporâneas e os resquícios dos fatos que acontecem em seu espaço já ultrapassam a barreira do virtual e impactam o mundo social. Nessa tese, a análise empírica se deu a partir dos usuários que mantêm relação com o pesquisador, porém, a página é complexa e composta por pessoas que adotam diferentes comportamentos, o que possibilita a execução de novos estudos que contemplem outros grupos que atuam no ambiente, assim como é possível também o desenvolvimento de estudos a partir das ações recorrentes do sistema, como aprofundar a discussão sobre a motivação para a postagem de fotografias ou o que leva dado usuário a compartilhar algo em seu perfil.

Refletir sobre as potencialidades dessa ferramenta permitiria amplificar seu papel na contemporaneidade, emergindo daí um novo espaço público livre das frivolidades do privado e voltado para o ressurgimento da ação, como mecanismo reflexivo que possibilitará ao sujeito discutir o que acontece a sua volta e propor a construção de uma sociedade mais justa. No entanto, enquanto não tivermos essa mudança de postura, o Facebook continuará sendo dominado predominantemente por um comportamento de exposição da intimidade, em que o espetáculo da visibilidade é mais relevante do que qualquer tentativa de construir uma reflexão sobre o comportamento humano e sua relação com os meios tecnológicos contemporâneos como as redes sociais, pois é esse o modo de vida adotado pela sociedade em nossos dias e dimensionado pelas páginas de redes sociais.

Quanto às intenções futuras do pesquisador, a partir dos resultados oriundos dessa tese, no futuro temos a pretensão de aproximar a rede social Facebook da área da Educação e discutir se a participação dos jovens nessa rede social gera consequências em sua formação, e se sim que tipo de consequência seria essa e que tipo de olhar a Educação deve ter sobre essa perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos dos conceitos. **Informação e Informação**, Londrina-PR, v.12, n. especial, 2007.

AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS. **Pesquisa revela o comportamento dos brasileiros no Facebook**. 2013. Disponível em: <<http://www.agenciajovem.org/wp/pesquisa-revela-o-comportamento-dos-brasileiros-no-facebook/>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

AMMANN, Mathias. **Facebook, eu curto**: uma análise mimética das redes sociais digitais. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação – Universidade de Brasília, Brasília-DF.

ANDRADE, Melissa Maria de Freitas. **Negritude em rede**: discursos de identidade, conhecimento e militância – um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011). 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ASSANGE, Julian et al. **Cypherpunks**: liberdade e o futuro da internet. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.

BARBOSA, Alexandre F. (Coord.) **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC domicílios 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Domicilios_2014_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016.

BARBOSA, Renato dos Santos. **O simulacro segundo Baudrillard**. 2013. Disponível em: <<http://ataraxiadaalma.blogspot.com.br/2013/01/o-simulacro-segundo-baudrillard.html>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmund. **3 minutos com Bauman**: as amígdalas de Facebook. 2013. Disponível em: <<http://lounge.obviousmag.org/canteiro/2013/10/3-minutos-com-bauman-as-amigdalas-de-facebook.html>>. Acesso em: 16 set. 2014.

BIGNOTTO, Newton. A contingência do novo. In: NOVAES, Adauto. **A condição humana**. As aventuras do homem em tempos de mutações. São Paulo: Edições Sescsp; Rio de Janeiro: Agir, 2009.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: definition, history, and scholarship. Indiana: **Journal of Computer-Mediated Communication**, v.13, n. 1, out. 2007. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>>. Acesso em: 06 fev. 2015.

BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0: como sobreviver prosperar**. Um guia cultural digital na era da informação. Centro de Estudos da Faculdade de Jornalismo Philip Merrill, da Universidade de Maryland e Rede Knight de Jornalismo Cidadão: EUA, Maryland. 2007.

CÂMARA, Sérgio. Revisitando a questão da técnica em Martin Heidegger e Hannah Arendt. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**. Rio de Janeiro, ano V, n. 1, p. 1-17, maio 2013.

CARNEIRO, Mario Rubens de Oliveira. **Geração Y e a exposição voluntária no Facebook**. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet – reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Tradução de Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CLARO, Fernanda Perroni. **Meninas, espelhos e fotografias: o edulcore da aparência na Internet**. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Educação), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo.

CORREIA, Adriano. O desafio moderno: Hannah Arendt e a sociedade de consumo. In: MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton (Orgs.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CORREIA, Adriano. **Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CRITELLI, Dulce. Martin Heidegger e a essência da técnica. **Margem**, São Paulo, n. 16, p. 83-89, dez. 2002.

CRUCIANELLI, Sandra. **Ferramentas digitais para jornalistas**. Centro Knight para jornalismo nas Américas, Universidade do Texas em Austin, 2010. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=f&rct=j&url=http://knightcenter.utexas.edu/ccount/click.php%3Fid%3D9&q=&esrc=s&ei=6lw2Ud34BofW9ATrkYDYDg&usg=AFQjCNHrFbtQwxFRdrfpa-yHPfp2GdrzQ>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

CUNHA, Fabíola da Silva. **As marcas de uma escola apontadas pelos membros de uma comunidade no Orkut**. 2012. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro-SP.

DANTAS, Edmundo Brandão. **Mídia eletrônica, novas mídias e sustentabilidade**. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dantas-edmundo-midia-electronica-novas-midias-sustentabilidade.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

DAQUINO, Fernando. **A história das redes sociais: como tudo começou.** 2012. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIBIE, Pascal. Ondulações paranoias de uma época. Tradução de Hortensia Santos Lencastre. In: NOVAES, Aduino (Org.). **A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações.** São Paulo: Agir Editora, 2009, p. 241-261.

DLUGOKENSKI, Leonardo. **O Fetichismo da mercadoria na obra de Karl Marx.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/o-fetichismo-da-mercadoria-na-obra-de-karl-marx/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

DUARTE, André. **Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação.** De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ENNE, Ana Lúcia S. Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v.7, n. 2: p.264-273. - jul./dez. 2004.

FACEBOOK PARA EMPRESAS. **45% da população brasileira acessa o Facebook mensalmente.** 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt.** Tradução de Paulo Ferreira Valério. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, B. Studying Online Social Networks. **Journal of Computer Mediated Communication**, n.3, v.1, 1997. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00062.x/full>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

GAZETA ONLINE. Nos 10 anos do Facebook, pesquisa mostra os hábitos e curiosidades de quem acessa a rede. 2014. Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2014/02/noticias/cidades/1478100-nos-10-anos-do-facebook-pesquisa-mostra-os-habitos-e-curiosidades-de-quem-acessa-a-rede.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Ética, técnica, Educação. In: MORAES, Eduardo Jardim; BIGNOTTO, Newton (Orgs.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GIACOMO, Ana C.; ARENA, João B.; MYCZKOWSKI, Maria H. Curtir, Clicar e Amar: a legitimidade do afeto nas Redes Sociais. In: **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais>>

/2013/resumos/R8-1138-2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOMES, Joyce Galdino. **Mídias sociais, adolescentes e cidadania**: espaço de representações e de educação para a mídia. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP.

GONÇALVES, João Vitor Rodrigues. **Gramática da amizade**: um estudo sobre a comunicação e a construção das emoções nas redes sociais online. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

GONZÁLEZ, Jorge A. **Entre cultura(s) e cibercultura(s)**: incursões e outras rotas não lineares. Tradução de Aline Farias et al. São Bernardo do Campo-SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

KARDOSO, Felipe Camilo Mesquita. **Confissões no Facebook**: educação e subjetivação nas redes sociais. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

KEHL, Maria Rita. Fetichismo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEITÃO, André Alexandre Padilha. **Formas e funções da autoria na internet**: uma prática discursiva. 2011. 249 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Martin Heidegger e a técnica. **ScientiaeStudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-374, jul./set. 2007.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

- LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 9. reimp. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. Retrato de uma juventude. Juliana Sayuri. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 maio 2014. Jornal impresso.
- MALVEIRA, Ariel Cardeal. A Espetacularização da Identidade Virtual nas Redes Sociais. In: Congresso de Comunicação da Região Sul, 12, 2011, Londrina-PR. **Anais do XII Congresso de Comunicação da Região Sul**, São Paulo: Intercom, 2011, p.1-13.
- MARINHO, Bruno. **Qual a diferença entre Mídia Social e Rede Social**. nov. 2014. Disponível em: <<http://marketingemidiassociais.com.br/blog/qual-a-diferenca-entre-um-perfil-e-uma-fan-page-no-facebook/>>. Acesso em: 07 nov. 2014.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília-DF, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MATOS-SILVA, Mariana Santiago de. **“Teclando” como os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- MATTA, João Osvaldo Schiavon. **Mal-estar na adolescência: jovens de agendas lotadas nas redes sociais**. 2012. 255 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- MEISTER, Izabel Patrícia. **A tecitura do conhecimento nas redes sociais: habitat das inteligências coletivas**. 2012. 179 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- MIRA, José Eugênio; BODONI, Patricia Soares Baltazar. Os impactos das redes sociais virtuais nas relações de jovens e adultos no ambiente acadêmico nacional. **Revista de Educação**, Valinhos-SP, v.14, n.17, p. 103-115, 2011.
- MOHERDAUI, Luciana. **Guia de estilo Web - produção e edição de notícias online**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2007.
- MOURA, Leonardo. **Como escrever na Rede - manual de conteúdo e redação para a Internet**. São Paulo: Record, 2002.
- PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**, n.7, p.57-65, 2007.
- PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação online**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2003.
- POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica**. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

POSSAMAI, Fábio Valenti. A técnica e a questão da técnica em Heidegger. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 20-32, jun. 2010.

PRADO, José Erivaldo da Ponte. A questão da técnica em Martin Heidegger. **Revista Homem, Espaço e Tempo**. Sobral-CE, p.111-126, set. 2011.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAVACHE, Guilherme. A terceira geração da Web. **Época**. São Paulo, n. 465, abr. 2007. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77010-6014,00.html>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Bruno. **Webwriting: pensando o texto para a mídia digital**. 2. ed. São Paulo: Berkeley, 2001.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Tecnologia, perda do humano e crise do sujeito do direito. In: OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (Orgs.). **Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e a hegemonia global**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes; Brasília: NEDIC, 2000, p.291-306.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Juremir Machado. **Depois do espetáculo**. 2007. Disponível em: <<http://diacrianos.blogspot.com.br/2007/12/debord-e-o-hiper-espetculo.html>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

SILVA, Pedro Ivo Ferraz da. Heidegger: Técnica e Imagem de Mundo. **Primeiros Escritos**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 225-235, 2009.

SILVA, Daniel Bonfim. **Redes sociais virtuais: um estudo da formação, comunicação e ação social**. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA JUNIOR, Carlos Antonio da. **Ver e Ser Visto: a construção da vida migrante através de Sites de Redes Sociais**. 2012. 272 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut**. 2012. 241 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília-DF: Unesco, 2003.

SOUZA, Bruno Brito Pereira de. **Antecedentes e dimensões do engajamento dos usuários de redes sociais: um estudo com o Facebook**. 2012. 232 f. Tese (Doutorado em Administração), Faculdade de Ciências Econômicas – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O eu e o outro online: discurso, poder e identidade nas redes sociais**. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras – Universidade de Brasília, Brasília-DF.

TOMAÉL, Maria Inês Tomaél; ALCARÁ, Adriana RoseclerAlcará; CHIARA, Ivone Guerreiro Di. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília-DF, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes Sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 75-91, 2006.

TORRES, Claudio. **A Bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar**. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

TÜRCKE, Christoph. Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência. In: ZUIN, Antônio A. S.; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Ensaios frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004, p.61-73.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Tradução de Antonio A. S. Zuin et al. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

UCHÔA-FERNANDES, José Adjailson. **Jogos de (se) mostrar / dizer: o sujeito e os discursos sobre a língua inglesa na rede social Orkut**. 2008. 325 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo.

VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo, espetáculo, fetichismo: questões para a compreensão do movimento da indústria cultural hoje. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez (Orgs.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

VIANNA, Túlio. Do virtual ao hiper-real. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 maio 2014. Caderno Aliás, p.3.

WARD, Mike. **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca, 2006.

ZANIN, Larissa Fabricio. **Fotografia e interação: modos de apresentação do adolescente e da escola no ciberespaço**. 2012. 188 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

APÊNDICES

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS QUE SE RELACIONAM COM O
PESQUISADOR

Olá,

Estou aplicando um questionário para minha tese de doutorado e preciso de sua ajuda.

Você pode responder o questionário abaixo?

Questionário

1- Qual sua idade?

- até 21 anos
- de 22 a 30 anos
- de 31 a 40 anos
- de 41 a 50 anos
- acima de 50 anos

2- Há quanto tempo você tem perfil no Facebook?

- + de 10 anos
- + de cinco anos
- 3 anos
- 2 anos
- 1 ano
- Outro. Qual? _____

3- O Facebook foi sua primeira rede social na Internet?

- Sim
- Não

3a- Se não, qual foi a primeira? _____

3b- Além do Facebook, você tem perfil em outras redes sociais?

- sim
- não

3c- Se sim, em quais:

- Twitter
- Instagram
- Whatsapp
- You tube
- Outras. Quais? _____

3d- O que você faz nessas outras redes sociais, que não é possível realizar no Facebook (Se usa apenas o Facebook, siga para a pergunta seguinte)?

4- De onde você acessa a rede social Facebook?

- casa
 trabalho
 celular
 Outro lugar. Qual? _____

4a- Você entra no seu perfil do Facebook todos os dias?

- Sim Não

4b- Se sim, quantas vezes você visualiza sua timeline no Facebook ao longo do dia?

- A todo momento
 de hora em hora
 somente no meu tempo livre
 antes e depois do trabalho
 outro. Qual?

5- Quantos amigos você tem em seu perfil?

6- Você adota critérios para aceitar uma pessoa como seu amigo no Facebook?

- sim não

6a- Se sim, quais?

- amigos fora da rede social
 conhecidos
 colega de trabalho ou estudo
 conhecido da família
 outro. Qual? _____

7- Desses amigos, quantos estão autorizados a visualizar todas as suas postagens?

- Todos
 90%

- 70%
- 50%
- 30%
- 10%
- pouquíssimos

8- Quantas postagens você costuma realizar por dia no Facebook?

- apenas uma
- entre duas e cinco
- entre seis e dez
- entre dez e vinte
- acima de vinte

8a- Entre essas postagens, você compartilha com os demais usuários, coisas particulares de sua vida?

- Sim
- Não

8b- Quais destes assuntos você já compartilhou em sua timeline?

- luto
- fracasso
- sucesso
- início ou fim de relacionamento amoroso
- fotos pessoais
- Outros. Quais? _____

9- As pessoas que compartilham informações na sua linha do tempo, também apresentam fatos pessoais nessas postagens?

- Sim
- Não

10- Você acha que as demais pessoas, que participam da sua rede de amizades, ao exporem fatos particulares, o fazem pelo mesmo motivo que você ou identifica outros motivos?

11- Você já teve algum problema por causa de postagens que envolviam aspectos da sua vida pessoal no Facebook?

Sim Não

11a- Se sim. O quê? _____

12- Você conhece alguém que já enfrentou problemas por causa de postagem pessoal no Facebook?

Sim Não

12a- Se sim. O quê? _____

13- Qual a sua opinião sobre a postagem de informações ou imagens sobre fatos pessoais no Facebook?

14- Você tem algum temor no que se refere a expor sua vida num ambiente com tanta abrangência?

Sim Não

14a- Se sim. Por que mesmo assim, compartilha dados pessoais na rede?

15- Qual a principal função do Facebook no seu dia a dia
